

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA (ICHF)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH)
NÚCLEO DE ESTUDOS DE REPRESENTAÇÕES E DE IMAGENS DA
ANTIGUIDADE (NEREIDA)

Pedro Vieira da Silva Peixoto

A morte sobre rodas.

gênero, hierarquias sociais e práticas mortuárias nos enterramentos
do norte da Bretanha nos séculos IV- III a.C.

Niterói, 2013



PEDRO VIEIRA DA SILVA PEIXOTO

A morte sobre rodas: gênero, hierarquias sociais e práticas mortuárias nos enterramentos do norte da Bretanha nos séculos IV- III a.C.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª.Dr^ª. Adriene Baron Tacla

Niterói, 2013

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P379 Peixoto, Pedro Vieira da Silva.

A morte sobre rodas: gênero, hierarquias sociais e práticas mortuárias nos enterramentos do norte da Bretanha nos séculos IV-III a. C. / Pedro Vieira da Silva Peixoto. – 2013.

244 f.; il.

Orientadora: Adriene Baron Tacla.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

Bibliografia: f. 152-181.

1. Morte. 2. Grã-Bretanha. 3. Ritual. 4. Gênero. 5. *Status*.
6. Cerimônia fúnebre. I. Tacla, Adriene Baron. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 941.1012

PEDRO VIEIRA DA SILVA PEIXOTO

A morte sobre rodas: gênero, hierarquias sociais e práticas mortuárias nos enterramentos do norte da Bretanha nos séculos IV- III a.C.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em História.

Banca Examinadora

Professora Doutora Adriene Baron Tacla

Universidade Federal Fluminense

Professor Doutor Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Elaine Farias Veloso Hirata

Universidade de São Paulo/Museu de Arqueologia e Etnologia

Niterói, 14 de Março de 2013.

Agradecimentos/ Acknowledgments

Esta dissertação não teria sido possível não fosse todo o apoio recebido ao longo dos últimos dois anos.

Sou grato a **Adriene Baron Tacla**, que esteve presente em todos os momentos desde a idealização inicial desta pesquisa até sua redação final. Suas valiosas orientações, comentários, suporte e, é claro, companheirismo e entusiasmo foram fundamentais para que este trabalho, hoje, pudesse existir. Seria impossível, ainda que desejável, agradecer plenamente por toda sua dedicação em tornar a pesquisa possível e pela confiança em mim depositada ao longo dos anos.

Gostaria também de expressar meu profundo agradecimento a **Alexandre Carneiro Cerqueira Lima** e a **Elaine Hirata**, que se aventuraram de maneira tão gentil e prestativa na empreitada de compor uma banca avaliadora sobre uma Antiguidade tão “pouco civilizada”. Todos os seus comentários foram, sem dúvida, uma importante contribuição e fonte de ideias para pesquisas futuras.

Agradeço também a **GlauCIA Malerba Sene**, **Edmar Checon de Freitas** e **Renata Rozental Sancovsky** cujas contribuições (diretas e indiretas) se deram a partir das disciplinas a mim administradas ao longo de todo o ano de 2011.

Diversos colegas foram ainda de grande ajuda, ora pelo companheirismo, ora pelas discussões importantes, obtenção, empréstimo e permissão de cópias de materiais e até mesmo pela participação conjunta em eventos e mesas redondas. Aos que fazem parte da **UFF**, gostaria de destacar, sobretudo, aqueles do **NEREIDA**, **Scriptorium** e **CEIA**. Entretanto, boa parte dos demais colegas se encontra em laboratórios, instituições e até mesmo regiões geográficas distintas. A extensão desta seção não me permite agradecer a todos nominalmente, mas espero sinceramente que este pequenino parágrafo possa, de fato, exprimir meu enorme agradecimento a todos, desde os que estão mais próximos, como os da **UFRJ**, da **UNIRIO** e da **UERJ** até os que se encontram do outro lado Atlântico.

Sinto-me, igualmente grato por ter conquistado a oportunidade de participar do **Programa de Pós-Graduação em História** da **UFF**, reconhecido por sua excelência nos estudos históricos, e por ter, especialmente, contado, ao longo de todo o processo, com uma conquistada bolsa de Mestrado oferecida pelo **CNPq**: auxílio financeiro que se mostrou de inegável importância para a aquisição de materiais de pesquisa e a para a divulgação, em congressos e publicações, no Brasil e na Europa, dos estudos realizados e dos resultados obtidos.

Embora já o tenha feito em ocasiões passadas, acredito nunca ser demais agradecer a toda a minha família. Em especial, a meus pais (primeiras vítimas dos males causados pela historiografia contemporânea e pelas noites mal dormidas) que, apesar das costumeiras e conhecidas preocupações, buscaram estar sempre ao meu lado. E a Ana Luiza pela cumplicidade e carinho ao longo desses anos.

Last but not least, I'd like to express some special acknowledgments which must be addressed in English. If recent studies seem to stress out the fact that Iron Age Britain played an important role on a broad network of overseas contacts, especially on the Atlantic façade of Europe, I'm most pleased to say that the equivalent, in due proportion, can also be said for nowadays Britain, even about the most distant and southern parts of the Atlantic Ocean, like Brazil. In this way, I'd like to express my most sincere thanks to **Melanie Giles**, who kindly provided me with papers and materials for research and who also dedicated some of her time discussing the subject of British chariot burials via e-mails with me. I'm also very thankful to **Greta Anthoons** who gently encouraged my studies by providing me with a copy of her Ph.D thesis. Moreover, I'm equally grateful to **Philipp Stockhammer** and **Raimund Karl** who, in different ways, made all these contacts possible.

Resumo

Por volta dos séculos IV-III a.C., homens e mulheres do norte bretão, numa região correspondente, hoje, ao distrito de East Riding of Yorkshire (Inglaterra), foram enterrados de modo diferenciado dos demais membros de suas comunidades. Em suas sepulturas, elaborados veículos de duas rodas foram encontrados, por vezes acompanhados de outros objetos e das ossadas de porcos. O foco, aqui, estará direcionado a discutir exclusivamente esse processo particular de ritualização da morte. O que proponho é analisar e debater a multiplicidade de maneiras nas quais diferenças sociais e gênero são construídos a partir das práticas mortuárias, tendo como objeto de estudo a cultura material vinda dos enterramentos com carros encontrados em Yorkshire. Esta pesquisa objetiva, portanto, estabelecer um diálogo entre os processos de construção de desigualdades e diferenciações sociais e o tratamento *post mortem* recebido por alguns indivíduos enterrados com carros de duas rodas no norte das Ilhas Britânicas a partir de uma perspectiva de gênero.

Palavras-Chaves: Idade do Ferro, Práticas Mortuárias, Gênero, Ilhas Britânicas, Yorkshire, Enterramentos com carros

Abstract

By the 4th-3rd century B.C., men and women from Britain's east-northern area (in a place that, nowadays, is the district of East Riding of Yorkshire), were buried in a distinctive way if compared to the other members of their communities. In these graves, two wheeled elaborated vehicles were found, sometimes with other metal objects and the skeletal remains of pigs. The purpose of the present study is to discuss this specific type of death ritualization and the ways it related to the people that practiced it. How can it offer us new insights over the political, cultural, economical and social aspects that were part of these communities? How can death work as an arena of social constructions by (and for) the living? And in which ways the chariot burials can contribute towards a better and a more complex understanding of some of the gender dynamics and constructions during Iron Age in Yorkshire?

Using the material culture from the chariot burials of the Yorkshire Wolds as the main source of investigation, my intent is to present an analysis and yield a debate on the multiple ways in which gender and social differences can be constructed through mortuary practices. This study will demonstrate how an interment, much more than a simple reflex of reality, was an important arena for social projections and aspirations. I will argue that chariot burials in British Middle Iron Age were connected to individuals (both the living and the dead) that were capable of grouping, managing and orchestrating material resources, people and different skills and knowledge for particular purposes. From the discussion of the grave goods, the osteological materials, and other elements (such as the internal arrangement of graves, the orientation and position of the objects and the body of the dead, etc.), I will show that chariot burials contain signs and indicators of gender negotiations and that some Iron Age women also played an important role as part of a broad process that dealt with the creations of memories, group distinctions and social recognition.

Key-Words: Iron Age, Mortuary Practices, Gender, Britain, Yorkshire, Chariot Burials

Sumário

Prólogo (p.1-2)

Uma introdução em três etapas (p.3-10)

Capítulo 1. Do natural ao humano: traçando alguns panoramas da Idade do Ferro (p. 11-24)

1.1. Apresentação da região e do contexto dos Wolds (p.11-15)

1.2. A Idade do Ferro em Yorkshire: um balanço bibliográfico (p. 16-24)

Capítulo 2. Digging up the past: Um histórico das descobertas de enterramentos com carros em Yorkshire (p.25-51)

2.1 Arras (p.27-31)

2.2. Beverley (p.31-32)

2.3 Dane's Graves (p.32-34)

2.4 Huggate (p. 34)

2.5. Cawthorn Camps (p. 35)

2.6. Seamer (p.35)

2.7. Middleton (p.36-37)

2.8 Hornsea (p.37)

2.9. Hunmanby (p.38-39)

2.10. Pexton Moor (p.39-40)

2.11. Um panorama das escavações (p.40-43)

2.12 Garton Slack (p.43-44)

2.13. Wetwang Slack (p.44-46)

2.14 Garton Station (p.46-48)

2.15 Kirkburn (p.48-50)

2.16 Wetwang Village (p.50-51)

Capítulo 3. Definindo conceitos, procederes e abordagens (p. 52-79)

3.1 Introdução (p.52-53)

3.2. Caminhos possíveis: definindo procederes e abordagens (p.53-62)

3.2.1 “Complicando as coisas”: por uma “Micro-História (p.53-57)

3.2.2. História e cultura material: metodologias e possibilidades (p.57-62)

3.3. Definindo conceitos (p.62-76)

3.3.1. Um olhar sobre os estudos das práticas mortuárias: a contribuição da Arqueologia (p.62-70)

3.3.2 A morte como uma arena para agentes históricos: por um estudo das *práticas mortuárias* (p.70-76)

3.3.3. *Engendering History*: por uma História de Gênero (p.76-79)

3.3.3.1. Definindo Gênero (p.77-78)

3.3.3. 2. Por uma História de gênero da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas (p.78-79)

Capítulo 4. Talking Bones: uma análise do material osteológico (p.80-98)

4.1. Ossadas humanas (p.81- 91)

4.2. Ossadas animais (p.91-98)

Capítulo 5. A morte sobre rodas: gênero, hierarquias sociais e práticas mortuárias (p.99-142)

5.1. Ritualização da morte (p.99-108)

5.2. Carros e arreios (p.108-120)

5.3. Espelhos (p.121-129)

5.4. Panóplia (p.129-142)

Considerações Finais (p.143-151)

Referências bibliográficas (p.152-181)

Documentação arqueológica (p.152-154)

Documentação textual (p.154-155)

Bibliografia instrumental e específica (p.155-181)

Catálogo (p.182-224)

Lista de tabelas, organogramas e glossários

Abreviações e demais terminologias (p. xviii)

Esquema cronológico para a Idade do Ferro bretã (p. xiii)

Glossário de termos relativos a carros (p. xvi-xvii)

Gráfico 1 : Identificação do sexo das ossadas encontradas nos enterramentos com carros em Yorkshire (p. 83)

Organograma 1: Escavações de enterramentos com carros em Yorkshire no séc. XIX e na primeira metade do século XX (p.42)

Organograma 2: Escavações de enterramentos com carros em East Yorkshire de 1971 aos dias atuais. (p. 51)

Organograma 3: Esquema que busca oferecer uma síntese dos principais campos e abordagens presentes na Arqueologia contemporânea, bem como a interrelação entre essas áreas do saber (p. 67)

Tabela 1: Porcentagem de ossadas animais encontradas em Grimthorpe (p.13)

Tabela 2: Terminologias e classificações para sepultamentos humanos em contextos arqueológicos (p.60)

Tabela 3: Identificação da faixa etária de esqueletos em enterramentos com carros (o autor)

Tabela 4: Enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire com sexo estabelecido. (p.84-85)

Tabela 5: Síntese das ossadas de animais encontrados em enterramentos com carros em ERY (p.95-96)

Tabela 6: Tratamento, posição e orientação dos corpos em enterramentos com carros em Yorkshire (p.100)

Tabela 7: Relação de carros desmontados e carros inteiros encontrados em enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire, com referência aos locais e às regiões dos achados. (p.104)

Tabela 8: Posicionamento das rodas em enterramentos com carros em Yorkshire Wolds (p. 105)

Tabela 9: Tipos de pinos de rodas encontrados em enterramentos com carros em ERY (p.110)

Tabela 10: Tipos de anéis de rédea encontrados em enterramentos com carros em ERY (p.111-113)

Lista de Imagens

- Fig. 1: Mapa de East Yorkshire com a localização da região ampliada dentro do mapa da Grã-Bretanha, com destaque a região de Yorkshire Wolds (p. xiii)
- Fig. 2: Mapa com as principais localidades que serão discutidas nesse trabalho e um mapeamento da distribuição de enterramentos com carros em Yorkshire. (p. xiv)
- Fig. 3: Uma reconstrução de um carro da Idade do Ferro bretã e suas partes, baseada nos achados de Wetwang Village e na réplica construída por Mike Loades. (p. xv)
- Fig.4: Espadas das Ilhas Britânica durante a Idade do Ferro média (p.139)
- Fig.5: Espadas do leste inglês (p.140)
- Fig.6: Estatuetas de calcário de Yorkshire Wolds (p.141)
- Fig.7: Espadas antropomórficas do séc. II-I a.C (p.142)
- Fig.8: Dane's Grave (p.201)
- Fig. 9: Pexton Moor (p.214)
- Fig. 10 Garton Slack (p. 221)
- Fig. 11: Wetwang Slack 1 (p.225)
- Fig. 12 Wetwang Slack 2 (p.229)
- Fig. 13 Wetwang Slack 3 (p.232)
- Fig. 14 Garton Station (p.236)
- Fig. 15 Kirkburn (p.240)

Esquema cronológico para a Idade do Ferro bretã

Calendar Years	British Chronological Divisions	Continental Chronological Divisions	Iron Age Coinage stages	Bronze Age metalwork stages	British La Tene Art stages
100 AD	ROMAN				
50 AD	LATE IRON AGE	Roman	3		V
50 BC		La Tene D	2		
100 BC		La Tene C	1		IV
200 BC	MIDDLE IRON AGE	La Tene B			II & III
300 BC		La Tene A			I
400 BC					
500 BC	EARLY IRON AGE	Hallstatt D			
600 BC		Hallstatt C		Llyn Fawr Stage XIII LBA 4	
700 BC					
800 BC	LATE BRONZE AGE	Hallstatt B		Ewart Park Stage XII LBA 3	
900 BC					

(HILL, 1995: 48)

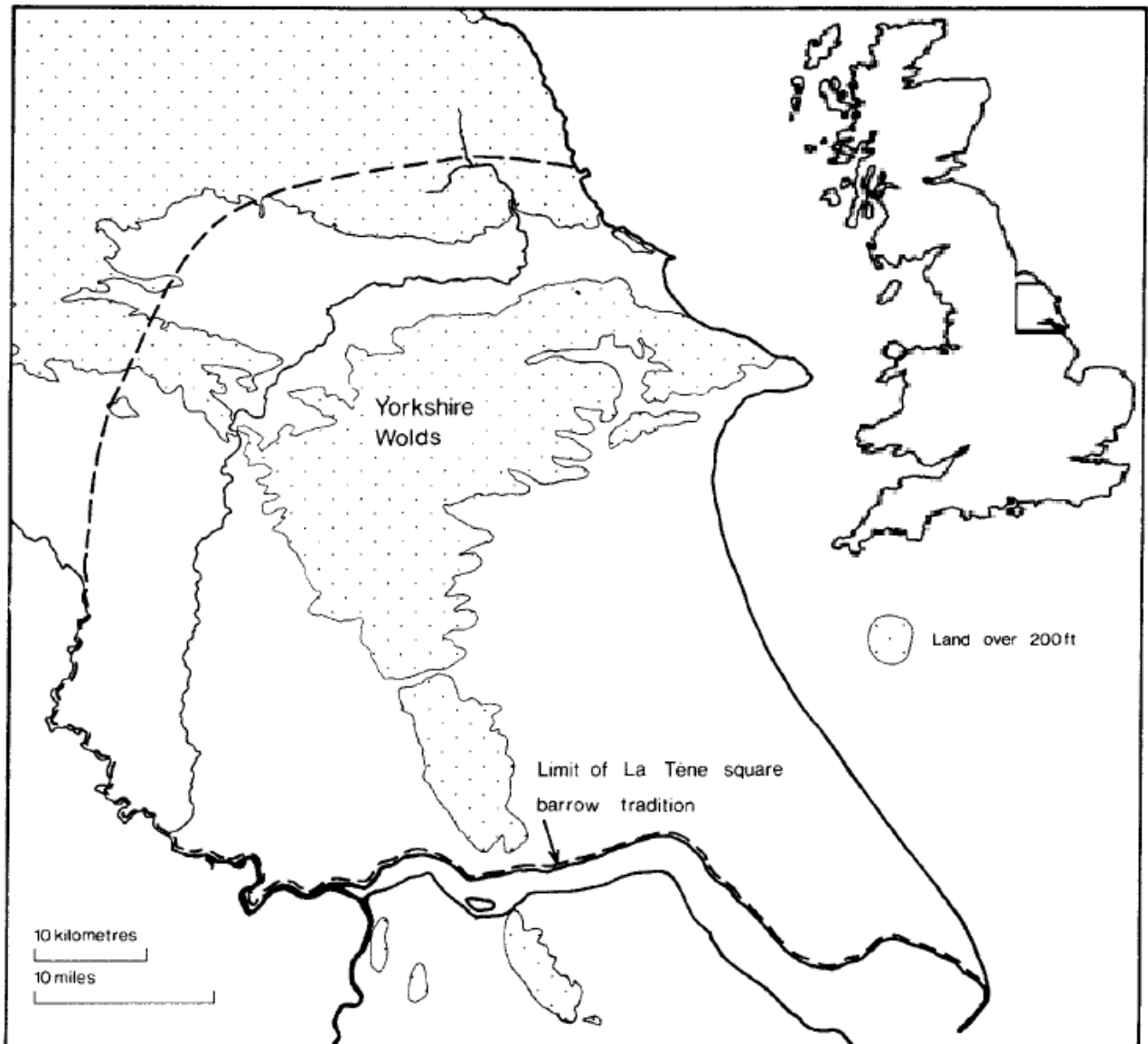


Fig. 1: Mapa de East Yorkshire com a localização da região ampliada dentro do mapa da Grã-Bretanha, com destaque a região de Yorkshire Wolds. *Fonte:* adaptado de DENT, 1982: 438, fig.1

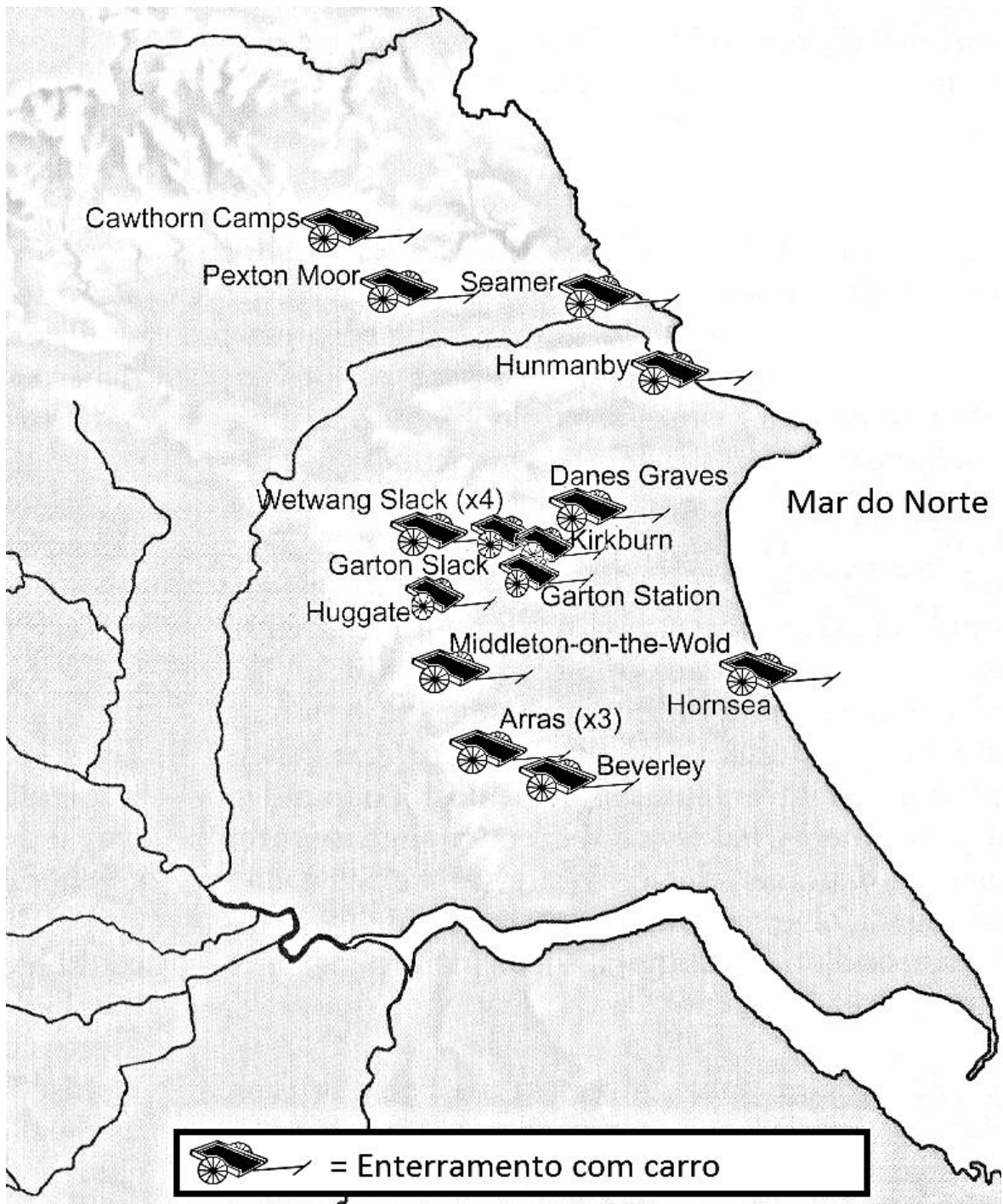


Fig. 2: Principais localidades que serão discutidas nesse trabalho e um mapeamento da distribuição de enterramentos com carros em Yorkshire. (o autor)

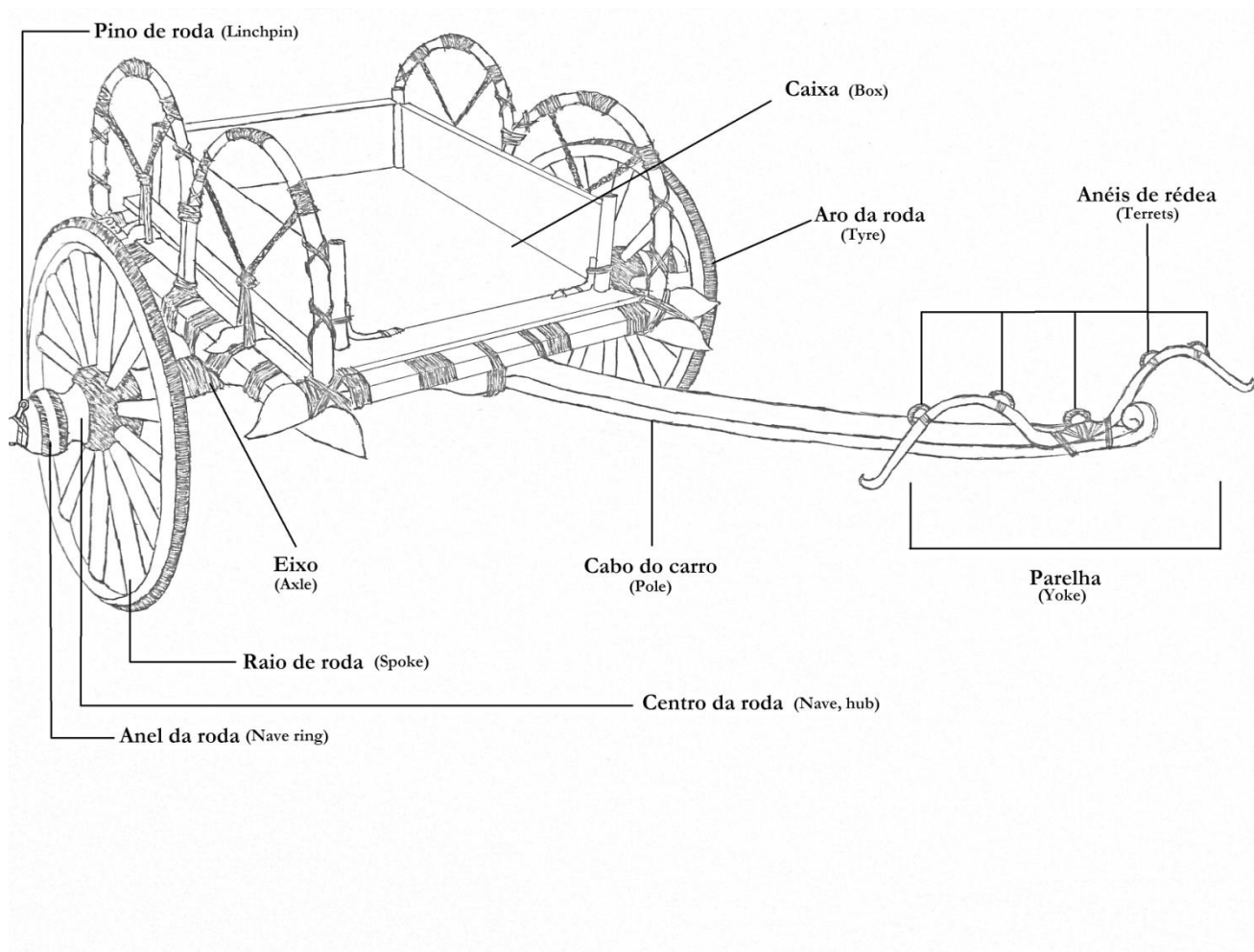


Fig. 3: Uma reconstrução de um carro da Idade do Ferro bretã e suas partes, baseada nos achados de Wetwang Village e na réplica construída por Mike Loades. (Desenho: o autor)

Glossário de termos relativos a carros

Português	Inglês	Francês	Alemão	Descrição
roda	<i>wheel</i>	<i>roue</i>	<i>Rad</i>	Dispositivo circular que encaixado ao eixo do carro permite sua movimentação.
raio de roda	<i>spoke</i>	<i>rayon</i>	<i>Speiche</i>	Espécie de suporte que consiste em um conjunto de peças que unem a borda interna ao centro da roda.
aro (da roda)	<i>tyre</i>	<i>bandage de roue</i>	<i>Radreifen</i>	Anel metálico que cobre a parte externa das rodas de um veículo.
centro da roda	<i>nave, hub</i>	<i>moyeu</i>	<i>Nabe</i>	A parte central da roda, onde o eixo do carro se encaixa.
anel de roda	<i>nave hoop, nave band, nave ring</i>	<i>frette de moyeu</i>	<i>Nabenring</i>	Objeto circular de metal fixado em torno do centro da roda e no final do eixo, que visa a fortalecer o encaixe e prevenir que o carro quebre.
pino de roda	<i>linchpin</i>	<i>clavette d'essieu / esse</i>	<i>Achsnagel</i>	Pino de metal feito para prender as rodas no eixo do carro.
eixo	<i>axle</i>	<i>essieu</i>	<i>Achse</i>	Consiste em um cabo sobre o qual as rodas se encaixam e giram.
cabo do carro	<i>pole</i>	<i>timon</i>	<i>Deichsel</i>	Um cabo longitudinal feito de madeira que une o corpo do carro à parrelha.

caixa	<i>box</i>	<i>caisse</i>	<i>Wagenkasten</i>	Estrutura de madeira sobre a qual se acomodam o condutor e/ou passageiro.
plataforma	<i>plataform</i>	<i>plateau du char</i>	<i>Wagenplattform</i>	Consiste em uma base plana, sem os lados e tem a mesma função que a caixa, podendo substituí-la por vezes.
parelha (ou jugo, canga)	<i>yoke</i>	<i>Collier d'épaule /joug</i>	<i>Joch</i>	Peça de madeira moldada para ser colocada sobre as costas de dois animais de tração para que estes possam puxar o carro.
rédea	<i>rein</i>	<i>renes, guides</i>	<i>Leinen/Zügel</i>	Correia presa que permite guiar os cavalos; conectam-se à embocadura, passando pelos anéis de rédeas até a mão do condutor.
anel de rédea (ou anel de guia)	<i>terret</i>	<i>passe-guide, clef</i>	<i>Führungsring / Zügel[führungs]ring</i>	Peça metálica situada na parelha dentro da qual passam as rédeas.
arreio	<i>harness</i>	<i>harnachement/ harnais</i>	<i>Pferdegeschirr</i>	Representa o conjunto de peças com que se aparelham cavalos e pelos quais os animais são presos ao carro.
embocadura (ou bridão)	<i>horse-bits</i>	<i>mors de filet</i>	<i>Ringtrense</i>	Aparelho de metal, manipulado através das rédeas composto pelo bocado e argolas. É colocado na boca dos cavalos com o objetivo de guiá-los.

Abreviações e demais terminologias

ERY.	East Riding of Yorkshire				
A.	Arras	HUG.	Huggate	GS.	Garton Slack
BEV.	Beverley	HUN.	Hunmanby	WS.	Wetwang Slack
CC.	Cawthorn Camps	MID.	Middleton	GT.	Garton Station
DG.	Danes Graves	PEX.	Pexton Moor	KIR.	Kirkburn
HOR.	Hornsea	SEA.	Seamer	WV.	Wetwang Village
c.	Cerdeira de, aproximadamente.		∅	diâmetro	
Id.	Identificação padrão		n/d.	Não disponível	
Liga de Cobre					
<p>O termo designa qualquer liga metálica feita à base de cobre e demais componentes como estanho, zinco, fósforo, dentre outros. A expressão vem sendo amplamente adotada pela Arqueologia e a Museologia nos últimos anos por ser mais abrangente e, ao mesmo tempo, tecnicamente mais apropriada e precisa que as definições de “bronze”(Cu + Sn) e/ou “latão” (Cu + Zn).</p>					

Aithbe dam bés mora

Carpait lúraith
ocus eich no beirtis búaid,
ro boí, denus, tuile díb:
bennacht for Ríg roda-úaid!

O lamento da velha mulher de Beare

Carros ligeiros
e corcéis que carregavam o prêmio,
seus dias de plenitude já se foram:
uma bênção ao Rei que os permitira!

(**Aithbe dam bés mora**, VI, 21-24)

Dublin, Trinity College Library TCD MS 1337, p. 42
(olim H. 3. 18)

[poema em gaélico antigo escrito por volta
do séc. VIII d.C.]

Murphy, Gerard. **Early Irish Lyrics: Eight to
Twelfth Century**. Oxford: OUP 1956, pp.74-82.

« [L'Histoire]Ce n'est après tout qu'un ramas
de tracasseries qu'on fait aux morts... »
Voltaire

VOLTAIRE, F. M. A. Letter to Pierre Robert Le
Cornier de Cideville (1757). In : BESTERMAN, T.
(ed). **Voltaire's Correspondence**. Geneva: Institut et
Musée Voltaire, 1958.

Prólogo

Primavera, março de 2001. Em Wetwang, um pequenino vilarejo do condado de East Riding of Yorkshire, norte da Inglaterra, o time de arqueólogos da Guildhouse Consultancy liderados por Adrian Havercroft faz as últimas escavações de um sítio que logo se tornaria parte de um conjunto habitacional. A equipe foi chamada pela Hogg the Builders, construtora imobiliária responsável pela empreitada, já que o local onde as futuras casas seriam erguidas aparentava certa importância histórica que remetia a uma ocupação senhorial da Idade Média. Por volta dos últimos dias de escavações, os trabalhadores se depararam com algo estranho. Gradualmente, uma tumba parecia ganhar cada vez mais seus contornos pelas mãos daqueles que a escavavam. Pouco depois, após alguns dias mais de escavação e uma varredura magnética feita com uso de gradiômetro por Tony Pacitto, tornou-se evidente a identificação do enterramento de uma pessoa acompanhada por um carro de duas rodas. Os devidos alertas foram emitidos e uma equipe de especialistas, rapidamente, foi organizada. Além dos referidos integrantes da Guildhouse Consultancy e Tony Pacitto, envolveram-se também membros do British Museum sob a liderança de J.D. Hill¹, outros da Universidade de Durham e Sheelagh Stead, encarregados, respectivamente, pelas análises das ossadas animais e humana. A operação foi supervisionada por Ian Stead. O processo nesse momento passou também a contar com um auxílio financeiro do English Heritage, órgão público inglês destinado à promoção e preservação de patrimônios e bens históricos.

Atrasadas as obras da construção do condomínio habitacional, as escavações prosseguiram – ao invés de trabalhar-se para cima, construindo casas sobre o solo, o movimento direcionou-se para baixo: escavando-o. Ainda que na ocasião tenha sido preciso enfrentar chuvas constantes, baixas temperaturas e até mesmo neve, o processo ocorreu de modo rápido e relativamente eficiente: no intervalo de aproximadamente um mês, a tumba havia sido satisfatoriamente escavada e analisada, e todos os demais bens transportados para laboratórios em Londres, onde análises futuras e preservação de materiais e amostras seriam então realizadas.

A escavação, por sua vez, acabou por revelar uma tumba da Idade do Ferro média, c. de 350 a.C., na qual o morto fora cuidadosamente enterrado acompanhado de

¹ Então responsável e curador das coleções da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas e na Europa, no Departamento de Pré-história europeia do Museu Britânico.

alguns bens, dentre eles o mais visível e curioso: um carro de duas rodas. Deve-se notar, nestes casos, que enterramentos com carros costumam causar uma particular agitação e rebuliço na comunidade acadêmica. Isto se dá porque: primeiramente, achados deste tipo são particularmente especiais, isto é, não são normalmente encontrados com grande facilidade nas Ilhas Britânicas, estando associados, tradicionalmente e no senso comum, à figura de “reis e rainhas celtas”; em seguida, eles permitem contemplar certos aspectos de inovações tecnológicas e materiais que são inacessíveis de outra forma, servindo como uma possibilidade de complemento e complexificação dos relatos clássicos em relação ao uso de carros pelos antigos bretões; por fim, e talvez sendo um dos pontos principais, este tipo de achado acaba quase sempre por suscitar um debate sobre “origens” e “afinidades” entre as Ilhas Britânicas e o continente europeu ao longo da chamada “Proto-História”, uma vez que fortes associações entre o norte bretão e o norte da França são traçadas a partir das evidências arqueológicas, sendo quase sempre explicadas em termos de imigrações e invasões. Há ainda outro fator que faz os achados de Wetwang despertarem ainda mais a curiosidade da comunidade científica bem como do público em geral: o estudo da tumba e do esqueleto permitiu a identificação da ossada como pertencente a uma mulher de 35-45 anos.

Em pouco tempo, como era de se esperar, a notícia repercutiu por todo o Reino Unido e Europa. Wetwang Village se tornou o centro das atenções de tabloides britânicos e da mídia em geral. Em linhas gerais a notícia estampada com letras maiúsculas era, salvo algumas pequenas variações, sempre a mesma: descoberta a tumba com carro de uma Rainha Guerreira bretã. A referida *warrior Queen* parece ter sido tão bem recepcionada pela mídia e pela população britânica, que a BBC, uma das maiores emissoras públicas de rádio e televisão do Reino Unido, resolveu dedicar um episódio inteiro do programa *Meet the Ancestors*, liderado pelo arqueólogo Julian Richards, aos achados de Wetwang Village chegando mesmo a encomendar, com o apoio de diversos especialistas, a construção de uma réplica do carro encontrado no interior da tumba, que posteriormente foi exibida no British Museum e que se encontra no Southburn Archaeological Museum até outubro de 2013.

Nas páginas a seguir encontra-se um estudo a respeito dos achados de Wetwang Village e de vários outros enterramentos com carros nas Ilhas Britânicas. A discussão estará, sobretudo, voltada para questões sociais, culturais e de gênero, elaboradas a partir de um olhar histórico.

Uma introdução em três etapas

“Dimidium facti qui coepit habet; sapere aude; incipe!”²

(Horácio, *Epistularum liber primus*, I, 2.40)

I.

Vivemos, hoje, em um momento marcado por uma infinidade de pós-episódios: um tempo pós-estruturalista, pós-industrial, pós-moderno, pós-marxista, pós-positivista, pós-colonial só para citar alguns. Mesmo em um mundo tão relativizado, plural e amante de desconstruções como o nosso, capaz de se reinventar a todo o momento, a morte ainda se apresenta como uma das poucas e únicas certezas da vida. Trata-se de um problema, a princípio, insuperável, ao menos no contexto que conhecemos e com as condições humanas e materiais de que dispomos. Se há outra vida para além desta ou não, um lugar aonde as almas boas e ruins estarão destinadas, um plano espiritual marcado por estágios evolutivos, ou se a vida humana não passa de um absurdo heroico e desastroso em um universo *a priori* sem sentido, não cabe, aqui, ser discutido. Trata-se de questões pessoais de fé (ou de sua ausência) a serem, em todos os casos, respeitadas.

No entanto, independentemente da fé de cada um, todos morrem(os) e é impossível negá-lo. Por outro lado, o modo como lidamos com a morte e com os mortos pode nos dizer mais a respeito de nós mesmos do que, muitas vezes, podemos imaginar. Nesse processo de transformação da morte biológica em uma morte cultural (humana), reside um rico campo de investigação histórica, que lida, ao mesmo tempo e de uma só vez, com alguns dos principais elementos característicos da vida social como crenças, construção de diferenças, identidades, memórias, atributos de gênero, vínculos de afinidades entre indivíduos, ostentação de riqueza e poderes, dentre outros.

Se a relação do homem com a morte é um problema comum a todas as sociedades ao longo da História da humanidade, logo, parece-me plausível afirmar que as práticas mortuárias – tal como sua materialização no ato funerário – possam ser entendidas como fenômenos de grande importância para o estudo histórico de uma

² Trad.: “Quem começou, tem uma metade já feita; ouse saber; comece!”

determinada população. Por um lado, pode-se dizer que elas representam um *rite de passage* (VAN GENNEP, 1978), em uma metáfora plena de transformação: marco da passagem do indivíduo de um estado qualitativo a outro, tal como ocorre com o nascimento e o casamento, por exemplo (ALEKSHIN, 1983: 137). E por outro, são mais complexas do que, por vezes, se costuma julgar: uma vez que se tratam de construções sócio-culturais, é possível perceber que apenas uma de suas funções é a de dar conta do morto. Isto porque a ritualização da morte se constitui como um processo dinâmico, orquestrado e arquitetado tanto para o mundo dos mortos como, em especial, para os espectadores vivos (FLEMING, 1973: 189-190). Mais do que simples reflexo de uma ordem social, é, pois, o *locus* privilegiado onde as próprias relações entre vivos (e destes com os mortos) podem ser (re)pensadas, naturalizadas ou contestadas através de ações elaboradas e da manipulação do próprio passado e das relações humanas. A morte, nesse sentido, não deixa de ser uma plataforma para construções sociais (PARKER PEARSON, 1982: 112).

Em se tratando de sociedades passadas que não nos legaram quaisquer vestígios escritos e sobre as quais, ainda hoje, pouco sabemos, os requícios deixados por sepulturas e enterramentos constituem um *corpus* de pistas importantes para a investigação histórica. São documentos que um historiador não pode ignorar. Embora se trate de uma empreitada repleta de dificuldades e que requer cuidados especiais, trabalhar e discutir esses indícios não representa um esforço impraticável. Como toda produção historiográfica, consiste apenas em um exercício possível e necessário.

Fazer com que restos de ossos, metais e carros sejam dotados de historicidade não é uma tarefa simples; entretanto, este é o objetivo do presente estudo.

Por volta dos séculos IV-III a.C., homens e mulheres do norte bretão, numa região correspondente, hoje, ao distrito de East Riding of Yorkshire (Inglaterra), foram enterrados de modo diferenciado dos demais membros de suas comunidades. Em suas sepulturas, elaborados veículos de duas rodas foram encontrados, por vezes acompanhados de outros objetos e das ossadas de porcos. O foco, aqui, estará direcionado a discutir exclusivamente esse processo particular de ritualização da morte. O que proponho é analisar e debater a multiplicidade de maneiras nas quais *status* e gênero são construídos a partir das práticas mortuárias, tendo como objeto de estudo a cultura material vinda dos enterramentos com carros encontrados em Yorkshire.

Optei por elaborar uma análise centrada em torno dos séculos IV-III a.C., condizente com a cronologia dos achados, e, no que diz respeito à delimitação

geográfica, o enfoque foi dado à região atualmente conhecida como East Riding of Yorkshire, situada na costa leste do atual norte inglês. Serão discutidos um total de 19 enterramentos, escavados desde o séc. XIX até o séc. XXI, que, em todos os casos, consistem em tumbas com carros encontradas em Yorkshire Wolds e áreas próximas. Assim, ainda que, por vezes, articulações possam ser feitas ao longo do estudo com evidências vindas de outras sepulturas encontradas em cemitérios da mesma região (ou de outras regiões), o enfoque, aqui, estará, em todas as ocasiões, direcionado exclusivamente aos casos em que carros foram depositados no interior das tumbas junto aos mortos. Foram levados em consideração tanto enterramentos masculinos como femininos, na medida em que um dos principais interesses de pesquisa está voltado para questões associadas às construções de gênero.

A escolha que fiz de centrar a análise em torno de enterramentos com carros deu-se, ainda, pelos seguintes motivos: por este tipo de ritual de inumação continuar, ainda hoje, a suscitar polêmicas e olhares controversos (despertando frequentemente a atenção da mídia sempre que uma nova descoberta arqueológica desse tipo é realizada), mas, sobretudo, por acreditar que esses enterramentos possam nos fornecer importantes evidências de um processo de ritualização da morte, no qual elementos de distinção e hierarquização social, bem como de gênero, se façam visíveis e presentes, tendo desempenhado um papel fundamental ao longo de sua elaboração e construção. De fato, os enterramentos com carros de duas rodas podem ser considerados como um dos elementos mais emblemáticos da paisagem mortuária do norte bretão, não apenas por sua singularidade, mas pela sua riqueza e diversidade material, se comparado à maioria dos demais tratamentos mortuários encontrados na região: inumações simples desprovidas de qualquer mobiliário funerário.

Talvez, devido à suas singularidades ou ao seu caráter enigmático, as sepulturas com veículos encontradas em solo bretão vêm, ao longo dos anos, suscitando o interesse de pesquisa por parte dos mais variados estudiosos. No entanto, como veremos, os estudos elaborados até então, em sua maior parte, estão quase sempre voltados a questões associadas às origens, afinidades e possíveis semelhanças entre enterramentos bretões e os da Europa. O que busco, com este estudo, é algo distinto. Não me interessa traçar ou especular a respeito de possíveis origens comuns entre regiões ou populações vizinhas, até mesmo por compartilhar da ideia de que a busca pelas “origens” de “culturas passadas” é algo, a princípio, sem sentido e infrutífero, já que elas simplesmente não se “originam” no passado, mas, sim, no presente (KARL, 2010: 52).

O que está em jogo não é uma busca que visa a entender as “origens” dos enterramentos, mas, de maneira oposta, um exercício de reflexão que busca problematizar os modos por que questões fundamentais à vida social como o relacionamento entre gêneros e o estabelecimento de diferenças sociais são construídas, materializadas e (re)inventadas a partir das práticas mortuárias.

Mas o que a deposição de veículos no interior de tumbas da Idade do Ferro no norte bretão poderia ter a ver ou a contribuir com esse jogo de construções e projeções sociais? Como esses enterramentos nos possibilitariam analisar aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais relativos às populações que os praticaram? E quais considerações poderíamos elaborar a respeito das relações entre gêneros em tais sociedades levando-se em conta o modo como gênero é expresso através dos enterramentos? Todas essas são questões que pretendo abordar ao longo da dissertação. Em linhas gerais, três hipóteses principais serão defendidas. A fim de deixá-las, desde o princípio, claras, explico-as. São elas as seguintes:

- 1) Os enterramentos com carros do norte bretão são resultado de ações e construções sociais, contendo um conjunto de referências socialmente (re)produzidas que se dirigem tanto aos mortos como aos espectadores vivos, buscando legitimar posições de prestígio e uma estrutura hierarquizada.

Com isso, pretendo demonstrar como, muito mais do que mero reflexo de uma dada ordem, os enterramentos constituem para as populações bretãs da Idade do Ferro uma importante arena social. Isto é, um campo onde questões identitárias, políticas, sociais e econômicas eram negociadas, contestadas ou reafirmadas. Utilizando, em especial, os estudos de Bell (1992) como aparato teórico, o esforço estará direcionado em observar como a ritualização da morte consiste em um conjunto de ações que, embora sigam certas prescrições, são em todos os casos singulares e dinâmicas. Mais ainda, buscarei identificar como elementos de diferenciação são construídos em relação aos demais enterramentos encontrados na mesma região a partir da manipulação de itens diversos, desde objetos de metal a ossadas animais encontradas no interior das tumbas.

- 2) Os enterramentos bretões com carros de duas rodas estão associados a indivíduos que detinham poder de liderança e que pertenciam a uma elite local, havendo uma clara negociação de gênero nesse respeito.

Uma mesma comunidade ou sociedade pode apresentar diferentes formas de tratar os seus mortos. As práticas mortuárias, nesse sentido, podem, por vezes, ser tão distintas quanto a própria heterogeneidade comum à vida social. Buscarei comprovar, ao longo da discussão, que os enterramentos com carros de Yorkshire estavam associados a indivíduos pertencentes a uma elite local: um grupo privilegiado e dotado de certo prestígio social, que poderia ser composto por indivíduos de ambos os sexos, havendo, portanto, um diálogo entre gêneros. Não pretendo especular o que teria permitido um determinado indivíduo, seja ele um homem ou uma mulher, de fazer parte desse grupo privilegiado: seria por conta de questões familiares, religiosas, militares, estéticas, de ordem econômica, de nascimento, de casamentos estratégicos ou de feitos, méritos e conquistas pessoais? Embora sejam perguntas tentadoras, há de se reconhecer que a documentação e o recorte do estudo nos impõem certos limites quanto às possíveis respostas a serem formuladas nesse sentido. Mais ainda, é preciso explicitar que o interesse de análise, aqui, está direcionado a algo distinto. Não é meu intuito estabelecer por que uma pessoa se tornava (ou não) na Idade do Ferro um membro que gozava de certo prestígio social, se é que há uma única explicação para isso (o que me parece improvável). Ao contrário, irei demonstrar, independentemente das possíveis origens e motivos iniciais, como os indivíduos enterrados com carros em Yorkshire gozavam de certo reconhecimento social que se fazia presente, sobretudo, a partir da ostentação de riquezas em suas tumbas. A intenção, portanto, é analisar cada um dos enterramentos selecionados atentando para o modo como o tratamento do morto e do mobiliário funerário podem nos fornecer indícios de um processo de distinção social para ambos os gêneros.

- 3) Na região de East Yorkshire por volta dos séc. IV-III a.C. é possível identificar certo acúmulo de poderes e prestígio social por parte de algumas mulheres bretãs, evidenciados a partir do tratamento *post mortem* que essas mulheres receberam.

Indo ao encontro da ideia exposta anteriormente, essa hipótese se baseia no estudo sistematizado dos enterramentos selecionados para a pesquisa. O que pretendo demonstrar é que a cultura material encontrada na região de Yorkshire ao longo da

Idade do Ferro média nos permite identificar indícios de que algumas mulheres foram capazes de acumular em suas figuras um reconhecimento social tão respeitável quanto o de alguns homens. Consideradas tão importantes a ponto de receberem, após a morte, um tratamento relativamente restrito, privilegiado e ostentador, essas mulheres parecem ter sido capazes de orquestrar e administrar, ou de concentrar em sua figura em vida (e em morte), importantes contatos que possibilitassem esse tratamento.

O presente estudo, assim, nada mais é do que um esforço de observação: uma tentativa, a partir de vestígios encontrados em enterramentos com carros, de se direcionar as atenções para as diferentes maneiras pelas quais construções e projeções sociais se davam e se faziam materializadas em sepulturas masculinas e femininas com carros em Yorkshire durante os séculos IV-III a.C.

II.

Tendo em mente o que foi, até então, exposto, busquei organizar o debate que irá se seguir a partir de um encadeamento lógico permitindo uma aquisição de familiaridade gradual por parte do leitor com o conteúdo a ser explorado. A discussão será elaborada a partir da seguinte estrutura.

O primeiro capítulo (“Do Natural ao Humano”) contém uma apresentação do contexto sócio-histórico analisado. Busca, portanto, evidenciar alguns aspectos particulares do norte britânico durante o recorte selecionado com uma descrição da região dos Wolds, local onde os enterramentos com carros foram encontrados, e seu paleoambiente. Desejo, assim, apresentar alguns dados aos leitores que permitam um primeiro contato com o contexto estudado. Para que possam se situar de modo ainda mais efetivo, encontra-se presente, igualmente, um apanhado de pesquisas que, em diferentes momentos e sob diferentes perspectivas, buscaram discutir a Idade do Ferro em Yorkshire. Assim, além de apresentar um panorama histórico e uma contextualização dos Wolds ao longo da Idade do Ferro, irei elaborar um balanço historiográfico sobre o estudo da cultura material proveniente dessa região de acordo com o recorte selecionado.

O capítulo seguinte (“Digging up the past”) tem por objetivo mapear o histórico de descobertas de enterramentos com carros na região de Yorkshire, apresentando como a documentação material de que dispomos para o estudo da temática chegou até os dias atuais. Isto é, ao articular os primeiros relatórios elaborados a respeito desses achados em meados do séc. XIX, através de autores como Greenwell, Stillingfleet e Mortimer,

com relatórios produzidos a partir de descobertas mais recentes, como os elaborados por Brewster, Dent e Stead, pretendo destacar como o campo e o próprio objeto de pesquisa foi sendo constituído ao longo dos anos, atentando para as condições em que dados e materiais chegaram até nós e destacando a historicidade desses objetos. Assim, a intenção é discutir o próprio contexto dos achados, destacando-se aspectos relevantes para a pesquisa.

No terceiro capítulo (“Definindo conceitos, procederes e abordagens”) serão abordadas questões de matrizes teórico-metodológicas, trazendo um debate e olhar mais aprofundado em relação à aplicabilidade dos estudos de cultura material pela historiografia das sociedades antigas. Proponho igualmente uma reflexão teórica que busca (re)definir e identificar categorias e conceitos válidos a fim de dar conta de ambos os estudos, de gênero e de práticas mortuárias, como objetos pertinentes à análise histórica a partir de autores como M. Sørensen, J. Scott., R. Gilchrist, M. Conkey, J. Gero, J. Butler, P. Connerton, M. Parker Pearson, I. Hodder, D. Liversage, A. Fleming, R. Sprague, J. Chapman, G. Wait e V. Alekshin, dentre outros. Serão debatidas e adotadas, em especial, as considerações de C. Bell a respeito dos processos de ritualização, aplicando-as à temática relacionada à ritualização da morte.

Os dois últimos capítulos podem ser considerados, talvez, como as partes centrais do debate. Tendo dividido o material de análise em dois grupos, buscarei no capítulo quatro (“Talking Bones”) debater questões vinculadas a diferenciações sociais e de gênero presentes a partir de uma análise do material osteológico, isto é, dos esqueletos encontrados nas tumbas aqui discutidas. Serão também discutidas as ossadas de origem animal encontradas nesses mesmos enterramentos. Da mesma forma, o capítulo cinco (“A morte sobre rodas”) busca debater as questões levantadas a partir de um olhar sobre o mobiliário fúnebre, isto é, o conjunto de itens e artefatos depositados junto aos mortos: carros, armamentos, espelhos dentre outros³. Será realizada, também, uma análise detalhada dos esquemas e disposições encontrados nos enterramentos, como a orientação das sepulturas, dos corpos e dos arranjos internos das tumbas.

³ Embora esteja trabalhando com a cultura material como principal suporte investigativo, meu intuito não será o de analisar explicitamente questões artísticas ou estéticas, embora a temática vinculada à “arte da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas” ou da “arte celta”, sem dúvida, possa ser explorada em pesquisas futuras. A publicação de Giles (2008a) é, talvez, um dos melhores exemplos, tendo como principal enfoque os objetos de Yorkshire, do potencial de novos estudos voltado a uma análise histórica de elementos artísticos encontrados em enterramentos bretões.

Após as “Considerações Finais” e a seção de “Referências Bibliográficas” encontra-se, ainda, um “Catálogo” exclusivamente elaborado para a pesquisa. Mais do que um mero anexo, apêndice ou ilustração, essa seção representa uma detalhada organização e sistematização comentada da documentação analisada, evidenciando alguns aspectos importantes da cultura material utilizada como base de pesquisa.

III.

Enterramentos são, em parte, um marco da fragilidade humana face à ação da morte e do tempo. Do mesmo modo, não deixam de ser uma prova da força humana: uma tentativa de superação, de manutenção da coesão e harmonia social em um dos momentos mais traumáticos que podem existir na vida de um determinado grupo de pessoas. Representam um esforço sempre singular que busca, através de um conjunto de performances e processos de ritualizações da própria experiência humana, (re)instaurar a paz e garantir a oportuna continuidade (dupla) da vida – do morto, em mundo outro qualquer; e dos vivos neste mundo habitado. Concedem, ainda, aos mortos uma possibilidade de existência última neste mundo: possibilidade esta de tornar-se *ser-memória*. As páginas a seguir são um convite de reflexão a respeito dessas “aventuras” e “jogos” de construções humanas face ao seu próprio fim. Ousemos saber mais!

Capítulo 1.

Do natural ao humano: traçando alguns panoramas da Idade do Ferro

1.1. Apresentação da região e do contexto dos Wolds

A região dos Wolds em Yorkshire consiste basicamente em um conjunto de baixas colinas formando um arco em C a partir do estuário Humber até o Mar do Norte próximo à Flamborough Head, onde acabam por tomar a forma de penhascos acentuados junto ao mar entre Bempton and Flamborough. A região possui uma forte unidade topográfica marcada por pequenos platôs⁴ com declives suaves cortados por encostas e vales secos⁵ (conhecidos como *dales* ou *slacks*), que podem atingir altitudes variantes entre 50–200m, tendo seu ponto mais alto em Bishop Wilton Wold (c. 245m).

Geograficamente, o local é delimitado por três áreas circunvizinhas: (1) ao sul e a leste encontra-se a planície de Holderness, uma área mais baixa e úmida que beira a costa do Mar do Norte; (2) ao norte, o Vale de Pickering, uma região de menor altitude que separa os Wolds de Yorkshire Moors, uma outra região elevada; (3) e a oeste, o Vale de York: uma área, novamente, mais úmida e de menor altitude.

Geologicamente, o solo dos Wolds é caracterizado pela presença de calcário vermelho (*red chalk*), cujas origens remetem ao período Cretáceo⁶. A formação calcária dessas colinas faz com que boa parte da terra seja relativamente seca ou drenada o que, para alguns autores como Wrathmel (2005: 1), deve ter contribuído para o assentamento humano nessas áreas, desde tempos pré-históricos. No entanto, enchentes regionais eram comuns e podiam ocorrer nas áreas mais baixas dos vales fazendo com que as partes mais altas fossem estrategicamente destinadas à agricultura (PECK, 2009:14-5).

⁴ Em geologia, platô ou planalto corresponde a uma terra elevada com topo relativamente plano.

⁵ Isto é, vales privados permanentemente ou sazonalmente de cursos d'água em sua base.

⁶ O período Cretáceo corresponde a aproximadamente 145.5–65.5 milhões de anos na escala do tempo geológico. No Cretáceo tardio (cerca de 100 milhões de anos atrás), a área banhada pelo Mar do Norte localizava-se 10° ao sul e o próprio nível das águas do mar encontrava-se elevado por algumas centenas de metros. O calcário encontrado na região leste da costa inglesa é fruto de aproximadamente 35 milhões de anos de reações consequentes da concentração de esqueletos de algas planctônicas calcificadas (cocolitoforídeos) na região (NEAL, 2009: 9).

Ao longo do primeiro milênio a.C, estima-se também que as águas do estuário Humber se encontrassem a 2,7m acima do nível atual (ANTHOONS, 2011: 16-7; STOERTZ, 1997: 1-3).

Contudo, para além do Humber, a região dos Wolds conta ainda com alguns poucos cursos d'água abastecidos por nascentes nomeadas *gypseys*. Esses rios, por sua vez, costumam ser do tipo intermitente: isto é, seu fluxo varia passando por intervalos de cheias (geralmente, em torno da primavera) e outros de menor quantidade fluvial. O maior de todos eles é chamado Gypsey Race e chega a percorrer e banhar diversas localidades do Great Wold Valley – o maior e mais amplo vale da região. Durante a Idade do Ferro, esses *gypseys* desempenharam um importante papel envolvendo escolhas para locais de assentamento e questões associadas a rituais religiosos, inclusive no que diz respeito à localização de alguns enterramentos (ANTHOONS, 2011: 16; RAMM, 1978: 3).

Yorkshire testemunhou, ainda, durante a Idade do Bronze tardia, uma sistematização e divisão de terras que passaram a ser dedicadas, por um lado, à agricultura e, de outro, a pastagens para o gado (HEY, 2011: 17). Com efeito, o primeiro milênio a.C. na região foi marcado por uma intensificação do uso da terra e por um crescimento populacional constante. Nos Wolds, mais especificamente de 400 a.C. em diante, esses fatores se associaram às seguintes ocorrências:

→ uma ocupação constante de casas de plantas circulares com diâmetros normalmente entre 6,5m–9,5m, mas que poderiam variar de \varnothing 4m até 13m (cf. ANTHOONS, 2011: 76-7; CUNLIFFE, 2005: 308; HEY, 2011: 25)⁷;

→ uma reestruturação de assentamentos, inicialmente do tipo aberto (isto é, sem fortificações/ cercamentos) que, gradualmente, foram adotando um modelo fechado–linear característico à região conhecido arqueologicamente como *ladder settlements* (cf. ANTHOONS, 2011: 76; CHADWICK, 2009: 44; CUNLIFFE, 2005: 309; HEY, 2011: 32; MUIR, 1997: 128). Este modelo, por sua vez, parece estar vinculado a questões de crescimento demográfico e, sobretudo, de reconfiguração das noções de comunidade,

⁷ A partir do séc. III e II a.C., no entanto, as habitações reconstruídas a partir das mesmas fundações tendem a se concentrar em pequenos núcleos formados por três ou quatro construções delimitadas por cercas que englobam um campo comum, formando um pequenino complexo domiciliar (cf. GILES, 2007b: 240).

posse e direitos de acessos à terra. Ao mesmo tempo, revela-nos, também, o estabelecimento de novas divisões e marcos sociais na paisagem (GILES, 2007a; 2007b);

→ uma amplificação das áreas cultivadas e uma intensificação das atividades agrícolas (incluindo-se, aí, um sistema de agricultura mista) e da pecuária, coincidentes com o aumento significativo do desmatamento de matas locais (CUNLIFFE, 2005: 307; HALKON & INNES, 2005; HEY, 2011: 24; PECK, 2009: 15).

As escavações realizadas em Garton e Wetwang Slack revelaram ainda a importância que o cultivo de grãos, associado à pecuária, desempenhava na economia local. Este aspecto tornou-se evidente, sobretudo, a partir da descoberta de vários grãos carbonizados, poços de armazenamento (muitas vezes localizados no interior das próprias casas) e pela existência de celeiros, que após uma datação por radiocarbono são localizados como pertencentes ao século V-IV a.C. (CUNLIFFE, 2005: 308).

No tocante à pecuária, a análise de ossadas encontradas em diversos sítios da Idade do Ferro nos Wolds atesta a existência de uma criação de gado variado, englobando bovinos, ovinos, suínos e equinos. Um estudo feito a partir das evidências descobertas em Grimthorpe revelou as seguintes porcentagens:

Porcentagens de ossadas animais encontradas em Grimthorpe	55%	gado bovino
	25%	ovelhas
	7,8%	porcos
	7,3%	cavalos
<i>Fonte: CUNLIFFE, 2005: 307</i>		

Tabela 1: Porcentagem de ossadas animais encontradas em Grimthorpe

Como destaca Cunliffe (2005: 307), o consumo de carne bovina parece, portanto, corresponder a 82,4% do total de carne consumida pela população local. Análises mais específicas das ossadas revelaram ainda que boa parte do rebanho (70%) era mantida, ao

menos, durante o intervalo de dois invernos antes de ser consumida, ao passo que outros animais como ovelhas eram abatidos constantemente. Em termos sócio-históricos esta ocorrência representa um dado importante: ela nos aponta para a existência de um sistema econômico relativamente estável e seguro, capaz de lidar com períodos frios de inverno, mantendo-se um nível de estocagem de alimentos considerável que vinha tanto da criação de animais como do cultivo combinado de leguminosas e cereais (CUNLIFFE, 2005: 307). Mais ainda, estudos realizados a partir da análise de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio ($\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$) de 62 esqueletos encontrados no cemitério de Wetwang Slack (JAY & RICHARDS, 2006) parecem, ainda, corroborar os dados anteriormente apresentados: os altos níveis de proteína, obtidos a partir dos testes e associados à identificação de características típicas de uma dieta baseada no consumo predominantemente de carne vermelha, dialogam perfeitamente com as demais evidências arqueológicas obtidas a respeito da criação de gado, em boa parte desses sítios.

Outro aspecto importante a ser destacado é o de que durante toda a Idade do Ferro a área dos Wolds aparece ainda marcada por uma complexa série de estruturas lineares de terras (*linear earthworks*) que consistem, basicamente, em uma alteração do nível do solo causada pelo agenciamento humano. Em Yorkshire, uma parte dessas estruturas pode ainda ser observada diretamente na paisagem, tendo sido objeto de estudos e debates desde o final do séc. XIX até início do XX (cf. MORTIMER, 1905). A maioria desses trabalhos, entretanto, é identificada através do uso de fotografias aéreas⁸ ou *plotadas* a partir do uso de novas tecnologias óticas como o LIDAR (*Light Detection And Ranging*), a fim de, em última instância, construir-se uma modelização tridimensional da área observada, fazendo-se uso de um Sistema de Informação Geográfica (GIS).

Pode-se dizer que essas estruturas de terra representavam um traço característico da paisagem regional e suas extensões eram variadas, chegando a cobrir uma distância de vários quilômetros. Ainda que parte de suas significações suscite debate entre historiadores e arqueólogos, parece certo que as estruturas lineares de terra construídas em Yorkshire tinham como uma de suas funções servirem como vias ou rotas antigas (*trackways* ou *droveways*, como ficaram conhecidos pela historiografia inglesa), que se estendiam ao longo dos assentamentos e conectavam diferentes áreas e regiões dentro

⁸ Quanto às paisagens pré/proto-históricas da região de Yorkshire, uma importante síntese de análises e fotografias desse tipo pode ser encontrada na obra de Catherine Stoertz (1997).

de uma área maior de trabalhos de terra formando uma verdadeira rede interligada, além de servirem muitas vezes como diques e marcos fronteiriços (cf. ANTHOONS, 2011: 75). Não obstante, é visível sua funcionalidade prática e cotidiana para a vida social: além de estarem associados a um “calendário” agrícola possibilitando uma divisão e regeneração da terra, essas alterações na terra proporcionavam acesso a localidades variadas por diferentes grupos e permitiam a movimentação de recursos, bens estocados e pessoas até áreas de pasto, colheitas, extração mineral e fontes d’água (GILES, 2007a: 107-9).

Sejam eles frutos de uma manipulação da paisagem por uma elite local (HALKON, 2008: 159) ou o resultado de uma ação comunal ou conjunta entre comunidades circunvizinhas (FENTON-THOMAS, 2003), essas estruturas de terra formavam uma complexa malha interconectada de trabalhos de terra que, além de criar configurações espaciais particulares a partir de diferentes disposições e elementos espaciais, era, também, capaz de reinserir e ressignificar antigos monumentos em sua área de projeção. Nos Wolds isso se torna visível a partir da existência de estruturas lineares construídas durante a Idade do Ferro que englobam, põem em evidência, reivindicam, direcionam-se ou são construídos junto a antigos marcos na paisagem, como os montículos circulares que datam da Idade do Bronze, criando uma espécie de vínculo entre passado e presente. Tal ocorrência indica uma manipulação ativa e consciente do passado – expressa através da materialidade da paisagem – a fim de servir a novos propósitos [do presente vivido]. Mais ainda, parece colocar em evidência que questões associadas à riqueza, divisões espaciais, poderes e configurações de direitos estavam relacionadas, até um certo nível, com aspectos de ancestralidade bem como com a manipulação destes elementos por certos indivíduos: nesses casos, através das múltiplas reconfigurações e experiências construídas na (e através da) paisagem. Como Giles (2007a: 113) destacou, esses monumentos, muito além de simples marcos territoriais, devem ser entendidos como uma tentativa constante e arquitetada de se interligar paisagens – reais ou míticas – que, por sua vez, acabava culminando na criação de uma série de conexões e identidades ao longo do processo.

1.2. A Idade do Ferro em Yorkshire: um balanço bibliográfico

Há mais de 2,5 mil anos, a prática da inumação, no lugar da cremação, parece ter se tornado cada vez mais frequente em algumas áreas das Ilhas Britânicas (CUNLIFFE, 2005: 499), representando, muitas vezes, um importante diálogo com alguns ritos presentes na Europa centro-ocidental (cf. WAIT, 1996: 499-500). Embora alguns elementos comuns fossem compartilhados entre diferentes populações e regiões, é preciso ter em mente que, em termos de práticas mortuárias, jamais houve qualquer coisa próxima a “um ritual fúnebre bretão” ou “um modo celta de deposição dos mortos”. O que o estudo da cultura material nos revela é justamente o oposto: um cenário diversificado, rico e multifacetado, onde diferentes respostas ao problema colocado pela morte poderiam coexistir. Como Pope e Ralston (2011: 398) destacam, a historiografia atual está cada vez mais atenta não só para as diferenças regionais e temporais observadas ao longo da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas em termos mortuários, como, também, para as variações em uma escala local entre cemitérios e enterramentos encontrados em uma mesma região.

Em linhas gerais, no território que corresponde à atual Inglaterra, diferentes tratamentos mortuários (como a escarnação, os enterramentos de esqueletos parciais ou ossos isolados depositados ao longo de assentamentos e em casas, e enterramentos de esqueletos completos) poderiam se fazer presentes, coexistindo em uma mesma cronologia ou região. Os enterramentos de esqueletos completos, por sua vez, costumam ser arqueologicamente agrupados em quatro “tradições” distintas. São elas:

- (1) *the Pit Tradition* (a tradição de covas), presente na região centro-sul da Inglaterra estendendo-se entre os séculos V-I a.C., em que indivíduos de ambos os sexos (ou em certos casos somente alguns de seus restos mortais), sem muitos adereços ou bens de prestígio, eram enterrados flexionados em covas anteriormente utilizadas para a estocagem e armazenamento de grãos, posteriormente passando a serem utilizadas para fins mortuários. Boa parte desses poços estava situada próxima a colinas ou regiões fluviais;
- (2) *os enterramentos dos Durotriges*, que continham corpos flexionados acompanhados de alguns bens, havendo tanto mulheres como

homens. Crianças e bebês, no entanto, aparentemente, foram excluídos. Essas inumações foram todas encontradas na região de Dorset (na costa sul da Inglaterra), sendo datadas como pertencentes a um momento tardio, no final do século II e início do século I a.C., continuando a serem praticadas até o domínio romano, quando, então, foram substituídas pela prática da cremação;

- (3) *as cremações de Aylesford-Swarling*, que consistiam em um rito de cremação acompanhado de bens fúnebres, podendo haver, muitas vezes, a presença de vasos e equipamentos para banquetes. Foi adotado na região de Kent e na parte leste-sul da Inglaterra, tendo se desenvolvido em meados do primeiro século com correlações e similitudes a práticas e achados materiais provenientes das populações belgas; e, por fim,
- (4) *a tradição de Arras*, que corresponde a um conjunto de inumações provenientes da região leste de Yorkshire, datadas entre os séculos IV e II a.C., na qual os mortos, de ambos os sexos, aparecem frequentemente enterrados sob montículos, em sua maioria, cercados por fossos de formato quadrangular. Embora muitos esqueletos tenham sido depositados sem quaisquer bens ou apenas acompanhados pelas ossadas de ovelhas, em algumas situações podem-se observar sepulturas que continham bens de prestígio como espadas, espelhos, joias de bronze, porcos, e, mais notavelmente, carros de duas rodas, dentre outros.
(cf. CUNLIFFE, 2005: 498-510; DYER, 2003: 150-7; STEAD, 1979; WAIT, 1996: 492-501; WHIMSTER, 1981).

Nas Ilhas Britânicas, inumações da Idade do Ferro (c.800-47 a.C.) não são relativamente tão numéricas e é difícil nos depararmos com grandes cemitérios. A parte leste do atual condado de Yorkshire, ao norte, é uma exceção: lá, um conjunto de inumações e extensos cemitérios da Idade do Ferro vêm sendo descobertos desde o séc. XIX.

Em sua grande maioria esses enterramentos consistem em grupos de inumações que datam do Ferro médio (c. 325-130 a.C.) em que os mortos, de ambos os sexos,

aparecem frequentemente enterrados sob montículos cercados por valas e fossos quadrangulares (cf. CUNLIFFE, 2005: 498-510; DYER, 2003: 150-7; STEAD, 1965; 1979; WAIT, 1996: 492-501). Embora o termo seja inadequado e, atualmente, a noção forjada no princípio do séc. XX de “culturas arqueológicas” que designam a identidade de grupos e populações (cf. CHILDE, 1929: v-vi) seja amplamente criticada (KARL, 2010: 52), academicamente, convencionou-se nomear a cultura material da Idade do Ferro encontrada em East Riding of Yorkshire como a “Cultura de Arras”. O nome se deu por conta de um dos primeiros sítios na região dos Wolds, em Yorkshire, a ser escavado durante o séc. XIX: Arras. Além de seus traços característicos como a prática da inumação, a presença de valas quadrangulares e a existência de extensos cemitérios se comparada às demais regiões, a região de Yorkshire apresenta também, no mesmo contexto histórico, um conjunto de enterramentos atualmente sem paralelos em solo bretão: os enterramentos com carros.

Tumbas com veículos já eram escavadas desde meados do século XIX na Inglaterra. Enterramentos desse tipo também eram conhecidos e estudados na mesma época no continente europeu, onde, em regiões como a França, Bélgica e Alemanha, inumações com veículos foram frequentemente descobertas pelas mãos de antiquários/colecionadores, trabalhadores comuns e aventureiros⁹.

Na pré/protohistória europeia, o ato de se depositarem os mortos acompanhados por carros apresentava diferentes facetas. Suas primeiras ocorrências são atestadas em regiões como a Suíça, França, Áustria e Alemanha desde períodos como o bronze-tardio e o ferro inicial (séc. XIII – V a.C.), quando os carros utilizados para esses fins possuíam quatro rodas: tipo de enterramento este que ficou conhecido como *wagengrab* ou *wagon burial* (PARE, 1992; PIGGOT, 1992: 20-8; SCHÖNFELDER, 2000). Já os enterramentos encontrados em regiões como Champagne-Marne (França) e Yorkshire (Inglaterra) são de períodos posteriores, datando da Idade do Ferro dita “La Tène” (séc. V-I a.C.), e se diferenciavam significativamente daqueles encontrados em períodos anteriores, não apenas pelo seu arranjo e mobiliário fúnebre, mas, sobretudo, devido ao tipo de carro utilizado: aí, veículos de duas rodas (cf. KOCH, 2006: 1727-8).

Nas Ilhas Britânicas, a presença de carros em contextos fúnebres parece estar restrita ao norte bretão. Ainda que veículos desse tipo fossem utilizados em demais

⁹ Em regiões do norte da Itália, como a Etrúria Setentrional, tumbas com carros que datam do séc. VII também foram encontradas e a presença de veículos, na região, se faz presente igualmente no repertório iconográfico da época, quase sempre associada a guerra de tipo heroico (D’AGOSTINO, 1999: 86; TORELLI, 1999: 128).

locais e regiões para os mais variados fins (guerra, transporte, plataforma cerimonial, ostentação de riqueza), sua presença no interior de tumbas se dá apenas nos territórios atualmente correspondentes, em sua grande maioria, ao distrito de East Riding of Yorkshire e, para ser mais preciso, à área dos Wolds e seus arredores¹⁰. Cronologicamente, novas datações por radiocarbono e estudos tipológicos indicam uma localização entre o séc. IV-II a.C. para esses enterramentos (JAY *et alii*, 2012).

Em termos historiográficos, os enterramentos com carros encontrados em Yorkshire vêm suscitando debates e pontos de vista contrastantes desde suas mais remotas descobertas no séc. XIX. Dois dos primeiros autores a se debruçarem sobre a questão foram Mortimer e Greenwell, que se viram diante de um curioso quebra-cabeça composto por peças intrigantes e lacunares, e, de acordo com os procedimentos intelectuais da época, os primeiros estudos realizados levantavam hipóteses das mais variadas. Para Mortimer a cultura material encontrada indicava uma clara imigração de povos ocorrida pouco antes da ocupação romana da Britânia: os invasores teriam trazido consigo novos costumes, práticas e técnicas artísticas e de ornamentação, marcando uma nítida ruptura e um novo estágio de progresso indicado por um nível maior de civilização (MORTIMER, 1898: 125-6; 1905: lxxv). Greenwell defendia um ponto de vista, em parte, distinto. Para ele, embora pudesse haver uma “afinidade de sangue” entre os habitantes antigos de Yorkshire e aqueles do norte da Gália (GREENWELL, 1906: 307), a cultura material encontrada em cemitérios na região não precisava ser explicada em termos de uma invasão. Ao contrário, o autor buscou explicitar os elementos de continuidade com as populações locais da Idade do Bronze, destacando traços comuns e defendendo que as inovações observadas seriam resultados de contatos e trocas com populações mais avançadas e, também, de desenvolvimentos internos que

¹⁰ Até os dias atuais, apenas um caso foi registrado que um enterramento com carro foi encontrado fora da região de Yorkshire. Escavado em 2001 em Newbridge (Edimburgo, Escócia), o achado consistia em um carro que havia sido depositado por inteiro em uma tumba, porém, devido às condições do solo, nenhum material osteológico foi preservado (CARTER & HUNTER, 2003). Outro achado recente, também fora da região dos Wolds, mas ainda em Yorkshire, revelou igualmente a existência de uma tumba em Ferry Fryston (West Yorkshire) que continha um esqueleto masculino e um veículo depositado por inteiro (BOYLE, 2004). Embora se tratem de casos pertinentes às temáticas que serão, aqui, discutidas, ambos os enterramentos não serão abordados no presente estudo, uma vez que boa parte dos relatórios finais de escavações ainda não se encontra divulgada ou disponível e pelo fato de que o foco estará aqui direcionado aos enterramentos com carros encontrados na região dos Wolds e suas proximidades.

permitiram um gradual progresso no nível de civilização dos habitantes locais (GREENWELL, 1877: 212).

Embora visões distintas tenham sido formuladas, os primeiros estudos realizados a respeito da “cultura de Arras” e dos enterramentos com carros em Yorkshire tinham em comum certa ideia de progresso associada a um estágio superior de civilização. Tal ideia marca caracteristicamente a produção intelectual do séc. XIX e das primeiras décadas do XX. O interesse de boa parte dessas análises, portanto, estava em desvendar “a qual divisão da família humana”, “raças” ou “tribos” enterradas em cemitérios como os de Arras e Danes Graves pertenciam, como colocou Greenwell (1906: 307). Assim, tendo especialmente em mente a ocorrência de carros de duas rodas, comparações foram buscadas em textos bíblicos e homéricos, em artefatos fenícios e na leitura de relatos de autores latinos em trechos que estes mencionavam a utilização de veículos semelhantes por parte dos antigos bretões e gauleses.

A ideia de uma invasão vinda do Continente ganhou relativa força explicativa com o passar dos anos no tocante ao estudo da Idade do Ferro em Yorkshire, concentrando em torno de si boa parte do debate. Ela está presente tanto no trabalho de Fox (1947), que defendeu que a região havia sido invadida pelos Parisii¹¹ e demais grupos do norte da França (FOX, 1947: 19), como, nas décadas seguintes, nos trabalhos de arqueólogos histórico-culturalistas, tendo, talvez, na figura de Christopher Hawkes um de seus principais expoentes. Hawkes foi um defensor da ideia de uma “celtização cumulativa” das Ilhas Britânicas na qual uma elite de chefes gauleses havia, durante o período La Tène, em diferentes ondas, migrado e dominado a população nativa de Yorkshire, fazendo, assim, com que seus hábitos e costumes fossem preservados e conseqüentemente visíveis através das inovações observadas na região, como a existência de enterramentos cercados por valas quadrangulares e de carros no interior das tumbas (HAWKES & HAWKES, 1958: 126-7). Em termos de gênero, a adoção da hipótese invasionista levou a algumas afirmações como a de que apenas homens (chefes-guerreiros) haviam migrado e se estabelecido em Yorkshire (BRAILSFORD, 1953: 48-9), de modo que as mulheres não teriam desempenhado qualquer papel nesse processo ficando excluídas de boa parte das análises.

¹¹ O termo Parisii refere-se a uma população que ocupava os territórios às margens do rio Sena, vindo posteriormente a dar nome à atual região de Paris (França). Devido a sua clara semelhança, o nome dos antigos habitantes da região de East Yorkshire, identificados pelos romanos como Parisii, vêm suscitando inúmeros debates sobre afiliações entre esses dois grupos, gerando controvérsias e posições distintas (cf. JAMES, 2005: 102; HALKON, 1989; RAMM, 1978; KOCH, 2006:88).

Porém, um dos principais estudiosos da Idade do Ferro em Yorkshire foi, sem dúvida, Ian Stead. Tendo escavado a região durante décadas e participado de alguns dos principais achados até os dias atuais, Stead veio publicando ao longo de sua vida diferentes estudos a respeito da chamada “cultura de Arras”, tendo, muitas vezes, mudado seu próprio ponto de vista e adotado novas hipóteses de análises diante de descobertas mais recentes. Em um de seus primeiros livros, que consiste na publicação de sua tese de doutorado, o autor buscou realizar uma detalhada e exaustiva comparação entre objetos encontrados em enterramentos com carros em Yorkshire e aqueles do Continente (cf. STEAD, 1965: 28-45). Defendia, na época, uma divisão formada por aquilo que chamou de “a cultura de North Grimston” (marcada por enterramentos com armas) e a “cultura de Arras” (com seus enterramentos com carros e a ausência de armas) (STEAD, 1965: 84). Não obstante, propôs também uma origem continental para os achados em Yorkshire e sua principal ideia, a partir de um olhar mais abrangente e comparado, era a de que uma população originalmente localizada na Borgonha (e com possíveis contatos com regiões vizinhas, como a Suíça) teria, em um dado momento, migrado ao longo do Sena e se estabelecido na atual região de Paris (os Parisii), ao passo que um outro contingente ao longo deste processo teria se separado do grupo principal vindo a se estabelecer em Yorkshire (os Parisii) (STEAD, 1965: 87).

Em estudos futuros, Stead (1979, 1991) rompeu com sua divisão prévia entre duas “culturas” distintas em Yorkshire, admitindo que os achados da região faziam parte de um mesmo grupo, chamado convencionalmente de “cultura de Arras”. Com o passar das décadas e escavações em novos sítios, enterramentos como aqueles encontrados em Wetwang onde carro, espada e lanças foram identificados em uma mesma tumba, reforçaram a necessidade de se abandonar a oposição antiga entre enterramentos com armas e carros na região. À luz de novos debates e revisando sua própria tese, Stead admitiu que as especificidades e transformações ocorridas em Yorkshire durante a Idade do Ferro poderiam ter se dado devido à movimentação de populações, no entanto, o número de pessoas envolvidas não precisava ser grande: poderiam se tratar de alguns poucos aventureiros, mercenários, fazendeiros, “evangelistas” (STEAD, 1979: 93) ou até mesmo apenas um único indivíduo com boas conexões (STEAD, 1991: 184). Dyer (2003: 154), em sua discussão a respeito da “cultura de Arras” é a da mesma opinião que Stead (1979, 1991).

Atualmente, questões envolvendo transformações culturais não são mais explicadas em termos migratórios ou de invasões. Admite-se que a dinamicidade é um

aspecto inerente a qualquer população; que culturas estão a todo o momento mudando e se reinventando; que elementos de permanência e inovações podem coexistir e adquirir aspectos únicos de acordo com os agentes e condições envolvidas, de modo que não é mais preciso envolver grupos ou fatores externos nesse cenário de análises como principal causa explicativa e onde não há quaisquer indícios de suas presenças.

Entretanto, passadas décadas de processos de renovação de disciplinas como a História, Arqueologia e Antropologia, a “cultura de Arras” permanece como um dos poucos objetos atuais, senão o único dentro dos estudos das Ilhas Britânicas durante a Idade do Ferro, no qual a hipótese de uma invasão continental continua presente e ainda constantemente revisitada. Exemplos disso são publicações como as de Bradley (2007: 266) e Cunliffe (2005: 84-6). Cunliffe recentemente problematizou os olhares tradicionalmente direcionados aos achados materiais de Yorkshire e, à luz de um novo debate, se posicionou de modo contrário à existência ou presença de uma comunidade de imigrantes do continente na região durante a Idade do Ferro (CUNLIFFE, 2012: 316), não negando, entretanto, a movimentação de pequenos bandos e grupos entre as regiões. Seu argumento é o de que a questão possa, talvez, ser melhor explicada em termos relativos a mobilidade de algumas poucas pessoas e objetos a partir de rotas marítimas existentes ao longo do primeiro milênio a.C., entre as Ilhas Britânicas e o Continente (CUNLIFFE, 2012: 318-9). Trata-se de um olhar, em parte, semelhante ao de Stead (1979, 1991).

Pontos de vista distintos, no entanto, existem. James (2005), por exemplo, concluiu não haver qualquer continuidade direta entre rituais fúnebres observados na Gália e em Yorkshire. Para ele, embora contatos culturais existissem entre as duas regiões (JAMES, 2005: 98), sendo nesse aspecto semelhante a Henderson (2007: 127), a ideia de uma imigração vinda do Continente e a consequente introdução de um modo particular de enterramento não passa, a seu ver, de mera especulação na ausência de evidências concretas (JAMES, 2005: 102). Haywood (2009: 74), ainda que brevemente, também se manifesta contrário à ideia de que a “cultura de Arras” teria sido introduzida por imigrantes, considerando-a como uma prática local. Harding (2004) foi outro autor a criticar explicitamente a ideia de uma colonização ou imigração vinda do norte da França. No entanto, ele não nega a possibilidade de que uma parte das práticas mortuárias observadas em Yorkshire possa ter sido introduzida a partir de indivíduos provenientes do continente. De modo semelhante a Stead (1991: 184), Harding acredita que os enterramentos de Yorkshire sejam fruto da ação de “missionários” que

introduziram novos cultos e práticas mortuárias adotadas por parte de uma elite local (HARDING, 2004: 36). Já Koch (2006: 88) defende um argumento próximo ao de James (2005), tendo admitido que, embora seja tentador associar a “cultura de Arras” aos Parisii e a seus vizinhos continentais (os Parisii), essas associações não são tão imediatas como imaginamos e podem mesmo se tratar de um equívoco. Que contatos entre ambas as regiões existisse, isto parece certo; a natureza desses contatos, por sua vez, permanece duvidosa e longe de um consenso (KOCH, 2006: 88).

A tese de doutorado defendida por Anthoons (2011) é talvez um dos esforços mais recentes a fim de se preencher algumas dessas lacunas historiográficas. Tendo analisado todos os enterramentos com carros encontrados até a presente data nas Ilhas Britânicas e comparado os resultados a achados semelhantes provenientes de regiões como a Bélgica, França, Alemanha, Luxemburgo e Holanda, a autora buscou um novo modelo explicativo centrado na ideia de redes e trocas. Além do foco dado às questões mortuárias, ao longo de seu estudo, Anthoons ressalta aspectos comuns e divergentes entre as Ilhas e o continente no tocante a questões como assentamento, práticas mortuárias, organizações sociais dentre outros (cf. ANTHOONS, 2011: 209-222). Sua hipótese é a de que os enterramentos com carros de duas rodas faziam parte de uma complexa rede de interrelacionamentos forjada ao longo da Idade do Ferro, em especial por volta de 300 a.C.. Esse processo de “internacionalização”, como Anthoons (2011: 279) coloca, teria possibilitado, através das redes de contatos estabelecidos, a troca e circulação de ideias, de costumes e de novas tecnologias, sem que os enterramentos com carros encontrados em Yorkshire necessitem ser explicados em termos migratórios, uma vez que todos os demais indícios apontam em sentido oposto.

Vista em conjunto, a região de Yorkshire não apresenta descontinuidades ou drásticas rupturas em termos de assentamentos, produção de cerâmica ou disposições arquitetônicas (HILL, 1995: 65). Ao contrário, o que se observa é a elaboração (ora por parte da população local, ora por parte apenas de alguns indivíduos pertencentes a um grupo social seletivo) de novos elementos de distinção social, muitas vezes refletidos e/ou construídos exclusivamente a partir de tratamentos mortuários. Não há motivos para imaginarmos que esses meios de diferenciação não tenham sido criados e desenvolvidos localmente. Essas criações se davam a partir de múltiplos aspectos como a manipulação ativa e consciente da cultura material, da paisagem, das relações sociais, das histórias, dos papéis desempenhados por pessoas e das identidades individuais e coletivas. Isso não quer dizer, porém, que não houvesse um diálogo com outras regiões. Dentro de um

quadro mais amplo de complexas relações interregionais e de contatos de curta e média distância é possível observar que há uma circulação de ideias e pessoas, de inspirações e de novas respostas, que, embora se pareçam em diversos aspectos, não deixam de ser singulares e únicas em cada caso. Como Hill (1995: 65) colocou, esse jogo de “regionalizações”, no qual indivíduos criavam identidades próprias e distinções das mais diversas, é uma das características mais marcantes das diferentes experiências observadas ao longo da Idade do Ferro bretã (e europeia) e, talvez, questões como a diversidade, semelhança e especificidade de materiais, tal como é o caso observado na “cultura de Arras”, possam ser melhor avaliados a partir dessa ótica. Trabalhos recentes como os de Anthoons (2011), Halkon (2008), Giles (2007a-c; 2008a), Pope e Ralston (2011) e outros, vêm mostrando, a partir de diferentes temáticas, o quão enriquecedor e desafiador pode ser o estudo da Idade do Ferro bretã a partir dos achados de Yorkshire.

Ainda que a intenção possa ser considerada, sob determinados aspectos, ambiciosa, o presente trabalho não deixa de ser uma tentativa de contribuição a esse debate. Pretendo apresentar, assim, uma perspectiva diferenciada que seja capaz de abordar temas ainda hoje pouco discutidos no tocante aos estudos da Idade do Ferro bretã, como, por exemplo, questões associadas a relações de gêneros, estabelecendo ainda um diálogo entre disciplinas e áreas do saber como a História e a Arqueologia. Tendo como foco exclusivamente o território de Yorkshire Wolds e seus arredores, onde enterramentos com carros foram descobertos, o interesse estará direcionado a debater de que modo questões associadas a gênero e diferenças sociais foram construídas a partir das práticas mortuárias, tomando como ponto de partida investigativo a cultura material de que dispomos nos dias atuais vinda dessas antigas tumbas com carros.

Capítulo 2

“Digging up the past”:

Um histórico das descobertas de enterramentos com carros em Yorkshire

"[Archaeology is] not what you find, it's what you find out." (HURST-THOMAS, 1989: 31)

As primeiras evidências concretas da presença de enterramentos com carros da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas remontam a meados do séc. XIX. É possível perceber que boa parte dos achados até hoje encontrados se deu durante esse século, o que de certa forma representa um desafio para os estudiosos devido às condições em que alguns objetos e descrições chegaram até nós.

É preciso destacar que, naquele momento, boa parte das escavações e pesquisas realizadas era feita por antiquários, indivíduos relativamente abastados, vindos de um ramo frutífero do comércio, de famílias nobres ou clérigos com tempo suficiente para se dedicarem aos estudos dos “antigos povos”. Esses *gentlemen* eram motivados, em geral, por interesse ou curiosidade sobre quem seriam os primeiros habitantes e antepassados que viveram naquele solo havia milhares de anos e, da mesma forma, por um particular hábito de colecionismo dentro de uma ótica civilizacional¹² (LAING, LAING: 1995: 10; cf. MARSHAL, 2005). Mais ainda, a partir da comparação cada vez mais frequente entre achados em sítios como os de Champagne (França), La Tène (Suíça) e outros, os anos de 1870 em diante presenciaram um fortalecimento da ideia de que os “celtas” históricos – já amplamente estudados sob um aspecto linguístico e a partir dos textos clássicos, no bojo da celtomania e dos movimentos intelectuais, românticos e nacionalistas europeus de um século antes – poderiam ser identificados a partir dos

¹² Marshal (2005: 22), a respeito do colecionismo, chegou mesmo a afirmar que “a relação entre coleção, razão e linguagem não pode ser desprezada, pois encontra-se nas raízes culturais de boa parte da humanidade e dela decorrem as demais especializações históricas que hoje conhecemos”.

achados arqueológicos, culminando com a criação de hipóteses invasionistas (COLLIS, 2006; CUNLIFFE, 1997: 16).

Tornou-se, ao mesmo tempo, notadamente comum nesse período, o estudo de outras comunidades contemporâneas tidas como “primitivas”, dentro de uma lógica marcada pelas práticas imperialistas dos séc. XIX e início do XX. Essas “rudes populações”, portanto, forneciam uma analogia útil para a escrita da História e o estudo da cultura material advinda da Antiguidade, permitindo traçar uma evolução das “raças” de acordo com o que pressupunha Lubbock (1865: 416): “se nós desejarmos entender perfeitamente as antiguidades da Europa devemos, então, compará-las com os rudes implementos e armas ainda hoje, ou até pouco tempo, utilizados pelas raças selvagens de outras partes do mundo”. Não é por acaso que o título da obra de John Lubbock aqui referida (“Tempos Pré-históricos tal qual ilustrado pelos Antigos Resquícios e as Maneiras e Costumes dos Modernos Selvagens”¹³) se assemelhe tanto aos artigos publicados a respeito dos antigos habitantes de Yorkshire, como talvez o melhor exemplo seja o do material redigido por Wright (1857) intitulado “Sobre os resquícios de um povo primitivo no canto sudeste de Yorkshire”¹⁴.

Parece-me uma postura pedante e cientificamente inválida considerar que o séc. XIX seja “irrelevante e academicamente morto” devido à boa parte dos mitos e anacronismos criados naquele momento, como defendeu Collis (1997: 197). Sem dúvida, o período que compreende do séc. XVIII às primeiras décadas do XX foi marcado por um conjunto de movimentos nacionalistas, neo-pagãos e românticos e, da mesma forma, pelo surgimento de concepções anacrônicas como as de um suposto matriarcado celta, a existência de grandes ondas de invasão e imigração em larga escala e o entendimento de que estas populações viviam em um estágio claro de primitivismo social¹⁵. No entanto, tal como Cunliffe (2003), acredito ser possível entender que, embora marcados por nacionalismos, concepções raciais, sentimentos românticos e nostálgicos –hoje, todos considerados inadequados – a contribuição fornecida pelos intelectuais de alguns séculos atrás deve ser levada em consideração e respeitada, já que representa, de certo modo, os primeiros passos no surgimento de um importante campo

¹³ No original em inglês: *Prehistoric Times, as Illustrated by Ancient Remains and the Manners and Customs of Moderns Savages*

¹⁴ Original em inglês: *On the remains of a primitive people in the South-East corner of Yorkshire.*

¹⁵ Válido ainda notar que uma quantidade considerável da produção mais recente do século XX e do XXI vem buscando justamente contestar e desconstruir boa parte desses modelos. Todavia, uma parcela considerável continua presente nos dias atuais, sobretudo no senso comum, sendo frequentemente ressignificada, readaptada e difundida a partir de novas dinâmicas e meios de expressão e comunicação como filmes e a internet (cf. BIRKHAN, 2009; DIETLER, 2006).

de estudos – para a História, para a Arqueologia e para os chamados Estudos Célticos. Longe de ser um período “morto”, ao contrário, creio ter se tratado de um dos momentos de maior entusiasmo pela pesquisa, ainda que com diversas limitações impostas pelo contexto de estudos e pela época, se comparados às condições de que dispomos nos dias atuais.

Não é minha intenção tecer um estudo sobre os procedimentos museológicos, históricos e arqueológicos da virada do século XIX para o XX; tampouco, julgar como adequados ou inadequados, melhores ou piores, corretos ou equivocadas as técnicas e os métodos empregados durante aquele período. O que aqui interessa é o estudo da cultura material descoberta nesse momento, levando-se em conta os contextos de suas descobertas, bem como sua pertinência e relevância para o estudo das práticas mortuárias entre os antigos bretões. Gostaria, portanto, de vincular a referida cultura material diretamente ao objeto de estudo proposto nesta dissertação: os enterramentos com carros de duas rodas na região dos Wolds e seus arredores. Para isso, proponho, agora, mapear e construir um histórico da própria formação desta temática; dito de outra forma: proponho destacar como o objeto tema de debate nesta dissertação foi aos poucos, ao longo de séculos, sendo construído a partir de diferentes descobertas arqueológicas e contribuições intelectuais.

2.1. Arras

As duas primeiras inumações acompanhadas por veículos foram encontradas no sítio que posteriormente passou a identificar e rotular toda a cultura material da Idade do Ferro, encontrada em boa parte da região dos Wolds: “Arras”. Apesar de possuir o mesmo nome de uma cidade no norte da França (Arras: capital do departamento de Pas-de-Calais), trata-se de um falso cognato, uma vez que a Arras de Yorkshire, área rural situada próxima a Market Weighton, derivou-se inicialmente do nome “Erg”, passando pelas variações medievais “Herges” e “Erghus”, até no séc. XVI ser definitivamente chamada de Arras (SMITH, 1937: 230).

Historicamente, o local fazia parte de um vilarejo medieval que foi, com o tempo, sendo gradualmente abandonado e esvaziado já que a região, como demais partes dos Wolds, passou a ser destinada aos pastos de criação de ovelhas, o que acabou contribuindo para uma relativa preservação e proteção de boa parte dos arredores até a chamada “revolução agrícola” que se deu na Inglaterra por volta do séc. XVIII.

(STEAD, 1979: 7). De fato, ao longo de anos e anos, indícios da paisagem pré-histórica tais como montículos e estruturas de terras permaneceram relativamente visíveis e bem preservados, despertando a atenção e curiosidade de diversos antiquários. O melhor exemplo disso é o de que, em 1699, Abraham de la Pryme, famoso antiquário inglês, teve a possibilidade de identificar centenas de montículos funerários (que ele, então, julgava como romanos) em Arras, atestando o evento em seu diário, junto ao seu desejo de escavá-los (JACKSON; de la PRYME, 1870: 200).

A região, entretanto, só foi de fato escavada em torno de 1815-1817 por um time liderado pelo reverendo E. W. Stillingfleet¹⁶ e por B. Clarkson, coincidindo com a descoberta dos dois primeiros enterramentos com carros na região: o “King’s Barrow” (A.1) e o “Charioteer’s Barrow” (A.2). É possível estimar a partir de estudos e relatos que, na época, centenas desses montículos ainda pudessem ser vistos na paisagem; pouco tempo depois, devido à intensificação das atividades agrícolas na região, em 1855, quando um mapa da região foi traçado pela Ordnance Survey, apenas 31 deles ainda eram visíveis e, em 1910, quando o mapa foi revisto, o número total caiu para 13 (STEAD, 1979: 7)¹⁷.

Parte integrante de um cemitério composto por centenas de inumações, os enterramentos com carros em Arras logo se destacaram pelos achados encontrados no interior das respectivas tumbas. Isso porque a maioria dos túmulos encontrados na região consistia basicamente em inumações situadas individualmente debaixo de montículos, algumas vezes em decúbito dorsal, em outras ocasiões quase sempre fletidas, orientadas no sentido norte-sul e em sua grande maioria desacompanhadas de quaisquer bens que fossem, sendo rara a presença de cerâmica e de ossos de animais no interior das tumbas (cf. GREENWELL, 1906).

¹⁶ Edward William Stillingfleet desempenhava a atividade de vigário em South Cave e provinha de uma tradicional família da qual diversos membros haviam exercido, igualmente, funções eclesiásticas. Além de ter participado da escavação de centenas de túmulos em Arras, o religioso esteve ainda envolvido em uma série de atividades semelhantes entre os anos de 1817-1824. Já Barnard Clarkson, morava em Holme-on-Spalding-Moor e era apenas um colecionador apreciador de antiguidades. Stead (1979: 7) destaca que nenhum dos dois chegou a se tornar uma personalidade relativamente conhecida em um contexto maior em suas épocas, já que ambos falharam em divulgar, atrair a atenção para e fazer conhecidos os resultados de seus trabalhos.

É provável, ainda, que o médico Thomas Hull, de Beverley, estivesse também envolvido indiretamente na empreitada – Hull, ainda que não tenha participado das escavações em Arras, parece ter recebido parte dos achados das tumbas para análise e, além disso, já possuía a prática de participar em escavações, como fizera em Bishop Burton (HAYTON, 2006: i; STEAD, 1979: 7).

¹⁷ Stead (1979: 7) menciona ainda que quando ele próprio inspecionou a região em 1959 apenas “três montículos podiam ser vistos – com os ‘olhos da fé’” - e que “hoje, não resta mais nenhum”.

Não por acaso, o primeiro túmulo com carros encontrado foi logo identificado pelos trabalhadores e, em seguida, batizado por Stillingfleet como pertencendo a um “rei” e, portanto, com a alcunha de “King’s Barrow” (cf. STILLINGFLEET, 1846). No interior desse túmulo foram encontradas as partes desmontadas de um veículo de duas rodas acompanhando o esqueleto de um homem (possivelmente em posição fletida, cf. GREENWELL, 1906: 279, b), orientado no sentido norte-sul com a cabeça ao norte. Uma análise da cova revelou a presença de aros, pinos e anéis de rodas, embocaduras e anéis de rédeas que compunham a parrelha em número de cinco. Além da presença da ossada de dois porcos que acompanhavam o morto, evidências permitiram, ainda, a identificação de restos mortais de cavalos no interior da tumba, que, segundo Stillingfleet (1846: 28-30), encontravam-se em número de dois, cada qual em um canto ao lado do morto. Boa parte da ossada dos cavalos perdeu-se com o tempo, mas alguns dos ossos permaneceram e estão preservados até os dias atuais (cf. LEGGE, 1984 *apud* ANTHOONS, 2011: 54). A análise osteoarqueológica parece indicar que os animais mediam aproximadamente 1,30m de altura (LEGGE, 1984 *apud* HAYTON, 2006: i). Sobre o morto repousavam, também em cada lado, as rodas desmontadas do veículo.

É possível afirmar que alguns dos objetos encontrados apresentassem uma visível intenção ornamental em sua confecção, como é o caso dos cinco anéis de rédeas com adornos no formato de pequeninos discos duplos (semelhantes a lábios) que variavam de número em cada objeto. Outros artefatos como as embocaduras parecem ter sido intencionalmente depositados na cova sem apresentar quaisquer sinais de uso e desgaste (STEAD, 1979: 49). Ainda que o “King’s Barrow” não tenha chegado a ser precisamente identificado no mapa do cemitério de Arras, que foi confeccionado em 1816 por William Watson – sua localização parece oscilar entre os números 43 e 55 – é sabido, no entanto, que se encontrava próximo ou à beira de uma grande via/caminho de acesso que havia na região (cf. STEAD, 1979: 9). Não obstante, não bastou muito para que, na ocasião, fosse descoberto um segundo enterramento que apresentasse, também, um veículo no interior da cova.

O “Charioteer’s Barrow” tinha medidas relativamente menores e modestas se comparado ao enterramento anteriormente mencionado; contudo, todo o agrupamento típico de objetos pertencente a um enterramento com carros foi encontrado. A escavação revelou, inclusive, alguns artefatos particulares, até então, sem paralelos: um “estojo” de bronze em formato tubular-córneo com algumas placas e discos de metais. É possível que tais placas compusessem um escudo (GREENWELL, 1906: 282;

STILLINGFLEET, 1846: 30). Igualmente notável foi a descoberta de dois pinos de rodas – tendo apenas um deles chegado até nós –, feitos não de metal, mas de material orgânico animal. Na época, interpretado como a presa de um javali (STILLINGFLEET, 1846), o objeto consistia basicamente em um pedaço da galhada de um cervídeo, cuidadosamente polido e trabalhado, a fim de funcionar como pino de sustentação para a roda (cf. STEAD, 1979: 45). Poucos registros foram feitos a respeito do esqueleto da pessoa enterrada; seu sexo biológico permanece, igualmente, não identificado, embora Stillingfleet (1846), na época, estivesse certo de que se tratasse de um homem e, mais ainda, um “guerreiro e valoroso caçador”. No entanto, pouca informação útil pode ser daí retirada, além dos próprios valores de época do autor. De fato, o primeiro enterramento registrado de uma mulher acompanhada por um carro só foi trazido à luz aproximadamente 60 anos depois, na mesma região.

O chamado “Lady’s barrow”, assim apelidado por Fox (1958: 6), foi descoberto em 1877 devido às ações de alguns homens que trabalhavam em um poço de mina na região de Arras. Uma vez que a notícia de sua descoberta tornou-se conhecida nos arredores, o reverendo Greenwell¹⁸ tratou, então, de se apresentar no local e interrogar os trabalhadores, tendo examinado a cova e coletado pessoalmente os materiais encontrados. Dentro da tumba foi encontrado o esqueleto de uma mulher acompanhado dos pedaços desmontados de um carro de duas rodas e demais mobiliário funerário. Dentre estes, incluíam-se as ossadas de dois porcos, a parte de um objeto de bronze que muito provavelmente deveria compor um chicote (cf. STEAD 1965: 91; 1979: 22) e um espelho de ferro e bronze. O enterramento parece ter causado certas inquietações na época, sobretudo no tocante às questões de gênero: tendo observado pessoalmente o esqueleto, o próprio Greenwell parecia convencido de que se tratava de uma mulher, mas via-se diante de um difícil impasse e não tardou por escrever: “seria uma grande imprudência adentrar em qualquer consideração que seja sobre a ocorrência de um carro

¹⁸ Frequentemente conhecido como reverendo ou *canon* – título comum em inglês aos membros do corpo eclesiástico, sejam eles padres ou ministros de uma paróquia – devido a sua posição como clérigo, William Greenwell (1820–1918) destacou-se em sua época por sua paixão e dedicação aos estudos de artefatos e achados históricos. Tendo nascido e vivido em Durham, o homem dedicou boa parte de seu tempo ao estudo das antiguidades do norte bretão, mas com o tempo seus interesses permitiram-no escrever e publicar obras que cobrissem temas como a Pré-História nas Ilhas Britânicas, no continente europeu e, em alguns casos, no Oriente Próximo. De suas obras, destacam-se *British Barrows* (1877), *Votive Armour and Arms* (1881), *The Elekctrum Coinage of Cyzicus* (1887) e *Early Iron Ages Burials in Yorkshire* (1906). Além das correspondências mantidas com outros estudiosos contemporâneos como J. R. Mortimer, Greenwell tornou-se *fellow* de diversas sociedades de antiquários de sua época como Society of Antiquaries of London e sua produção pode ser considerada como inovadora, em um misto de abordagem antiquária e arqueológica (O’CONNOR & GRAVES, 2003: 29).

junto a[o enterramento de] uma mulher ou de um espelho com um homem” (GREENWELL, 1877: 457). Face ao problema levantado pela descoberta, o esqueleto foi logo, então, enviado ao professor Rolleston para uma análise mais cuidadosa. O relatório final, de acordo com as suspeitas de Greenwell, acabou por identificar a ossada como, de fato, pertencente a uma mulher: mais especificamente, uma mulher de cerca de 1,52m que teria morrido com a idade aproximada de 35-40 anos.

É correto afirmar que o “Lady’s Barrow” (A.28) não foi o primeiro túmulo descoberto na região onde o corpo de uma mulher fora inumado acompanhado por bens de prestígio. Muito pelo contrário, um bom exemplo é o de que, ainda em 1816, Stillingfleet havia descoberto sobre um montículo de 90cm e uma cova de 30cm de profundidade, um enterramento feminino – conhecido como “Queen’s Barrow” (A.4) –, onde pôde-se observar a presença de uma fíbula, um pingente, dois braceletes, três anéis feitos respectivamente de ouro, bronze e âmbar, um conjunto de itens para higiene pessoal, e um colar de contas¹⁹ azuis (cf. STILLINGFLEET, 1846: 27-8). Por outro lado, os achados em A.28 representaram, sim, a primeira evidência bem documentada de um processo de inumação praticado na Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas onde uma mulher possuía, como acompanhamento no *post-mortem*, um veículo intencionalmente desmontado, cujas partes foram depositadas junto ao seu corpo no interior da cova. A descoberta permaneceu, durante muito tempo sem paralelos. Haveria de esperar um intervalo de 107 anos até que um achado semelhante viesse novamente ser trazido à luz, em Wetwang Slack pelas mãos de John Dent.

Todos os objetos dos mais de 300 túmulos escavados por Greenwell no norte bretão foram vendidos em 1879 ao British Museum, incluindo-se aí os achados em A.28. Os achados anteriores pertencentes à coleção de Stillingfleet foram destinados, após sua morte, ao Yorkshire Museum.

2.2. Beverley

Pouco antes do terceiro achado em Arras, em 1875, o *canon* Greenwell havia se deparado com um outro enterramento com veículo de duas rodas. Na ocasião, ele estava escavando a área de Westwood em Beverley, onde “havia alguns pequeninos montículos” dos quais dois deles foram abertos e explorados pelo reverendo

¹⁹ Pequenas peças no formato de glóbulos empregadas como adereços em joalherias.

(GREENWELL, 1877: 456; 1906: 278). No primeiro, nada foi encontrado: os ossos apresentavam-se em avançado estado de decomposição e nenhum bem funerário pôde ser identificado. No segundo, ainda que o esqueleto igualmente não tenha sobrevivido à ação do tempo e do solo sendo, portanto, impossível supor informações sobre sua posição no interior da cova e seu sexo, Greenwell pôde encontrar alguns objetos de metal que atestavam a presença de um carro. Dentre eles se incluem os (dois) aros e (quatro) anéis das rodas, duas embocaduras e resquícios de anéis de rédea. É possível que demais bens não-metálicos, como as ossadas de porcos, tivessem sido depositados junto à pessoa falecida, no entanto, nenhum outro item foi encontrado, o que se deve em parte ao estado de decomposição causado pela ação do solo e, por outro lado, às limitações das técnicas arqueológicas da época. Tal como ocorrido com o Lady's Barrow, os achados escavados em Beverley foram adquiridos em 1879 pelo British Museum.

Posteriormente Stead (1965: 104) identificou, graças à ajuda de Rodney Mackie, um terceiro montículo no mesmo local – onde se encontravam, na ocasião, no mínimo dez tumbas do mesmo tipo (STEAD, 1979: 98) – cercado por uma trincheira quadrangular no estilo de boa parte dos enterramentos da Idade do Ferro da “cultura de Arras”. Nenhum outro enterramento com carro foi encontrado, mas é provável que as tumbas fizessem parte de algum complexo funerário, hoje não mais visível.

2.3. Danes Graves

O sítio tradicionalmente conhecido como “Danes Graves”²⁰ localizava-se nos Wolds, em uma junção entre os atuais territórios de Drifffield, Kilham e Nafferton, consistindo em uma ampla região marcada pela presença de montículos funerários e, em sua extremidade norte, uma série de estruturas de terras (cf. MAULE COLE, 1897). Estima-se que este seja um dos maiores cemitérios da Idade do Ferro já registrados nas Ilhas Britânicas e na Europa, com aproximadamente 500 túmulos (GREENWELL, 1865: 108, n.7; WRIGHT, 1903: 66)²¹. Até o final do séc. XIX e início do XX, 197

²⁰ O local fora assim apelidado porque tradicionalmente a população local pensava que os enterramentos remetiam ao período de ocupação dinamarquesa na região durante a Idade Média. (GREENWELL, 1906: 259; JEWITT, COX, ALLEN, 1897: 255)

²¹ O único cemitério que parece superar as Danes Graves encontra-se em Burton Fleming, também em ERY, onde mais de 500 montículos foram identificados; alguns outros grandes cemitérios desse mesmo tipo foram encontrados na região de Yorkshire, como os de Eastburn, contendo 70 montículos funerários e Scarborough Park, com 170 túmulos (CUNLIFFE, 2005: 546).

desses túmulos ainda eram visíveis e foram plotados pela Ordnance Survey (MAULE COLE, 1897: 300; MORTIMER, 1897, pl. II).

Diversos indivíduos chegaram a escavar a região em diferentes momentos: alguns membros do Yorkshire Antiquarian Club, em 1849, trabalharam em 6 montículos; o *canon* Greenwell, em 1864, abriu 14 outros montículos e, finalmente, após algumas disputas e impedimentos, Mortimer²² pôde levar à frente, em 1897, as escavações no local (STEAD, 1979: 16-17).

Em julho do mesmo ano, ao escavar um montículo de número 13, Mortimer se deparou com um achado curioso: uma dupla inumação. Na cova de formato retangular com cantos arredondados, constavam dois esqueletos de adultos do sexo masculino flexionados sobre o lado direito e esquerdo, respectivamente, estando um ao norte e outro ao sul. Próximos aos esqueletos, no canto oeste, foram encontradas partes de um carro de duas rodas desmontado, a saber: os aros, anéis e pinos de rodas, duas embocaduras e anéis de arreios. Junto ao esqueleto situado ao norte, constavam ainda um broche feito de ferro e bronze e alguns ossos de porcos.

Até os dias atuais, este é o único caso descoberto onde dois indivíduos foram enterrados na mesma cova acompanhados por um carro. A hipótese levantada por Mortimer (1905: 359), isto é, de que se trataria de um enterramento de um homem acompanhado pelo seu cocheiro, não pode ser sustentada, pois a ausência de materiais ósseos que não sobrevieram até os dias atuais impossibilita qualquer tipo de análise osteoarqueológica e considerações mais profundas a respeito de uma possível afiliação e dados biológicos entre os indivíduos enterrados, a não ser de se tratarem de dois homens de idade adulta. Curiosamente, em Danes Graves, alguns outros casos acabaram por revelar a presença de mais de um corpo dentro de uma única cova. Exemplo disso é o túmulo de n.16 [46] que consistia em um pequeno montículo de \varnothing 9m e 1m de altura,

²² Considerados como um dos “pais fundadores da Arqueologia britânica” (HARRISON, 2010), John Robert Mortimer (1825 – 1911) nasceu e cresceu em Driffield na região dos Wolds, tendo rapidamente começado a se interessar pelo estudo da cultura material proveniente de outros momentos históricos, após uma visita, em 1851, a uma exposição no British Museum (HICKS, 1978: 28). Mortimer atuava profissionalmente como mercador de milho e os lucros dos negócios permitiram que ele dividisse seu tempo entre seus afazeres de comerciante e as escavações realizadas. De fato, a maior parte de seus trabalhos arqueológicos se deu entre os anos de 1863 e 1897 como reflexo do enriquecimento proveniente de suas atividades mercantis (HARRISON, 2010). Gozou de certo reconhecimento na época, sobretudo devido a sua dedicação e cuidados metodológicos – dava-se ao trabalho de traçar plantas, cobrir largas áreas de escavação, fazer anotações detalhadas, atentar para dados estratigráficos, coletar amostras de solo e de esqueletos para análises futuras – o que acabou por diferenci-lo da grande maioria de outros antiquários e simples colecionadores. Sua principal obra “*Forty years' researches in British and Saxon burial mounds of East Yorkshire*” representa um extenso e amplo apanhado de diversos anos de pesquisas realizados na região de Yorkshire e ainda hoje permanece como uma obra de referência.

onde se encontrou uma cova oval (2m x 1,6m e 75cm de profundidade) dentro da qual estavam depositados cinco esqueletos de crianças e adolescentes; salvo dois pequeninos braceletes, nenhum bem material foi encontrado (cf. STEAD, 1979: 100). Comparando-se estes dois casos com inúmeros outros provenientes de diferentes localidades em Yorkshire, é possível perceber que ao longo da Idade do Ferro fortes associações eram traçadas entre gênero (incluindo-se aí, questões de faixa etária), prestígio social e presença de mobiliário funerário no tratamento *post-mortem*, embora essas manifestações materiais pudessem variar de uma área a outra. A dupla inumação encontrada sobre o montículo DG.13 permanece, entretanto, como a única sepultura com carro localizada no cemitério de Danes Graves.

Durante sua vida, entre os anos de 1878 e 1911 (ano de sua eventual morte), Mortimer ergueu e manteve, às próprias custas, um museu em Driffield, onde exibia publicamente sua coleção. Com sua morte, toda sua coleção, mediante a compra em 1913 pelo C.el G. H. Clarke, foi cedida à cidade de Hull, onde agora se encontra no Hull and East Riding Museum (HARRISON, 2001; 2010).

2.4. Huggate

Em Huggate, uma série de montículos funerários permaneceu, igualmente, visível até boa parte do século XIX, tendo atraído durante algum tempo certos escavadores para a região, dentre eles, mais notavelmente, o Lord Burlington (STEAD, 1979: 24). A presença de um enterramento de carros na região é mal documentada, mas graças a Mortimer (1905), que teve o cuidado de relatar o ocorrido, é possível extrair algumas informações a respeito do achado. A descoberta deu-se no começo do século, quando R. Holtby estava trabalhando e nivelando o solo, pondo abaixo montículos e, em um dado momento de seus trabalhos, deparou-se com dois aros de ferro relativos a um veículo de duas rodas e diversos ossos (MORTIMER, 1905: 359). Nem os aros, o esqueleto ou os demais objetos que muito possivelmente deveriam estar dentro da tumba chegaram a ser estudados. Na época, os itens foram simplesmente carregados e transportados junto com o restante da terra devido ao trabalho do solo, sendo, portanto, descartados e destruídos.

Embora nenhuma informação extra ou dados relevantes possam ser retirados desse caso, tudo parece indicar que o achado de Huggate correspondesse, de fato, a um enterramento com carros semelhante aos demais encontrados nos Wolds.

2.5. Cawthorn Camps

Escavado por Thomas Kendall de Pickering em 1849, o enterramento localizava-se ao norte da região dos Wolds em North Yorkshire, em uma área chamada Limestone Hills, devido a sua geografia marcada pela presença de colinas e solo calcário. A descoberta foi documentada por Mortimer (1905: 361), que obteve os dados pessoalmente com Kendall e seu colega assistente, Thomas Dowson. O achado de Cawthorn Camps logo se revelou bastante curioso porque a primeira particularidade constatada no sítio foi a completa inexistência de uma cova: isto é, localizados abaixo de um montículo de 1m de altura, todos os achados encontravam-se diretamente depositados sobre o antigo nível do solo. Em seguida, outro fato ainda mais curioso, foi o de que as evidências materiais indicavam que o veículo não fora desmontado ao ser enterrado. Com efeito, a posição dos aros atestava que uma das rodas estava, devido à escavação, já inclinada e quase caindo no chão; entretanto, a segunda roda encontrava-se ereta, na vertical, não tocando por pouco o próprio topo do montículo por dentro. Mais ainda, as demais partes do carro como o cabo longitudinal que prende o corpo do veículo à parrelha, identificadas a partir de traços da madeira deixados no solo, permitiram verificar, a partir de seu posicionamento, que o veículo aparentemente não havia passado pelo típico processo de desmonte.

Cawthorn Camps representou, portanto, o primeiro caso onde um enterramento com carros fora descoberto na região norte de Yorkshire e, ao mesmo tempo, a primeira ocorrência onde um veículo da Idade do Ferro foi encontrado intacto em contextos mortuários nas Ilhas Britânicas. Durante as escavações, Kendall jamais chegou a encontrar qualquer ossada humana ou animal por causa dos desgastes causados pelo tempo e pelo solo, o que tornou impossível quaisquer considerações a respeito de dados biológicos da pessoa ali enterrada. Apesar das especificidades encontradas no local, a região de Cawthorn continha alguns outros montículos da Idade do Ferro, além de diversos outros de diferentes cronologias, que datam desde o Bronze até o período de ocupação romana. Alguns desses montículos permaneceram visíveis até os anos de 1950, com padrões e formatos de trincheiras cavadas de modo muito semelhante aos demais trabalhos localizados em outras regiões de Yorkshrie (MORTIMER, 1905: 361; STEAD, 1961: 47). Quanto aos achados descobertos por Kendall, todas as partes relativas ao enterramento com carro foram destinadas ao Yorkshire Museum, onde ainda hoje se encontram.

2.6. Seamer

É possível dizer que o achado de Seamer represente um dos mais problemáticos e lacunares em termos de documentação. Poucas considerações ou dados podem ser extraídos desta descoberta e não fosse os cuidados de Mortimer em coletar materiais e informações, talvez jamais soubéssemos de sua existência. Mortimer adquiriu conhecimento do caso, segundo diz, em 15 de dezembro de 1879 quando, então, um dos guardas que trabalhavam na estação de Seamer lhe relatou a descoberta (cf. MORTIMER, 1905: 358). Ao que tudo indica, o enterramento foi descoberto em torno do ano de 1862 pelos homens que trabalhavam na construção da ferrovia. Dentro da tumba, os sujeitos constataram a presença de ossos, pedaços de ferro, resquícios de um cavalo e de um carro. Nenhum traço de madeira deixado no solo foi identificado e tanto os aros como os anéis das rodas encontravam-se quebrados e corroídos. Os materiais metálicos foram recolhidos do interior da cova pelos próprios trabalhadores que depois venderam os pedaços de ferro. Apesar da escassez documental, se de fato alguma credibilidade puder ser atribuída ao relato desta descoberta, tudo parece apontar para o fato de que o achado em Seamer tenha se tratado de uma inumação acompanhada por carros ao modo das demais encontradas nos Wolds durante a Idade do Ferro (STEAD, 1965:96).

2.7. Middleton-on-the-Wolds

A descoberta do enterramento em Middleton se deu no ano de 1888 em condições praticamente idênticas ao achado de Seamer. Novamente, o único relato bem documentado encontra-se em Mortimer (1905: 359-360), que chegou a entrevistar um dos homens que escavou o túmulo. Na ocasião, a inumação foi trazida à luz pelos operários que estavam envolvidos na construção da linha ferroviária entre Enthorpe e Middleton, quando, ao cortarem parte do solo de calcário, os homens se depararam com uma quantidade de “ossos e metais enferrujados” (MORTIMER, 1905: 360). Nenhuma nota foi tomada em relação à medida da tumba, orientação do esqueleto ou formato da cova e como era de se esperar, de acordo com o contexto de sua descoberta, os bens encontrados no interior da sepultura se tornaram espólios divididos entre os próprios operários que não chegaram, entretanto, a prestar muita atenção aos objetos. Tudo

parece indicar que se tratava de um enterramento com carros; diferentemente do ocorrido em Seamer, Mortimer desta vez foi capaz de ter acesso, ao menos, a uma evidência material concreta, graças a um dos operários com o qual conversou e entrevistou a respeito do achado e que, naquela circunstância, havia colocado “dois ou três objetos nos bolsos” (MORTIMER, 1905: 360). O sujeito chegou a dar para Mortimer um dos artefatos: um pino de rodas que media 135mm, com corpo de ferro e terminais trabalhados em bronze²³. O artefato, além de possuir uma visível semelhança com o pino achado em Arras no “King’s barrow” (A.1), parece corroborar o relato dos trabalhadores e as suspeitas levantadas por Mortimer (1905) de que o achado em Middleton poderia, de fato, corresponder a um enterramento com carro. Mais ainda, pelas características do único objeto restante, auxilia a precisar que o enterramento pertencia seguramente à Idade do Ferro. Nenhum outro material metálico ou ósseo chegou até os dias atuais ou a Mortimer na ocasião. O pino doado pelo trabalhador teve o mesmo destino de boa parte da coleção de Mortimer e encontra-se hoje no Hull and East Riding Museum.

2.8. Hornsea

Uma nota não publicada pelo Yorkshire Museum, reproduzida por Stead (1965: 93), aponta um suposto enterramento com carros descoberto por Morfitt²⁴ no começo de 1904 na localidade de Hornsea. De acordo com as anotações, o homem teria se deparado com um enterramento na ocasião em que estava escavando uma colina nomeada “Gravil bed”. Dentro da tumba – que jamais chegou a ser descrita quanto a seu formato, medidas e orientação – Morfitt diz ter descoberto duas pontas de lança e partes de um veículo de duas rodas: os aros das rodas e anéis de rédea, todos bastante corroídos. Nenhuma ossada foi encontrada e presume-se que isso se deva ao alto grau de decomposição dos achados. Nenhum dos artefatos mencionados chegou até os dias atuais e pouca informação útil pode ser extraída deste caso.

²³ Os outros dois itens se perderam e Mortimer jamais teve a oportunidade de vê-los (cf. MORTIMER, 1905: 360).

²⁴ William Morfitt (1831-1923) habitava em Atwick na zona costeira de Holderness a poucos quilômetros de Hornsea e vivia graças às rendas adquiridas no ramo da panificação. Ele se dedicou, contando com a ajuda de seus dois filhos, a diversas empreitadas arqueológicas nos arredores de onde morava e no final de sua vida sua coleção continha materiais diversos que abrangiam desde evidências geológicas a artefatos do Neolítico até o período medieval. (cf. MIESOWICZ, 1924: 57).

2.9. Hunmanby

Fruto de escavações em busca de minerais em uma pedreira perto da estação de trem de Hunmanby, a descoberta em maio de 1907 de um enterramento com carro no local se deu por um imprevisto e foi bastante prejudicada na época por causa de um pequeno desmoronamento de terra que ocorreu em consequência das atividades dos trabalhadores. Dada à natureza dos achados, Sheppard²⁵, com autorização de Parker – então proprietário das terras –, se encarregou prontamente do restante da operação, sendo auxiliado por C. G. Danford (cf. SHEPPARD, 1907).

Estima-se que cerca de cinquenta por cento da tumba tenha sido altamente danificada e que uma das rodas tenha chegado mesmo a tombar, na ocasião, junto com o desmoronamento. Apesar disso, Sheppard foi capaz de resgatar uma série de partes que compunham um carro de duas rodas e equipamentos de arreo como, por exemplo, os aros e porções dos anéis das rodas, pinos e rebites, uma embocadura e anéis de rédeas. Um conjunto de outros objetos de bronze também foi encontrado e um dos itens foi interpretado na época como correspondendo a uma parte de um escudo (SHEPPARD, 1907: 483-4)²⁶; interpretação esta que permanece relativamente bem aceita (cf. STEAD, 1979: 57). Em Hunmanby, apenas alguns fragmentos de material osteológico foram encontrados e incluem partes de ossos – não há como saber se humano ou animal – com mais dois dentes que pertenciam a um cavalo. Semelhante à descoberta do King's Barrow (A.1), o enterramento escavado por Sheppard também parece apontar para a presença de um cavalo depositado no interior da cova, próximo ao dono. Nenhum material ósseo, entretanto, restou para chegar a ser estudado posteriormente, ocultando qualquer possibilidade de considerações a respeito da pessoa enterrada.

No sítio em questão um dado singular é o de que o posicionamento das rodas aponta para o fato de que elas se encontravam na vertical e, não, deitadas no chão. Tanto Sheppard (1907) quanto Greenwell (1906) expressaram-se favoráveis à interpretação de que o veículo havia sido depositado do mesmo modo como era normalmente utilizado, isto é, sem ser desmontado. No entanto, uma vez que a

²⁵ Thomas Sheppard (1876 – 1945) teve um importante papel em Yorkshire no início do séc. XX exercendo a função de curador desde 1901 do então “Museu Municipal” em Hull - atualmente, Hull and East Riding Museum. Sheppard além de ser um colecionador de relíquias e artefatos, tinha uma política de incentivo e preservação de bens regionais e foi um dos principais agentes envolvidos na aquisição e permanência da coleção de Mortimer no museu de Hull. (cf. PEARCE, BOUNIA, 2000: 23).

²⁶ O mesmo argumento pode ser igualmente encontrado em um *post scriptum* de Greenwell (1906: 312) que tratou de adicionar duas páginas sobre a “recém-descoberta” feita em Hunmanby, em seu texto escrito um ano antes.

localização e disposição da maioria dos objetos no interior da cova não puderam ser precisadas devido aos desmoronamentos de terra, não há nada que indique que essa linha interpretativa esteja correta²⁷.

Todos os objetos foram destinados ao Hull e East Riding Museum onde Sheppard exercia, então, sua curadoria.

2.10. Pexton Moor

Tal como o enterramento de Cawthorn Camps, do qual o sítio em questão localizava-se a uma distância de apenas 8km, Pexton Moor se situa na região de colinas nomeadas Limestone Hills, em North Yorkshire. A descoberta de um enterramento com carro no local deu-se, originalmente, em 1911 com as ações do Dr. J. L. Kirk e de Oxley Grabham que, na ocasião, se depararam com uma das rodas do veículo em uma posição vertical sob um montículo feito de areia o qual se encontrava demarcado por uma visível trincheira quadrangular (KIRK, 1911: 26). Pouca atenção foi dada à descoberta e nenhum outro achado foi trazido à tona. A tumba só foi reescavada vinte e quatro anos depois, em 1935, por Miss. A. E. Welsford e só então alguns de seus aspectos se tornaram mais visíveis²⁸. Welsford foi capaz de encontrar a outra roda do veículo, cuja presença era indicada pelo aro e pelos dois anéis de roda. Novamente a posição observada era a vertical. A pouco mais de um metro ao sul de onde se localizava a roda, foi constatada ainda a presença de uma embocadura (STEAD, 1959: 215).

Graças às escavações de 1935, pôde-se constatar que buracos de 25cm de profundidade foram cavados no solo com o visível propósito de conter a parte inferior das rodas, mantendo-as em pé. Além da proximidade geográfica e da disposição das rodas do veículo – que muito provavelmente foi enterrado sem ser desmontado, de acordo com a configuração dos cortes na terra e o posicionamento das rodas em seu interior –, outro aspecto particular dos achados em Pexton Moor apresenta um grau de semelhança com o enterramento em Cawthorn Camps: a ausência de uma cova. Em Pexton Moor nenhuma cova foi cavada no chão e todos os materiais depositados

²⁷ De fato, outros casos de enterramentos da Idade do Ferro com carros já registraram a possibilidade de se encontrar um veículo desmontado com as rodas posicionadas na posição vertical e em ERY, setenta e oito anos após a descoberta de Hunmanby, um enterramento dessa mesma maneira foi escavado em Garton Station.

²⁸ O relatório final da escavação em Pexton Moore, entretanto, só foi publicado vinte e quatro anos depois e encontra-se em STEAD (1959).

encontravam-se no nível do antigo solo. Entretanto, nenhum material osteológico (humano ou animal) foi encontrado.

Os poucos achados foram transferidos para o York Castle Museum.

2.11. Um panorama das escavações

Como é possível perceber, os sítios mencionados foram quase sempre descobertos graças às empreitadas realizadas por diferentes antiquários–coleccionadores–primeiros arqueólogos, ou, em outras ocasiões, por mero acaso ou acidente – nestes casos, sobretudo como consequência das atividades de mineração e construção de malhas ferroviárias. Um dado a ser destacado é o de que nas circunstâncias de boa parte dessas primeiras escavações como em Arras, Huggate, Danes Graves e Cawthorn, parte considerável dos montículos funerários e demais aspectos da paisagem da Idade do Ferro envolvendo trabalhos de terraplanagem e resquícios de assentamentos possuíam, ainda, certa visibilidade. Ao longo do século XX, no entanto, essas características foram, na maioria dos casos, paulatinamente desaparecendo, em parte ocasionadas por trabalhos agrícolas e de mineração e em outra parte pela própria expansão urbana e industrial vivenciada em algumas localidades.

De todos os enterramentos até então descobertos, apenas as referidas inumações em Danes Graves chegou a ser representada em uma planta desenhada que indicava o formato da tumba e da cova, bem como o posicionamento dos mortos e dos objetos encontrados (MORTIMER, 1897: pl.ii; 1905: 359). Em outros episódios, como em Middleton, apenas um único objeto resistiu aos anos e às ações humanas que o escavaram, sustentando as evidências da existência de um enterramento ao qual em pouco ou quase nada podemos ter acesso hoje.

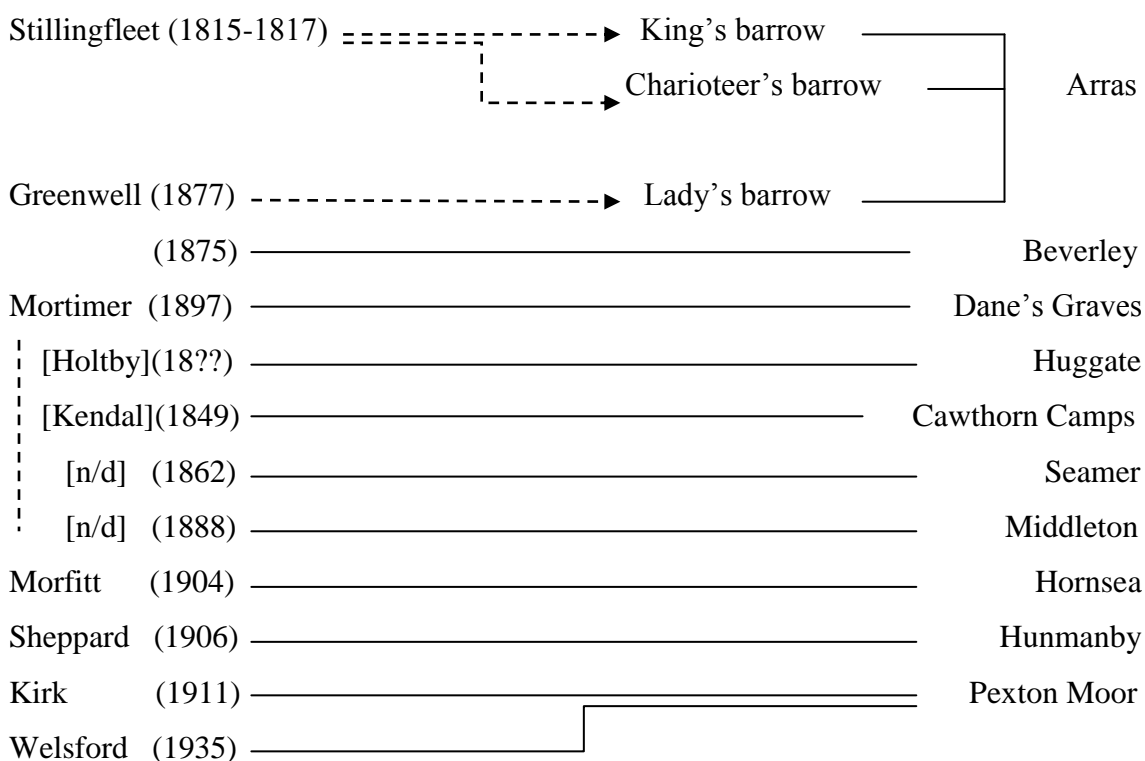
Entretanto, apesar das lacunas e desafios apresentados, a virada do séc. XIX e as primeiras décadas do XX representaram o primeiro esforço intelectual que buscou estudar e analisar de maneira mais aprofundada os enterramentos da Idade do Ferro com carros encontrados no norte bretão. Não obstante, considerações sobre a utilização de veículos de guerra por parte dos antigos bretões começaram a ser traçadas nesse momento. Tornaram-se, ainda, frequentes, discussões sobre a origem de tais carros, levantando-se hipóteses desde a produção local à importação fenícia (cf. MORTIMER, 1905: 364). Comparáveis começaram a ser buscadas nas obras homéricas, como a utilização de carros de combate na guerra de Troia (MORTIMER, 1905: 362). A ideia

disseminada *au fur et à mesure* era a de que os bretões foram capazes de preservar hábitos primitivos já perdidos no continente ao longo de toda a Antiguidade.

Interpretados quase sempre como guerreiros-caçadores e/ou reis, restava saber a qual grupo esses indivíduos enterrados se afiliavam: “a primeira questão que surge é sobre a raça ou a tribo que foi enterrada em Danes Graves e Arras e a qual divisão da família humana eles pertenciam”, colocou Greenwell (1906: 307). Apesar das visões evolucionistas e raciais – que em alguns casos podiam remeter suas origens até mesmo aos “velhos povos” do Antigo Testamento –, esse foi também o primeiro momento em que a cultura material encontrada em enterramentos espalhados pela região dos Wolds e seus arredores começou a ser articulada como um só grande objeto de estudo. Mortimer, por exemplo, chegou mesmo a dedicar um capítulo (“British chariots founds in Barrows chiefly in East Yorkshire”) da segunda parte de sua *chef-d'œuvre* exclusivamente ao tema (MORTIMER, 1905: 358- 364). Além disso, essa foi também a primeira ocasião em que semelhanças e divergências foram observadas entre práticas mortuárias da Idade do Ferro e suas antecessoras do Bronze, em Yorkshire, como as considerações traçadas pelo *canon* Greenwell em relação à posição contraída orientada no sentido norte-sul dos corpos encontrados em Danes Graves (GREENWELL, 1906: 286).

Descobertas, como a tumba de Arras (A.28), estimularam, ainda, algumas relevantes – ainda que tímidas – primeiras considerações a respeito de questões envolvendo dinâmicas de gêneros, levantando certos problemas a respeito da possibilidade de acúmulo de poderes por parte de algumas mulheres entre os antigos habitantes das Ilhas Britânicas. O procedimento consistia em interpretar a documentação arqueológica, de certa forma, à luz dos relatos clássicos, articulando-se os achados com figuras históricas presentes nos textos gregos e latinos, tais como Cartimandua e Boudica, respectivamente rainha dos brigantes e dos icenos, descritas por Tácito (cf. GREENWELL, 1906: 293-4).

Abaixo, encontra-se um organograma traçado com o objetivo de sintetizar todas as escavações mencionadas a partir de três critérios básicos: os responsáveis pela operação, o ano da descoberta e o sítio escavado.



Organograma 1: Escavações de enterramentos com carros em Yorkshire no séc. XIX e na primeira metade do século XX

As escavações apresentadas nas páginas a seguir foram realizadas a partir da segunda metade do século XX. Distinguem-se, portanto, das mencionadas anteriormente pela utilização das chamadas “técnicas modernas” e de cuidados até então inexistentes na maioria dos casos prévios. A utilização de varreduras com auxílio de equipamentos específicos como magnetômetro, a utilização de fotografias aéreas, o mapeamento extensivo da paisagem e de zonas mais amplas para além de um único sítio, a modelização em 3D de tumbas durante o processo de escavação e outros recursos representaram importantes fatores para o enriquecimento de pesquisas e de materiais disponíveis para o estudo das sociedades antigas, possibilitando que mais dados e materiais pudessem ser preservados e chegassem até nós. Contando com times interdisciplinares e arqueólogos especializados nesse tipo de trabalho de campo, quase sempre associados a importantes instituições britânicas de pesquisa e conservação como universidades e museus ou fundos para a preservação de patrimônio histórico, os

enterramentos com carros identificados nas décadas da segunda metade do século XX trouxeram consigo históricos de descobertas plurais. Ora correspondiam a um achado dentro de um processo maior de escavações em áreas circunvizinhas (assentamentos, cemitérios, etc.); ora suas descobertas foram intencionalmente estudadas e planejadas, analisando-se possibilidades e probabilidades e, em alguns outros casos, trataram-se de um mero fruto do acaso, misto de acidente, surpresa e sorte.

2.12. Garton Slack

Devido à conhecida presença de um complexo mortuário da Idade do Ferro em Garton Slack – evidenciada já pela existência de diversos montículos funerários destacados desde o começo do século por Mortimer (1905: 208-70) – um longo processo de escavação no local foi organizado em meados dos anos 60-70. Assim, de 1968 em diante, um grupo liderado por T.C.M.Brewster trabalhou intensamente na região chegando a escavar, em um total de quase dez anos, o equivalente a 106 acres (HAYTON, 2006: ii). Durante o processo, Brewster e sua equipe se depararam, em 1971, com um enterramento particular, único em todo o sítio escavado: tratava-se de uma inumação acompanhada por um carro. A descoberta logo ganhou notoriedade e chegou a ser considerada pelo jornal britânico *The Times* como um dos maiores achados arqueológicos do século. O enterramento consistia em uma cova retangular-trapezoidal que foi cavada no centro de uma área cercada por uma trincheira retangular coberta por um montículo. Dentro da cova, ao centro, constavam as duas rodas do veículo deitadas na horizontal e sobre elas o esqueleto de um homem de aproximadamente 30 anos e 1,75m de altura, flexionado sobre o lado esquerdo do seu corpo, estando a cabeça orientada para o norte (BREWSTER, 1971: 291). Mais ainda, foram descobertas as diversas partes do carro e do equipamento de arreo, que continham anéis de rédea, embocaduras, rebites²⁹ de ferro, dentre outros, e, ainda, as ossadas de um porco, cujo crânio foi partido em dois pedaços.

Após 36 anos passados desde a última escavação em Yorkshire, que acabou revelando parte de um enterramento com carros em Pexton Moor, o achado em Garton Slack representou um novo momento de pesquisas a respeito da temática. De fato, este foi o primeiro enterramento do tipo a ser escavado utilizando-se métodos arqueológicos

²⁹ Artigo de ferro utilizado para fixação, semelhante a um prego ou pino.

modernos e as consequências deste feito foram visíveis: pela primeira vez, por exemplo, foi possível identificarem-se e evidenciarem-se algumas partes de madeira que compunham o carro, como o cabo do veículo e os doze raios das rodas. Outro aspecto que representou um importante diferencial em relação aos dados disponíveis a respeito da maioria das escavações prévias, além do cuidado e conservação dos materiais, reside no fato de que Brewster foi capaz de traçar uma planta cuidadosa de todo o enterramento. Este aspecto representou uma significativa mudança, uma vez que, de todos os dez casos anteriormente discutidos, apenas os achados em Danes Graves chegaram a ter uma planta traçada por Mortimer (1897: pl.ii; 1905: 359). Além disso, as escavações em Garton Slack contaram ainda com um conjunto de fotos que documentaram os últimos momentos da operação, fotos essas tiradas por Peter Shorer (aéreas, tiradas de um avião monomotor Cessna) e por Simon Dove (fotos da equipe e da tenda de escavação) – ambos funcionários do British Museum, responsáveis pelo transporte e conservação dos materiais encontrados em Garton (cf. HAYTON, 2006: ii). Além da repercussão do achado na mídia, Brewster foi capaz igualmente de divulgar os resultados obtidos a partir das escavações em importantes meios de divulgação acadêmica através de periódicos como as revistas *Antiquity* e *Current Archaeology* (cf. BREWSTER, 1971; 1975), além de um relatório completo que cobriu todos os detalhes do enterramento, publicado alguns anos depois (BREWSTER, 1980).

Todos os achados foram depositados no British Museum. Brewster continuou a trabalhar na região dos Wolds até 1975 quando, então, por conta de sua aposentadoria, se retirou do trabalho de campo, que passou a ser conduzido por John Dent.

2.13. Wetwang Slack

Os achados provenientes de Wetwang Slack foram trazidos à luz no ano de 1984 graças a uma mistura de acaso e olhar atento. Na ocasião, Mick Ward, então responsável pelos trabalhos e extrações em uma pedreira, percebeu em uma dada altura de seus trabalhos – após o uso de um trator escavadeira no local – o contorno de uma possível tumba e parte de um crânio exposto. Ward, que havia presenciado às escavações de 1971 em Garton Slack e, ao longo dos anos, observado a descoberta de diversos outros enterramentos na região dos vales entre Garton e Wetwang³⁰, buscou

³⁰ Válido observar que exatamente entre o enterramento escavado em 1971 e o referido sítio em Wetwang Slack se encontrava um assentamento de tipo aberto acompanhado por um dos maiores cemitérios de que

auxílio junto às autoridades responsáveis. Após a notificação, uma equipe da Field Archaeology Unit (Humberside County Council) comandada por John Dent e com o auxílio da East Riding Archaeological Society e da Royal Corps of Transport foi enviada ao local (cf. DENT, 1985: 85).

Concentrada há pouco mais de 1km de distância do enterramento descoberto havia treze anos em Garton Slack, a nova investigação acabou por revelar a existência de cinco estruturas anexadas: uma estava vazia; quatro apresentavam uma cova escavada em seu interior, sendo que em três destas, três enterramentos acompanhados por veículos de duas rodas foram encontrados. Em sua disposição geográfica, as tumbas com carro aparecem alinhadas em sentido norte-sul e foram enumeradas como 1, 2, 3, a partir da tumba localizada na extremidade norte, onde as escavações arqueológicas se iniciaram. Ambas as partes leste-norte da tumba nº1 e norte da tumba nº3 foram severamente danificadas devido à utilização da escavadeira pelos funcionários que trabalhavam na pedreira e, portanto, parte do contorno das covas e dos materiais aí depositados foi destruída. Graças aos cuidados e técnicas utilizadas em seguida, durante o momento da escavação, uma porção considerável de ambos os enterramentos foi preservada e a tumba central (nº 2) permaneceu intacta e sem sinais de perturbação causada antes da chegada dos arqueólogos ao sítio.

Na ocasião, pôde-se constatar que todas as três tumbas continham uma inumação com o corpo em posição fletida e orientada no sentido norte-sul acompanhada por um carro desmontado e das demais partes como embocaduras, pinos de rodas e anéis de rédea. Embora a ossada encontrada em WS.1 estivesse voltada para oeste e as demais duas (WS.2 e 3) a leste, é importante observar que boa parte da configuração e disposição interna dos objetos nas três covas eram bastante semelhantes: nos três casos, as rodas estavam alinhadas ao centro, próximas ao esqueleto; o corpo do morto encontrava-se coberto pela caixa do veículo e o eixo do carro ficava localizado sempre ao sul. Além disso, todos os enterramentos estavam delimitados por uma estrutura similar de trincheira em formato quadrangular. Quanto aos mortos, uma análise osteológica permitiu identificar que os esqueletos correspondiam, respectivamente, ao de dois homens (WS.1 e 3) e uma mulher (WS.2), todos em idade adulta inicial (DENT, 1985: 87-88, 90).

se tem conhecimento (+450 inumações) que datam do séc. IV-II a.C. e que levaram mais de uma década para serem escavados (cf. CUNLIFFE, 2005: 549-550; DENT, 1982; JAY & RICHARDS, 2006: 654) .

Em mais de um aspecto, os achados de Wetwang Slack representaram um importante passo na renovação dos estudos direcionados às práticas mortuárias da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas. Não apenas foi este o primeiro – e até os dias atuais, o único (!) – caso registrado e bem documentado de três enterramentos com carros *vis-à-vis* no mesmo sítio, mas, também, foi nesta ocasião em que as primeiras evidências concretas da existência de armas no interior de enterramentos deste tipo foram encontradas. Até então, historiograficamente, inumações acompanhadas por veículos provenientes da “cultura de Arras” eram caracterizadas pela ausência de qualquer armamento depositado na tumba junto aos mortos (cf. STEAD, 1965: 5, 86). A presença de pontas de lanças de ferro espalhadas no interior da sepultura (WS.1) e de duas espadas encontradas sobre os corpos dos dois homens (WS.1 e 3) representou, portanto, uma quebra de paradigmas na ocasião. No enterramento central (WS.2), ainda que nenhuma arma tenha sido depositada, a descoberta de um espelho de ferro e de uma caixa cilíndrica de bronze [apelidada de *bean-tin* pelo seu formato (DENT, 1985: 90)], permitiram identificar a utilização de técnicas metalúrgicas e de decoração artística semelhantes às dos armamentos encontrados nas tumbas circunvizinhas (DENT, 1985). Os objetos, além de contarem com adornos estilizados com entrelaçados gravados no metal, possuíam ainda pequeninos botões de coral fixados em seu corpo, dando uma possível tonalidade avermelhada ao conjunto. Para além de questões artístico–tecnológicas e concernentes ao universo das armas, os achados de 1984 permitiram ainda evidenciar certa associação e construção de valores de gêneros a partir dos achados encontrados, embora essa temática não tenha sido posta em muita evidência ou destaque na época. Um dado não ignorado, no entanto, foi o de que a tumba feminina, curiosamente – além de sua posição central – era, das três, a de maiores dimensões: 9,6m traçando-se uma diagonal entre as trincheiras que delimitavam a cova, contra c.7m (WS.1) e c.6,6m (WS.3) das demais.

Após o término das escavações que se deram em dois momentos – tendo a tumba WS.3 sido escavada por último –, todos os achados foram transportados para Kingston upon Hull, onde se encontram até hoje no **Hull and East Riding Museum**.

2.14. Garton Station

Pouco depois das descobertas realizadas por Dent em 1984, outro enterramento com carros foi escavado no ano seguinte em Garton. O achado ficou batizado como o de Garton Station, pois se encontrava em um local situado relativamente próximo à estação ferroviária de Garton, distinguindo-o do sítio escavado em 1971 (Garton Slack). A descoberta foi liderada por Ian Stead que, então, desejava descobrir um enterramento com carros a fim de levá-lo para o British Museum e colocá-lo em exibição depois de analisado e estudado, já que em todas as últimas ocorrências os materiais descobertos tinham sido destinados ao Hull and East Riding Museum (HAYTON, 2006: ii). Esse fator foi crucial para o início das investigações, já que diferentemente das demais descobertas – identificadas, em parte, pelo acaso e, por outro lado, por sucessivas e lentas escavações de grandes sítios, assentamentos e cemitérios – o enterramento de Garton Station foi evidenciado a partir de uma busca intencional, precisa e direcionada, com um propósito claro. Para isso, a equipe formada por Stead contou com o auxílio de A.L.Pacitto que, na ocasião, fez uma varredura na região³¹ com um magnetômetro. O resultado acabou por atender às expectativas – dois sítios foram identificados: o primeiro se revelou como um conjunto de enterramentos medievais do período de ocupação anglo-saxã (+50 inumações), portanto tardio; o segundo, porém, correspondia a um enterramento com carro da Idade do Ferro, tal como esperado (STEAD, 1991: 29). Em 1985 os trabalhos foram iniciados.

Na tumba, que tinha um formato retangular coberta por um montículo, foi descoberto um esqueleto flexionado sobre o lado esquerdo, orientado no sentido norte-sul, acompanhado pelas partes de um veículo desmontado e pela ossada de um porco depositada no interior da cova, próximo ao crânio do falecido. Análises osteológicas permitiram identificar que o esqueleto enterrado correspondia ao de um homem de aproximadamente 35-45 anos de idade.

Apesar da ausência de objetos como espadas, joias e adereços, o enterramento de Garton Station apresentou as seguintes singularidades em relação às descobertas previamente feitas:

- (1) a tumba encontrava-se localizada próxima a Gypsy Race, estando, portanto, em uma área parcialmente banhada³²;

³¹ A presença de montículos funerários no local já era conhecida a partir de uma série de fotografias aéreas tiradas em 1984 por Dent.

³² Este fator representou ainda uma dificuldade na época, no tocante à manipulação e retirada do material ósseo do interior da cova, pois a parte superior do esqueleto encontrava-se fragilizada pela ação do tempo e das águas, fazendo com que boa parte das cavidades ósseas tivesse sido preenchida pelo barro formado

- (2) essa foi a tumba, até então, com a maior área interna registrada: 134 m²;
- (3) ambas as rodas do veículo encontravam-se desmontadas colocadas lado a lado, encostadas na parede, em uma posição vertical.

O enterramento de Garton Station tratou-se, assim, do primeiro caso conhecido escavado a partir do uso de técnicas modernas onde partes das rodas do carro foram intencionalmente deixadas na posição vertical. O veículo, no entanto, encontrava-se visivelmente desmontado e partes do cabo, do eixo e da caixa do carro indicam que o veículo tenha sido colocado sobre o morto, fazendo com que a caixa se tornasse um possível caixão (STEAD, 1991: 30). Os demais itens encontrados, como, por exemplo, os anéis de rédea, apresentam técnicas e elementos de decoração (botões de coral, motivos entrelaçados) semelhantes aos demais achados em outros enterramentos do mesmo tipo.

O material escavado em Garton Station foi dirigido ao British Museum, onde ainda hoje se encontra. No ano seguinte a sua descoberta, 1986, parte dos achados já estava em exibição em uma sessão nomeada “Arqueologia na Grã-Bretanha desde 1945”, tendo sido posteriormente exibida no Yorkshire Museum em uma exposição temporária intitulada “Tesouros de Yorkshire e Humberside” (STEAD, 1991: 29).

2.15. Kirkburn

Após as escavações em Garton Station, regiões vizinhas foram inspecionadas a partir de fotografias aéreas tiradas em alguns anos no começo da década de 80. O objetivo era fazer um estudo das áreas próximas a fim de se identificar outro possível enterramento com carro.

Stead e sua equipe se dirigiram, desse modo, a um sítio em Kirkburn, localizado a uma distância de apenas 400m ao sudeste do enterramento em GSt, onde a existência de cinco tumbas foi observada. Eis que em 1987, após iniciados os trabalhos, os homens se depararam novamente com uma inumação da Idade do Ferro acompanhada por um veículo de duas rodas (STEAD, 1991). O enterramento se localizava em uma região um pouco mais elevada que a de GSt e, para a surpresa dos envolvidos, apresentava uma

ao longo dos anos a partir do contato da terra com a água infiltrada. Os arqueólogos, contudo, foram capazes de retirar o esqueleto da sepultura sem danos, graças à utilização de “Quentglaze” – um selante à base de poliuretano (cf. HAYTON, 2006: ii; STEAD, 1991).

área interna ainda maior que a registrada anteriormente: 150m², a maior até hoje registrada para um enterramento deste tipo (cf. ANTHOONS, 2011: 52).

No interior da cova estava uma inumação orientada no sentido norte-sul e flexionada sobre o lado direito de seu corpo, entre as duas rodas do carro que se encontravam na posição horizontal. O esqueleto correspondia ao de um homem de aproximadamente 25–35 anos. Análises osteológicas das tumbas circunvizinhas em Kirkburn (K.3; K.4; K.6) indicaram, ainda, que o homem enterrado com carro (K.5) apresentava certo parentesco com os demais esqueletos encontrados no sítio, a partir de estudos de variação não-métrica craniana [p.ex., forame parietal] (STEAD, 1991: 135)³³.

Ao redor do esqueleto, anéis de rédea, embocaduras, pinos de rodas, e ossos de porcos foram encontrados. Além dos referidos artefatos, dois itens peculiares foram descobertos. Ao norte, próximo ao crânio do esqueleto, havia uma pequenina caixa em formato de D que, a partir de vestígios deixados, pôde-se constatar, era feita de madeira. O objeto possuía um conjunto de argolas, botões e uma borda, todos feitos à base de liga de cobre, permitindo que a parte metálica ficasse preservada. O segundo item – que na ocasião causou certa excitação por sua raridade, já que se trata de um objeto relativamente difícil de ser encontrado na maioria dos sítios da Idade do Ferro em toda a Europa – correspondia a uma cota de malha. O aparato havia sido colocado cuidadosamente sobre o corpo do homem enterrado e sua remoção de grande dificuldade, na época, para a equipe envolvida. De fato, boa parte dos itens que compunham a cota só foi possível ser identificada posteriormente, quando ela já se encontrava nos laboratórios em Londres, sendo submetida a fotografias de raio-X. Um relato completo a respeito do trabalho de remoção e estudo deste item pode ser encontrado em Dove e Goldstraw (1992). A vestidura possuía as medidas de 0,92m x 0,48m e era inteiramente, tanto as pequeninas argolas e fios que a compunham, feita de ferro. Datada como pertencente ao século III a.C., a cota de malha encontrada em Kirkburn permanece até os dias atuais como o objeto mais antigo desse tipo já encontrado nas Ilhas Britânicas e um dos mais antigos no continente europeu (STEAD, 1991: 56). Em Yorkshire, além de Kirkburn, apenas uma única cota de malha foi encontrada até o presente: ela advém do chamado “tesouro de Stanwick”, porém sua

³³ Para estudos de morfologia craniana relacionados aos estudos histórico-arqueológicos, cf. CRUBÉZY (1992); MAYS (1998); UBELAKER (1989). Para uma análise direcionada especificamente ao estudo da variação não-métrica craniana, conferir FINNEGAN (1978).

confeção é posterior: meados do séc. I d.C.. Nas demais partes das Ilhas Britânicas, algumas outras cotas foram encontradas na região do sul da Inglaterra (Lexden, Baldock, Woodeaton Temple, Maiden Castle); no entanto, todas elas pertencem à Idade do Ferro tardia, estando, deste modo, afastadas por uma distância temporal de dois séculos dos achados em Kirkburn (STEAD, 1991: 54-56).

Tal qual a descoberta em Garton Station, todos os achados de Kirkburn, incluindo-se, aí, os enterramentos vizinhos ao enterramento com carro, foram transportados para o British Museum, onde ainda hoje se encontram.

2.16. Wetwang Village

Em 2001, uma equipe formada pela Guildhouse Consultancy liderada por Adrian Havercroft trabalhava em um local que, em breve, seria transformado em um pequenino condomínio residencial em Wetwang. Os arqueólogos foram contatados antes do início das construções, pois traços de uma casa senhorial que datava da Idade Média haviam sido encontrados (HILL, 2002: 410). Próximo ao término das investigações planejadas, curiosamente, uma tumba com características da Idade do Ferro havia sido identificada. Situada em um local pouco comum para enterramentos do tipo – relativamente isolada no topo de uma colina proeminentemente acima do vale de Wetwang³⁴ –, a sepultura despertou a atenção dos arqueólogos que, então, passaram a trabalhar no local. Tendo-se começado a escavar a tumba, pôde-se perceber que se tratava de um enterramento com carros. Devido à importância do achado, uma nova equipe foi organizada e que, para além dos membros da Guildhouse chefiados por Havercroft, contava com o auxílio do British Museum, liderados por J.D.Hill, da Universidade de Durham, e da supervisão de Ian Stead. A descoberta repercutiu amplamente em diferentes meios de divulgação e mídias, ganhando certa notoriedade após um episódio filmado pela BBC para o programa “Meet the Ancestors” e a construção de uma réplica do carro encontrado no interior da tumba, comissionada pela emissora e exibida a seguir em diversos museus (nº.rg. no BM - CRM.1128).

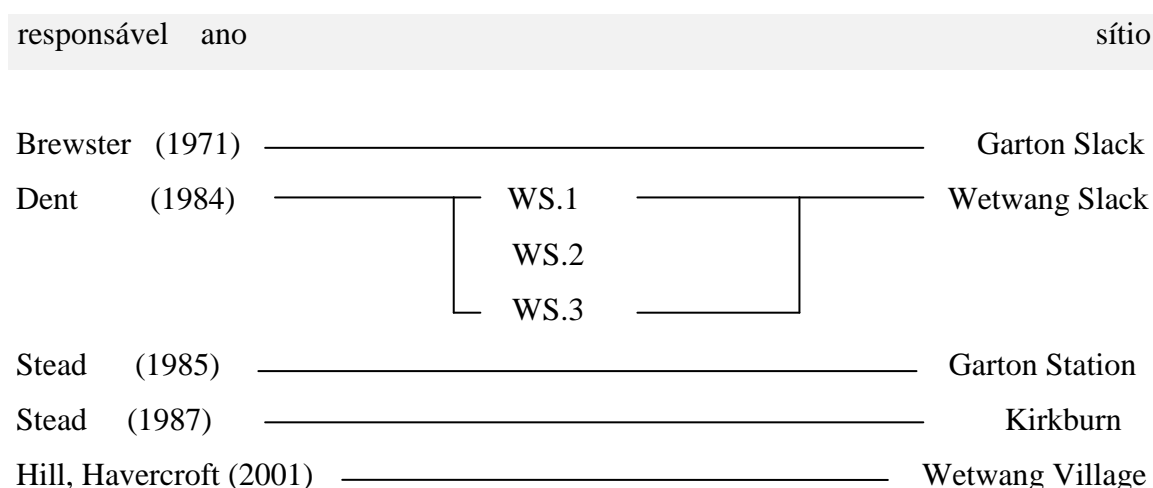
O trabalho de escavação acabou por revelar uma inumação com o corpo na posição fletida e orientado no eixo norte-sul, acompanhada pela ossada de porcos e pelas partes de um veículo de duas rodas dentro de uma cova de formato retangular-

³⁴ Wetwang Slack, local onde J.Dent encontrou três enterramentos com carros no ano de 1984.

trapezoidal. Análises osteológicas permitiram a identificação do esqueleto: tratava-se de uma mulher de 35–45 anos e de 1,72m de altura. Os itens encontrados incluíam aros, anéis e pinos de rodas, anéis de rédeas, embocaduras, dentre outras partes relativas ao carro e equipamento de arreo. Após o tratamento e conservação realizados posteriormente, alguns desses objetos chamaram a atenção dos pesquisadores especialmente devido à presença de elementos decorativos que adornavam os corpos de metal, como esmalte vitrado de coloração avermelhada, botões de corais e motivos estilísticos como suásticas estilizadas (HILL, 2002: 412). Não obstante, próximo à cintura e sobre as pernas da mulher, foi descoberto um espelho de ferro. Quando levado, em seguida, para o laboratório e uma vez dada continuidade ao processo de limpeza e conservação, o espelho acabou por revelar a existência de várias pequeninas contas de coloração azulada (+100), que adornavam o terminal do objeto (ANTHOONS, 2011: 359; HILL, 2002: 412).

Os achados da tumba escavada em Wetwang Village foram encaminhados para o British Museum, onde se encontram atualmente.

De acordo com o modelo aqui anteriormente apresentado, o seguinte organograma busca sintetizar os dados relatados sobre as últimas escavações discutidas e realizadas ao longo da segunda metade do século XX e início do XXI.



Organograma 2: Escavações de enterramentos com carros em East Yorkshire de 1971 aos dias atuais.

CAPÍTULO 3

Definindo conceitos, procederes e abordagens

3.1. Introdução

Um conceito pode ser claro, mas deve ser polissêmico.

(KOSELLECK, 2006: 109)

Neste capítulo, gostaria de propor uma discussão de bases teórico-metodológicas a respeito de possíveis contribuições vindas da História e do diálogo com a Arqueologia e a Antropologia acerca dos estudos funerários e de gênero. Trata-se, por um lado, de um esforço de se identificar e reconhecer contribuições teóricas formuladas ao longo dos anos que, de certa forma, tornaram esta pesquisa possível e, mais ainda, de se explicitar como algumas categorias particulares de análise foram, aqui, pensadas e aplicadas.

Acredito que tal apresentação se faça necessária e importante uma vez que parto do princípio de que todos os conceitos utilizados pela História e, por que não dizer, todos os conceitos em geral são polissêmicos (CARDOSO, 2008; KOSELLECK, 2006). Isto é, possuem diferentes possibilidades de interpretação e significação; uma coexistência de sentidos que varia de acordo com as diversas formas de se pensar e de se posicionar diante do mundo. São, portanto, eles próprios dotados de historicidade e a relação existente entre palavra e conteúdo não é estática, mas variante, de acordo com a temporalidade e contextos enunciativos socioculturais (KOSELLECK, 1992: 134-146; KOSELLECK, 2006: 109).

Dentre os demais conceitos utilizados, dois mostraram-se fundamentais para o aparato teórico do qual fiz uso. O primeiro diz respeito à própria noção de *práticas mortuárias*, temática esta que norteou o desenvolvimento de toda a investigação e que será frequentemente revisitada e discutida ao longo desta dissertação. O segundo está vinculado ao próprio entendimento do que vem a ser a categoria de *gênero*, uma vez que esta pesquisa insere-se na proposta dos estudos de gênero.

É importante mencionar, ainda, que tanto a categoria de gênero, seus estudos e possíveis aplicabilidades, quanto os estudos de práticas mortuárias vêm sendo objetos

de inúmeros debates na História desde a década de 70, particularmente a partir dos desenvolvimentos da História Social francesa e britânica. Contudo, se a morte tem sido objeto de interesse por parte de historiadores, ainda são poucos os que dentre eles se voltaram para o estudo da cultura material.³⁵ Nesse sentido, o objetivo aqui é atentar para o desenvolvimento dos estudos da morte e especificamente das práticas mortuárias a partir de algumas contribuições da Arqueologia – área onde se encontra o debate dos enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire.

Nas páginas a seguir, encontram-se, assim, tanto reflexões metodológicas a respeito de como se optou proceder face à documentação analisada, destacando-se, aí, a contribuição da chamada “Micro-História”, bem como uma discussão teórica que busca de maneira crítica e resumida definir e articular os conceitos-chave previamente mencionados.

3.2. Caminhos possíveis: definindo procederes e abordagens

3.2.1 “Complicando as coisas”: por uma “Micro-História”

Ao optar por um recorte tão específico – o norte bretão, mais especificamente a região dos Wolds em EastYorkshire e seus arredores – é preciso estar cientes de que, talvez, há algumas décadas, tal tipo de procedimento e de delimitação de pesquisa fosse pouco provável ou até mesmo impossível. Em outras palavras, quero destacar que este recorte (ou melhor, toda a pesquisa) se tornou possível graças a um constante processo – pelo qual estamos, ainda hoje, passando – de renovação no campo historiográfico. Dois pontos, face a todos os demais, parecem ser de extrema importância já que estão associados diretamente à própria proposta deste estudo, seja a partir de seu recorte, seja a partir da documentação analisada: a possibilidade de se articular História e Arqueologia, a partir de um estudo histórico da cultura material (a ser discutido no item 3.2.2) e a de se propor uma Micro-História, isto é, desenvolver um estudo de caso, que apesar de bem delimitado, não seja, em sua essência, limitado.

³⁵ Existe uma ampla produção sobre a morte e o medo da morte, suas representações e as atitudes dos indivíduos perante a morte ao longo dos tempos, sendo o trabalho de Philippe Ariès o grande marco. A partir de Ariès e dos desenvolvimentos da História da Morte, temos, hoje, uma série de pesquisas dedicadas tanto ao estudo dessas concepções e atitudes diante da morte, como da iconografia da morte, dos cemitérios e também dos costumes funerários. Essa bibliografia se encontra tanto em língua francesa, quanto inglesa ou mesmo em português, cabendo destacar o avanço das pesquisas sobre a morte no Brasil colonial e imperial, sobretudo, a partir da documentação de caráter textual e iconográfica. (cf. GUIMARÃES, 2007; MUNIZ, 2006; REIS, 1991; SOARES, 2007; VAILATI, 2002).

Mas o que poderia ser entendido como Micro-História e quais suas contribuições para o norteamento desta pesquisa?

Destaquemos antes de tudo o que a Micro-História *não* é: não se trata, como muitos pensam, de propor uma História com bases em aspectos folclorizantes ou marcada pela “tipicidade” e regionalismo, tal como elaborada por alguns estudiosos como Luis González y González (1968). Significa, tampouco, defender, ainda, uma historiografia marcada por uma paixão pelo detalhe microscópico e pelo simples capricho do detalhismo, como a “micro-história” de George R. Stewart que, como Ginzburg (2007: 251) colocou, “desemboca numa reflexão sobre o nariz de Cleópatra”. Ao contrário, o que se deseja é tão somente partir de um pressuposto que rejeite princípios etnocêntricos e teleológicos para que se possa encarar a Micro-História não como algo separado, ou destinado à contemplação isolada do fragmento, mas, sim, perceber que ela possui uma insistência e pertinência em relação ao contexto (GINZBURG, 2007: 276). Configura-se, de tal modo, como um tentar constante de estudo do social, encarando-o não como um objeto investido de propriedades inerentes, mas como “um conjunto de interrelacionamentos existentes entre configurações constantemente em adaptação” (LEVI, 1999: 160).

Desta forma, o esforço parece estar concentrado em uma reflexão que entenda que toda e qualquer ação social pode ser encarada como um resultado da interação de incontáveis estratégias individuais, um emaranhado multifacetado em outras palavras. Isto implica admitir que não existam “leis históricas” e que sistemas normativos não servem como explicação única para a ocorrência de práticas e fenômenos históricos: quero dizer, abre-se um espaço para se tentar perceber traços ou indícios (GINZBURG, 1990) normalmente não perceptíveis. O foco deixa, portanto, de estar na descrição simples e pura e passa-se a buscar entender a produção de um dado documento (seja ele textual ou material) e as relações sociais que perpassam esta produção bem como suas possíveis intencionalidades. Mais do que aceitar a fonte histórica como reflexo cristalizado e neutro, busca-se dissecar as teias de relações (sociais, políticas, econômicas) que se materializam no documento, entendendo-o como um *constructo*-não-inocente.

A partir de tais premissas, a Micro-História mostra-se, então, como uma possibilidade de abordagem enriquecedora, uma vez que busca examinar a “pluralidade de formas de racionalidade limitada que atuam na realidade particular em observação” para permitir um entendimento das diferenças existentes nas culturas dos indivíduos,

grupos e sociedades em várias épocas e locais (LEVI, 1999: 149-150). Acredito que tal posicionamento permita-nos estar atentos ao fato de que toda ação social pode ser encarada como resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo diante de uma realidade – ainda que entendida como normativa, embora difusa – que não obstante pode oferecer múltiplas possibilidades de interpretação e liberdades pessoais (LEVI, 1999: 135). Ou seja, pensar como indivíduos foram capazes de agir, contornar adversidades, inserir-se em papéis específicos, contestar ordens vigentes, criar e negociar dentro de um dado contexto.

A aproximação aqui proposta com a Micro-História deu-se, portanto, já que compartilho da crença de que sua maior contribuição possa ser entendida, em primeiro lugar, como um auxílio metodológico, uma vez que acaba por se configurar, antes do que qualquer coisa, como um modo de proceder. Ela pode fazer-se presente, neste sentido, desde a escolha do objeto até o recorte de pesquisa elaborado, ainda que, conforme muitos autores já tenham apontado, não exista nada como uma sistematização ou consenso a respeito do que é (ou poderia ser) a Micro-História (cf. GINZBURG, 2007: 276-277; REVEL, 1998: 10-11). Entendo, em todos os casos, que este “jogo de escala”, conforme Jaques Revel (1998) nomeou-o, possa servir como ponto de partida para o enriquecimento e intensificação da pesquisa, uma vez que o olhar “micro” paradoxalmente, então, permite-nos ampliar e aumentar nosso campo de estudo na medida em que ele pode vir a proporcionar uma análise mais complexa e crítica.

De tal modo, optei pelo diálogo com a Micro-História porque esta pesquisa parte de um estudo de caso, analisando, ainda, um determinado tipo de enterramento específico (inumações acompanhadas por veículos de duas rodas) para tentar identificar possíveis *pistas*, *indícios* e categorias – como, por exemplo, *status* e *gênero* – que operariam dotadas de certa relevância social. Mais ainda: parto da premissa (metodológica, mas igualmente ontológica) de que a realidade pode ser encarada de uma maneira heterogênea e, portanto, creio que nenhuma das conclusões às quais serei capaz de chegar com esta pesquisa possam automaticamente ser atribuídas a um âmbito mais geral (GINZBURG, 2007: 269).

Logo, ainda que haja similitudes entre os enterramentos praticados pelas comunidades no norte bretão ao longo da Idade do Ferro com aquelas do norte da França, especialmente da região de Champagne-Marne, (cf. CUNLIFFE, 2005: 501-5; WAIT, 1996: 499-500), não buscamos definir um padrão ou tendência generalizante, nem tampouco estamos interessados em descobrir uma “essência celta” na

documentação por nós trabalhada até mesmo porque comungamos com a opinião de que a noção do que é ser *celta*, ou o que caracterizaria os celtas enquanto tais, não possui uma unidade e não é forjada igualmente – ela varia ao longo dos tempos (CUNLIFFE, 2003: 139-145). Não se trata, então, de articular de forma simplista ou ingênua o semelhante e o diferente. Trata-se, ao contrário, de buscar identificar e perceber móveis e múltiplas formas de como se pensar a construção das “práticas mortuárias” como objeto/fenômeno discursivo (LESSA; FILHO, 2008: 12-3) – discurso este, por sua vez, direcionado tanto para os mortos como para os vivos (FLEMING, 1973).

Ao confrontar os achados descobertos, dentro do recorte elaborado, objetivo, dessa forma, discernir comparáveis, buscando observar como a cultura material selecionada como *corpus* documental contribui para a construção de um determinado “regime de historicidade” (HARTOG, 2006: 263), uma forma de reger e dar conta do passado a partir do presente. O diálogo que proponho com a Micro-História, neste sentido, está no fato de não buscar grandes regras explicativas para fenômenos históricos, mas, de forma oposta, perceber como o particular contribui para a formação e o entendimento do geral e ao mesmo tempo articula-se com o mesmo, ainda que cada qual possua dinâmicas próprias e requeira olhares diversificados. Interessa estar voltado, portanto, a esta multiplicidade das representações sociais produzidas; a pluralidade de formas de racionalidade que operam em uma realidade particular de observação. Como Levi (1999: 152) certa vez colocou, “os indivíduos constantemente criam suas próprias identidades, e os próprios grupos se definem de acordo com conflitos e solidariedades que, contudo, não podem ser presumidos *a priori*, mas resultam das dinâmicas que são o objeto de análise”. O que se espera nesta dissertação é perceber dentro de uma dimensão microscópica, ou seja, através das práticas mortuárias observadas em East Yorkshire no recorte cronológico estabelecido, como indivíduos e grupos sociais efetivamente agiam negociando entre si, reafirmando ou contestando uma determinada configuração social e como indícios desses complexos relacionamentos podem se fazer materializados a partir dos achados em tais enterramentos.

É um esforço intelectual de construção a partir da contemporaneidade e, de certa maneira, condicionado por esta, ciente de que o passado tal como o foi jamais poderá, em sua totalidade, ser atingido ou reconstruído; é um esforço que reconhece que se talvez um outro estudo fosse elaborado a partir de um recorte semelhante, não necessariamente chegaria às mesmas conclusões e, de toda forma, admite-se que cada caso merece um olhar particular e um estudo específico, sem com isso se deixar guiar

por grandes modelos ou contextualizações que buscam ser totalizantes e universais ou hipóteses dualistas e simplificadas. Trata-se, em linhas gerais, de buscar explorar a realidade e o mundo em sua própria potencialidade, heterogeneidade e complexidade, destacando as múltiplas possibilidades de interrelacionamentos construídos em diferentes níveis entre esferas maiores e menores, de acordo com o olhar direcionado. É um esforço, sem dúvidas, que exige um tratamento crítico e cuidadoso. Mas, em todos os casos, parece, também, ser algo válido. Afinal, como escreveu Jacques Revel (1989: xxiv, nosso grifo) “por que tornar as coisas simples, quando se pode torná-las complicadas?”.

3.2.2 História e cultura material: metodologias e possibilidades

Como já visto, a documentação desta pesquisa consiste em achados de descobertas arqueológicas vinculadas a enterramentos da Idade do Ferro no norte bretão. Em outras palavras, centra-se naquilo que se convencionou chamar de *cultura material*. Compartilho do ponto de vista apresentado por Gruzinski (2003: 7) de que o historiador é capaz de ampliar seu campo de estudos uma vez que deixa de buscar nos documentos escritos as únicas formas de evidências e pistas possíveis para uma investigação histórica e, de fato, as últimas décadas de publicações e a historiografia mais recente vêm destacando a contribuição de outros suportes de informações para a pesquisa histórica tais como as imagens, a história oral, o patrimônio digital, dentre outros, sempre que possível. Mais ainda, a relação entre História e cultura material vem sendo explorada há alguns anos e pode-se, de certa forma, dizer que este tipo de suporte documental esteja cada vez mais sendo utilizado por historiadores, deixando, assim, de ser uma espécie de desconhecido ou um universo restrito a arqueólogos (cf. BARROS, 2009; BEZERRA DE MENESES, 1983; FUNARI, 2005). Parece-me, portanto, que a historiografia contemporânea seja capaz de pensar que a diversidade documental é salutar para o historiador (HARTOG, 2003: 193) e que este não só pode como deve explorar as diferenças e contradições entre as fontes disponíveis, a fim de tentar melhor interpretar seu objeto de estudo e dotá-lo de maior complexidade (FUNARI, 2005: 101). Não tenho a intenção, aqui, de traçar um histórico de como a cultura material começou a ser trabalhada dentro do campo historiográfico, haja vista o estágio atual de pesquisas que já discorreram sobre esse assunto (cf. BARROS, 2009), mas ao contrário, gostaria

de propor uma reflexão a respeito de como é possível trabalhar com este suporte documental, definindo-o, para a presente investigação.

Em seu estudo, Carlo Ginzburg (1989) criticou em diversos momentos a crença em uma espécie de realismo documental; isto é, a postura que tende a enxergar nos documentos (no caso desse estudo, textuais) uma descrição fiel da realidade ao invés de apenas um rastro, indício ou possibilidade de se explorar a realidade a partir de uma determinada representação. De forma semelhante, Certeau (1982) tentou chamar a atenção para a necessidade de se problematizar a documentação utilizada pelo historiador a partir de uma perspectiva mais crítica, não encarando essa documentação como uma simples cristalização do passado, mas, ao contrário, como um *constructo* elaborado a partir de um *locus* social no qual o indivíduo que a produziu está inserido, não se podendo, portanto, observar as fontes históricas com um olhar inocente (CERTEAU, 1982: 66-82).

Tais premissas teórico-metodológicas se aplicam, igualmente, à cultura material. Compartilho do ponto de vista defendido, recentemente, por Hays-Gilpin (2008: 337) de que a cultura material não reflete passivamente uma dada sociedade, mas, em sentido oposto, ela pode ser ativamente manipulada por agentes históricos na construção da realidade e de relacionamentos entre indivíduos, incluindo-se, aí, o gênero. Assim, o entendimento da “cultura material como ativa” (SØRENSEN, 1991: 121), vindo de contribuições mais recentes da Arqueologia Pós-Processual, significa tão somente entender que os objetos participam do processo de criação do mundo cultural. São, portanto, uma parte da dinâmica social; componentes integrados a múltiplas esferas, à vida humana e cujos significados variam de acordo com os contextos em que são constituídos e utilizados (HODDER, 1987). Como Rosemary Joyce (2002) colocou, a cultura material pode ser entendida como uma “entrada única em um diálogo” (JOYCE, 2002: 142) – uma pista, um ponto de partida singular que permite evidenciar diálogos e relacionamentos estabelecidos em suas mais variadas formas e facetas.

Nesta pesquisa optei, portanto, por encarar a cultura material como um *medium*: um veículo flexível que pode ser utilizado tanto para criar noções de tradição, manter convenções e comportamentos normativos, como, também, para se romper com essas mesmas normas, desafiá-las e contestá-las (SØRENSEN, 2006: 105). Partindo-se de tal princípio e encarando a cultura material como um local ao mesmo tempo de criação e resistência, acredito que a análise daí procedente se caracterize mais como um processo de interpretações dinâmicas (e passíveis de reformulações a todo momento) do que de

apenas um mero processo de decodificação de um sentido dado *a priori* (MILLER, 1994). Isto implica um posicionamento crítico – não só metodológico, mas que não deixa de ser, também, ontológico –, que nega a existência de qualquer sentido dado e materializado de antemão. Ao contrário, uma postura mais adequada parece ser a que busca observar o objeto de estudo a partir daquilo que M. L. Sørensen (1991: 121) definiu como “fluidez de significado”: isto é, destacar como grupos ou indivíduos particulares podem rejeitar ou manipular o significado de dados objetos e relacionamentos sociais ou resistir a eles a partir de apropriações e usos diversificados (SØRENSEN, 1991: 121). Em outras palavras, implica afirmar que os objetos não possuem valores, simbologias ou significados próprios, mas que todos esses elementos são construídos a partir da prática social dentro de contextos culturais específicos e, portanto, a referida fluidez diz respeito às múltiplas possibilidades de ações e reapropriações.

Assim, ao utilizar tal tipo de documentação como principal suporte de análise para o estudo das construções de gênero, representações e hierarquias sociais em East Yorkshire ao longo da Idade do Ferro, entendo que seja igualmente necessária a adoção de uma metodologia que permita explorar satisfatoriamente as particularidades e especificidades de nossas fontes, tendo em mente as problemáticas formuladas.

Para analisar os enterramentos de carros da Idade do Ferro bretã optei por uma metodologia que possibilite e facilite a identificação de padrões e variabilidades nas tumbas analisadas. Partindo da organização dos dados e da criação de fichas catalográficas que correspondem a cada um dos enterramentos aqui discutidos, optei por seguir algumas das propostas metodológicas elaboradas por Sprager (1968: 483), que leva em consideração diferentes fatores, conforme apresentados na seguinte tabela elaborada por Silva (2006: 117):

Tabela Terminologias e classificações para sepultamentos humanos em contextos arqueológicos

1- Forma de Deposição	A- Deposição simples (primária) B- Deposição composta (secundária)	a) Inumação primária; b) Deposição aquática; c) Deposição superficial a) Por processos reduzi- enterramento e subsequen- desenterramento; exposição ao exposição aos anim descarnamento mecânico; crema- decomposição química; b) Deposição secundária: numa aquática; superficial
2- Localização da área da deposição		
3- Preparação do corpo		
4- Veículo ou invólucro do corpo para a deposição		
5- Individualidade (número mínimo de indivíduos)	A - Fragmentário ou parcial (restos esparsos); B- Simples; C- Duplo; D- Triplo; E- Múltiplo (com esqueletos articulados); F- em massa (com esqueletos desarticulados)	
6- Articulação do esqueleto (ou por região)	A- articulado; B- semiarticulado; C- rearticulado; D- desarticulado; E- perturbado	
7- Disposição dos membros	A- grau de flexão; B- disposição dos membros superiores; C- rotação da cabeça	a) Estendido; b) Semi-fletido; c) Fletido; d) Fortemente fletido a) Estendidos ao longo do corpo; b) Cruzados sobre a pelve; c) Dobrados sobre o tórax; d) Mãos sobre a face
8- Posição do corpo	A- horizontal; B- vertical	a) Decúbito dorsal; b) Decúbito ventral; c) Decúbito lateral direito; d) Decúbito lateral esquerdo; a) sentado;
9- Orientação	A- Cova; B- corpo; C- envoltório do corpo	
10- Materiais associados	A- Tipo; B- Quantidade (frequência); C- Disposição (localização)	

Tabela 2: Terminologias e classificações para sepultamentos humanos em contextos arqueológicos

Acrescenta-se a ela aspectos relevantes tais como pontuados por Goldstein (1981: 59), levando-se em consideração, também, fatores tais como a existência de mutilações ou modificações anatômicas no corpo do morto (em vida ou após a morte), o

formato do túmulo e elementos variados de natureza biológica sempre que possível: prováveis causas de morte, sexo, idade, evidências a respeito da dieta e nutrição do indivíduo enterrado³⁶.

Por fim, para os estudos dos marcadores de desigualdades, utilizo-me da abordagem de Wason (2004: 84-85; 93-101) que propõe a observação da articulação de tipos de depósitos funerários à construção de hierarquias sociais e legitimação de relações de dominação, hereditariedade, poder e prestígio. Tal contribuição metodológica permite pensar os objetos encontrados no contexto mortuário como resultantes de uma ação final; ou seja, possibilita-nos estarmos atentos aos possíveis significados contidos em tais atos e na escolha de retirar determinados objetos de circulação na sociedade, para ofertá-los aos mortos (cf. TACLA, 2008: 134).

A partir da organização da documentação no catálogo, foi possível identificar elementos comuns e destoantes que são de grande relevância para o presente estudo como, por exemplo, a orientação do corpo do indivíduo enterrado, as técnicas de preparo do corpo, as estratégias de monumentalização do local e a deposição e disposição de objetos funerários. Todos esses aspectos são importantes, já que se busca, aqui, partir do princípio de que “enterramentos são contextos culturais complexos, envolvendo uma multiplicidade de aspectos entrelaçados” (ESCÓRPIO; GASPAR, 2005: 62). A possibilidade de melhor identificar e articular todos esses elementos entre si, então, parece permitir, igualmente, desenvolver um estudo mais voltado para a historicidade e o aspecto social por detrás de todos os dados coletados, uma vez que se destaca a prática humana (ou ainda, práticas!) que perpassa(m) a todo momento as construções de nossos objetos. Desta forma, é possível localizar, a partir do tratamento mortuário, atributos e ideologias de gênero, diferenciações etárias e sociais, determinadas formas de ritualização do mundo e da morte, bem como um conjunto complexo de performances materializadas que, por sua vez, se constituem como atos de presença no mundo e em si mesmas a partir da construção de um local privilegiado e de discursos que visam a comunicar e ao mesmo tempo a transformar (cf. ZUMTHOR, 2007: 32, 41-2, 67).

³⁶ A respeito de aspectos tais como nutrição e alimentação podemos identificar inclusive um crescimento considerável na qualidade das pesquisas realizadas nesta área o que, em parte, se deve ao avanço dos meios tecnológicos. Quanto ao nosso objeto de estudo, podemos destacar a pesquisa recente elaborada por Mandy Jay e Michael P. Richards (2006) a respeito da ‘dieta’ dos indivíduos da Idade do Ferro da região de Wetwang Slack (East Yorkshire), a partir dos enterramentos encontrados naquela área.

Trata-se, em todos os casos, de tentar dar conta do Humano dentro de uma perspectiva histórica, tomando-se a cultura material como ponto de partida para a busca de indícios, a partir de um dos momentos mais decisivos, traumáticos, marcantes ou importantes para um determinado grupo ou comunidade – a morte –, para, então, atentar para a multiplicidade de estratégias adotadas e de discursos construídos em relação a esse fenômeno, destacando a importância social dos mesmos.

3.3. Definindo conceitos

3.3.1. Um olhar sobre os estudos das práticas mortuárias: a contribuição da Arqueologia

*La mort fut le premier mystère; elle mit l'homme sur la voie des autres mystères.*³⁷

(FUSTEL DE COULANGES, 1870 [1864]: 19)

Em se tratando dos estudos da Pré e da Protohistória europeias, pode-se destacar a existência de uma tradição de análise na qual questões envolvendo múltiplas esferas da vida social (estratificações e hierarquias sociais, cooperação econômica, desenvolvimento tecnológico, relações de troca etc.) buscaram ser exploradas a partir de informações extraídas de enterramentos e outros elementos funerários (BARTEL, 1982: 32). Em parte, isso se deveu à própria natureza dos registros disponíveis para o estudo dessas populações, bem como às novas possibilidades de pesquisa que se abriram a partir da chamada Nova Arqueologia.

A chamada “New Archaeology” ou Processualismo, surgiu nos EUA em meados da década de 60 a partir da aproximação anteriormente referida entre a Antropologia e a Arqueologia, defendendo um modelo de arqueologia iminentemente antropológico, que teve como principal defensor Lewis Binford (cf. BINFORD, 1962; BINFORD & BINFORD, 1968)³⁸. Em linhas gerais, os princípios e conceitos básicos do Processualismo na Arqueologia podem ser resumidos da seguinte forma: 1) o

³⁷ Tr: “A morte foi o primeiro dos mistérios; ela colocou o homem no caminho de outros mistérios”.

³⁸ Destacam-se também as produções de David Clarke, que serviu de grande divulgador de alguns conceitos da *New Archaeology* na Inglaterra. Clarke explicitou a necessidade de a Arqueologia englobar abordagens multidisciplinares em suas análises, desenvolvendo e aplicando novos métodos de trabalho, e foi em sua época um dos principais divulgadores do uso de técnicas quantitativas no ofício arqueológico (cf. ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000: 20).

desenvolvimento de um caráter científico; 2) a natureza da arqueologia passa a ser explanatória; 3) desenvolvem-se análises sobre os processos culturais³⁹; 4) o processo de estudo estaria voltado para a formulação de hipóteses que deveriam ser testadas; 5) a adoção da Teoria Geral dos Sistemas como proceder básico para a identificação e caracterização de padrões culturais; 6) o desenvolvimento de pesquisas a partir de questões específicas, não mais avolumando dados obtidos aleatoriamente em campo; 7) o desenvolvimento de uma perspectiva ecossistêmica, privilegiando a relação entre cultura e meio ambiente; 8) o rigor metodológico de amostragens e a adoção de testes estatísticos, a fim de permitir que generalizações sejam feitas (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000: 20-1).

Neste momento, alguns importantes cuidados teórico-metodológicos começam igualmente a ser colocados em discussão mais ampla. Exemplo disso é a contribuição fornecida por Ucko (1969), quando o autor buscou chamar a atenção para os cuidados críticos ao se interpretar registros arqueológicos de práticas mortuárias à luz de relatos etnográficos, tendo ele sido um dos primeiros a defender a noção de que mudanças ou transformações ocorridas no âmbito das práticas mortuárias não correspondem automaticamente a mudanças de crenças religiosas (UCKO, 1969: 263-265)⁴⁰.

No âmbito dos estudos mortuários destaca-se a publicação editada por Brown (1971), *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*, que se constituiu como verdadeira pedra pilar para os estudos de aspectos mortuários ao longo de décadas. Dentre todos os textos reunidos no volume, o de Binford (1971), em especial, foi bem recebido e citado amplamente como leitura obrigatória ou importante referencial de estudos ao longo de toda a década de 70, ainda que o próprio autor o considerasse apenas um ponto de partida e, curiosamente, como Chapman (2003: 308) destacou, jamais tenha voltado a escrever outro trabalho a respeito dessa temática, ao longo de toda a sua carreira.

³⁹ Destaca-se, em especial, o surgimento de análises pautadas em um estudo de culturas cruzadas (*Cross-Cultural studies*). O estudo transcultural pode ser feito de duas formas: a primeira, conhecida como abordagem Californiana, busca comparar dados obtidos a partir de culturas de diferentes regiões dentro de uma área maior e entrecruzar e comparar esses dados de forma estatística a fim de se agruparem culturas semelhantes (MCNETT, 1979: 39). A segunda forma, conhecida como holística, se caracteriza como um “método para testar empiricamente as teorias que tentam explicar algumas características da existência humana. O método dimensiona variáveis teóricas em uma imensa amostra de culturas espalhadas mundialmente e examina as correlações estatísticas entre essas variáveis para determinar se as relações interváveis são previstas pela teoria” (NARROL *et al*, 1974: 121 *apud* MCNETT, 1979:39-40). Conferir TAINTER (1978: 122-126) e PALGI; ABRAMOVITCH (1984), para perspectivas de estudos transculturais associados ao estudo de práticas mortuárias.

⁴⁰ Ribeiro (2007: 72) destaca que Ucko (1969) teria ainda também inaugurado a análise comparativa na Arqueologia das Práticas Mortuárias.

Binford (1971) buscou chamar a atenção para o potencial do estudo das práticas mortuárias, incorporando contribuições como as de Hertz (1907) e Van Gennep (1908) além de explorar e desenvolver o conceito de *persona* social do morto elaborado por Readcliff-Brown (1922)⁴¹. De certa forma, propõe um renovar da perspectiva evolucionista, uma vez que entende que em sociedades cada vez mais complexas haveria uma infinidade a mais de papéis sociais a serem desempenhados; logo, seria possível observar igualmente uma maior variabilidade de práticas mortuárias nesses casos (BINFORD, 1971). O autor destaca que quanto maiores fossem as relações sociais características de pessoas que pertencem a altas camadas sociais, maior seria o envolvimento e dedicação no tratamento dado ao corpo (BINFORD, 1971: 9-15; cf. RIBEIRO, 2007: 73). Buscou, sobretudo, deixar claro seu entendimento de que a “heterogeneidade de práticas mortuárias, que é característica de uma única unidade sociocultural, pode variar diretamente de acordo com a complexidade da hierarquia de *status*, como também de acordo com a complexidade em geral da organização de uma sociedade de acordo com unidades de pertencimento e outras formas de solidariedade” (BINFORD, 1971: 13). Em seu escrito Binford (1971) jamais analisou quaisquer vestígios materiais arqueológicos, baseando-se exclusivamente em relatos etnográficos, para desenvolver ideias generalizantes que pudessem ser posteriormente aplicadas a estudos arqueológicos de práticas mortuárias a partir de contextos específicos (CHAPMAN, 2003: 306) – tarefa esta assumida por outros autores como Peebles (1971), Saxe (1971) e Larson (1971), que tiveram seus textos publicados na mesma edição de *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practice*.

Em linhas gerais, a maior contribuição deste momento de pesquisas é a possibilidade de se pensar, a partir do estudo do que ficou conhecido como *persona* social do morto⁴², a existência de variações no tratamento dos mortos em uma mesma sociedade. Em termos intelectuais ou historiográficos, essa variabilidade não precisa ser mais entendida como fruto de ideias difusionistas ou migracionais (a partir de contatos com diferentes culturas), nem tampouco como resultado de transformações religiosas: trata-se de um reflexo das próprias variações existentes entre as *personae* que compõem

⁴¹ A primeira parte do texto busca ainda mapear e elaborar uma crítica a produções tais como as de Tylor, Frazer e Kroeber, desconstruindo boa parte dos argumentos e princípios elaborados por esses autores (BINFORD, 1971: 6-7).

⁴² A *persona* social do morto, nestes termos, corresponderia a um conjunto de seleção de representações de identidades e memórias a respeito do morto feitas pelos vivos a partir de determinados papéis e funções sociais. Pode-se dizer que essa noção da pessoa foi recuperada (e reformulada) mais recentemente por Fowler a partir da noção de “personalidade” (*personhood*).

uma determinada sociedade; um reflexo da pluralidade de relações e papéis sociais. De certa forma, as práticas mortuárias deixam de ser percebidas apenas associadas a indivíduos, passando a ser compreendidas como representações de “personalidades” associadas a comportamentos e papéis sociais específicos (LULL, 2000: 577). Destarte, Peebles (1971) em seu estudo sobre o sítio arqueológico de Moundville (Alabama, EUA), buscou argumentar que indivíduos tratados diferentemente em vida, serão, igualmente, tratados de uma maneira diferenciada após a sua morte. É, portanto, a partir desse contexto de produções que surge a noção de que “os mortos falariam sobre os vivos, gerando a possibilidade de reconstruir a organização social dos vivos, baseada nos *status* sociais deduzidos do contexto funerário” (RIBEIRO, 2007: 74).

Andrew Fleming (1973), ao estudar inúmeras tumbas nas Ilhas Britânicas que datam do Neolítico à Idade do Bronze inicial (do quarto milênio ao começo do primeiro milênio a.C.), chegou a verificar que se considerarmos os enterramentos como *projetos*, como ação social planejada, como construções sócio culturais, podemos, então, concluir que somente uma de suas funções é a de abrigar o morto. Isso porque os enterramentos também visariam a estabelecer uma relação e transmitir uma mensagem ao *espectador vivo*, sendo parte de um sistema sinalizador elaborado a fim de se manter uma determinada organização ou coesão social (FLEMING, 1973: 189-190).

É preciso destacar que o final da década de 70 e início dos anos 80 foram marcados por um constante crescimento de debates e de interesses em questões voltadas para aspectos culturais e, sobretudo, sociais, dentro da Arqueologia. É nesse momento, a partir de análises de contextos históricos e de um alargamento de leituras e discussões, que o estudo de grupos subordinados passou ganhar cada vez mais peso, culminando naquilo que veio a ser definido como Arqueologia Social. Em linhas gerais, esta subdisciplina arqueológica voltava-se para a análise de aspectos relativos: 1) a divisões sociais (questões de *status*, grupos, posições, elites, classes, etc.); 2) a organizações sociais (Estado, sistemas de chefia, tribos, bandos, poder, parentesco) e 3) à ação e mudanças sociais (competições, difusões, guerras, migrações, trocas, etc.). Com o passar do tempo, essas áreas foram se alargando, incluindo novos debates e tópicos de pesquisa como, por exemplo, o estudo de questões envolvendo etnicidades, gênero e idade no tocante às divisões sociais bem como o estudo da família, da casa, do casamento associados a questões de organização social, dentre outros. Foi, portanto, a partir dessa vertente que se fizeram e desenvolveram alguns dos principais estudos de hierarquizações sociais. Foi ainda no bojo da Arqueologia Social, filha do

Processualismo, que se desenvolveu uma série de questionamentos e problematizações relativos à própria interpretação do passado, da materialidade e do papel do pesquisador, vindo a culminar naquilo que ficou conhecido como Pós-Processualismo.

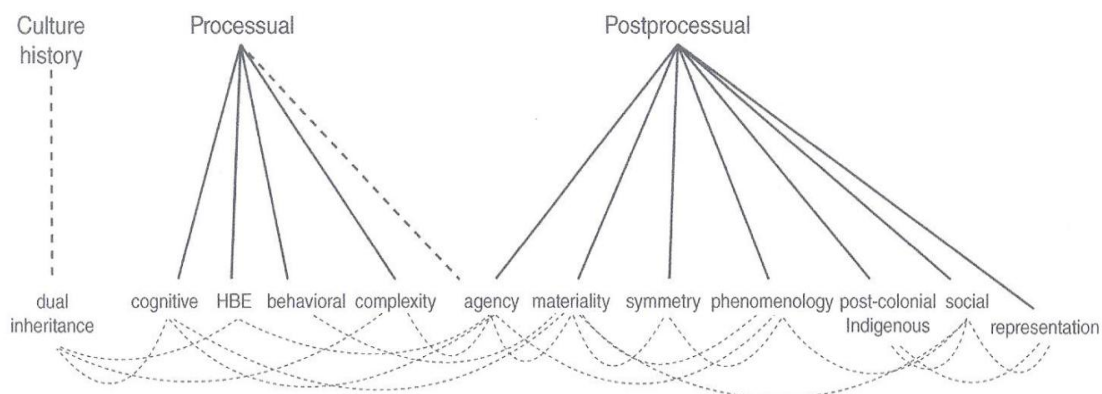
Se a Arqueologia Processual, dita *New Archaeology*, teve o mérito de renovar os estudos das sociedades passadas, tirando o foco de uma tradicional arqueologia *descritiva* (centrada no estudo de artefatos e objetos) para uma arqueologia *explicativa* (voltada para o estudo de mudanças e continuidades culturais), o Pós-Processualismo, que tem suas origens em debates de meados dos anos 80 e principais expoentes em Hodder (1985; 1991), Shank e Tilley (1987; 1989), representou um segundo processo de renovação, colocando em pauta o que poderia ser chamado de uma arqueologia *problematizada*⁴³. Nesse momento, as discussões e críticas formuladas começaram cada vez mais a partir de uma perspectiva pós-moderna e a colocar em cheque o próprio modo como os saberes são construídos. Uma das preocupações principais é a de se chamar a atenção para o fato de que artefatos arqueológicos não refletem de modo passivo uma dada realidade social: ao contrário, seus possíveis significados passam a ser encarados e interpretados como derivados de um conjunto de associações e usos que compõem “um nó de uma teia de referências e implicações” (HODDER, 1982: 90). A cultura material deixa de ser vista como mero reflexo passivo da realidade; o eixo de análise desloca-se de aspectos comportamentais, ecológicos, generalizantes e sincrônicos comuns ao Processualismo passando a contemplar o próprio agir humano em suas múltiplas possibilidades e significações:

“Para os arqueólogos da Arqueologia Pós-Processual, o homem representa e dá sentido a tudo que o cerca – objetos, processos, fenômenos –, e cabe ao estudioso tentar compreender tais significados no contexto social e histórico em que ocorreram. Ora, considerando-se que o meio-ambiente é o palco da ação humana, é mais do que óbvio que a cultura material (e toda sua carga simbólica) aí está compreendida” (RIBEIRO, 2007: 95).

O Pós-Processualismo, entretanto, jamais apresentou uma única voz ou vertente ideológica, teórica, metodológica comum. Ao contrário, sua riqueza foi buscada a partir da própria diversidade e de uma perspectiva relativista do passado, agregando influências e contribuições vindas de diferentes campos como a hermenêutica, a

⁴³ Ou, de acordo com Hodder (1985; 1991), uma “arqueologia interpretativa”.

fenomenologia, o pós-positivismo e a filosofia da ciência (com base na filosofia antipositivista de Hegel e Kant), a teoria do agenciamento, o neomarxismo, as críticas feministas, os estudos arquitetônicos e a teoria pós-colonial, dentre outros (cf. diagrama a seguir).



Organograma 3: Esquema que busca oferecer uma síntese dos principais campos e abordagens presentes na Arqueologia contemporânea, bem como a interrelação entre essas áreas do saber. Extraído de HODDER, 2012: 7.

Embora tenha produzido múltiplos olhares e análises, o Pós-Processualismo apresenta um traço comum que lhe é característico: sua rejeição à ideia de que o passado e os eventos humanos possam ser compreendidos em sua totalidade a partir de proceder “científicos e objetivos” (WILLEY & SABLOFF, 1993: 298). Nas palavras de Preceul e Hodder (1996):

“Os principais princípios da posição interpretativa são que o passado é constituído de forma significativa a partir de diferentes perspectivas, que o papel dos agentes usando ativamente a cultura material deve ser considerado, que há uma relação entre estrutura e prática, e que a mudança social é histórica e contingencial.” (PRECEUL & HODDER, 1996: 7).

Trata-se de uma aproximação, em última instância, entre História e Arqueologia, uma vez que o passado passa a ser encarado por arqueólogos como uma construção social dotada, ela própria, de historicidade. Como Ribeiro (2007: 127) destaca, a Arqueologia começa a se aproximar “da percepção de que, ao falar do homem, no tempo, ela faz historiografia”; a entender que sua narrativa e seus produtos são filhos de

seu tempo, como já proferia Lucien Febvre (1942: 405)⁴⁴ a respeito do proceder historiográfico.

Para o estudo da Arqueologia das Práticas Mortuárias, os anos 80-90 e início do séc. XXI, além de terem testemunhado um enriquecimento na utilização de novas tecnologias e recursos de obtenção de informações, vivenciaram, ainda, um alargamento no campo de estudos a partir das chamadas Arqueologia Indígena, Arqueologia de Gênero e Arqueologia da Paisagem, dentre outros (cf. HODDER, 2012: 1-11; RIBEIRO, 2007: 89-127). O Pós-Processualismo trouxe, também, para os estudos funerários a possibilidade de se pensar o conjunto de práticas mortuárias como um palco histórico, onde disputas de poder se fariam presentes através de elementos simbólicos. Nessa perspectiva, bens funerários deixam de ser entendidos como indicadores automáticos de normas organizacionais de um dado sistema social (LULL, 2000: 578), sendo considerados não mais em função de seu valor material, mas, sim, de seu significado implícito, interpretado a partir de um determinado conjunto de relações em contextos culturais específicos. O tema das representações pode ser amplamente explorado, em especial, devido a sua potencialidade de análise, uma vez que rituais mortuários passam a ser encarados como um momento em que representações do morto, de sua família e da sociedade se tornam presentes. Se por um lado conflitos e tensões (étnicos, de gênero, de identidades políticas, entre grupos) são encarados a partir de vestígios funerários como as bases para dinâmicas sociais, por outro lado é negada qualquer possibilidade de se deduzirem padrões mortuários passíveis de classificação a nível universal.

A incorporação ou o diálogo com a crítica neomarxista (cf. SPRIGGS, 1984; HODDER & HUTSON, 2003: 75-89) trará ainda a possibilidade de se encarar o conjunto das práticas mortuárias como depósitos de labor social por parte dos vivos: o valor social de enterramentos seria, nesta perspectiva, calculado a partir do valor social de trabalho direcionado para sua realização, isto é, dos gastos materiais e da energia que possibilitaram sua construção (LULL, 2000: 580). O neomarxismo trouxe ainda para a Arqueologia a preocupação de se estudarem ideologias. Questiona-se, nesse sentido, a própria noção de cultura material, que será entendida por alguns como uma máscara de ideologias, fruto de uma tradição estética por um lado e, por outro, de estratégias

⁴⁴ A citação em questão diz respeito à seguinte passagem da obra de Febvre (1924), que menciona uma ciência “que se faz e refaz continuamente: não negaria que ela se aperfeiçoa, mas não o acrescenta. Essencialmente em mudanças, tal como ele a concebe, é a obra do historiador: ela é ‘filha de seu tempo’”.

específicas de dominação (HODDER & HUTSON, 2003: 80-1). Eis o entendimento postulado de que "símbolos e significados culturais são usados dentro de estratégias de poder e na negociação de controle, formando também, em parte, essas próprias estratégias" (HODDER & HUTSON, 2003: 88). Em termos de análise mortuária é chamada a atenção, igualmente, para um aspecto, hoje, considerado fundamental (e ao mesmo tempo muito simples): o de que não necessariamente precisa haver um isomorfismo entre a condição de um indivíduo em vida e seu tratamento *post mortem* (LULL, 2000: 580).

Assim, é possível dizer que o Pós-Processualismo trouxe consigo uma infinidade de correntes e escolas de pensamento distintas e, muitas vezes, conflitantes e autocríticas, que permitiram ampliar o horizonte de análises arqueológicas, problematizando o próprio modo como o passado é construído pelos pesquisadores. O Pós-Processualismo, no entanto, não substituiu o Processualismo: nos dias atuais, ambos continuam coexistindo e produzindo mais do que nunca. O pensamento pós-processual foi, de certa forma, responsável pelas reformulações e renovações ocorridas na década de 90 no Processualismo⁴⁵ e ambas as correntes de pensamento – processual e pós-processual – sofreram críticas de um lado e de outro, reconhecendo suas próprias limitações e ao mesmo tempo buscando se recriarem. Acredito que Hodder (2012: 11) não poderia estar mais correto ao ter afirmado que o balanço final não deixa de ser positivo: o diálogo entre diferentes pontos de vista e posturas, por mais divergentes que sejam todas as perspectivas envolvidas, é muito mais enriquecedor que a unanimidade monolítica de estudos. Como Robrahn-González (1999-2000: 23) destacou, o cenário atual de pesquisas nesse sentido caracteriza-se muito mais pela sua diversidade do que pela igualdade. Parece que cada vez mais se caminha na direção do entendimento de que uma “sociedade é extremamente complexa e que uma teoria específica para explicar toda e qualquer sociedade não é o ideal” (RØBERG, 2007: 104).

Os estudos das práticas mortuárias, por sua vez, testemunharam ao longo dos anos um alargamento significativo em termos quantitativos e qualitativos. Extrapolaram a esfera somente do cemitério (cf. PARKER-PEARSON, 1993: 227), adquiriram novos formatos, buscaram estabelecer em seu seio um diálogo com abordagens

⁴⁵ Destaca-se, aí, o desenvolvimento da vertente chamada de “Cognitivo-Processual” (cujo maior expoente encontra-se na figura de Colin Renfrew (1994)), como resposta às críticas elaboradas pela matriz pós-processual de estudos. Em linhas gerais, a Arqueologia Cognitivo-Processual objetiva descrever como uma dada população historicamente situada conceitualizava o conteúdo de significados incorporados em diferentes domínios da cultura material (DAVID & KRAMER, 2002: 21).

interdisciplinares, incorporaram novas tecnologias e técnicas de trabalho. Nos dias atuais o campo de análises mortuárias inclui diversos itens tais como o estudo:

- 1) de comportamentos mortuários (formas de deposição, tratamento e atitudes em relação ao cadáver);
- 2) de acompanhamentos funerários (artefatos depositados com o morto durante o funeral);
- 3) da distribuição espacial de cemitérios (localização, inserção ambiental, período de uso);
- 4) de mortalidades (causas de morte);
- 5) de patologias e anomalias (características de morbidez que afligiam as populações);
- 6) de dieta e indicadores de saúde.

(SILVA, 2005: 38-39)

Esses aspectos – vinculados ao universo da “morte”, mas ao mesmo tempo, partes integrantes da vida humana – podem, por sua vez, ser explorados e desenvolvidos a partir de múltiplos aspectos e questionamentos, interrelacionando fatores sociais, culturais, econômicos, políticos, de gênero e religiosos, dentre outros. Seu potencial de análise é tão rico e variado como a própria existência e diversidade humana.

Assim, na seção seguinte, gostaria de propor uma possível postura e definição em relação ao modo como as práticas mortuárias serão encaradas ao longo desta dissertação.

3.3.2. A morte como uma arena para agentes históricos: por um estudo das práticas mortuárias

Necrológio Severino

O poeta João Cabral de Melo Neto
áspera pedra nordestina
severíssimo cultor da forma
ateu

abominava derramamentos líricos e sentimentais.

Não obstante isto, era acadêmico.

Não obstante isto, era diplomata.

Não obstante isto, morreu rezando
e seu corpo
foi velado no Salão dos Poetas Românticos⁴⁶.

O poema utilizado acima como epígrafe parece dialogar perfeitamente com um dos aspectos para o qual V.Lull buscou chamar a atenção em seu estudo sobre as práticas mortuárias: o de que “um cadáver não pode realizar seu próprio funeral” (LULL, 2000: 580). Serve, assim, como ponto de partida para se chamar a atenção para o fato de que existe uma dimensão social importante da morte, que, por sua vez, envolve uma própria manipulação (física e metafórica) dos mortos pelos vivos (cf. PARKER PEARSON, 1982; 1993).

A relação do homem com a morte é um problema comum a todas as sociedades ao longo da História da humanidade. Logo, parece plausível a afirmação de que as práticas mortuárias – tal como sua materialização no ato funerário – possam ser entendidas como fenômenos de grande importância para o estudo de uma determinada cultura. Como expôs Gerald A. Wait (1996: 489), “é um truísmo observar que todas as pessoas morrem. É igualmente verdadeiro observar que a morte de uma pessoa amada é um dos eventos mais traumáticos na vida”.

Eis porque, ao explorar o potencial dos enterramentos como fonte histórica e arqueológica, V. A. Alekshin (1983: 137) defendeu o argumento de que os ritos funerários poderiam ser entendidos como ritos de transformação: eles representam a passagem do indivíduo de um estado qualitativo a outro, tal como ocorre com o nascimento e o casamento e, conseqüentemente, seriam dotados de importância social. Assim entendo ser relevante o diálogo com a necessidade destacada por Fleming (1973: 189-190) de se entender enterramentos como ações sociais planejadas: uma estratégia formulada por vivos para dar conta, dentro de uma dimensão social, da própria morte.

Logo, se considerarmos as práticas mortuárias como produto de ideologias (LIVERSAGE, 1983: 148) e que tais práticas possuem uma importância para além do indivíduo morto, ou seja, que elas também se direcionam aos vivos (FLEMING, 1973), acredito ser possível a utilização, por exemplo, dos enterramentos produzidos por uma determinada sociedade como fontes para a pesquisa histórica dessa população. Isto porque, muitas vezes, são-nos oferecidas através delas pistas e indícios sobre fenômenos

⁴⁶ Affonso Romano de SANT’ANNA. *Vestígios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 93.

políticos, religiosos, econômicos ou de diferenciação entre gêneros, além de outros. Nas palavras de Metcalf e Huntington (1991: 108) “o momento da morte está relacionado não apenas ao processo de vida no além, mas também ao processo de se viver, agir e produzir descendências”.

Parto, portanto, inicialmente, de uma dada premissa: a de que as relações que uma determinada população humana estabelece com a morte e com seus mortos traz consigo um conjunto de valores sociais compartilhados entre certos indivíduos (cf. LIVERSAGE, 1983: 148) e que tal fenômeno pode vir a materializar-se através do tratamento recebido no momento após a morte. Assim, o material encontrado em sítios que contenham práticas mortuárias constituem documentos relevantes para a pesquisa histórica, uma vez que eles nos permitem empreender análises, não apenas sobre os ritos fúnebres, mas, também, sobre a vida numa dada sociedade e as redes de relacionamentos e práticas de diferenciações sociais. Jean-Louis Brunaux (apud WAIT, 1996: 489), ao analisar uma série de enterramentos da Idade do Ferro na Gália, constatou que “seria mais correto considerar [o mundo dos mortos] como um terreno de uma ideologia – não simplesmente funerária, porém, mais amplamente, religiosa e escatológica”. Essas ideologias, entretanto, podem ser manipuladas e nesse sentido o conjunto de práticas mortuárias não fornecem apenas uma descrição microcósmica da sociedade ou o reflexo de uma dada organização social (PARKER-PEARSON, 1993: 227): elas são uma *plataforma* para a manipulação dos próprios relacionamentos entre os vivos [e destes com os mortos]; uma parte integrante e fundamental da vida social.

Aproximo-me, aí, da hipótese defendida por John Chapman (2000: 177) de que os tratamentos recebidos pelo morto muitas vezes podem ser traduzidos como estratégias deliberativas de expressão por parte de um determinado grupo; “uma categorização sócioespacial de pessoas com suas complexidades de identidades culturais”. Günter Dux (1991: 77) fornece, também, uma contribuição interessante à questão dos ritos mortuários, quando afirma que o comportamento ritual é “um consenso básico normativo estabelecido por meio de uma comum, mútua identificação com o sagrado, um acordo que primeira e ultimamente serve para criar fundações para uma identidade de um grupo”. Assim, gostaria de orientar o presente estudo partindo de tais premissas e daquelas expostas por Michel Foucault (2009: 39) de que o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam; ele define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar

o discurso, por conta disso determinando para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.

Já no que diz respeito às questões mortuárias, é válido destacar a opção pela terminologia “práticas mortuárias”, tal como recentemente defendida por Marily Simões Ribeiro (2007: 18-20), em vez da tradicional chamada “Arqueologia da Morte” (pelos britânicos) ou “Arqueologia Funerária” (pelos franceses), pois além da preocupação com o tema da morte, a preocupação aqui se dirige às práticas humanas socialmente representadas e construídas que envolvem esse fenômeno, parecendo-me tal terminologia mais adequada, já que dá destaque à *ação*, à *prática*.

Eis que considero as práticas mortuárias marcos importantes da vida social, uma vez que elas pontuam a memória individual e coletiva e, na mesma medida, estabelecem um vínculo entre as gerações presentes e passadas (TACLA, 2008: 134). Aproximo-me, nesse sentido, do estudo elaborado por Paul Connerton (1989) a fim de entender a multiplicidade de fatores interligados aos processos de construção de uma determinada *memória social*. Tal como o autor destaca em relação às cerimônias comemorativas, entendo que os ritos de morte, igualmente, façam uso de elementos como a *performance* e a encenação, a fim de, através de atos repetitivos, construam uma representação simbólica e moldarem uma memória coletiva, que implica processos de construção e seleções estratégicas (CONNERTON, 1989: 43-48), fundamentais para a manutenção e retificação das relações sociais e políticas. Assim, proponho o entendimento de que as práticas mortuárias nos fornecem uma arena de investigações onde importantes formas de categorizações sociais (incluindo-se, aí, a de gênero) são, simultaneamente, idealizadas e materializadas (ARNOLD, 2006: 141-2; SØRENSEN, 2000: 85). A ritualização da morte pode ser, então, encarada como uma série de ações complexas e paradoxais: ao mesmo tempo que marcam a separação do indivíduo deste mundo, isto é, simbolizam a transição de uma morte biológica para uma morte social através de um complexo conjunto de ações ritualizadas, elas reafirmam, de certo modo, seu pertencimento a um determinado grupo, na medida em que criam uma memória e constroem identidades.

Ao optar por entender o conjunto de rituais que envolvem o tratamento da morte como parte de práticas e ações sociais, optei, deste modo, por estabelecer um diálogo com as propostas formuladas por Catherine Bell (1992) a respeito de alguns aspectos envolvendo os processos de ritualização. Além de discutir questões binárias como a oposição entre profano e sagrado, idealização e prática, a análise de Bell busca deslocar

o eixo do estudo do ritual *per se* como uma porta de acesso a uma determinada mentalidade ou concepção de mundo e cultura, problematizando o próprio modo como pensar o conjunto de atividades rituais e como estas constroem concepções e saberes particulares. Assim, o diálogo com os postulados da autora nos interessa uma vez que, em sua análise, Bell propõe um deslocamento de foco do ritual (a partir das implicações de universalidade e naturalidade atribuídas frequentemente ao termo [BELL, 1992: 222-223]) para o processo de ritualização (meu grifo), isto é, para os modos estratégicos de se agir. A autora deixa claro seu entendimento de que a ritualização representa tão somente um determinado modo de agir em situações sociais específicas (BELL, 1992: 67), consistindo em uma estratégia para a construção de um determinado tipo de relações de poder⁴⁷ que são, ao mesmo tempo, limitadas e limitadoras. Não se trata de um tipo de relacionamento no qual um grupo social possui controle absoluto sobre outro, mas, em sentido oposto, constitui um jogo relacional que envolve aspectos como consentimento, resistência, disputas, desentendimentos e (re)apropriações em diferentes níveis (BELL, 1992: 8). Nesse sentido, é possível estar-se atento para o modo por que formas particulares de agir participam na negociação de autoridades e identidades e na própria construção do mundo. Nas palavras de Bell (1992: 8), consiste, portanto, em um esforço de se “delinear algo das dinâmicas sociais através do qual toda atividade reproduz e manipula seu próprio contexto”.

Se o intuito dessa dissertação é, em parte, destacar o aspecto social, relacional e prático (dinâmico) dos tratamentos e atitudes relacionadas com a morte a partir de uma perspectiva histórica – daí a própria ênfase e a escolha da terminologia “*práticas mortuárias*”, como anteriormente destacado –, a partir de Bell (1992) acredito ser possível pensar mais aprofundadamente a própria dimensão (social) da prática. Tal como a autora, proponho que entendamos aqui a “prática” como (1) situacional; (2) estratégica⁴⁸; (3) imbuída de falta de reconhecimento total do que está fazendo e (4) capaz de reproduzir ou reconfigurar visões da ordem de poder no mundo (BELL, 1992: 81). A atividade ritual, nesse sentido, não representa, legitima, disfarça ou torna simbólica uma determinada forma de poder; ao contrário, ela é o próprio poder na

⁴⁷ Bell (1992: 199-204) encara o poder não como algo externo, mas a partir de Foucault, dentro de uma perspectiva contingente, local, organizacional, relacional e dinâmica: “na ritualização, poder não é algo externo ao que opera; ele existe apenas na medida em que é constituído com e através do corpo vivido, que é tanto o corpo da sociedade como o corpo social” (BELL, 1992: 204).

⁴⁸ A estratégia, nesses termos, implica um conjunto de improvisações, racionalidades e apropriações (BELL, 1992: 202).

medida em que é praticada. “As práticas rituais são elas próprias a produção e negociação de relações de poder”, conforme explicita a autora (BELL, 1992: 196).

É preciso deixar claro, nesse sentido, que a ritualização não diz respeito a uma tradição estática, à transmissão simples e direta de crenças e conhecimentos ou à introdução gradual de uma ideologia dominante: ela consiste, em sentido oposto, na habilidade de apropriação e manipulação criativa de esquemas básicos – o que Bell (1992: 107-8; 221) define como “maestria do ritual”. Para os interessados em discutir as construções de hierarquias sociais a partir de tratamentos mortuários, como é aqui o caso, isto permite entender que a ritualização é capaz de criar hierarquizações na medida em que pode ser manipulada, criando distâncias (físicas ou mentais) entre pessoas e comunidade (BELL, 1992: 125), ainda que a ritualização, por si só, não controle indivíduos ou sociedades (BELL, 1992: 170). Logo, é apenas através de uma série de atividades rituais que o mundo – ordens, hierarquias, diferenças – passa então a ser (temporariamente) reorganizado, em uma orquestração que não é definitiva. Este processo de orquestração do mundo, por sua vez, não necessariamente acaba por resolver contradições sociais, mas, tão apenas, por apropriar experiências, conflitos, convenções e oposições presentes na vida social, criando justaposições e uma sistematização provisória e frágil da realidade (cf. BELL, 1992: 104-106). Daí, a necessidade de se constatar que as “pessoas geram um ambiente ritualizado que atua mudando o próprio *status* e natureza de seus problemas em termos que são infinitamente retraduzidos em séries de esquemas diferidos” (BELL, 1992: 106).

Por isso optei por trazer as contribuições teóricas formuladas por Bell (1992), adotando seu conceito de ritualização, uma vez que acredito que a noção proposta pela autora em relação à ritualização – isto é, de encararmos as atividades rituais como uma *arena* (BELL, 1992: 109-110; 170; 204) – possa ser igualmente aplicado ao conjunto de práticas mortuárias, que nada mais são do que a própria ritualização da morte. Eis porque encaro os enterramentos, este “ambiente ritualizado” nos termos de Bell (1992), como uma plataforma ou arena para agentes históricos darem conta da própria dimensão social da vida [e da morte] através da manipulação de relacionamentos diversos, entre indivíduos, grupos e comunidades (reais ou imaginadas). O que se propõe não deixa, assim, de se configurar como um metaesforço: uma tentativa de dar conta dos modos pelos quais sociedades buscaram, igualmente, dar conta de aspectos pertinentes à existência, orquestrando de modo criativo e dinâmico o próprio ser em suas múltiplas facetas e dimensões.

3.3.3. *Engendering History*: por uma História de Gênero

As categorias que compõem o conceito de gênero e nele estão imbricadas mostram-se fundamentais para o estudo das sociedades humanas, tanto a partir de um ponto de vista histórico como também arqueológico, pois permitem aos pesquisadores lançar olhares diversificados sobre aspectos de grande relevância para uma dada comunidade como, por exemplo, questões envolvendo organização doméstica e social, *status*, divisão do trabalho (CONKEY & GERO, 1991: 17), produção e ideologias (GILCHRIST, 1994; SØRENSEN, 1992). Como Kelley Ann Hays-Gilpin (2008: 335) destacou, a grande vantagem de se usar gênero como uma categoria analítica é a de que ele opera em todos os níveis da sociedade, podendo ser encarado assim como uma espécie de ponte: um *link* entre teoria e prática, que nos ajuda a dar complexidade e uma dimensão mais humana aos nossos objetos de estudo.

Nesta dissertação, busco dialogar, sobretudo, com uma vertente mais recente da Arqueologia, surgida a partir de debates e questões lançadas pelo Pós-Processualismo, ainda que, em alguns pontos, aquela ciência tenha criado uma identidade à parte deste último que ficou conhecida como “Arqueologia de Gênero” (cf. CONCKEY & SPECTOR, 1998; NELSON, 1997, SØRENSEN, 1991, WEEDMAN, 2006: 248-253). Tal alinhamento deu-se, em especial, devido ao fato de estar trabalhando como principal suporte nesta pesquisa com a cultura material e por acreditar que a Arqueologia de Gênero possa ajudar e contribuir no entendimento teórico-metodológico, uma vez que ela busca investigar, a partir de achados arqueológicos, como as relações de gênero envolvem conflitos, tensões, representações e negociações os quais, por sua vez, são históricos (HAYS-GILPIN, 2008: 337).

Entretanto, um ponto deve ser destacado: termos como “gênero” e “sexo” encontram-se facilmente em trabalhos diversos sem que haja, com isso, uma reflexão mais cuidadosa a respeito de suas possíveis utilizações e significados (HILL, 1998). O maior problema neste sentido é que o termo “gênero” é um conceito dotado de grande complexidade, seja em se tratando da Pré-História, como, também, nos dias atuais: sua manifestação nos vestígios arqueológicos é produto de construções culturais que são altamente variáveis no tempo e espaço (HAYS-GILPIN, 2008: 336; SILVERBLATT, 1995; SØRENSEN, 2006: 112-115). É preciso concordar, então, com Erica Hill (1998: 100-103), quando a autora chama a atenção para os problemas resultantes de uma inconsistente definição do conceito de “gênero” como, por exemplo, a reprodução de

estereótipos e anacronismos, noções universalistas (GILCHRIST, 1999: 32-33) e, até mesmo, de agendas políticas prejudiciais ao desenvolvimento da pesquisa. Neste sentido, parece ser uma prioridade sempre definir o que se entende por gênero (HILL, 1998: 100), pois tal reflexão irá invariavelmente orientar e influenciar o pesquisador ao longo de sua prática, seja na seleção de sua temática de análise, seja em relação ao olhar que a ela direcionará.

Logo, nas páginas seguintes, encontra-se uma discussão mais cuidadosa a respeito do conceito de gênero, buscando um posicionamento crítico em sua definição e, ao mesmo tempo, buscando também ser capaz de destacar a contribuição de tal aparato teórico para o estudo da Idade do Ferro.

3.3.3.1 Definindo Gênero

No tocante às questões de gênero, é preciso destacar um ponto já mencionado por Jane Flax (1991: 221): o de que, em uma perspectiva pós-moderna, gênero é uma categoria de análise que não possui, no entanto, uma essência fixada. Trata-se, portanto, de um conceito construído que pode variar significativamente de acordo com os debates teóricos que o envolvem, suscitando discussões das mais variadas (MEDINA, 1998: 20).

Parece plausível a afirmação de que cada sociedade constrói compreensões próprias e cria fundamentos variados para as diferenças de gênero (LAQUER, 2001: 23). É nesse sentido que proponho uma aproximação com os estudos de gênero, na medida em que eles estão atentos a como, em diversas sociedades e em diversas épocas, uma determinada visão/concepção de gênero se constituiu e se impôs discursivamente para um grupo, apontando para a sua historicidade e verificando como tal percepção se articulou com as relações de poder e com as outras esferas importantes da vida social (SILVA, 2008: 80).

Gostaria de pensar o “gênero como relação social”, pois acredito que isso nos permite identificar as variedades e limitações de diferentes poderes dentro de sociedades específicas, destacando como as diferenças entre homens e mulheres são construídas e sua implicação social (FLAX, 1991: 246). Entendo, assim, que a categoria *gênero* só é válida se entendida a partir de seu caráter *relacional*. Eis que o argumento de Natalie Kampen (1996a: 17-18 - *grifo da autora*) parece ser bem colocado, quando afirma que

“gênero é sempre compreensível somente *em relação*. Não existe mulher sem homem, nenhuma visível feminilidade sem uma masculinidade paralela”.

Parece-me, ainda, que as diferenças de gênero são inseparáveis do conjunto de práticas sociais estando, assim, relacionadas a processos de produção de significações identitárias (CHÁNETON, 2007: 9). Em outras palavras, a noção de gênero não está sempre coerentemente ou consistentemente constituída em diferentes contextos históricos, mas “se intersecta com modalidades de identidades discursivamente constituídas” que são variadas de acordo, por exemplo, com regiões, épocas e grupos sociais (BUTLER, 1999: 6). Concordo com Judith Butler (1999: 6), neste contexto, por compartilhar da ideia de ser impossível separarmos o gênero das suas interseções políticas e culturais nas quais é, invariavelmente, produzido e mantido.

Assim, ao negar a existência de qualquer identidade, atributo ou categoria de gênero essencializada e naturalizada, negando ainda sua fixidez e destacando sua historicidade (SCOTT, 1988: 5; CHÁNETON, 2007: 40), poderia resumir esta discussão a partir da seguinte definição elaborada por G. Frainer Knoll (2006: 2): “o gênero, assim como toda identidade, é social, cultural e discursivamente produzido”.

3.3.3.2. Por uma História de gênero da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas

A partir de tais discussões a respeito da categoria de gênero, imagino, portanto, ser válida a proposta de um estudo crítico acerca das relações que são construídas entre sexo, gênero e materialidades, por um lado, e, do outro, como essas mesmas variáveis dentro de um contexto específico podem criar múltiplas referências a diversas dimensões do social (SØRENSEN, 2000: 52). Não há, neste sentido, mais espaço para a utilização de grandes modelos explicativos baseados em noções globais essencializadas de “homem” e “mulher” reduzidas a estruturas universais (GILCHRIST, 1999). O que se almeja é o extremo oposto: perceber como em cada contexto, “gênero jamais é algo fixo, mas parte de um diálogo contínuo entre as pessoas e a cultura material” (SØRENSEN, 2006: 129). Em outras palavras, é um esforço para atentar a respeito do modo como a cultura material pode ser usada como principal foco de análise para pensarmos como diferentes sociedades criaram diferentes entendimentos e dinâmicas relacionais de gênero e como essas relações, de certa forma, podem ser observadas a partir de vestígios materiais.

Por fim, uma contribuição importante pode ser encontrada a partir dos estudos elaborados por Bettina Arnold (2006: 137), já que a autora parece igualmente defender a ideia de que gênero é um dos elementos mais frequentes de diferenciação mortuária e que, por sua vez, pode ser expresso de acordo com as mais variadas formas, desde a localização do enterramento, por exemplo, à orientação do corpo ou o conjunto específico de bens funerários depositados. Trata-se, pois, de uma via de mão de dupla, uma vez que o estudo das práticas mortuárias pode ser igualmente pensado como um “elemento crucial para qualquer pesquisa sobre categorizações de gênero no passado” (PARKER PEARSON, 2000: 96).

Portanto, neste estudo que diz respeito aos enterramentos masculinos e femininos da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas, optei por tais definições a respeito de categorias como *gênero* destacando o seguinte aspecto: a meta desta pesquisa não é explicar como o gênero determinou ou causou um dado fenômeno, mas, ao contrário, atentar para o modo como ele se *articulou* a outros elementos de naturezas diversas para a explicação das relações sociais (SILVA, 2008: 81). Mais ainda, é um esforço para se pensar como gênero está interconectado à cultura material e, da mesma forma, como esta última, dentro de contextos específicos (como o universo das práticas mortuárias), desempenha um papel fundamental na criação e reprodução de valores, ideologias e *performances* de gênero que, por sua vez, são históricos.

Capítulo 4.

Talking bones: uma análise do material osteológico

“Mortui vivos docent”⁴⁹

É hora de analisarmos, propriamente dita, a documentação da qual dispomos. Em linhas gerais, os achados da escavação de uma tumba podem ser divididos em dois grupos:

- a mobília funerária: isto é, o conjunto de itens e artefatos depositados junto aos mortos;
- e (quando preservados) os restos mortais humanos (e animais), disponíveis na forma de ossadas.

O mobiliário fúnebre será discutido no capítulo a seguir. Começemos, por ora, pelos “mortos”.

Embora, à primeira vista, a temática possa parecer incomum a um historiador, pretendo romper esse estranhamento inicial, apresentando alguns indícios e vestígios obtidos a partir do estudo de evidências osteológicas que possam, direta e indiretamente, contribuir para a discussão aqui proposta. Como veremos, o estudo dos esqueletos encontrados em cemitérios dos Wolds (e de outras regiões, dentro de uma perspectiva comparada), pode nos fornecer importantes informações relativas a questões de gênero e elementos socio-históricos. Podem nos ajudar inclusive a atentar para a existência (ou a ausência) de certas construções, projeções e restrições no tocante a diferentes esferas da vida como o acesso a determinados alimentos e/ou nutrientes, transformações/alterações ou debilidades físicas, tratamento de doenças e traumas, dentre outros. Da mesma forma, acredito que um olhar cuidadoso das ossadas animais encontradas em enterramentos com carros em Yorkshire permite-nos também comprovar a hipótese de que este tratamento fúnebre estava associado a indivíduos que detinham uma posição social diferenciada e pertenciam a uma elite local.

⁴⁹ Trad. do latim: “os mortos ensinam aos vivos”. O lema de autoria desconhecida foi utilizado durante anos para justificar o estudo e a dissecação de cadáveres a fim de se entender melhor a morte e suas possíveis causas. Para um breve histórico do estudo de dissecação e dos mortos cf. DYER, G. S. M.; THORNDIKE, M. E. L. Quidne Mortui Vivos Docent? The Evolving Purpose of Human Dissection in Medical Education. *Academic Medicine*, 75 (10), 2000: 969-979.

4.1. Ossadas humanas

Passadas décadas de renovações e debates no seio da História, temáticas associadas ao próprio corpo humano vêm ganhando lugar na historiografia contemporânea (cf. CORBIN; VIGARELLO; COURTINE, 2008; CRESPO, 1990; DEL PRIORI, 1994; LE GOFF; TRUONG, 2006; LESSA, 2004; 2006; 2011; GOLDENBERG, 2007; PORTER, 1992; RODRIGUES, 1999). Desse modo, cada vez mais historiadores parecem adquirir consciência de que os corpos têm uma história e são dotados de historicidade. Como Jaques Le Goff e Nicolas Truong (2006:10) fizeram questão de enfatizar, começamos a atentar para o fato de que “a concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades”. Em linhas gerais, a maior parte dos trabalhos busca, partindo-se de um entendimento do corpo como uma construção social (e histórica), atentar para os diferentes modos como esses corpos foram construídos, por exemplo, através de processos de representações, censuras, dietas, vigilâncias, transfigurações, dentre outros.

Todo estudo histórico, no entanto, possui potencialidades e desdobramentos que dependem diretamente da documentação existente. Ao desenvolvermos um estudo das populações bretãs da Idade do Ferro é preciso ter em mente que dispomos de pouco ou nada sobre valores estéticos corporais, representações, concepções ou o imaginário do corpo por parte daquelas sociedades. O mesmo, por exemplo, não poderia ser dito para outras comunidades contemporâneas àquelas aqui discutidas como, por exemplo, as populações helênicas, nas quais questões referentes à temática do corpo humano se fazem amplamente presentes e documentadas em diversos escritos e através de todo um conjunto de representações imagéticas (THELM *et alii*, 2007).

Logo, quero destacar que ao buscar, nas páginas a seguir, tecer algumas considerações a respeito do corpo, estas visam, tão apenas, dar conta do objeto de estudo e da documentação de que disponho. Para além de representações idealizadas e valores estéticos – os quais não possuiriam evidências suficientes para o desenvolvimento de qualquer estudo –, o corpo a ser discutido aqui nada mais consiste do que nos corpos (e seus resquícios) daqueles que de fato um dia viveram e foram enterrados recebendo o tratamento *post mortem* abordado ao longo deste estudo. Não se tratam, portanto, de corpos metafóricos ou de projeções ou abstrações sociais, embora

pareça certo admitir que elas existissem e que, sem dúvidas, construções a respeito do corpo naquelas sociedades fossem elaboradas.

O esforço, então, que proponho é o de encarar tais corpos, ou melhor, seus resquícios (na forma de ossadas), buscando destacar e extrair alguns dados e elementos sociais e históricos pertinentes. Por um lado, trata-se de reconhecer que a vida e o próprio ato de viver deixam marcas em nossos corpos, alterando-os, limitando-os e condicionando-os. Porém, mais ainda, consiste em admitir que essas marcas do viver dialogam, por sua vez, com um determinado conjunto de experiências históricas (individuais e coletivas). O que se almeja, naturalmente, não é desenvolver um estudo biomédico ou osteológico, mas, de maneira oposta, a partir de algumas leituras específicas, buscar apresentar um conjunto de dados extraídos a partir das ossadas humanas encontradas nos enterramentos discutidos. Cabe, aqui, a pergunta: de que forma os esqueletos datados da Idade do Ferro bretã podem nos fornecer alguns indícios e pistas sobre a construção de hierarquias sociais e dos relacionamentos entre gêneros nessas sociedades?

Primeiramente é preciso deixar claro que do total dos 19 enterramentos aqui estudados apenas pouco mais da metade (53%, isto é, 10 enterramentos) revelaram ossadas humanas que puderam ser preservadas ou cujos sexos puderam ser identificados. Nos demais 9 casos, nenhum vestígio ósseo foi registrado devido a múltiplos fatores tais como as técnicas de escavação empregadas na época das descobertas, o nível de acidez e desgaste natural provocado pelo solo, o descaso e a pouca importância dada aos achados pelos trabalhadores locais, dentre outros (cf. Capítulo 2). Ainda que não sejam muitos, os 11 esqueletos⁵⁰ a respeito dos quais possuímos alguns dados parecem apresentar algumas características marcantes.

Do total de 11 esqueletos, 8 deles correspondiam ao sexo masculino e 3 ao sexo feminino. Os dados, suas proporções e correlações encontram-se sistematizados no gráfico abaixo.

⁵⁰ Trata-se de 10 enterramentos, porém de 11 esqueletos, pois o enterramento de Danes Graves continha duas ossadas humanas enterradas junto a um carro de duas rodas.

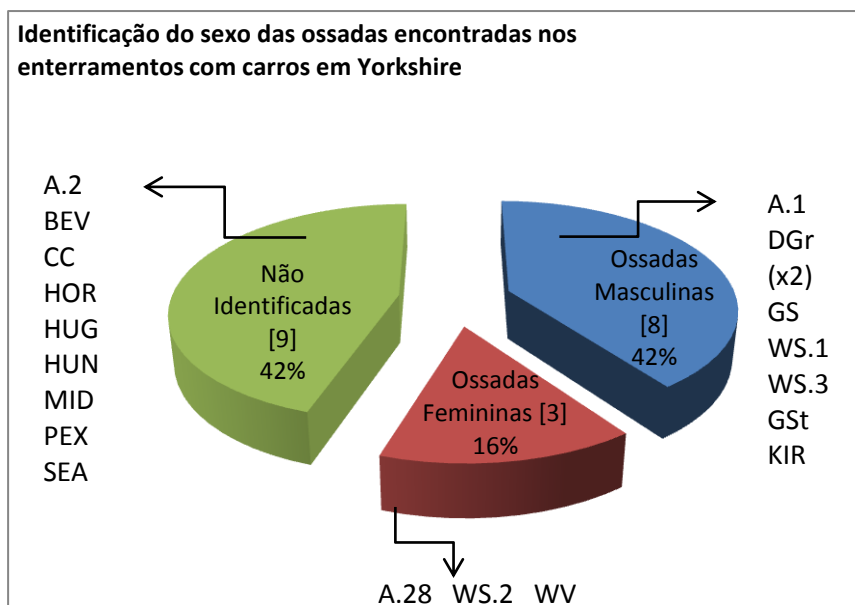


Gráfico 1 : Identificação do sexo das ossadas encontradas nos enterramentos com carros em Yorkshire (o autor)

Questões vinculadas a faixas etárias são relativamente mais difíceis de serem precisadas na documentação de que dispomos. De alguns enterramentos, como os de Arras (A.1 e A.28) e Danes Graves, pouco podemos inferir a não ser pelo fato de se tratarem de adultos. Os três indivíduos, dois homens e uma mulher, encontrados em Wetwang Slack (WS.1, 2 e 3), por sua vez, parecem ter sido enterrados em uma fase adulta inicial (DENT, 1985: 87-88, 90), provavelmente, entre 17-25 anos. Ambos os indivíduos encontrados em Kirkburn e Garton Station apresentavam também a mesma faixa etária: 25-30 anos e 30 anos respectivamente. Já os esqueletos encontrados em Garton Station (masculino) e Wetwang Village (feminino) correspondem aos indivíduos de idade mais avançada, até o presente momento, dos que temos registro de terem sido enterrados com carros nas Ilhas Britânicas: ambos com idades entre 35-45 anos.

Identificação da faixa etária de esqueletos em enterramentos com carros			
“Adultos” n.d	“Adulta Inicial” (20-35)	25-30	35-45
A.1 A.28 DGr	WS.1 WS.2 WS.3	GS KIR	GSt WV

Tabela 3: Identificação da faixa etária de esqueletos em enterramentos com carros (o autor)

Além dos enterramentos com carros, foram encontrados alguns indivíduos em ERY com mais de 45 anos, notadamente 10 homens e 7 mulheres (cf. WATTS, 2005: 86). Acredito que seja necessário, entretanto, explicitar que a idade máxima registrada em cemitérios da Idade do Ferro bretã possui uma grande variabilidade. Em alguns sítios como Verularium (King Harry Lane), ela é relativamente baixa entre homens: 17-25 anos. Já em outras localidades como Dorchester, pode chegar até 70 anos para homens e 75 para mulheres (WATTS, 2005: 104). Em Yorkshire tanto homens como mulheres poderiam ultrapassar a faixa de 45 anos e os registros atestam uma relativa proximidade etária⁵¹. Essa ocorrência parece indicar que, embora existissem nítidas diferenças sociais entre gêneros, uma parte de homens e de mulheres tinha, significativamente, recursos e bases semelhantes que lhes proporcionavam uma taxa de envelhecimento relativamente próxima.

Embora algumas poucas variações regionais possam ocorrer, boa parte dos cemitérios bretões da Idade do Ferro atesta uma paridade sexual em termos quantitativos de mortos. Esse é o caso em Yorkshire e é até possível perceber-se uma certa maior porcentagem da presença da população feminina em contextos mortuários a partir de escavações realizadas em sítios dos Wolds (conferir a tabela abaixo). Em termos de gênero, acredito ser pertinente destacar que não há qualquer evidência de infanticídio associado a questões sexuais em Yorkshire e outros estudos (WATTS, 2005) parecem indicar o mesmo para demais regiões da Britânia pré-romana.

Enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire com sexo estabelecido

Sítios	Nº aprox. de enterramentos datados	Nº de indivíduos com sexo identificado	Nº e % de adultos do sexo masculino	Nº e % de adultos do sexo feminino	Nº de indivíduos sem sexo estabelecido	Adolescentes, crianças, infantes e neonatos*
Garton Slack/ Kirkburn	18	17	8 (47%)	9 (53%)	---	1 neonato e 1 <i>in utero</i>
Rudston/ Burton Fleming	252	185	87 (47%)	98 (53%)	---	5 crianças e 1 infante
Wetwang Slack	446	193	79 (41%)	114 (59%)	4?	13

⁵¹ Esse dado é relativamente significativo se comparado a outras regiões onde durante a Idade do Ferro parece haver uma diferença na idade máxima entre ambos os sexos como, por exemplo, em Danebury (onde a idade masculina ultrapassa a feminina) ou Verularium (onde o oposto ocorre, e a idade máxima feminina ultrapassa significativamente a masculina) (cf. WATTS, 2005: cap. 5).

* adolescentes (11-14 anos); crianças (1-10 anos); infantes (menores de um ano, porém mais velhos que neonatos); neonatos (recém-nascidos).

Tabela 4 : Enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire com sexo estabelecido. (Adaptado de WATTS, 2005: 10-11)

É relevante destacar ainda que, dentre as 7 mulheres com +45 anos encontradas em ERY e previamente mencionadas, 5 delas foram enterradas em sepulturas mais profundas que a grande maioria e 2 contavam, ainda, com sepulturas cavadas com cortes de terra visivelmente mais largos (WATTS, 2005: 106). Por outro lado, em linhas gerais, em Yorkshire não existem quaisquer diferenças quanto ao tipo, qualidade ou quantidade da mobília funerária encontrada na tumba de mulheres jovens e velhas. Análises comparadas entre diversos cemitérios bretões da Idade do Ferro têm levado, ainda, alguns estudiosos como Dorothy Watts (2005: 107) a defender a hipótese de que mulheres com mais idade, em muitos casos, recebiam o mesmo tratamento e respeito que mulheres jovens e “possivelmente a elas (mulheres de idade avançada) era dado um pouco mais de *status*” – expresso através de uma pequena elaboração ‘extra’ existente nas medidas dessas sepulturas. Pode-se notar, igualmente, que uma forte associação entre questões etárias e *status* social parece ser traçada na maioria dos enterramentos existentes em Yorkshire ao longo de toda a Idade do Ferro. Talvez o melhor exemplo disso seja o dos enterramentos de crianças, em que boa parte dos esqueletos aparece em covas pouco elaboradas, contraídos em um espaço relativamente restrito e desprovidos em sua grande maioria de quaisquer bens⁵². De fato, em nenhum momento durante toda a Idade do Ferro e em nenhuma região da Europa, incluindo-se aí as Ilhas Britânicas, crianças foram inumadas acompanhadas por veículos depositados em suas sepulturas, o que indica, na ausência de quaisquer evidências, que a prática deveria ter uma forte correlação com atributos de gênero e faixa etária e que, até certa idade (ou o desenvolvimento de alguns atributos e seu reconhecimento por parte da sociedade), esses indivíduos não estavam aptos a receber tal tratamento diferenciado após a morte.

Outro dado que merece destaque diz respeito às informações nutricionais obtidas a partir das ossadas encontradas em cemitérios da Idade do Ferro na região de Yorkshire. Mandy Jay e Michael Richards (2006) analisaram isótopos estáveis de carbono e nitrogênio ($\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$) (2006) a partir de 62 amostras de ossadas

⁵² Anthoons (2011: 44-45), a partir de autores como Brewster (1980) e Dent (1984), propõe ainda uma associação entre o que identifica como enterramentos do “Tipo D” na cultura de Arras com a maior parte dos tratamentos mortuários dados a crianças na região de Yorkshire.

humanas (incluindo-se aí as ossadas dos cinco enterramentos com carros na região, a saber WS.1, 2, 3, GS e WV) e 68 ossadas animais provenientes da região de Garton e Wetwang Slack, nos Wolds, e destacaram aspectos dietéticos da população local, levando-se em consideração questões como tratamento *post-mortem*, sexo e idade, dentre outras⁵³. A análise, por sua vez, acabou por indicar uma dieta baseada em um alto consumo de proteína de origem animal e ausência de níveis significativos de frutos do mar na dieta local. Mais ainda, atestou certa uniformidade e igualdade dietética – entre sexos (homens e mulheres adultos) e entre indivíduos com *status* e tratamentos mortuários diversificados (JAY, RICHARDS, 2006: 658-661). Em termos históricos, esse dado parece apontar para a existência de certa igualdade social no que diz respeito ao acesso a alimentos e fontes de nutrientes por parte de indivíduos pertencentes a uma mesma dada comunidade. Embora, sem dúvida, a região dos Wolds durante a Idade do Ferro não se tratasse de uma sociedade igualitária (já que hierarquias existiam e diferentes grupos tinham acesso distinto a riquezas e bens materiais dos quais faziam usos também diferentes) parece ter testemunhado certo compartilhamento ao menos em termos alimentícios e nutricionais. Tal característica poderia ser tomada como um indício de que questões envolvendo aquisição e manutenção de poder bem como legitimações sociais não implicassem a produção de diferenças alimentícias primárias (como o acesso a nutrientes ou determinados tipos de alimentos); muito pelo contrário. É igualmente importante que se tenha em mente que a relativa igualdade atestada pelos estudos osteológicos não exclui a possibilidade da existência de diferentes tipos de consumação: por exemplo, no tocante à carne vermelha, é plausível imaginar que diferenças sociais fossem construídas em relação a qual indivíduo ou grupo tinha mais ou menos acesso a um determinado corte ou parte mais valorizada de um animal⁵⁴.

Ainda que poucas e lacunares informações possam ser obtidas através de estudos osteológicos do material encontrado em enterramentos com carros, é possível constatar que muitos desses indivíduos sepultados apresentavam certa constituição (física) de destaque. A altura, em geral, observada parece corresponder a c.1,70m. O homem

⁵³ Um estudo posterior (JAY *et alii*, 2008) chegou a tratar ainda, exclusivamente, de ossadas infantis, problematizando a prática de amamentação durante a Idade do Ferro na região de Yorkshire. O estudo acabou por indicar um período de amamentação relativamente curto e uma recorrência de técnicas complementares como o uso de leite extraído de vacas e /ou o uso de pastas e papas vegetais.

⁵⁴ Resta ainda saber, como destacam Jay e Richards (2006), a partir de futuros estudos de ossadas encontradas em outras partes das Ilhas Britânicas (e do continente), se essa homogeneidade dietética seria uma característica única e restrita à região de Yorkshire ou se, ao contrário, faria parte de um fenômeno mais amplo, característico de diferentes populações europeias durante a Idade do Ferro. A questão permanece em aberto nos dias atuais.

enterrado com o veículo em Garton Slack, por exemplo, era robusto e chegava a medir 1,75m (BREWSTER, 1971: 291). Ainda mais notável é o fato de a mulher encontrada em Wetwang Village possuir uma estatura física tão alta quanto o caso previamente mencionado: ela chegava a medir 1,72m. Em termos comparativos, a mulher de WV era mais alta do que a grande maioria de homens (!) encontradas em cemitérios de zonas circunvizinhas, como Rudston e Burton Fleming (ANTHOONS, 2011: 67). A altura padrão observada em cemitérios de Yorkshire ao longo da Idade do Ferro aponta para uma estatura média de 1,71m para homens (sendo 1,80m e 1,59m o maior e o menor casos registrados) e 1,58m para mulheres (sendo 1,72m e 1,50m o maior e menor casos registrados) (WATTS, 2005: 91). Embora seja impossível precisar de que modo certos atributos físicos deveriam ser encarados pela sociedade e reapropriados dentro de um conjunto maior de relações de sociabilidade, parece, no entanto, ser relevante ao menos destacar algumas dessas características como a altura. Permanece em aberto a questão se alguns desses atributos relativos a uma constituição física distinta poderiam, por sua vez, constituírem-se como elementos a serem incorporados ou transformados em signo de distinção social ou não.

Atropatias e distúrbios osteomusculares, como osteoartrites, osteofitose, degeneração de cartilagem, vértebras e juntas são, ainda, características recorrentes observadas em corpos da Idade do Ferro em diferentes regiões das Ilhas Britânicas. Em Yorkshire, a partir do estudo das ossadas encontradas em cemitérios locais, a incidência de mazelas associadas à artrite em suas mais variadas formas chega a atingir aproximadamente 40% da população (WATTS, 2005: 105)⁵⁵. A ocorrência se faz presente tanto em homens como mulheres. O fato de ambos os sexos serem afetados por mazelas desse tipo pode-nos indicar certo compartilhamento de papéis e tarefas entre gêneros: inclusive tarefas manuais e físicas como carregar água e objetos pesados, cavar e trabalhar o solo, dentre outros (WATTS, 2005: 105). Em linhas gerais, os esqueletos encontrados em cemitérios de ERY apresentam tratamentos ósseos virtualmente idênticos entre sexos. Apenas 5 casos de hipoplasia de esmalte dentário⁵⁶ foram registrados (3 mulheres, 1 homem e 1 caso onde o sexo não foi possível de ser

⁵⁵ O número, entretanto, é pequeno se comparado a demais regiões como Bath Gate (80%) e London Eastern (70% entre a faixa etária de 19-25 e 83% para +45 anos) onde os índices de ocorrências são significativamente maiores (WATTS, 2005: 105).

⁵⁶ A hipoplasia dental pode ser definida como “uma formação incompleta ou defeituosa da matriz orgânica do esmalte dentário em desenvolvimento e pode ser consequência de eventos que interferem na formação normal desta matriz, causando defeitos e irregularidades na sua superfície” (BONATO, 2010: 4).

identificado), tendo sido a mazela provavelmente ocasionada por uma deficiência nutricional quando esses indivíduos ainda eram crianças (WATTS, 2005: 23). Por se tratar de um número tão pequeno em uma região de cemitérios com grande concentração de tumbas como é o caso de Yorkshire, é possível constatar que não há qualquer indicador de que mulheres tivessem uma dieta menos favorável ou sofressem privações. Observe-se que, como já foi discutido, estudos sobre alimentação, nutrição e dieta elaborados a partir das ossadas humanas encontradas em cemitérios na região (JAY, RICHARDS, 2006) parecem corroborar esse aspecto.

Alguns estudos osteológicos vêm apontando ainda para a capacidade de recuperação física observada em alguns casos. Alguns esqueletos encontrados em Rudston e Wetwang Slack, por exemplo, apresentam pequenas fraturas e deslocamentos, que sugerem acidentes sofridos por aquelas pessoas (cf. GILES, 2008a: 66-67). É possível que a mulher enterrada com carro em Wetwang Village também tivesse se envolvido em algum evento traumático anos antes de sua morte: ela apresentava um trauma na região temporomandibular, sinais de deslocamento do ombro direito e um estado avançado de osteoartrite no mesmo local condizentes com um acidente (como uma queda de um cavalo ou de um veículo em movimento) ou o uso demasiadamente forçado do membro. Análises permitiram ainda observar que a mulher já havia sobrevivido a trabalhos de parto e apresentava traços de hiperostose craniana, semelhante à que se observa em alguns casos em mulheres que adentram o ciclo da menopausa (ERAS, 2002: 7). O homem enterrado com carro em Wetwang Slack (WS.1) também exibe sinais de recuperação e cicatrização em duas partes de seu corpo: no osso occipital (parte posterior do crânio) e em uma fratura segmentar no úmero direito (ANTHOONS, 2011: 74). A respeito do enterramento com carro em Garton Slack, Brewster (1971: 291) chegou a destacar que o esqueleto encontrado tinha a perna esquerda ligeiramente mais curta que a direita, e que dois dentes haviam sido operados e removidos. A cavidade do maxilar inferior já havia cicatrizado quando o indivíduo morreu, porém o dente do maxilar superior ainda estava em estágio de recuperação. A partir desses casos é possível chegar a duas deduções. A primeira consiste em reconhecer que, apesar de elementos de uma constituição física notável (e.g. altura) poderem ser observados em muitos casos, a presença de mazelas, traumas e algumas debilidades físicas não impedia que indivíduos fossem elegíveis a receberem um enterramento com carro após sua morte (ANTHOONS, 2011: 67). A segunda trata de admitir a existência de certos conhecimentos e técnicas médicas como a manipulação de

ervas, misturas, extratos e infusões que, aliados a cuidados e prescrições, permitiam alguma recuperação física. Não é possível saber se esses procedimentos e saberes estavam restritos a alguns indivíduos, a um determinado grupo específico, ou se eram compartilhados entre membros da comunidade como parte de uma tradição passada entre gerações. O que podemos inferir a partir do que foi encontrado nos cemitérios da região é que tanto homens como mulheres fizeram uso desses recursos apresentando certo estágio de melhora; homens e mulheres que, em alguns casos, receberam também, além dos cuidados em vida, cuidados na morte, expressos na forma de distintos enterramentos em que carros, porções de animais e artefatos trabalhados foram depositados dentro de suas tumbas.

Creio ser necessário ainda destacar que sinais de violência física também se fazem presentes nas ossadas encontradas em diferentes enterramentos em Yorkshire. Cemitérios como os de Makeshift e Wetwang Slack atestam as ocorrências de traumas físicos causados por golpes violentos e os registros indicam que isso poderia ocorrer tanto com homens quanto com mulheres, por diferentes motivos, sendo os casos observados condizentes com a tipologia de armas encontradas nesses cemitérios (cf. item Panóplia). Contudo, ainda que presentes, os sinais de violência observados em tais ossadas são quantitativamente reduzidos, o que parece indicar que esse fenômeno ocorria em pequena escala (KING, 2010 *apud* ANTHOONS, 2011: 74). Fazendo-se uma síntese de 814 enterramentos encontrados em Wetwang e Garton Slack, Rudston, Burton Fleming, Kirkburn, Garton Station e Cowlam, apenas 34 casos indicam algum sinal de trauma possivelmente advindo de encontros violentos (GILES, 2008a: 66). Isso levou alguns pesquisadores como Anthoons (2011) a formularem a hipótese de que talvez indivíduos que tivessem sofrido mortes violentas recebessem um tratamento mortuário distinto e de pouca visibilidade arqueológica, não sendo, como os demais, enterrados em cemitérios. Tal proposição, ainda que plausível, não me parece a mais provável. Embora não sejam numericamente muitos os casos, é preciso destacar que cemitérios de toda a região de Yorkshire ao longo da Idade do Ferro apresentam nítidas evidências de indivíduos que sofreram mortes violentas e que foram enterrados da mesma forma que outros casos nos quais a violência não parece ter sido um fator de *causa mortis* (cf. GILES, 2008a: 66-67; STEAD, 1991: 33-35, 136-137).

Portanto, se por um lado casos em que o uso de violência física se faz presente e visível em alguns enterramentos em ERY, por outro é possível inferir que a maior parte das disputas sociais internas não fosse resolvida de modo sangrento que culminasse na

morte de indivíduos. Historiograficamente, as evidências materiais obtidas a partir das ossadas encontradas em cemitérios de Yorkshire servem como contraponto a um modelo de representação comum na historiografia tradicional e presente em textos antigos gregos e latinos em relação aos antigos bretões (e celtas): quebram com o estereótipo do “bárbaro” agressivo e violento, sempre pronto a tomar armas e resolver conflitos através de embates sangrentos⁵⁷. Faço, contudo, uma observação: isso não quer dizer que a vida nessas comunidades fosse sempre harmoniosa, tranquila e pacífica; isto é, uma vida sem conflitos como alguns gostariam de acreditar⁵⁸. Ao contrário, é preciso ter em mente que estamos lidando, aqui, com sociedades hierarquizadas e marcadas por disputas de poder e tensões sociais em diferentes níveis. Como Giles (2008a: 67) já destacou:

“a antropologia da violência em comunidades agro-pastoris de pequena escala sugere que ela seja quase sempre endêmica, surgindo através de disputas sobre pessoas, terra e estoque. Atos de invasão de fronteiras e apropriação, uso indevido de pasto e água, o roubo de gado e rebanhos, ou a apropriação de materiais raros podem ser todos motivos de retaliação.”

Acredito que a ausência de sinais de violência em larga escala seja um indício de que boa parte dessas tensões e conflitos fosse resolvida de outra maneira, tendo no derramamento de sangue e morte apenas sua última instância de resolução definitiva. Em outras palavras: parece-me, portanto, que disputas e tensões sociais eram, frequentemente, transferidas para outras dimensões e esferas da vida, criando arenas de competições que buscavam (em uma tentativa contínua e reiterada) estabelecer certa legitimidade. A elaboração de novas disposições e alterações espaciais, a monumentalização da paisagem, a promoção de grandes eventos, festividades, a ostentação de riquezas e o tratamento *post-mortem* diferenciado (que muitas vezes pode

⁵⁷ Sobre os discursos de *barbárie* e violência construídos na Antiguidade a respeito dos celtas e de suas influências historiográficas cf. Webster (1996).

⁵⁸ Essa visão foi idealizada e divulgada, sobretudo, pela “celtomania”: um movimento de busca, (re)descoberta, (re)invenção e (re)construção de um suposto “passado celta” e que se caracteriza pelo anacronismo e fantasia. Alguns autores como Jean Markale (1986: 17) chegaram, inclusive, a falar de “uma harmonia entre os papéis dos homens e das mulheres não centrada na superioridade de um sobre o outro, mas na igualdade com a qual cada um deles poderia sentir-se confortável”, atribuindo mesmo para o âmbito das relações de gêneros esta visão de uma harmonia idealizada. A respeito da celtomania, desde suas origens em movimentos intelectuais do séc. XVIII e XIX aos dias atuais cf. CUNLIFFE, 2003: 111-122; COLLIS, 1997: 197; 2008: 42-44; GUYONVARC’H & LE ROUX, 1999: 161.

incluir todos os itens previamente mencionados) são todas esferas em que essas disputas podem se fazer presentes⁵⁹.

4.2. Ossadas animais

Praticamente todos os enterramentos que estou abordando trazem consigo ossadas de animais depositadas junto aos mortos. As únicas exceções onde isso não foi observado são os enterramentos de Arras (A.2), Beverley, Cawthorn Camps, Hornsea, Huggate, Middleton, Pexton e Seamer: todas essas escavações realizadas entre o séc. XIX e as primeiras décadas do séc. XX quando boa parte dos achados dessa natureza foi, na época, pouco documentada, descartada ou jamais identificada devido às reações provocadas pelo solo e pelos trabalhos de escavação (cf. Capítulo 2).

O primeiro ponto a ser destacado, portanto, é o de que grande parte dos enterramentos com carros em ERY contém em seu interior ossadas de porcos. A presença de porcos, no entanto, não constitui uma novidade ou traço regional característico da região de Yorkshire: ao contrário, em diferentes regiões das Ilhas Britânicas (e do continente) ao longo da Idade do Ferro, esses animais constituíam o que Parker Pearson (1999: 46) designou como “alimentos de banquete de alto *status*”, servindo, tal como aparecem nos registros arqueológicos, como importante marco de diferenças sociais. A respeito da temática e suas relações com as populações europeias da Idade do Ferro, Green (1992) escreve que:

“Porcos eram, e ainda hoje são, mantidos exclusivamente pela sua carne: eles são um recurso valioso na medida em que são capazes de comer virtualmente quase qualquer coisa e converter uma boa variedade de matéria orgânica, não comestível para outras espécies, em uma carne de alta qualidade. Pensa-se frequentemente que os celtas gastavam boa parte de seu tempo caçando javalis e que esta fosse sua única fonte de carne suína, porém a partir dos registros de fauna fica claro que boa parte dos ossos de suínos encontrados em sítios da Idade do Ferro é de porcos domesticados. No entanto, Peter Reynolds já frisou que filhotes de porcos selvagens podem ser facilmente

⁵⁹ Em seu estudo sobre a estética de objetos materiais, Melanie Giles (2008a) ao discutir um conceito elaborado por Nicolas Thomas (1995: 97), o de “terrorismo altamente estético” – isto é, a capacidade de vencer ou causar respeito e/ou medo em seus inimigos, imobilizando-os sem agredi-los fisicamente – chegou a defender ponto de vista semelhante. A autora argumenta que em Yorkshire durante a Idade do Ferro a violência interpessoal e o confronto físico (e suas fatalidades) é apenas o último estágio de um sistema de disputas maior que incluiria outras formas como insultos, ofensas, combates simbólicos (como jogos e danças), roubos e pilhagens, danos a propriedades alheias e a ostentação de objetos com uma estética particular (associada à excelência e ao poder) (GILES, 2008a: 68).

domesticados, então, é possível que porcos selvagens e domésticos fossem, em algumas ocasiões, tratados de modo semelhante e até mesmo inter cruzados.” (GREEN, 1992: 18)

Em alguns casos a carne do animal parece ser tão valorizada a ponto de estar associada a uma consumação conspícua. No *broch*⁶⁰ de Dun Vulcan (Hébridas, Escócia), por exemplo, diferentes porções (quase sempre dos membros dianteiros) de porcos foram encontradas reunidas em um grande todo que era composto de partes trazidas de outras comunidades (PARKER PEARSON, 1999: 46). Os estudos de muitas localidades, onde estavam ausentes as condições naturais propícias, a princípio, à criação desses animais, vêm apontando para o fato de que o ato de criar e consumir porcos bem como boa parte das deposições de suínos observadas ao longo da Idade do Ferro parecem ser muito mais determinados por elementos sociais do que ecológicos (PARKER PEARSON, 1999: 47). Embora o caso de Dun Vulcan seja um dos mais emblemáticos relativos ao norte bretão, diferentes assentamentos e demais sítios do sul bretão como Croft Ambrey, Bishopstone, Blaksbury e Danebury, apenas para citar alguns, apresentam igualmente depósitos únicos e atos de ritualização envolvendo o uso de ossadas de porcos. Pode-se observar, ainda, que outros registros, antigos e medievais, fornecem, igualmente, algumas evidências textuais a respeito desses animais e suas relações com comunidades da Idade do Ferro europeu.

Os textos antigos fazem constantemente referência à importância da carne dentro do contexto de “banquete celta”. Diodoro da Sicília descreve caldeirões onde são colocados espetos cheios de carnes e menciona que os mais valiosos e bravos eram recompensados com as melhores porções (DIODORO, *Biblioteca Histórica*, V, 28). Referência semelhante pode ser encontrada em Ateneu que, ao citar Possidônio descreve banquetes repletos de porções de carne, nos quais os melhores cortes seriam dados àqueles de maior mérito reconhecido, podendo a disputa ser resolvida muitas vezes através das armas, segundo o autor (ATENEU, *Deipnosophistae*, IV, 154). Estrabão, igualmente, destaca a abundância de carne entre essas comunidades e a predileção pelos porcos, descritos pelo autor, como grandes e bravos (ESTRABÃO, *Geōgraphiká*, IV, 4.3). Textos de tradições posteriores, escritos em galês medieval e

⁶⁰ Um dos tipos de casas circulares complexas das Ilhas Britânicas. Feitos em pedra e com formato circular-arredondado, eram fortificados e poderiam atingir c. de 9m de altura. Os *brochs* são comuns na região do oeste e norte escocês durante a Idade do Ferro. Para mais, ver Cunliffe (2005: 330-340) e Harding (2004).

gaélico antigo, fornecem também algumas associações curiosas em relação à figura do porco. Os escritos irlandeses, em alguns aspectos semelhantes aos relatos clássicos, fazem diversas referências a porções de carnes (irl. antigo = *curadmír*, cf. MacKILLOP, 2004: 87, 121) ofertadas aos melhores indivíduos e, frequentemente, pedaços privilegiados de porcos poderiam constituir essas porções de prestígio (cf. *Fled Bricrenn*, II, §9; *Scéla Muicce Meicc Da Thó*, VIII). Em alguns casos é possível perceber uma associação entre atributos míticos, figuras do “Outro-mundo” (irl. antigo = *Síd*) e suínos: antes de terem se transformado nos dois grandes touros sobre os quais estaria centrada a história do *Táin Bó Cuailnge*, Fruich e Rucht, que possuíam o poder de se metamorfosearem, haviam passado alguns anos como criadores de porcos (KINSELLA, 2002: 46). Na literatura galesa, em uma passagem de *Os Quatro Ramos do Mabinogion*, os primeiros porcos existentes em solo bretão são um presente de Arawn, rei de Annwn (o Outro-mundo) a Prydei, senhor de Dyfed: presente este que resultaria em uma guerra entre galeses de Gwynned (norte) e Dyfed (sul) a fim de ver quem acabaria por ter a posse dos animais presenteados (GREEN, 1992: 17-18). A associação entre suínos, entidades divinas e o Outro-mundo pode ser observada desde a Antiguidade. Na Gália, o deus Moccus (que aparece representado como Mercúrio no período galo-romano) possui associações com javalis e porcos (KOCH, 2006: 219) e associações desse tipo, entre divindades e animais, parecem ter sido uma constante, como o caso da deusa-cavalo Epona dentre outros.

É difícil, no entanto, precisar o exato simbolismo do porco e seus desdobramentos diretos. Textos de diferentes tradições, localidades e cronologias, parecem evidenciar uma ligação existente entre suínos, disputas sociais e o Outro-mundo. Porém, ainda que essa ligação estivesse mais ou menos presente nas populações da Idade do Ferro, ditas “celtas”, ela infelizmente não pode ser diretamente observada a partir dos registros materiais de que dispomos. Trata-se de uma possibilidade apenas. Por outro lado, o que é possível constatar é que tanto nas Ilhas Britânicas, como no continente, o consumo de carne de porco parece ter sido altamente valorizado e se fazia presente em grandes assembleias, festividades e ocasiões memoráveis. Ossos de porcos aparecem em diversos contextos de deposições votivas e o animal parece estar, por excelência, associado à fartura e riqueza, bem como a um determinado grupo que detinha os meios e recursos para se valerem de tais bens. A partir dos registros materiais, em um jogo de escalas, pode-se perceber que (1) o tratamento do porco (em suas mais variadas esferas) constituía para as populações europeias da Idade do Ferro

uma temática comum associada a jogos de prestígio e poder e que (2) a manifestação dessas associações e tratamentos, no entanto, possuía uma grande variabilidade regional, adquirindo traços e contornos característicos a cada um dos contextos de descobertas (cf. PARKER PEARSON, 1999: 46-7).

Em Yorkshire, as tumbas encontradas em diferentes cemitérios da região podem ser divididas em três tipos básicos: (1) as que apresentam uma total ausência de ossos de animais; (2) as que apresentam ossos de ovelhas e (3) as que apresentam ossos de porcos (e eventualmente cavalos, como veremos em dois casos adiante). O primeiro tipo consiste em um conjunto de inumações desprovidas de quaisquer bens: acrescido à ausência de ossadas animais, nesses enterramentos não é possível observar tampouco a presença de broches, braceletes, espelhos, carros, armas ou qualquer outro mobiliário fúnebre. Já nos enterramentos de tipo (2) é possível identificar alguns artefatos depositados nas tumbas junto aos mortos: em linhas gerais, os enterramentos que apresentam ossadas de ovelhas podem conter itens como broches, braceletes, contas e cerâmica. Importante destacar que apenas os enterramentos do tipo (3) onde ossadas de porcos foram encontradas, revelaram uma maior monumentalização do espaço fúnebre, com sepulturas e montículos relativamente maiores do que a grande maioria registrada nos demais casos, bem como a presença de objetos distintos como espelhos, armas e carros⁶¹.

Cavalos foram encontrados em apenas dois enterramentos: em Arras no King's Barrow (A.1) e em Hunmanby. Essas ocorrências são relativamente raras e, em linhas gerais, animais desse tipo não costumam ser encontrados em tumbas junto aos mortos na região de Yorkshire. Em alguns enterramentos com carros de duas rodas na França durante a Idade do Ferro tardia é possível observar a existência de ossadas de cavalos, sendo o caso de Soissons (GREEN, 1992: 83-4) possivelmente um dos mais célebres, entretanto, mesmo no continente essa prática é relativamente escassa. Em linhas gerais, na Antiguidade, cavalos eram animais extremamente valorizados: além de suas aplicabilidades mais óbvias em questões associadas a trabalhos manuais, locomoção e guerra, animais desse tipo parecem ter uma forte associação com *status* e elites locais.

⁶¹ Anthoons (2011) divide os enterramentos de Yorkshire em quatro grupos mais abrangentes; são eles os de tipo A, B, C e D, respectivamente. Os enterramentos aqui apresentados como de tipo (1), sem ossadas animais, correspondem aos enterramentos definidos pela autora como D (ANTHOONS, 2011: 44-5); os enterramentos do tipo (2) correspondem ao tipo A (ANTHOONS, 2011: 29-36) e os enterramentos de tipo (3) correspondem a ambos os grupos B e C (ANTHOONS, 2011: 36-43). Optei por não utilizar-me da classificação feita pela autora uma vez que seu recorte é mais amplo (inclusive em termos cronológicos) e pelo fato de que as três divisões propostas acima levam em consideração apenas a presença de ossadas de animais e não de outros elementos.

Isso porque sua criação e posse demandam recursos, quase sempre possuídos e mantidos apenas por uma parcela da população. O homem enterrado em Arras (A.1) foi colocado em sua sepultura entre dois cavalos e dois crânios de porcos foram também encontrados no local; em Hunmanby, pouco se sabe do enterramento a não ser que dois dentes e fragmentos de ossos de um cavalo foram encontrados. Tudo parece indicar que a presença de ossos de cavalos – ainda que extremamente rara –, tal como a ossada de porcos, poderia servir como elemento de importante distinção social. Não obstante, a ocorrência desses animais aparece em ERY novamente associada a enterramentos com carros na região.

Por mais lacunares e obscuros, por um lado, que permaneçam os possíveis significados e conotações simbólicas e religiosas atribuídas aos animais encontrados em contextos mortuários, por outro lado, em Yorkshire, é possível observar uma associação direta entre a presença de ossadas de porcos e a presença de veículos em tumbas de pessoas que gozavam de certo prestígio, inclusive após a morte. De fato, como Anthoons (2011: 68) destacou, em todos os casos onde – em um enterramento com carro – ossos de animais foram identificados, estes sempre correspondiam à ossada de porcos e nunca à de ovelhas. Alguns como Parker Pearson (1999), partindo da oposição entre a ocorrência de ovelhas em tumbas mais simples e de porcos em tumbas mais distintas, defenderam que em Yorkshire a presença dessas ossadas constituía verdadeiro “marco de *status*” tão (ou, em alguns casos, até mesmo mais) importante do que o mobiliário encontrado, criando uma nítida sinalização e distinção entre elite e demais membros da comunidade (PARKER PEARSON, 1999: 56). Apresento, abaixo, uma síntese das ossadas de animais encontradas em enterramentos com carros em Yorkshire.

Sítios		Ossadas de cavalos	Ossadas de porcos
Arras	King's Barrow	esqueletos de 2 cavalos	2 crânios de porcos
	Charioteer's Barrow	---	---
	Lady's Barrow	---	ossos de 2 porcos
Beverley		---	---
Cawthorn Camps		---	---
Danes Graves		---	quarto dianteiro de 1 porco incluindo ossos do crânio
Hornsea		---	---
Huggate		---	---
Hunmanby		dois dentes e fragmentos de ossos de um cavalo	---
Middleton		---	---

Pexton Moor	---	---
Seamer	---	---
Garton Slack	---	esqueleto decapitado com o crânio esmagado em dois pedaços
Wetwang Slack 1	---	quarto dianteiro de 1 porco
Wetwang Slack 2	---	quarto dianteiro de 1 porco
Wetwang Slack 3	---	---
Garton Station	---	quarto dianteiro de 1 porco e crânio dividido em duas metades
Kirkburn	---	membros dianteiros de 1 porco e crânio dividido em duas metades
Wetwang Village	---	porções que incluem diversos crânios esmagados

Tabela 5: Síntese das ossadas de animais encontrados em enterramentos com carros em ERY (o autor)

Em termos de gênero, é válido observar que nenhum dos casos registrados apresenta uma segregação quanto ao tipo de ossada encontrada ou, tampouco, dos animais escolhidos. Em alguns cemitérios da Idade do Ferro como, por exemplo, Les Rouliers (Champagne, França) há sugestões de que tais divisões ocorressem e que homens fossem enterrados com porcos e mulheres com ovelhas (GREEN, 1992: 117; MENIEL, 1987: 357-61). Em ERY, nas tumbas de mulheres com carros, não apenas foram encontrados os mesmos animais depositados nas sepulturas masculinas do mesmo tipo, como, também, os mesmos cortes: partes frontais que correspondem ao crânio ou o quarto dianteiro.

A partir dos vestígios das ossadas é possível deduzir que o ato de ritualização deveria envolver, em algum momento, a decapitação do porco, o desmembrar de suas partes e, em alguns casos, tal qual observado em Garton Slack, Wetwang Slack, Garton Station, Kirkburn e Wetwang Village, o esmagamento do crânio em duas partes. Os achados apontam para uma nítida predileção em contextos fúnebres pela parte dianteira dos porcos. É possível que isso não estivesse restrito apenas a contextos mortuários e tampouco limitado à região de Yorkshire. O caso observado – e já comentado – do *broch* de Dun Vulcan igualmente apresentava um grande conjunto de partes dianteiras de porcos (PARKER PEARSON, 1999: 46), de modo que não parece ser inapropriado imaginar que houvesse algum significado ou simbolismo associado a essa parte do animal. Como vimos, ambos os tipos de textos, antigos e medievais, insistem na existência de uma sobrevalorização simbólica de determinadas partes do corpo do porco que estariam associadas a aspectos de excelência e reconhecimento social e, talvez, este possa ser o caso aqui observado.

Muito frequentemente os porcos encontrados em tumbas da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas e no continente têm sido interpretados como oferendas para a alimentação do morto em sua outra vida. O sacrifício do porco seria, então, um ato simbólico que permitiria que o animal passasse deste mundo para o mundo dos mortos, onde sua carne seria oferecida à pessoa morta em um banquete do Outro-mundo. Contudo, não compartilho de tal opinião: primeiramente, pela ausência de evidências que suportem essa afirmação; em segundo lugar, pela presença de evidências que apontam em sentido oposto. Os ossos encontrados nos enterramentos com carros em Yorkshire apresentam em sua superfície certas marcas de cortes que condizem com um processo de descarnação (ANTHOONS, 2011: 68-9; LEGGE, 1991: 143-4) indicando que a carne desses ossos já havia sido retirada antes deles serem depositados nas tumbas. Interessante observar que análises osteológicas (Brown *et al.* 2007 *apud* ANTHOONS, 2011: 69) elaboradas a partir das ossadas animais encontradas em um enterramento com carros descoberto no ano de 2003 em Ferry Fryston (West Yorkshire) demonstraram, igualmente, que os ossos do porco (crânio e dianteira) encontrado na tumba em questão haviam sido cozidos.

Acredito, assim, que as ossadas de porcos devam ser entendidas nesse contexto como marcadores do banquete funerário: sua função no interior de tumbas, como Anthoons (2011: 68-9) destaca, é muito mais simbólica do que, como se costuma imaginar, uma oferenda real de alimentos aos mortos. Dentro de um cenário maior, é possível notar que tanto o consumo de carne suína, como a orquestração de banquetes estavam associados a uma parcela restrita da população privilegiada em termos materiais e dotada de certo prestígio social⁶². Bradley (1982: 120), em seu estudo, já mostrou que a destruição de riqueza em contextos mortuários era um dos meios, mais explícitos, de se alcançar e/ou manter uma posição privilegiada em sociedades pré-históricas. O ato de se abater porcos, promovendo certo tipo de banquete fúnebre (entre os vivos) como homenagem última ao morto antes de seu enterramento pode ser entendido, assim, como uma atitude estratégica de ostentação e auspício: trata-se ao mesmo tempo de um ação que envolve a destruição e a repartição de um bem economicamente valioso criando vínculos, reforçando alianças e (re)estabelecendo

⁶² Alguns autores como Bettina Arnold (1995: 159) vêm ainda apontando que em se tratando de sociedades europeias da Idade do Ferro, questões associadas a *status* econômico e social eram frequentemente mantidas através da oferta de banquetes.

diferenças⁶³. Não é estranho, portanto, que os mesmos indivíduos que foram enterrados com veículos e elaborados artefatos fossem também prestigiados com um banquete em sua homenagem assinalando seu *status* através das carcaças depositadas em suas covas. Se por um lado a posição dessas ossadas possui certa variabilidade mudando de um caso a outro (ora podendo ser encontrada próximo ao crânio do esqueleto, ao peitoral, à pélvis ou, até mesmo, espalhada por todas essas regiões), por outro lado identifica-se uma nítida preferência por porções dianteiras. Em Yorkshire, os enterramentos com carros assinalam que este tratamento mortuário envolvia processos de ritualização e solidariedade que poderiam ser negociáveis em termos de gênero. Os ossos de porcos, que incluem os mesmos cortes, encontrados tanto em tumbas masculinas como femininas são, talvez, uma das melhores evidências disso.

⁶³ Green (1992: 119) compartilha de ponto de vista semelhante ao abordar o sacrifício ritual de porcos e sua relação com deuses e santuários, entendendo que se tratava de “um genuíno ato propício compartilhar com os deuses algo valioso em termos econômicos”.

Capítulo 5.

A morte sobre rodas: gênero, hierarquias sociais e práticas mortuárias

5.1. Ritualização da Morte

Ação. Eis em quê consiste a ritualização da morte. Entretanto, para que possamos entender esse processo um pouco melhor é preciso analisá-lo, dissecando-o: desmembrar estruturas, lançar olhares direcionados e voltarmos para o todo, a fim de construir uma visão mais completa e complexa daquilo que vemos.

Os enterramentos com carros em Yorkshire seguem normas particulares e são únicos em certos sentidos. Ainda que possuam traços por vezes semelhantes às sepulturas com veículos do continente, suas características, no entanto, são peculiares e locais. Tendo optado por entender o conjunto de práticas mortuárias como uma arena para agentes históricos (cf. item 3.3.2), é preciso, agora, debruçar-nos sobre esse cenário de ações ritualizadas.

Em termos de encen(ação), pode-se dizer que ações são compostas a partir de um jogo de alterações entre um conjunto de ações roteirizadas e improvisadas. O roteiro, nesse sentido, representa uma espinha dorsal: um conjunto de características comuns, às vezes fixadas e que visam à estabilidade. Trata-se de um desejo de ordenação e padronização. O improviso, por outro lado, nada mais é do que o fruto do próprio agir: é a adaptabilidade, a transformação, o aspecto modificado, negociado ou contestado. Consiste, assim, em um conjunto de escolhas e posicionamentos; na adoção de atitudes particulares e inovadoras frente a uma dada ocasião ou problema. Acredito que os enterramentos com carros em Yorkshire tragam consigo um conjunto de improvisos dentro de roteiros específicos.

O primeiro ponto a ser destacado diz respeito ao fato de que o tratamento do corpo adotado em todos os enterramentos seja o da inumação. Esta parece ser o primeiro roteiro importante. A partir dela é possível observar dois fatores em que improvisações podem ocorrer: a orientação do corpo e sua posição. A tabela a seguir apresenta a posição e orientação dos corpos, nos enterramentos onde os esqueletos foram encontrados.

	Arras 1 “King’s”	Arras 2 “Charioteer’s”	Arras 28 “Lady’s”	Danes Graves	Garton Slack	
Tratamento do corpo	Inumação	Inumação	Inumação	Inumação (x2)	Inumação	
Posição do corpo	Fletido	n/d.	decúbito (?)	Fletidos	Fletido	
Orientação do corpo	N-S, or. (?)	N-S, or. (?)	n/d.	SO-NE, or. SE N-S, or. L	N-S, or. L	
	Wetwang Slack (1)	Wetwang Slack (2)	Wetwang Slack (3)	Garton Station	Kirkburn	Wetwang Village
Tratamento do corpo	Inumação	Inumação	Inumação	Inumação	Inumação	Inumação
Posição do corpo	Fletido	Fletido	Fletido	Fletido	Fletido	Fletido
Orientação do corpo	N-S, or. O	N-S, or. L	N-S, or. L	N-S, or. L	N-S, or. L	S-N, or. O

Tabela 6: Tratamento, posição e orientação dos corpos em enterramentos com carros em Yorkshire (o autor)

Pode-se observar que, em todos os enterramentos, os corpos encontravam-se na posição fletida. A única exceção seria a de Arras.28: a posição do esqueleto achado no Lady’s Barrow, no entanto, é controversa uma vez que a informação varia conforme o relatório de escavação (GREENWELL, 1877: 454; GREENWELL, 1906: 284), de modo que o mais sensato é considerá-la como incerta. A adoção de uma posição flexionada, por sua vez, representava o tratamento *post-mortem* comum à região. Embora haja ocorrências de inumações estendidas, boa parte das inumações encontradas na cultura de Arras segue esse mesmo padrão de tratamento e, em linhas gerais, ainda que cemitérios com inumações não sejam tão comuns na Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas, essa é a posição típica da maior parte das inumações bretãs encontradas na

região centro-sul da atual Inglaterra, podendo ser considerada uma tradição local (diferentemente de boa parte das inumações da Idade do Ferro do continente que costumam estar na posição de decúbito dorsal) (ANTHOONS, 2011: 213-4; CUNLIFFE, 2005: 551-4; WAIT, 1996: 495; WHIMSTER, 1981: 5-14)⁶⁴. É possível que em alguns casos, como o de Wetwang Village, houvesse até mesmo uma preparação do morto na qual seus pulsos e tornozelos estivessem amarrados de modo a manter o corpo na posição intencionada durante sua deposição na cova (cf. Catálogo, W.V).

Outro dado importante é o eixo de alinhamento corporal. Todos os esqueletos encontrados estavam cuidadosamente posicionados na posição Norte-Sul. Os únicos dois casos com pequenas variações são os de Danes Graves e Wetwang Village. Em Danes Graves é possível supor que o sutil desvio (SO-NE) de um dos corpos tenha se dado pelo fato de se tratar de um enterramento duplo. A mulher de Wetwang Village, contudo, encontrava-se com a cabeça na posição inversa (S-N) da maioria dos casos⁶⁵. Essa peculiaridade pode ter ocorrido por fatores que, hoje, nos escapam, porém, se comparado este caso com os demais, percebemos que essa variação não se dava por questões de riqueza, mobília funerária, idade nem tampouco de gênero. É provável que esteja relacionada a questões identitárias (pessoais ou familiares), porém não há como sabermos isso hoje. Tal alteração, no entanto, é relativamente típica da região de Yorkshire podendo chegar a atingir $\frac{1}{3}$ da população (cf. WHIMSTER, 1981: 104). Julgo plausível considerá-la como um traço local.

De todo modo, o alinhamento do corpo contemplando as coordenadas Norte e Sul parece ter desempenhado um importante papel dentro de uma cosmologia funerária local e, possivelmente, bretã: Whimster (1981: 103-104) destaca que essa mesma tendência e preferência pelos pontos N/NE pode ser observada em boa parte dos enterramentos encontrados na região centro-sul do atual território inglês e na Cornualha. Esse dado é particularmente interessante tendo-se em vista o amplo debate historiográfico que associa os enterramentos com carros da cultura de Arras à chegada de grupos estrangeiros vindos do continente.

⁶⁴ Alguns casos de enterramentos com esqueleto em posição estendida foram encontrados em Yorkshire, porém eles pertencem a uma tradição tardia (cf. nota 3) e são relativamente em menor quantidade (WHIMSTER, 1981: 97-8).

⁶⁵ Embora a preferência pelo Norte fosse a mais recorrente, casos em que os esqueletos foram encontrados com o crânio ao Sul podem ser observados em diversos cemitérios da região de ERY, como Danes Graves, Burton Fleming e Wetwang Slack (WHIMSTER, 1981: 99-103).

Em termos histórico-sociais, parece-me relevante destacar que esse tipo de alinhamento não era restrito apenas aos enterramentos mais elaborados⁶⁶. De fato, indivíduos enterrados em sepulturas com armas, espelhos e carros compartilhavam o mesmo eixo de posicionamento com os demais cadáveres encontrados em enterramentos simples (sem quaisquer artefatos, ou com apenas as ossadas de ovelhas). Esse é um dado importante que nos serve de indício para o fato de que, embora diferenciações sociais e econômicas fossem construídas no *post-mortem*, elas, entretanto, respeitavam alguns limites e regras e ocorriam dentro de um sistema maior de crenças em que alguns elementos comuns eram compartilhados entre indivíduos de diferentes grupos sociais.

Em termos de orientação do corpo, na maior parte das vezes, costuma apontar para o leste. Tal como o eixo norte-sul, esse costume de se orientarem os cadáveres para o leste fazia parte de um ritual que abrangia indivíduos de diferentes camadas sociais bem como boa parte da população local como um todo (cf. WHIMSTER, 1981: 96-9). É possível que haja aí um elemento de congruência entre práticas mortuárias e disposições arquitetônicas e domésticas. Isso se dá uma vez que as casas bretãs da Idade do Ferro apresentam uma nítida estrutura de orientação para o leste (e sudeste) (HILL, 1995; KARL, 2009: 145-7; PARKER PEARSON, 1999). O fato parece estar associado a um alinhamento intencional das portas das residências com o nascer do sol durante os equinócios e solstício de inverno (PARKER PEARSON, 1999: 43-44). O voltar-se para o leste na morte poderia, assim, ter a ver com a orientação da vida voltada igualmente para o mesmo ponto cardinal. Estudos comparados a partir de línguas célticas antigas como o gaélico irlandês e o galês antigo indicam que a palavra equivalente a leste (Irl.ant: *airther*) significa “frente/ diante”, ao passo que a palavra para oeste (*íar*) equivale a “trás/ traseiro” (KARL, 2008: 71). É válido ainda observar que o norte é associado à esquerda e possui normalmente atributos como “o inverso/ o oposto” nessa línguas. Sendo o “norte antigo” (isto é, seu principal ponto de referência e orientação) o atual ponto cardinal leste, não parece estranho, portanto, que boa parte dos corpos sepultados fosse orientada nessa direção tal como suas casas o eram. A predileção pelo sentido do crânio alinhado ao eixo norte também se faria explicável da mesma forma:

⁶⁶ Em Yorkshire, encontra-se também um conjunto de montículos com os corpos estendidos, às vezes flexionados, alinhados no eixo Leste-Oeste. Essa alteração do padrão de enterramento local corresponde, todavia, a uma fase relativamente tardia e posterior àquela aqui discutida, datando do século I a.C. e I d.C. (PARKER-PEARSON, 1999: 53).

estando o norte associado à “esquerda, o oposto e o inverso” das coisas, a orientação dos mortos (que são o oposto dos vivos) nessa posição poderia funcionar como um marco de sua passagem para o Outro-mundo.

Mas é possível também que haja um simbolismo entre lados e posições: estando a maior parte dos corpos com o crânio situado em direção ao norte, orientar os mortos a leste significa depositá-los sobre o lado esquerdo de seus corpos. Estatisticamente observa-se que 85% das inumações encontradas em cemitérios da região dos Wolds, como Danes Graves, Burton Fleming e Wetwang Slack, revelaram esqueletos posicionados sobre o lado esquerdo dos seus corpos (cf. WHIMSTER, 1981: 98). Talvez essa seja a chave para se entenderem alguns casos desviantes como o de Wetwang Village, onde a mulher enterrada encontrava-se voltada a oeste e não a leste como era de se esperar. Estando com a cabeça ao sul, a orientação do corpo a oeste permitia com que o esqueleto ficasse flexionado sobre o lado esquerdo do seu corpo, encaixando-se assim, apesar da pequena variação, na estrutura observada na maior parte dos casos. Se esta interpretação estiver correta, tudo parece indicar, então, que questões associadas a elementos de disposição e orientações corporais eram tão (ou mais) importantes em alguns casos quanto orientações de naturezas cardeais. O caso de WS.1, no entanto, continua díspar na medida em que o corpo estava orientado a oeste e levemente inclinado sobre seu lado direito.

De toda forma, apesar de suas semelhanças e de elementos compartilhados entre si, é preciso entender que se os enterramentos com carros em Yorkshire apresentam certas variações podendo exibir um singular nível de improvisação e de diferenciação no tocante à posição e orientação dos corpos no interior das sepulturas, o mesmo pode ser dito da disposição e do tratamento dado aos demais elementos que compõem esses enterramentos. A cultura material nos revela que os carros poderiam estar ora desmontados, ora depositados por inteiro nas sepulturas. Ainda que as informações disponíveis sobre esta última modalidade sejam relativamente escassas, o registro de suas ocorrências, dentro de um contexto de distribuição geográfica, parece indicar certo padrão de deposição. Cawthorn Camps e Pexton Moor, ambos os casos em que carros foram atestados como depositados por inteiro sobre montículos funerários, situam-se na região do Vale de Pickering, ao norte dos Wolds. Creio ser importante lembrar que, não obstante, todos os casos documentados, até os dias atuais, nos quais carros foram depositados por inteiro como parte de rituais funerários em solo bretão, comprovam que

esses casos ocorrem sempre em regiões vizinhas, porém externas, à região dos Wolds⁶⁷. Já nesta última área, o desmonte dos carros foi a norma observada em todos os casos.

carros desmontados		carros inteiros	
Arras (1, 2, 28)		Cawthorn Camps	
Danes Graves			North
Garton Slack	Yorkshire	Pexton Moor	Yorkshire
Wetwang Slack (1,2,3)	Wolds		
Garton Station		Hunmanby (?) *	
Kirkburn			
Wetwang Village			

* Hunmanby encontra-se na extremidade nordeste dos Wolds e há a possibilidade do veículo ter sido depositado inteiro, entretanto a informação é controversa (cf. Catálogo. nº9)

Tabela 7 : Relação de carros desmontados e carros inteiros encontrados em enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire, com referência aos locais e às regiões dos achados. (o autor)

Pode-se perceber, portanto, a existência de duas “tradições” de enterramentos com carros em Yorkshire. Essas diferenças parecem ser mais regionais do que cronológicas, já que se estima uma datação em torno do séc. IV-III a.C. para a maioria dos casos observados. Anthoons (2011: 52-54; 70-1) chegou à mesma conclusão, após ter debatido sobre parte dos achados de Yorkshire à luz dos enterramentos com carros do continente, argumentando não haver necessidade de se julgar que os enterramentos dos Wolds tenham se originado de um ritual mais remoto de deposição de veículos inteiros e que os enterramentos ao redor da região representassem um modelo mais antigo. Logo, o que se observa a partir dos achados diz respeito mais à existência de diferentes respostas e tendências locais (desmonte ou deposição direta) bem como algumas partituras compartilhadas entre comunidades circunvizinhas (como a utilização de veículos em contextos mortuários).

⁶⁷ É digno de nota, observar ainda que as duas últimas descobertas de enterramentos com carros foram realizadas em Newbridge (Escócia) e Ferry Fryston (West Yorkshire) nos anos de 2001 e 2003, respectivamente. Em ambos os casos, os veículos foram depositados por inteiro no interior da sepultura, não havendo qualquer processo de desmonte.

Os enterramentos localizados nos Wolds, no entanto, não representam um bloco monolítico. A disposição das peças desmontadas e depositadas em seu interior pode assumir algumas configurações particulares. O primeiro ponto a ser observado é a posição *per se* das rodas, que poderiam ter sido depositadas deitadas no chão ou (menos frequentemente) em pé, encostadas por dentro, na cova. O segundo, diz respeito à posição do corpo em relação às rodas, podendo a pessoa ter sido colocada próxima às duas rodas ou entre ambas.

Posição das rodas em enterramentos nos Wolds	(1) Encostadas na parede		GSt
	(2) Deitadas no chão	}	Próximas ao esqueleto
Esqueleto entre as rodas			A.1 A.2 GS KIR WS 1 WS 2 WS 3

Tabela 8: Posicionamento das rodas em enterramentos com carros em Yorkshire Wolds (o autor)

Embora a localização da maior parte dos itens e artefatos no interior das tumbas pudesse apresentar uma grande variabilidade, a partir da cultura material encontrada é possível observar que a panelha e conseqüentemente os anéis de rédea normalmente costumavam ser depositados no canto oeste da cova, ao lado do morto. Esse é o caso para enterramentos como os de GS, GSt, KIR e WS (1, 2 e 3) onde é possível precisar a localização dos achados. Infelizmente, as descobertas realizadas durante o séc. XIX e início do séc. XX não nos permitem elaborar quaisquer conclusões desta natureza, salvo a de Danes Graves que, apesar de se tratar de um enterramento duplo, segue essa mesma disposição. Deve-se presumir, contudo, que variações pudessem ocorrer: até hoje, o único caso registrado a partir da utilização de técnicas modernas de escavações e que foge a essa regra é o de Wetwang Village, onde a panelha foi colocada na parte norte da tumba.

Em todos os casos bem documentados nos quais traços de madeira puderam ser identificados no solo, creio ser visível ainda a existência de uma disposição comum da estrutura do veículo no interior da cova. Isso porque os eixos dos carros aparecem sempre colocados ao sul, ao passo que as caixas de madeira costumam estar localizadas na altura dos esqueletos, servindo como uma espécie de caixão, e os cabos dos carros prolongam-se ao norte. Por mais que haja um debate sobre a natureza das caixas de madeira encontradas juntos aos mortos – seriam elas caixões ou as caixas dos veículos?, como se pergunta Anthoons (2011: 56-58) –, sua disposição sempre próxima ao cabo e ao eixo parece-nos indicar um modelo e arranjo a ser seguido durante a cerimônia fúnebre.

Outro dado particularmente interessante é a localização de itens especiais como armas e espelhos. Artefatos desse tipo, sempre que identificados em enterramentos com carros, estão localizados imediatamente próximos ou junto ao corpo da pessoa morta. Ambas as espadas encontradas em Wetwang (1 e 3) encontravam-se na mesma posição, sendo colocadas num eixo norte-sul sobre os corpos, na altura da caixa torácica dos homens enterrados (cf. Catálogo nº 14 e 16). As sete pontas de lanças encontradas em WS.1 também se achavam espalhadas ao redor (e sobre) o esqueleto. Em Kirkburn a cota de malha, semelhantemente, havia sido depositada em cima do corpo do morto (cf. Catálogo nº 18). Todos os três espelhos encontrados em Arras e Wetwang (WS.2 e WV) também haviam sido colocados junto às mulheres enterradas: em Arras e Wetwang Slack, eles se encontravam, respectivamente, abaixo e imediatamente próximo aos crânios (junto a uma caixa de metal trabalhada) e em Wetwang Village sobre a pélvis e pernas da mulher (Cf. Catálogo nº 3, 15, 19).

Muitos casos ainda (GS; WS 1, 2, 3; GSt, KIR) indicam que esse modo de agir poderia englobar inclusive objetos de metal que compunham as partes do veículo e seus apetrechos como os equipamentos de arreo: em todos esses casos, anéis e pinos de rodas, embocaduras, anéis de rédea e demais objetos de metal estavam todos localizados ao redor, sob e sobre os corpos dos mortos, estando o mais próximo possível destes. Acredito que o mesmo possa ser dito para as ossadas de porcos. Além de terem sofrido certo ritual particular, sendo depositadas apenas parte do quarto dianteiro e os crânios (frequentemente quebrados em duas porções), porcos eram animais valorizados e serviam como sinalizadores de distinção social e riquezas materiais (cf. Cap. 4, item 4.2; PARKER PEARSON, 1999: 56). Nos enterramentos com carros em Yorkshire, embora a posição na qual algumas partes do animal foram encontradas pudesse variar,

eles estavam sempre depositados cuidadosamente junto à pessoa morta, ora ao seu lado, ora sobre seu corpo.

Esses processos de deposição dos bens tornam-se interessantes para nós, sobretudo, devido a dois fatores. Primeiramente, eles nos atestam, a partir de ações ritualizadas de distribuição dos bens no interior da cova, a construção de certo caráter especial de objetos de metal (e ossadas de porcos). Isto se dá não apenas por se tratarem de objetos valiosos ou cuidadosamente adornados e trabalhados, mas, igualmente, por terem sido intencionalmente colocados o mais próximo possível dos mortos (e o morto é aquele que, de certa forma, concentra em sua figura um dos focos principais de toda a cerimônia fúnebre). Esse conjunto de ações e distribuições cria, a meu ver, um nítido vínculo entre objetos e pessoas. Destaca, primeiramente, o valor e o caráter especial dos itens depositados, como, ao mesmo tempo, o valor e o caráter especial da pessoa morta enterrada com tais preciosos artefatos. Em última instância, esse agir permite ainda o reordenamento e o reforço de laços sociais: demonstra o vínculo e cuidado particular direcionado àquele que parte desta vida e, também, a tentativa de se manterem os laços e alianças entre os que ficam e lhe prestam tal homenagem. Esforço este que era válido de ser feito, em determinadas circunstâncias, tanto para homens como para mulheres.

Os enterramentos com carros em Yorkshire revelam, portanto, um quadro complexo de ações em relação aos mortos. Por um lado, devido ao caráter lacunar dos achados sobre determinados aspectos e particularidades das fontes disponíveis para o estudo da Idade do Ferro bretã, não nos é possível extrairmos significados e simbolismos particulares associados a alguns aspectos específicos. Por outro, é possível ver uma clara intencionalidade de atuação, criando-se um nítido conjunto de associações físicas, materiais e simbólicas. Enterramentos são, pois, frutos de ações bem orquestradas que se direcionam a um público em um contexto específico e, como tal, não me parece absurdo presumir que toda a ação seja ordenada de modo a se evitarem brechas e vazios de significação, criando assim uma continuidade entre os atos. Vistas em conjunto, as tumbas analisadas nos indicam a existência de alguns roteiros mais recorrentes e compartilhados, que eram reorganizados a partir de uma lógica local, criando-se uma espécie de léxico ou códigos entre comunidades. Essas estruturas, no entanto, se configuram mais como desejos de estruturas do que de estruturas por si só: elas trazem consigo elementos de adaptabilidade e variabilidade, fazendo com que cada caso seja único. Trata-se de um jogo de improvisações dentro de roteiros. Isso só é possível uma vez que o processo de ritualização da morte nada mais é do que ação, e

todo o modo de agir, roteirizado ou improvisado, é, ao mesmo tempo, uma tentativa de manutenção e de transformação do mundo.

5.2. Carros e equipamentos de arreo

Peça central nos enterramentos discutidos, os carros encontrados são, certamente, objetos complexos e distintos. Diferentemente da maior parte dos artefatos, eles se caracterizam por um todo composto a partir de diferentes partes: um conjunto de peças e estruturas montadas (e desmontadas) que compõem um objeto maior.

Um veículo bretão da Idade do Ferro consiste basicamente em uma estrutura composta por (1) duas rodas; (2) pinos de rodas; (3) eixo; (4) caixa; (5) cabo central; (6) parrelha e (7) o conjunto de itens de arreo. Boa parte desses itens possui características e, em alguns casos, tipologias particulares e nem sempre se fazem presentes como um todo em alguns enterramentos - já que isso muitas vezes depende das condições nas quais as descobertas foram feitas. A estrutura descrita acima, no entanto, representa um traço comum em todas as ocasiões onde carros foram encontrados em contextos funerários, como é o caso em Yorkshire.

Vale lembrar que outras evidências históricas atestam a utilização de veículos desse tipo por parte dos antigos habitantes das Ilhas Britânicas. Estas evidências, por sua vez, podem ser encontradas em registros tanto textuais como materiais. Autores como César (*Commentarii de Bello Gallico*, IV. 33; V. 16-19), Estrabão (*Γεωγραφικά*, IV. 5. 2.), Tácito (*De vita et moribus Iulii Agricolae*, XII; *Annales*, XIV. 35) dentre outros, mencionam, com certa ênfase e detalhe, a utilização de carros por parte de bretões, tanto do sexo masculino como do feminino, sobretudo, em contextos de guerra. Acrescido a isso, é possível observar um conjunto de moedas cunhadas durante o período romano as quais retratam a mesma temática⁶⁸. Diferentes achados, ainda, em várias outras regiões como Gussage all Saints (Dorset), Glastonbury Lake Village e das escavações de *hillforts*⁶⁹ acabaram revelando, por vezes, peças e apetrechos associados à utilização de carros. Em alguns casos como Stanwick (North Yorkshire) conjuntos de arreios como anéis de rédea e embocaduras (c. 40-80 d.C.) foram encontrados enterrados como parte

⁶⁸ Algumas dessas moedas já se encontravam desde o séc. XIX reproduzidas em obras das mais diversas (cf. PHILIP, 1862: 37), normalmente associadas a uma ideia novecentista de progresso trazido pelos romanos. Para um apanhado geral sobre a utilização de carros com fins bélicos pelos antigos bretões, ver BRADLEY, 2009.

⁶⁹ O termo se refere a um tipo de assentamento fortificado localizado em topos de colinas (cf. CUNLIFFE, 2005; 2012: 304)

de um “tesouro” que continha 140 peças, muitas das quais fazendo uma forte alusão ao universo dos carros e cavalos.

Vistas em conjunto, essas evidências nos indicam que a utilização de veículos para os mais diferentes fins parece ter continuado até um período tardio em diferentes localidades, chegando a ser contemporânea à ocupação romana da Britânia⁷⁰. Os dados ainda apontam para a utilização de carros relativamente semelhantes àqueles encontrados em enterramentos em Yorkshire, tratando-se de veículos de duas rodas, sem sistema de suspensão e puxado por dois cavalos emparelhados.

Contudo, gostaria, aqui, de ater-me aos achados de Yorkshire. Isto porque se trata de uma região e de cronologias distintas daquelas das demais evidências então mencionadas. Tratam-se também, especialmente, de contextos distintos (de achados). O objetivo, nesse sentido, não é traçar uma arqueologia de modelos e tipos de carros bretões, por mais atraente que possa ser a ideia. Ao contrário, os carros nos interessam por se tratarem de itens de deposição fúnebre. O interesse reside, portanto, a partir de um estudo direcionado desses carros, em observar as possíveis implicações históricas (em termos sociais e de gênero) por detrás de tais atos de deposição, destacando um possível campo de atuações, desejos e significados.

Em geral, o primeiro item que, durante a escavação de uma tumba, costuma saltar aos olhos são as rodas do veículo. Estas eram sempre revestidas em sua parte externa por aros feitos de ferro, cujos diâmetros poderiam variar entre cerca de 700mm (como em Beverley e Cawthorn Camps) a 900mm (como Garton Station, Kirkburn e Wetwang Village). É possível observar ainda que uma roda costumava possuir um total de 12 raios e, para além dos aros, cada peça contava também com um par de anéis. Esses quatro anéis que fortaleciam o encaixe no centro da roda ao eixo do veículo, por sua vez, eram feitos de ferro, de liga de cobre ou de ferro revestido por liga de cobre, medindo 130mm de diâmetro. Em alguns casos, como em Arras (Lady’s Barrow) e Wetwang Slack pode-se observar uma elaboração decorativa no formato de uma tira central que circula cada anel.

Pinos também tendem a ser encontrados próximos aos itens acima mencionados. Esses objetos chamados de “pinos de rodas” servem para fixar as rodas junto ao eixo do carro e costumam ser feitos a partir de diferentes materiais e formatos. Em termos

⁷⁰ Em algumas regiões como a Irlanda, carros deste tipo parecem haver continuado em uso durante séculos, inclusive ao longo do período medieval. É digno de nota, ainda, que boa parte dos grandes ciclos literários irlandeses costumam fazer alusão à utilização de veículos deste tipo por parte de heróis, guerreiros, reis e rainhas. (cf. KARL, 2003).

quantitativos, a maior parte dos itens até então descobertos são, respectivamente, (1) de ferro e liga de cobre, (2) de ferro, (3) de galhadas de animais. Em Garton Slack, no entanto, nenhum objeto desse tipo foi encontrado e é possível imaginar que alguns pinos tivessem sido feitos, igualmente, de madeira (não deixando, portanto, vestígios visíveis) (cf. BREWSTER, 1971; 1975).

Tipos de pinos de rodas encontrados em ERY				
(o autor)				
A.1 KIR	MID	DGr WS.2 WS.3	GSt WV	A.2 WS.1
Em branco os itens feitos de ferro, em cinza os itens feitos de ferro & liga de cobre e em preto os itens feitos de galhadas.				

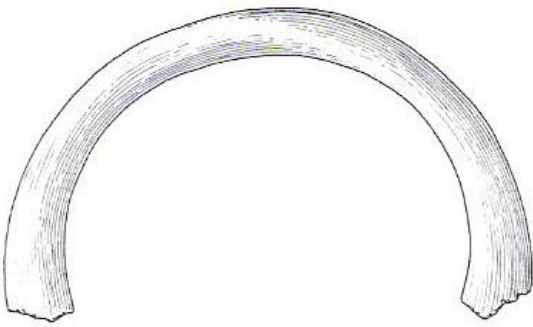
Tabela 9: Tipos de pinos de rodas encontrados em enterramentos com carros em ERY (o autor)

Independentemente do suporte utilizado (animal ou metal), muitos pinos, por vezes, costumam ser cuidadosamente adornados. Em alguns casos, nota-se o polimento do objeto e o engaste de temas retilíneos como no Charioteer's Barrow; em outras ocasiões, os anéis foram banhados por liga de cobre e possuíam um acabamento brilhante (Wetwang Village); objetos como o de Kirkburn revelam, até mesmo, a presença de pequenos adornos cuidadosamente feitos nas partes extremas, que contavam, inclusive, com motivos tripartites estilizados.

Outro tipo de objeto presente nos enterramentos são as embocaduras. Elas costumam ser encontradas aos pares, sendo feitas de ferro, liga de cobre ou de ambos os materiais. Seus tipos podem, igualmente, variar entre embocaduras compostas por duas

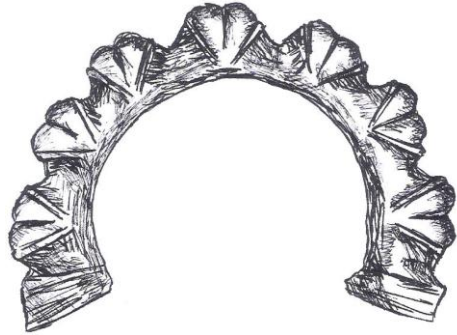
argolas e um anel central (CC, DGr, PM); duas argolas e um elo com dois anéis (GS, GSt, HUN, A.1, A.28, WS.2, KIR), duas argolas unidas (WS.1) ou duas argolas e correntes (BEV). As embocaduras encontradas em Arras (King's Barrow e Lady's Barrow) e Wetwang Slack (WS.2) possuíam ainda pequenos adereços em formato retilíneo e dois botões de metal no corpo das argolas maiores. Já os artefatos deste tipo encontrados na tumba da mulher enterrada em Wetwang Village contavam ainda cada qual com um botão cuidadosamente trabalhado, porém, nesse caso, adornados com esmalte vermelho e desenhos estilizados de quatro pernas, no formato de suásticas. A estética é semelhante a alguns objetos rituais/marciais, sendo o escudo de Battersea (c. 350-50 a.C.) o mais conhecido e talvez mais próximo em seu estilo decorativo.

Porém, de todos os objetos que compõem o carro e suas partes, os anéis de rédea são, na maioria das vezes, os itens mais preciosos (em termos materiais) e de maior nível de elaboração estética. A partir de seu posicionamento no interior dos enterramentos é possível inferir que eles eram depositados na cova ainda atrelados à parrelha através de tiras de couro (cujos resíduos em alguns casos podem ser observados na base dos anéis). O arranjo continha um total de cinco anéis, sendo o anel central, sempre, o maior de todos e possivelmente aquele que servia para prender a parrelha ao cabo do carro (STEAD, 1991: 49-50). Os anéis apresentam sempre a mesma estrutura em formato de "D" e podem ser classificados a partir de cinco tipos: lisos, com "lábios", com adornos retilíneos, com botões e com coral.

Anéis de rédea (<i>terrets</i>)				
	Tipo			
	Formato em "D" liso			
	<table border="1"> <tr> <td>Liga de cobre</td> <td>Ferro e liga de cobre</td> </tr> <tr> <td></td> <td>DGr HUN</td> </tr> </table>	Liga de cobre	Ferro e liga de cobre	
Liga de cobre	Ferro e liga de cobre			
	DGr HUN			

(STEAD, 1979: 51, fig.17.1)

Anéis de rédea (*terrets*)



(o autor)

Tipo

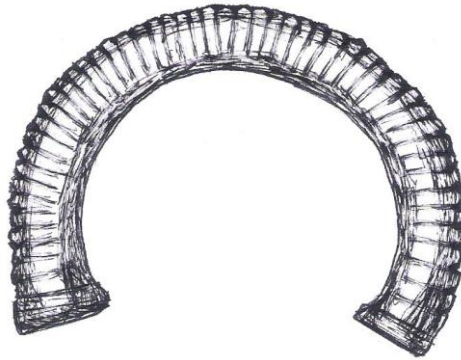
Formato em "D" com "lábios"
(discos bipartidos)

Liga de cobre

Ferro e liga de
cobre

A1
A28
KIR

Anéis de rédea (*terrets*)



(o autor)

Tipo

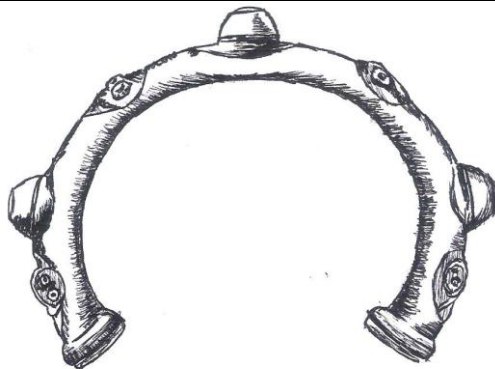
Formato em "D" com adornos
retilíneos

Liga de cobre

Ferro e liga de
cobre

WS1
WS3

Anéis de rédea (*terrets*)



(o autor)

Tipo

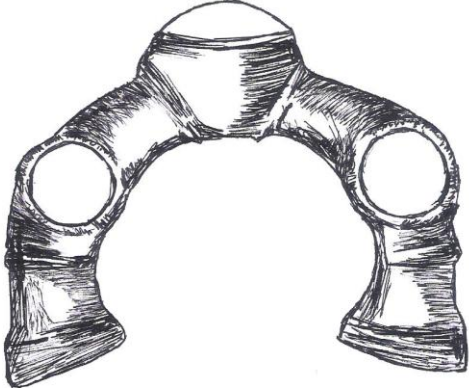
Formato em "D" com botões ao
longo do corpo

Liga de cobre

Ferro e liga de
cobre

GSt

Anéis de rédea (<i>terrets</i>)	
Tipo	
Formato em “D” com botões de coral	
Liga de cobre	Ferro e liga de cobre
GS (1 botão)	WS2 (3 e 7 botões)
WV (5 botões)	



(o autor)

Tabela 10: Tipos de anéis de rédea encontrados em enterramentos com carros em ERY (o autor).

Nenhum dos anéis de rédea era feito apenas de ferro, sendo ferro e liga de cobre ou exclusivamente liga de cobre os materiais utilizados para a confecção desses itens, o que já indica certo refinamento. Como é possível notar, os temas de adorno mais recorrentes são a presença de discos bipartidos e de botões, podendo estes últimos variarem quanto à quantidade presente em cada peça e a sua tipologia (botões de metal ou botões de coral).

Em alguns casos, fivelas de arreios são também encontradas próximas aos anéis de rédea. Em Wetwang Village e Garton Slack, tal como os itens que compunham a parrelha, a fivela possui pequeninos botões de adorno feito de coral. Aquelas encontradas em Kirkburn e Garton Slack possuem ainda um mesmo formato, semelhante a um “8”, ao passo que a de Wetwang Village se difere das demais apresentando um círculo central dividido em duas partes. Todas as fivelas eram feitas de liga de cobre.

Evidências deixadas no solo indicam ainda a presença de uma caixa situada no meio das covas cobrindo os mortos. Essa estrutura costumava medir entre 1,5m-2m de extensão, 0,9–1,2m de largura e 0,5m de altura (ANTHOONS, 2011: 58; STEAD, 1991: 32). Tudo parece indicar que se tratasse da caixa do veículo. É possível que além de madeira, outros materiais, como palha e couro fossem utilizados em sua confecção (ANTHOONS, 2011: 57-8). Atualmente, há um debate se tal estrutura de madeira se trataria mesmo, a princípio, da caixa do veículo utilizada para depositar o morto ou se, ao invés, seria um caixão especialmente feito para se conter o cadáver. Dado à escassez de evidências e à natureza do material, pouco pode ser inferido a partir daí. Seja esta composição a própria caixa do veículo ou um caixão, ou, ainda, uma caixa de veículo especialmente feita para o funeral a fim de comportar o morto, em todos os casos, essa

estrutura foi colocada sobre o carro, carregada junto a ele até a sepultura e, em ocasiões como o de Garton Station, visivelmente invertida sobre o corpo do morto.

Acredito, também, que a utilização de carros traga consigo um conjunto de percepções e de efeitos particulares, tanto em vida como em contextos de morte (como parte de um rito funerário). Veículos são, afinal de contas, objetos performáticos por excelência: criam um conjunto de sons que vão desde o ranger das rodas no eixo, os estalos da madeira, o ruído feito na terra, o conjunto de assovios, comandos e golpes proferidos pelo condutor até o relinchar dos cavalos acompanhados pelo som dos cascos desses animais em galope. Chegadas e partidas são enfatizadas e transformadas em verdadeiros atos teatrais. Símbolos de movimento, eles permitem a alteração de noções como tempo e espaço, reduzindo distâncias e facilitando a locomoção. Trazem, ainda, uma estética toda particular que, em movimento, deveria se combinar, capturando a atenção dos espectadores presentes. Tonalidades de vermelho se misturavam, motivos tripartites e cruces gamadas geravam efeitos giratórios, dentre outros. Essa metáfora visual de movimento e transformação deve ter sido explorada e aproveitada em contextos mortuários, marcando, de certa forma, a passagem do morto para o outro mundo. Giles (2008a) destacou ainda um aspecto interessante: um carro permite que seus ocupantes estejam em uma posição superior, mais elevada, que a dos demais: elevação física esta que pode ter sido muito bem utilizada como uma vantagem psicológica para construir um distanciamento ou uma diferenciação social (GILES, 2008a: 70).

Há, pois, um uso performático desses veículos e um conhecimento de excelência que era (ou que desejavam ser) transmitido. A ação performática, nesse sentido, ao mesmo tempo em que cria, afeta esse próprio conhecimento: ela o realiza na medida em que o concretiza. Nas palavras de Zumthor (2007: 32), ela não é apenas um simples meio de comunicação: ao contrário, “comunicando, ela o marca”.

Carros eram utilizados e manipulados na Idade do Ferro para diferentes finalidades. Suas funções poderiam ser bélicas (como carros de guerras), judiciais (permitindo-se deslocar entre jurisdições e entregar a justiça a questões locais), cerimoniais (como uma plataforma que permitia ou guiava uma procissão cerimonial), sociais (transportando pessoas entre regiões, permitindo contatos e visitas entre comunidades) (KARL, 2003: 16-7). A existência de uma complexa malha de rotas e caminhos (*droveways*) ao longo dos vales e encostas dos Wolds e que conectavam assentamentos, cemitérios, reservas naturais e sítios sagrados parece, nesse sentido,

dialogar perfeitamente com a importância estratégica de deslocamento entre regiões e com o papel (prático e simbólico) construído a respeito desses veículos. Em um mundo marcado pela fiscalização, vigilância e observação daqueles que chegam e partem, pela construção de vias interconectadas entre regiões, não seria um exagero considerar que os carros representassem literalmente e metaforicamente um *veículo* de relações sociais (GILES, 2008a: 70).

No mais, é preciso ter em mente que a própria feitura de um carro concentra, em seu ato, um conjunto de habilidades, processos e técnicas particulares. Não basta apenas possuir o *savoir faire* nesse sentido, mas ser capaz de combiná-lo em conjunto com demais conhecimentos formando-se um todo. Um veículo traz em sua constituição esse conjunto de relações (produtivas e sociais) e de saberes condensados e organizados.

Envolve por um lado uma série de conhecimentos de carpintaria e marcenaria, trabalhando-se a madeira (provavelmente cuidadosamente selecionada e obtida em matas locais), a fim de transformá-la na roda e seus raios, eixo, cabo, caixa e parêlha.

Ao mesmo tempo, um veículo requer igualmente um conjunto de complexos saberes metalúrgicos que envolvem tanto o domínio de técnicas de trabalho do ferro como das ligas de cobre que possam compor objetos como pinos, anéis, aros e todos os demais itens de arreo. O ferro na maior parte deveria ser obtido a partir de reservas pantanosas (*bog-iron*), como no Foulness Valley, um complexo metalúrgico e ferreiro durante a Idade do Ferro bretã, localizado ao sul dos Wolds (cf. HALKON, 2010: 25-6), ao passo que o cobre e estanho se faziam disponíveis através de trocas comerciais e de processos de reciclagem (GILES, 2011), sendo relativamente mais preciosos nesse sentido.

Não obstante, há também a utilização de um conjunto de tarefas relacionadas ao couro, que implica a reserva de cabeças de gado bovino e/ou ovino, curtindo-se a pele de animais abatidos, trabalhando-se o couro e transformando-o em tiras, amarras e rédeas. Um carro requer também animais de tração (no caso, cavalos⁷¹) e, acrescido às demais etapas e habilidades, não me parece descabido acrescentar o conjunto de cuidados voltados para a criação, treinamento e técnicas de emparelhamento como parte (indiretamente) importante do processo de feitura e utilização de um carro.

⁷¹ Os cavalos encontrados nas Ilhas Britânicas e na Gália durante a Idade do Ferro são relativamente menores que os demais encontrados na mesma época em outras regiões, como na Península Itálica, por exemplo. Atualmente, talvez o tipo que mais se aproxime de seu físico seja o pônei-de-exmoor. Para mais, cf. Green, 1992: 7; 69-72.

Por fim, há ainda uma cuidadosa etapa de decoração de itens que requer habilidades bem particulares. Essas decorações, por sua vez, poderiam se fazer tanto em materiais orgânicos (galhadas de animais) como, na maior parte dos casos, em objetos de metal. Envolviam o engaste (sobretudo de botões), gravuras metálicas dos mais variados motivos e desenhos, processos de folheagem de metais, o manuseio de pedras de coral e o domínio de técnicas de esmaltamento.

As peças de coral vermelho (*Corallium rubrum*) encontradas em diversos enterramentos são, talvez, um dos itens mais singulares, haja vista sua escassez e valor material. Nos carros, elas aparecem com maior frequência nos anéis de rédea localizados sobre a parrelha. Entretanto, outros artefatos encontrados nesses mesmos enterramentos, como espadas, caixas e pinos, apresentavam do mesmo modo, por vezes, uma decoração com botões feitos de coral (cf. Catálogo). Engastes de coral foram encontrados também em outros itens escavados em alguns poucos ricos enterramentos (sem carros) na região de Yorkshire, como fíbulas, pinos, braceletes, brincos e pingentes (cf. STEAD, 1965: 58, 63-6; STEAD, 1979: 86-8).

O que é tão significativo a respeito do coral é o fato de que ele não é encontrado nas águas do Mar do Norte, que banha a região de Yorkshire, mas, ao invés disso, no Mediterrâneo e no Mar Vermelho. O *Corallium rubrum* possui uma distribuição relativamente limitada, e a maior parte dos principais centros de extração da matéria na Antiguidade estava localizada na costa oeste do Mar Mediterrâneo, à altura próxima da região atual de Provence, na França (STEAD, 1979: 87). Esse tipo de material costumava ser comercializado e encontrado em tumbas ricas da Idade do Ferro no continente desde o séc. VI a.C., sendo um item de luxo recorrentemente encontrado durante a chamada fase de Hallstatt-D (c. 650-475) (CHAMPION, 1985). De certa forma, o coral era tão valorizado que chegou a ser trocado com as regiões mais remotas e longínquas como Yorkshire, mesmo em meados do séc. IV a.C., quando outros tipos de bens importados do Mediterrâneo se tornaram cada vez mais escassos e pararam de ser comercializados em diferentes regiões da Europa (COLLIS, 2001). Em pleno séc. I d.C., o escritor romano Plínio, o Velho, chegou a mencionar que a circulação do coral havia atingido as Índias, e que os gauleses tinham por hábito adornar suas espadas, escudos e capacetes com essas preciosas pedras (PLÍNIO, *Naturalis Historia*, XXXII, 11).

Além de seu valor material e de representar um item de destaque privilegiado, ao qual apenas um seleto grupo de pessoas teria os recursos necessários para seu acesso, é

possível que o coral tivesse também um significado particular para as populações do norte bretão. Sua estética e cor marcam a tonalidade avermelhada; a mesma coloração encontrada em diversos objetos de metal cuidadosamente decorados com esmalte encontrados nas Ilhas Britânicas e, especificamente, na região de Yorkshire ao longo da Idade do Ferro⁷². Mais ainda, como Giles (2008a) destaca a partir de uma leitura de Helms (1988), em sociedades de pequena escala, como é aqui o caso, substâncias, como o coral, que eram trazidas de uma longa distância poderiam ser encaradas como mensageiras ou possuidoras de uma dimensão espiritual ou de atributos especiais, já que a distância, nesses casos, nunca é algo meramente geográfico, mas também cosmológico (GILES, 2008a: 73).

Trabalhos de madeira, de metal, de couro, de adorno e estilização, de importação e troca e da criação de animais - todos esses fatores estão presentes, em diferentes níveis, nos veículos encontrados nas tumbas de homens e mulheres em Yorkshire. Consequentemente, um carro demandava o gerenciamento de recursos materiais, saberes, pessoas disponíveis e tempo, tanto para sua construção, como para manutenção. Comparado aos demais itens encontrados no interior das tumbas, trata-se do artefato mais complexo em termos de habilidades e especializações envolvidas, combinando em um só objeto um conjunto de referências simbólicas que poderiam ser expressas através de diferentes materiais, técnicas e estilos empregados. Nesse sentido, funcionam como um microcosmo ou universo (metafórico) dessas mesmas relações sociais condensadas. Giles (2011) chegou a defender semelhante ponto de vista ao mencionar que os indivíduos enterrados com veículos em Yorkshire talvez não fossem apenas as pessoas que se utilizavam de tais veículos, mas aquelas que, de alguma forma, ajudaram também a fazê-los, ou que se fizeram valer, de algum modo, das habilidades envolvidas na produção desses carros para aumentar sua própria autoridade e prestígio (GILES, 2011: 6).

Ter sido capaz de orquestrar o conjunto de recursos, pessoas e habilidades necessárias para a construção e utilização de tais veículos representava, nesse contexto, um importante elemento de distinção social. Não se trata apenas de reproduzir um simples modelo de elites, mas de admitir que questões sociais, tais como reconhecimento e prestígio, poderiam estar atreladas a um conjunto de fatores dentre os

⁷² Esse recurso também é encontrado em regiões da Europa, sobretudo, durante o período La Tène.

quais incluem questões de gênero, questões etárias, questões de hereditariedade, habilidades/proezas e a capacidade de se “reunir” diferentes indivíduos e recursos.

Contudo, uma pergunta fundamental deve ser levantada: teriam esses veículos sido feitos especialmente para a cerimônia fúnebre ou seriam eles os mesmos utilizados em vida por essas pessoas? Um olhar mais cuidadoso da cultura material encontrada nos enterramentos com carros em Yorkshire indica que a resposta, talvez, não seja tão simples assim. A meu ver, ambas as alternativas não só poderiam coexistir, como, paradoxalmente, estar presentes em um mesmo caso.

Os achados em Danes Graves revelam-nos rodas ligeiramente assimétricas e distintas e é provável que uma delas tivesse sido substituída e reparada antes de ser enterrada junto aos dois mortos encontrados no local (STEAD, 1979: 40). Ocorrência semelhante pode ser observada em Garton Slack, onde uma das rodas aparentava ser nova e a outra demonstrava claros indícios de uso e desgaste (BREWSTER, 1975: 111). O mesmo pode ser observado em relação às rodas do carro de Kirkburn (GILES, 2008a: 61). Esse também é o caso de um achado mais recente, descoberto em Ferry Fryston (West Yorkshire): ambas as rodas do veículo enterrado possuíam diâmetros distintos (870mm e 850mm, respectivamente), o que fazia com que a estabilidade do veículo fosse significativamente afetada, embora não o tornasse inutilizável e, de todo modo, o carro foi considerado bom o bastante para ser depositado por inteiro na tumba (ANTHOONS, 2011: 60).

Em Garton Slack indícios de reparo estão também presentes nos anéis de roda. Dos quatro anéis encontrados, três representavam um conjunto homogêneo, sendo feitos do mesmo material (liga de cobre), ao passo que o quarto, embora possuísse as mesmas medidas, destoava dos demais anéis sendo composto de ferro e provavelmente feito *a posteriori* (BREWSTER, 1971: 291). É possível que uma parte do carro tivesse sido também reparada, pois além do anel de roda, um dos terminais do eixo contava com uma caixa de ferro em sua extremidade, caracterizando-se como uma espécie de emenda a fim de manter a funcionalidade do eixo e do conjunto (cf. Catálogo, 13).

Um dos anéis de rédea encontrados no enterramento de Wetwang Village também fora remendado antes de ser depositado na tumba. Os anéis que compunham a parrelha nesse caso tinham botões feitos de pedra de coral, porém um deles, em algum dado momento, perdeu um de seus botões tendo sido reparado com esmalte vítreo de tonalidade avermelhada, que visava criar uma estética semelhante ao do coral.

A maior parte das embocaduras encontradas em todos os enterramentos, igualmente indicam sinais de uso prévio (ANTHOONS, 2011: 65)⁷³. A única exceção é a de Arras (King's Barrow), onde a embocadura encontrada não apresenta quaisquer sinais de uso. Contudo, considerando-se que o objeto parece ter sido modelado de uma forma que seu uso se tornasse desconfortável ao animal e impróprio para a utilização prática (STEAD, 1979: 49), é possível imaginar que ele tivesse apenas uma função simbólica. Não há como saber se o item fora feito exclusivamente para a cerimônia fúnebre ou se, inicialmente, havia sido confeccionado para o uso diário e descartado devido a sua ineficiência. Seja como for, isso não o excluiu como parte das ofertas funerárias ao morto.

Quero, assim, chamar a atenção para o seguinte aspecto: o de que boa parte dos enterramentos poderia conter carros que, em sua estrutura, eram compostos de peças reutilizadas, antigas e/ou reparadas. Tornam-se evidentes, portanto, seus usos prévios. É possível observar também, nesse sentido, a existência de um cuidado especial de reparo, presente tanto em enterramentos masculinos como femininos, que visava a fazer com que o carro estivesse o mais bem cuidado possível durante sua deposição no interior da tumba durante o ato fúnebre. Pequenos botões descolados, aros, pontas e anéis quebrados eram remendados com atenção e consertados de modo prévio ao funeral.

Mas, do mesmo modo, é possível também que alguns desses mesmos carros tenham sido “feitos” especialmente para o enterramento – não a partir de peças novas, mas através da reutilização de partes antigas e de remontes. Nial Sharples (2008) já mostrou que durante a Idade do Ferro era comum que algumas pessoas possuíssem e guardassem peças de carros e equipamentos de arreios como itens de prestígio, que poderiam, por sua vez, ser utilizados ou ofertados como presentes quando houvesse necessidade. É possível, então, imaginar frente aos dados apresentados que uma parte dos veículos encontrados em Yorkshire fosse constituída a partir de um ato ritualizado de ofertas, de trocas e de processos de montagens (e, em última instância, de deposição)⁷⁴.

Através desses atos, diferentes indivíduos, famílias, ou grupos sociais, poderiam contribuir direta e indiretamente, fornecendo mão de obra especializada, matérias

⁷³ Em Garton Slack uma embocadura foi encontrada quebrada em duas partes, mas há um consenso de que isso não se tratasse de danos causados pelo uso, mas, sim, por parte de uma ação intencional, isto é, uma destruição ritual do objeto. Anthoons (2011: 66) comenta, ainda, que algumas embocaduras encontradas em “tesouros” como os de Ringstead e Polden Hills sofreram o mesmo processo.

⁷⁴ Alguns autores defendem um ponto de vista semelhante em relação ao enterramento com carro encontrado em Ferry Fryston (Cf. ANTHOONS, 2011: 65).

primas, equipamentos e, até mesmo, novas peças, a fim de compor um carro que, por sua vez, é ao mesmo tempo novo e antigo e, também, um símbolo de uma pessoa, mas, ao mesmo tempo, de todos aqueles que estiveram envolvidos em sua elaboração. Trata-se de um processo de reciclagem e (re)membramento, no qual diferentes partes eram reunidas trazendo consigo histórias variadas e vínculos interpessoais, naquilo, que Melanie Giles nomeou como uma “tecnologia de lembranças” (GILES, 2011). Carros são objetos únicos, nesse sentido, já que nenhum outro artefato encontrado em enterramentos em Yorkshire ao longo da Idade do Ferro é capaz de combinar um conjunto tão distinto de associações e recomposições. Talvez, o paralelo mais próximo possa ser encontrado, ao invés, na construção de casas: em ERY, como é possível, por exemplo, se observar nos assentamentos de Wetwang e Garton, elas eram erguidas sobre as mesmas fundações de outras casas antigas, havendo uma “reciclagem” intencional de alguns materiais e uma nítida escolha em se preservar locais, estruturas e fundações antigas (GILES, 10/1/2012, com. pess). Há, portanto, um profundo respeito por questões ancestrais, histórias pessoais e comunitárias e a necessidade de se criar um poderoso vínculo entre pessoas, mundos e temporalidades distintas. Trata-se de um ato prático e, ao mesmo tempo, simbólico.

Reparar e consertar itens quebrados, ou reutilizar antigas peças ofertadas como presentes, ou passadas de geração a geração, era, nesse sentido, algo particularmente importante e muito mais valioso do que a construção imediata de um carro por inteiro a partir de peças novas e de uma única origem. Isso se faz ainda mais fundamental, sobretudo, em contextos funerários, onde a construção de memória e de vínculos sociais estava fundamentalmente em jogo. Em Yorkshire, esses atos foram executados apenas em honra ou em memória de alguns poucos indivíduos. Homens e mulheres que, por quaisquer motivos, foram considerados importantes o suficiente a ponto de receberem um tratamento *post mortem* diferenciado, com tumbas de tamanhos distintos aos da maioria, ossadas de porcos características de uma elite local, objetos e itens de valor preciosos, como espadas e espelhos, e carros devidamente preparados e cuidados, até os mínimos detalhes, como os botões de um anel de rédea, a fim de que tudo estivesse o mais próximo possível da perfeição tão almejada.

5.3. Espelhos

Espelhos são objetos únicos. No tocante à Idade do Ferro bretã, esses objetos não se apresentam em números demasiadamente reduzidos a ponto de serem considerados raros, porém tampouco se tratam de artefatos comuns. Em linhas gerais, esse tipo de achados quase sempre se dá em contextos funerários ou aquáticos. Em melhores estados de conservação ou em fragmentos, espelhos já foram encontrados em diferentes regiões do norte, do centro e do sul bretão como em Yorkshire, Hertfordshire, Essex, Gloucestershire, Dorset, Kent, Northants, Buckinghamshire, Plymouth, Oxford, Bedfordshire, Colchester (JOY, 2008) dentre outros, além de serem identificados também na Irlanda e em demais partes do continente. Tendo sido produzidos em solo bretão ao longo da Idade do Ferro média e tardia, cronologicamente, artefatos deste tipo costumam datar dos séc. IV ao I a.C., sendo os modelos mais antigos normalmente feitos de ferro (GILES & JOY, 2007: 16-17)⁷⁵.

Durante um bom tempo, historiográfica e arqueologicamente, a postura comum considerou tais objetos como mero símbolo estético de vaidade; mais especificamente, de vaidade feminina. Tendo boa parte desses achados se dado em tumbas femininas, foram, assim, logo, considerados meros apetrechos femininos, em parte, ignorados, já que a própria temática associada aos papéis femininos e estudos de gênero nas sociedades da Idade do Ferro era, igualmente, pouco explorada. Passadas décadas de debates, o fortalecimento de estudos de gêneros, renovações teóricas na História, Arqueologia e Antropologia, o quadro atual já é significativamente diferente e pode-se dizer que há, hoje, um grande debate a respeito de diferentes aspectos (questões estéticas, performances, produção, representações simbólicas, usos etc.) associados aos espelhos da Idade do Ferro bretã (cf. ANDERSON, 2007; BURLEIGH *et alii*, 2007; LOWERY, SAVAGE, WILKINS, 1976; JOY, 2008, 2011).

Algumas cautelas, no entanto, são necessárias ao discutir esses objetos. O primeiro cuidado, aqui, a ser tomado, é o de não se fazerem associações rápidas (e equivocadas), partindo-se de pressupostos ou juízos de valor. Estudos vêm destacando já há algum tempo que, por exemplo, em tumbas citas do séc. VII a.C. espelhos têm sido encontrados tanto em enterramentos masculinos como femininos (RICE, 1957: 143; JACOBSON, 1995: 182). No sul bretão, um achado recente que é datado de

⁷⁵ Boa parte dos espelhos encontrados atualmente em território inglês vem do sul bretão em um contexto já tardio, em torno do séc. I a.C.-I d.C. (GILES & JOY, 2007: 17).

aproximadamente o séc. III a.C., em Bryher, nas Ilhas Scilly (Cornualha), acabou por revelar uma inumação na qual o sexo do esqueleto não pôde ser identificado⁷⁶ e, na sepultura, foram encontrados um espelho e uma espada (JOHNS, 2006: 16-18). Seria este um enterramento masculino (com espelho) ou feminino (com espada)? De qualquer modo, a presença de um espelho junto a uma espada em uma tumba parece levantar questões relevantes no que diz respeito a associações entre objetos e valores de gêneros (tanto antigos, como dos olhares contemporâneos que dirigimos a esses achados).

Quero, portanto, antes de qualquer observação, destacar que espelhos não são objetos, *a priori*, femininos. Artefatos são artefatos: eles não são dotados de gênero ou identidade social. Ao menos, não por si só. Acredito que em contextos específicos, a partir de estudos direcionados, seja possível observar uma construção de valores e ideais associados a determinados objetos, imbuindo-os de atributos especiais (inclusive de gênero) a partir de seu manuseio ou decoração, por exemplo. Da mesma forma, parece admissível observar que, nesses mesmos contextos, os objetos podem igualmente passar a “agir”, conferindo àqueles que os possuem, ou que deles se utilizam, certas qualidades e características especiais. Partir desses pressupostos parece-me ser uma postura muito mais adequada do que generalizar certo atributo associando-o a um determinado tipo de objeto, como se este possuísse uma natureza fixa.

Em Yorkshire, quatro tumbas da Idade do Ferro com espelhos foram encontradas até o presente momento⁷⁷. Situadas sempre nos Wolds (respectivamente Arras, Garton e Wetwang), todas as sepulturas consistiam em enterramentos femininos. Não obstante, ossadas de porcos foram encontradas em todos os casos, o que parece, desde já, nos fornecer um indício curioso a respeito da associação entre este tipo de objeto e uma posição social privilegiada, haja vista a ocorrência de ossadas de porcos em contextos funerários na região e suas significações como marcos de *status*. Mais interessante ainda é observar que três das quatro tumbas identificadas com espelhos eram também enterramentos com carros.

⁷⁶ Devido ao mau estado de conservação dos achados, análises osteológicas puderam apenas precisar que a pessoa morta possuía em torno de 25 anos de idade (JOHNS, 2006: 1).

⁷⁷ O número, entretanto, pode ser, em um exercício de boa fé, expandido para 5 se considerarmos um enterramento escavado no séc. XIX mencionado por Greenwell (1906). Encontrado em Arras (A.7), a tumba parece ter consistido em um enterramento com espelho e foi registrada por Greenwell (1906) com base nos rascunhos de Stillingfleet, que a escavou. Contudo, os achados, incluindo-se aí o espelho encontrado, já haviam sido perdidos na época. A descrição do objeto feita por Stillingfleet em sua descoberta, e reproduzida por Greenwell (1906: 294), corresponde, com base nos achados atuais, ao que se esperaria de um espelho da Idade do Ferro. Do item em questão, sabe-se apenas que se tratava de uma peça de ferro com o disco medindo cerca de 18cm de diâmetro e o cabo, com uma argola em sua base, medindo um total de 14cm (GREENWELL, 1906: 294, nota a).

O primeiro aspecto a ser destacado, portanto, diz respeito a uma visível associação de gênero. Embora espelhos não sejam universalmente objetos femininos, como já vimos, a cultura material da Idade do Ferro encontrada na região dos Wolds parece indicar uma nítida diferenciação entre gêneros; diferença esta, por vezes, associada a determinados tipos de artefatos. Em contextos mortuários, uma parte dessas construções e associações se faz assinalada através da presença de certos itens que permitem, em alguns casos, evidenciar uma nítida divisão entre homens e mulheres. Nos cemitérios de Yorkshire, todas as ocasiões nas quais foram encontrados aparatos associados a trabalhos metalúrgicos e trabalhos artesanais (feitos de madeira ou galhadas de animais), eles são sempre provenientes de enterramentos masculinos (cf. GILES, 2007c). Da mesma forma, equipamentos de costura, por sua vez, quando descobertos, são, em todos os casos, encontrados em enterramentos femininos. Além de indicarem uma divisão de trabalho entre gêneros, essas ocorrências atestam o fato de que indivíduos de ambos os sexos eram ativos em termos produtivos e poderiam desempenhar tarefas associadas a poderes de transformação, reprodução e destruição, sendo alguns atos mais violentos (manufatura de armas, metalurgia em geral) vinculados a um universo masculino, ao passo que atividades associadas a outros tipos de transformação, como costura e tecelagem, aparecem mais comumente associadas a mulheres. No norte britânico e em demais regiões circunvizinhas, espelhos também costumam aparecer em contextos mortuários vinculados a mulheres.

Nos Wolds, as evidências materiais parecem apontar para o fato de que os espelhos encontrados na região possam, talvez, ser inseridos em um conjunto maior de referências como sinalizadores de gênero tais quais os equipamentos mencionados anteriormente. Em se tratando de enterramentos com carros, como é, aqui, o caso, esse dado é particularmente relevante. Isto porque discussões de gênero associadas a enterramentos com veículos na Idade do Ferro na Europa vêm levantando questões a respeito da existência de um possível “travestismo social” por parte de algumas mulheres, que, nesta lógica, teriam adotado para si funções e, por conseguinte, uma identidade masculina, possibilitado-lhes certo acúmulo de poder e, conseqüentemente, um tratamento *post-mortem* diferenciado, mais próximo ao de homens (cf. ARNOLD, 1995: 161). Mas não acredito que este seja o caso em Yorkshire⁷⁸.

⁷⁸ Bettina Arnold em seu estudo a respeito da hierarquização nos enterramentos femininos encontrados na atual região da Alemanha e da França concluiu, igualmente, que a hipótese de um travestismo social

As mulheres enterradas com carros encontradas em Arras e Wetwang não parecem ter sofrido qualquer processo de masculinização social ou perda de seus atributos femininos. Ao contrário, análises osteológicas recentes vêm inclusive apontando para o fato de que muitas dessas mulheres chegaram a passar por processos como os de gestação e maternidade: a mulher de Wetwang Village, por exemplo, sobreviveu a diversos trabalhos de parto chegando a alcançar uma idade avançada para os padrões da época e não parece ser absurdo deduzir que tenha chegado a ser celebrada em vida por sua fertilidade. A localização do enterramento feminino com carro em Wetwang Slack (WS.2) parece também sugerir uma forte associação entre indivíduos e criação de laços (familiares e/ou consanguíneos) entre a mulher enterrada e as duas inumações vizinhas a norte e sul. Em ambos os casos, espelhos foram encontrados. Se por um lado este tipo de artefato aparece, no norte bretão, quase sempre associado a contextos funerários femininos existe, ainda, outro elemento que precisa ser destacado e que parece reforçar certo atributo de feminilidade: contas decorativas.

O espelho encontrado nas escavações da tumba de Wetwang Village (WV) acabou por revelar a existência de uma centena de pequeninas contas que decoravam o objeto. Uma pequena parte dessas contas era feita de metal e de coral (BRITISH MUSEUM, s.d.), o que já assinala o valor especial do objeto, haja vista a importância e a ocorrência da utilização estética de botões de coral na região de. A maior parte, entretanto, é composta por contas de vidro azulado, o que em termos de gênero parece ser algo particularmente relevante. Isto porque miçangas deste tipo, com a mesma estética e tonalidade azul, de diferentes tamanhos, ocorrem num nível alto em tumbas de mulheres maduras e parecem estar associadas de diferentes maneiras (seja na decoração de acessórios ou sendo elas próprias transformadas em itens como colares) a um universo feminino (cf. GILES & JOY, 2007: 26). O enterramento com carro de WV dialoga perfeitamente com este quadro: o esqueleto encontrado não só correspondia ao de uma mulher como, em termos etários, é possível perceber que ela havia também sido capaz de atingir uma idade avançada. Portanto, é possível inferir que o espelho encontrado nessa tumba funcionasse visivelmente como um sinalizador de gênero e idade; o mesmo pode ser dito dos demais três espelhos encontrados nos enterramentos com veículos aqui discutidos.

como defendida por Pauli (1972, 1975 *apud* ARNOLD, 1995), no contexto analisado, se mostra pouco satisfatória e inadequada (ARNOLD, 1995: 165).

Parece-me, assim, impróprio falar de um “travestismo social”, já que os achados da Idade do Ferro em Yorkshire não nos oferecem qualquer suporte material para essa hipótese e, mais ainda, porque todas as evidências arqueológicas nos apontam para uma interpretação em sentido oposto. Os enterramentos femininos (e masculinos) aparecem como um local no qual questões de gênero eram construídas, reafirmadas e negociadas, porém não é correto falar em uma perda de identidade feminina por parte das mulheres em contextos funerários de prestígio e os espelhos encontrados nessas sepulturas são boas provas disso. Não quero dizer, no entanto, que associações entre diferentes esferas não pudessem existir.

A caixa encontrada em Wetwang Slack (WS.2), próxima ao espelho, é um exemplo disso. O objeto tem sido alvo de inúmeros debates e especulações, dado a sua excepcionalidade, e chegou-se a sugerir até mesmo que funcionasse como um recipiente de óleos consagrados e substâncias médicas (ALDHOUSE-GREEN, 2006: 98). O fato é que boa parte dessas sugestões não passa de mera especulação, já que a caixa não pode ser aberta e nenhuma análise foi feita em relação ao material de seu interior. Ao invés de especular sobre as possíveis funcionalidades práticas do objeto, quero, aqui, tecer um comentário a respeito do que de fato dispomos como material de investigação: sua constituição e características. Tendo sido feito inteiramente de liga de cobre, o artefato encontrado junto ao espelho na tumba de WS.2 contava com um destaque decorativo circular e temas curvilíneos cuidadosamente trabalhados no metal ao longo do corpo do objeto e em suas extremidades (cf. DENT, 1985: 90). Mais ainda, possuía uma coloração avermelhada pela utilização de esmalte vermelho, conferindo-lhe uma aparência particular.

A estética aplicada na caixa, em linhas gerais, é a mesma observada em objetos marciais e em itens de maior elaboração encontrados em tumbas masculinas na região. A decoração da caixa é idêntica à decoração das duas espadas escavadas nos enterramentos de WS.1 e 3 e é provável que todos os três objetos sejam de origem comum, tendo sido produzidos pela mesma “escola” de metalurgia⁷⁹. Torna-se visível, portanto, que algumas mulheres eram tratadas de um modo especial após a morte, sendo, por vezes, enterradas com objetos que poderiam compartilhar de uma construção visual e estética semelhante àquela encontrada em enterramentos masculinos. Há uma fluidez nesse sentido: uma ponte de elementos que circula entre o universo masculino e

⁷⁹ A respeito de diferentes “escolas” de metalurgia nas Ilhas Britânicas ao longo da Idade do Ferro, ver Cunliffe (2005: 513- 531).

feminino, ainda que de modo sutil, estando, quase sempre, associada a questões de prestígio, reconhecimento social e *status*.

Para alguns autores, talvez esse seja um dos pontos cruciais para a compreensão da ocorrência de espelhos em tumbas femininas: eles seriam indicadores de gênero tais como as armas encontradas em tumbas masculinas; isto é, o equivalente feminino a enterramentos com espadas (CUNFLIFFE, 2005: 546; 549; 2012: 346). Seja como for, de acordo com o que Giles e Joy (2007) destacam, parece adequado julgar que espelhos eram capazes de combinar, em um único artefato, um conjunto de referências a outros itens da cultura material, podendo representar toda uma comunidade e sua história através de associações, recursos estilísticos empregados e processos de reutilização:

“As formas de diferentes componentes de um espelho são similares e podem fazer referência a um número de outros itens da cultura material da Idade do Ferro. Por exemplo, tal como os espelhos de ferro com partes de bronze, equipamentos de arreo da Idade do Ferro média e tardia em Yorkshire também usavam uma combinação de barras de ferro e anéis ou elos de bronze, e espadas de ferro eram frequentemente embainhadas em bainhas de bronze. Essas similaridades evocam relações entre famílias de objetos e um conjunto de habilidades artesanais.” (GILES & JOY, 2007: 21)

Em Yorkshire, essas associações se tornam ainda mais óbvias pelo modo por que se manifestam nos enterramentos aqui estudados: espelhos aparecem lado a lado com partes de veículos desmontados e, não obstante, alguns casos como o de Wetwang revelam uma tumba (WS.2) cercada por dois enterramentos vizinhos (WS.1 e 3), onde foram encontradas armas com decorações semelhantes aos objetos da tumba feminina. É possível também que artefatos como espelhos desempenhassem um papel importante dentro de uma esfera de conotações simbólicas e religiosas. Contudo, dada a natureza dos achados, pouco se pode inferir a respeito desses aspectos sem que se caia em analogias forçadas ou especulações. Creio, no entanto, que algumas considerações de natureza social possam ser traçadas.

Tal como o equipamento de banquete presente em tumbas femininas do continente (cf. ARNOLD, 1995: 159-60), acredito que os espelhos encontrados em enterramentos da Idade do Ferro no norte bretão devam ser entendidos como indicadores de poder socioeconômico por parte de algumas mulheres e seus respectivos grupos familiares. Tenhamos em mente que esses são objetos complexos em termos de contextos de produção nas Ilhas Britânicas; artefatos que combinam tanto componentes

de modelagem como de laminação de metais e, em alguns casos, é possível inferir que vários indivíduos estivessem envolvidos em diferentes níveis ao longo do processo de criação (GILES & JOY, 2007: 20). A fabricação de um espelho demanda tempo, recursos primários valiosos como ferro (e bronze), técnicas, saberes aplicados e um conjunto de artífices disponíveis. Ao orquestrar a produção de um item como este, uma pessoa (ou determinado grupo) podia demonstrar os recursos de que dispunha e as relações que era capaz de gerir e coordenar. A ostentação de tal item é, assim, justamente, a síntese materializada dessas relações e recursos aos quais um indivíduo tinha acesso.

Alguns estudos indicam ainda que muitos dos espelhos de bronze encontrados na Idade do Ferro tardia (séc. I a.C. – I d.C.) vinham de processos de “reciclagem”: da reutilização de antigos artefatos de bronze, trabalhando-se novamente o metal e transformando-o, após um processo de reciclagem metalúrgica, em espelhos (cf. GILES & JOY, 2007: 19). Embora este não seja aqui o caso, pois os objetos discutidos datam de alguns séculos antes, provavelmente em torno do sec. III a.C., sendo feitos majoritariamente de ferro (WS.2 e WV) ou de ferro com partes de bronze (A.2), parece-me válido julgar que a iniciativa de se depositar um artefato como um espelho na tumba junto ao morto represente uma escolha adotada que visa, deliberadamente, a assinalar a singularidade do morto bem como a riqueza por parte daqueles que optaram por fazer tal oferta. Trata-se da retirada de um objeto precioso de circulação, impossibilitando-se sua manipulação por parte de outras pessoas, e sua reutilização e reaproveitamento em outros objetos e contextos. É a pura e simples destruição de riqueza: recurso que, em toda a sua ironia, era utilizado em diferentes contextos ao longo da Pré- e Protohistória como uma forma de pujança, poderio econômico e prosperidade (BRADLEY, 1982).

Em ERY esse jogo de sinalizações se dava de um modo complexo e, de certa forma, ambíguo, fazendo uso de recursos de ocultação. Análises realizadas em ambos os espelhos, de WS.2 e de WV, revelaram que os objetos estavam envoltos e guardados em espécies de sacolas: o primeiro (WS.2) apresentava traços de tecido mineralizado, de modo que a bolsa utilizada para cobri-lo era feita de pano, ao passo que o segundo (WV) estava coberto por um saco ou protetor feito de pele de lontra (GILES & JOY, 2007: 22, 26)⁸⁰. Para Giles e Joy (2007: 22), o ato de cobrir espelhos poderia ter uma

⁸⁰ O espelho encontrado no enterramento em Garton Slack (enterramento com espelho, sem carros) também acabou por revelar traços de madeira, o que parece indicar que o espelho igualmente havia sido guardado, nesse caso, em uma caixinha de madeira (GILES & JOY, 2007: 22).

multiplicidade de justificativas: em vida, ele servia como um modo de proteção contra corrosão e dano além de evitar “olhares invejosos”; em morte, dentro de contextos funerários, poderia funcionar como uma analogia à preparação do corpo: ao ocultar-se tanto o espelho como o cadáver da pessoa falecida, ambos eram retirados de maneira semelhante do mundo dos vivos.

Acrescento, aqui, outro aspecto. Cobrir não deixa de ser um ato de proteção e ocultamento, mas ao mesmo tempo em que uma sacola, por exemplo, esconde dos olhos determinado objeto, protegendo-o, ela também o destaca, assinalando sua existência e deixando claro o seu valor, uma vez que apenas itens dotados de certa atribuição especial (sentimental, econômica, religiosa, identitária, mnemônica, social) merecem cuidados exclusivos. A sacola feita de pele de lontra encontrada no enterramento de Wetwang Village trazia consigo uma infinidade de pequeninas contas azuladas e certamente não deve ter passado despercebida entre os espectadores que compareceram ao velório, inclusive no que diz respeito a associações entre cores, gêneros e questões etárias. É preciso observar que os espelhos cobertos, entretanto, perdem sua funcionalidade prática: eles deixam de refletir e espelhar o mundo, perdendo sua propriedade mais especial. São, portanto, metaforicamente “destruídos” de certa forma. Assim, não me parece absurdo pensar que o próprio ato de se cobrir espelhos sirva como um mecanismo de destruição (retirar o objeto de circulação colocando-o na tumba, por um lado, e bloquear ou desconstruir seus próprios atributos reflexivos, por outro) bem como, ao mesmo tempo, que esse ato se constitua como uma estratégia de ostentação e de se evidenciar o item ocultado.

De certa forma, os espelhos (e demais itens) encontrados nos três enterramentos femininos com carro dialogam perfeitamente com a imagem de mulheres que, por qualquer motivo (graças a casamentos, rituais de hospitalidade e alianças, linhagens privilegiadas, atributos religiosos, ou, talvez, todos esses elementos juntos) foram capazes de gozar de certos privilégios e prestígio social: um tratamento diferenciado e especial manifestado inclusive após a morte. O enterramento da mulher em Wetwang Slack (WS.2), por exemplo, além de ter revelado o espelho e a trabalhada caixa de metal, é o único caso registrado, até os dias atuais, em que um objeto de ouro foi encontrado em um enterramento com carros no norte bretão: um pequeno pino de ferro cuja cabeça era adornada por ouro e uma pedra de coral (cf. DENT, 1985: 90).

É interessante, sobretudo, que se note como as tumbas femininas de mulheres de prestígio apresentavam um grau muito maior de negociação e circularidade do que os

demais enterramentos de mulheres menos privilegiadas e, talvez, isso por si só fosse um elemento de distinção social importante. Essa circularidade, por sua vez, era dupla – entre objetos e gêneros, através de elementos negociados e compartilhados – e se fazia presente através de um conjunto complexo de associações entre artefatos, padrões e questões estéticas. Os enterramentos femininos com carros em Yorkshire nos revelam um cenário rico de interações pessoais e materiais e de relações sociais construídas entre *status* e gênero; construções essas flexíveis e variantes. Mostram-nos, ainda, que algumas mulheres foram capazes de se inserirem em redes de acúmulo de prestígio, compartilhando de bens valiosos em termos materiais e simbólicos; bens que também se faziam presentes em contextos funerários masculinos (como veículos, porcos e um padrão particular de decoração estética de objetos em metais). Essas mulheres, no entanto, não eram tratadas como “homens” e mantinham em seu *post-mortem* uma identidade nitidamente feminina. Ainda que isso não passe de um estudo de caso específico e bastante particular, guardadas as devidas proporções, serve-nos para lembrar que noções como identidade, gênero e reconhecimento social são dinâmicas e construídas a todo momento: mesmo após a própria morte.

5.4 Panóplia

As descobertas mais recentes, notadamente aquelas de Wetwang Slack 1 e 3, trouxeram à luz um novo aspecto – até então imperceptível ou ignorado – que parece estar diretamente associado às questões de *status* e gênero: a presença de armamentos no interior de tumbas. Portanto, se até algumas décadas os enterramentos de carros em Yorkshire tinham como uma de suas principais características a completa ausência de armas de qualquer tipo (cf. STEAD, 1969: 5, 86), esse perfil foi forçado a sofrer uma profunda reavaliação a partir das escavações realizadas em meados dos anos 80.

Pode-se dizer que, se por um lado a presença de armas em contextos funerários ao longo de toda a Idade do Ferro na região não representava nenhuma novidade e já se fazia conhecida desde o século XIX (cf. MORTIMER, 1905), por outro, a tumba de WS.1 representou o primeiro caso bem documentado em que uma espada (inteiramente preservada) foi encontrada junto a um homem enterrado com um carro. Aliada à descoberta em WS.3, ambas as espadas parecem ser significativos indicadores de prestígio e riqueza material dos indivíduos enterrados. Isto se deve, primeiramente, ao

fato de que a presença de armas em Yorkshire seja relativamente escassa: basta comparar a quantidade de achados deste tipo com a quantidade de sepulturas até hoje escavadas, para atentar que apenas uma parcela da população parecia poder se permitir portar e levar tais bens junto consigo para a sepultura, após a morte. De fato, a maioria das inumações encontradas nos cemitérios de toda a região apresenta-se desprovida e desacompanhada de quaisquer bens (DENT, 1984). Logo, não é descabido imaginar que a maioria das armas enterradas em sepulturas com carro ou não, de certa forma, representava uma posse pessoal importante do indivíduo recém-falecido ou, ainda mais provável, algum tipo de oferenda ou presente depositado por sua família, amigos, aliados e afins como uma demonstração de afeto e riqueza (GILES, 2008a: 63).

Em Yorkshire, a tipologia da maioria dos enterramentos com armas consiste basicamente em um conjunto composto por uma lança (feita de madeira e com a ponta de ferro) e um escudo (de madeira, com eventuais possíveis decorações de ferro e bronze) (GILES, 2008a: 64). Pontas de ossos também costumam ser encontradas e o mais provável é que elas fizessem parte de projéteis feitos para arremesso, como dardos (cf. STEAD, 1991: 33-35, 74-78). Em boa parte desses “cadáveres com lanças”⁸¹ as pontas dos objetos foram encontradas espalhadas em diferentes cantos no interior da cova, ao redor do morto, quase sempre apontando para o esqueleto. Entretanto, a ocorrência de lanças pode se fazer igualmente presente em contextos funerários a partir de evidências mais traumáticas: o uso de violência física.

No cemitério de Makeshift⁸², Rudston, ERY, três corpos, todos eles do sexo masculino, foram encontrados com visíveis traços de lesões mortais causadas por golpes de lanças: pontas foram respectivamente encontradas nas costas (R.94), pélvis (R.140) e sobre as costelas chegando a atingir, provavelmente, o coração (R.152) (STEAD, 1991: 33-35, 136-137). Em Wetwang Slack (WS.211) uma mulher de 25-35 anos foi encontrada com uma lança na barriga, com a ponta fincada em direção à espinha, indicando, igualmente, uma morte violenta (ANTHOONS, 2011: 29; DENT, 1984: 176). O motivo por trás dessas mortes, entretanto, permanece obscuro – poderiam se tratar desde execuções (rituais, jurídicas etc.) a mortes em confrontos diretos. Além disso, ainda que

⁸¹ *Speared corpses* como ficaram conhecidos pela historiografia anglo-saxã (cf. STEAD, 1991).

⁸² Considerado como um subgrupo da cultura de Arras, os enterramentos de Makeshift aparecem frequentemente acompanhados por armas – espadas, lanças e escudos – e, por vezes, com o corpo em decúbito dorsal ao invés da posição fletida característica da maioria dos demais sítios. Pertencentes a um momento da transição do Ferro médio para o tardio, esses enterramentos são interpretados – junto a demais outras transformações, como o surgimento de *hillforts* na parte oeste e sul da Inglaterra – como uma resposta/transição a um momento onde guerras e conflitos estariam se tornando, dentro de um contexto maior, cada vez mais frequentes nas Ilhas Britânicas (BRADLEY, 2007: 264).

o tratamento violento dado a uma mulher - como no caso previamente mencionado - possa levantar certas questões em alguns casos, parece plausível admitir que atos de violência física deveriam fazer parte de um conjunto de atitudes domésticas violentas maiores, associadas a questões como hereditariedade, legitimação, gênero e poder familiar (cf. ARNOLD, 1995). Assim sendo, parece ser válido o dito, popularizado pela personagem Eowyn de Rohan em “O senhor dos anéis”, de que mesmo aqueles que não portam uma espada, podem, de toda maneira, morrer sob uma. Seja como for, parece pouco provável que todas as mortes tenham sido motivadas sempre por um mesmo motivo e qualquer discussão mais aprofundada a este respeito, dada a natureza da documentação disponível e a ausência de maiores evidências, não passa de mera especulação. Mais ainda, em ERY, em cerca de 800 túmulos escavados, 34 destes (incluindo-se aí os previamente mencionados, mortos por golpes com lanças) apresentavam algum tipo qualquer de trauma evidente que incluem deslocamentos, fraturas e lesões cranianas. Esses traumas, por sua vez, parecem apontar para mortes ocorridas ora em combates, ora em acidentes; muitas vezes indicando certo grau de recuperação e tratamento dos ferimentos (GILES, 2008a: 66-67).

É válido destacar, igualmente, que boa parte dos enterramentos com armas em Yorkshire apresenta alguma evidência diretamente relacionada a certo processo de “morte ritual dos objetos”⁸³. A maior parte das pontas de lanças descobertas, por exemplo, tende a ser considerada, pelo estado em que se encontram, como resquícios de uma cerimônia de destruição realizada ao longo do enterramento (ANTHOONS, 2011: 27). Por outro lado, quanto às espadas, apenas um único caso de destruição foi registrado, em Acklam Wold, onde um homem, com sinais de cortes (provavelmente causados por golpes de espada) na parte de trás do crânio, foi encontrado enterrado junto a uma espada intencionalmente dobrada de modo que sua lâmina ficasse curvada e inutilizada (ANTHOONS, 2011: 23; DENT, 1983a; GILES, 2008a)⁸⁴. Esse tipo de prática – a destruição intencional de objetos – em contextos mortuários representa um ritual comum a diversas sociedades e suas possíveis implicações religiosas podem ser múltiplas, envolvendo desde rituais de purificação, diferenciação entre os mundos,

⁸³ Este processo de destruição de objetos – associado a um “descarte voluntário de riqueza” (BRADLEY, 1982: 112) – representa uma constante comum a diversos outros casos em contextos votivos. Na Idade do Bronze e do Ferro europeias, a destruição de riqueza pode ser observada, sobretudo, no (1) mobiliário funerário de alguns enterramentos, (2) em tesouros e (3) achados aquáticos (cf. BRADLEY, 1982: 109-110).

⁸⁴ Espadas com lâminas dobradas do mesmo modo podem ser encontradas amplamente em regiões da Europa centro-ocidental durante o período La Tène.

correção (no caso de faltas ou falhas), ou até mesmo como um meio de garantir a passagem dos objetos deste mundo para o mundo dos mortos, junto aos seus respectivos donos (cf. GRINSELL, 1961; PARKER PEARSON, 2003: 63).

Nos enterramentos com carros, todavia, as evidências materiais não apontam diretamente para indícios de destruição, à exceção das ossadas de porcos que quase sempre aparecem desmembradas e quebradas (particularmente no caso dos crânios) e colocadas próximas ao morto. Mas se por um lado, na maioria dos casos, espadas e demais objetos parecem ter sido depositados intactos no interior das sepulturas⁸⁵, uma prática relativamente semelhante em termos religiosos e etnográficos pode ser facilmente observada em Yorkshire: a “inversão”. Comum em contextos funerários a diversas sociedades ao longo da História, essa forma de ritualização consiste em um conjunto de ações e *performances* propositadamente realizadas ao inverso, onde objetos e práticas costumam ser encontrados representados de maneira oposta ao seu uso ou ação cotidiana. Trata-se de uma forma escatológica de conceber o mundo dos mortos, de certa forma, como o inverso ao mundo dos vivos e de, ao mesmo tempo, reforçar a normalidade e naturalidade das práticas cotidianas a partir do seu oposto, que se dá durante o momento do ritual (PARKER PEARSON, 2003: 63).⁸⁶ É interessante notar um caso etnográfico mencionado por Parker Pearson (2003:63) - entre os Lo Dagaá (população do norte de Gana), a bata utilizada pelo morto era virada ao contrário e ele era sepultado dessa forma.

Em Wetwang Slack 1 e 3, partes de ferro que possivelmente compunham o centro de um escudo (DENT, 1985) foram encontradas de modo que os escudos deveriam ter sido depositados com a sua parte externa virada para dentro, sobre o morto, e a parte interna, onde o braço do portador deveria segurar o objeto, ficava visível do lado de fora da cova. Outro caso evidente de inversão diz respeito à cota de malha descoberta em Kirkburn, onde o objeto – novamente uma referência ao universo das armas – foi encontrado sobre o esqueleto em uma posição contrária a de seu uso

⁸⁵ Chegando em, alguns casos, a serem reparados, remendados e consertados.

⁸⁶ Ucko (1969), em um estudo etnoarqueológico, abordou, por exemplo, algumas cerimônias entre os zulus em que os indivíduos responsáveis por carregar o caixão com o morto deveriam andar de costas; as pessoas entravam em suas casas não pela porta, mas por outras entradas alternativas (como janelas) e durante a ocasião a expressão equivalente a “sim” correspondia a “não” e o mesmo se dava em sentido oposto. Entretanto, no caso das sociedades da Idade do Ferro europeia não possuímos, nos dias atuais, dados para inferir como o “Outro mundo” era especificamente pensado e concebido por aquelas comunidades, sendo boa parte das informações inferidas a partir de estudos comparados entre a cultura material com textos de outras tradições: como a literatura vernácula irlandesa e os textos gregos e latinos (cf. MACKILLOP, 2006: 108).

funcional: isto é, a parte superior relativa aos ombros encontrava-se na altura da cintura do esqueleto e, por sua vez, a bainha da cota encontrava-se na altura dos ombros do morto (cf. ANTHOONS, 2011: 30). Em Yorkshire, evidências materiais e tecnológicas – como o tipo de sistema de argolas e suspensão utilizado (cf. ANTHOONS, 2011: 28; GILES, 2008a: 62) – parecem indicar que as espadas poderiam ser portadas, algumas vezes, nas costas em vez de serem carregadas na altura da cintura, como era o costume na maioria das ocasiões registradas no continente, nas demais partes das Ilhas Britânicas e durante o período de ocupação romana na região (CUNLIFFE, 1997: 94; GILLES, 2007b: 236; STEAD, 2006: 61). Em alguns enterramentos, espadas são encontradas visivelmente depositadas nas costas dos mortos, como é o caso de algumas sepulturas encontradas em Rudston, R. 107 e 144 (STEAD, 1991: 185-227). Não obstante, a documentação iconográfica advinda da “cultura de Arras” parece corroborar esse tipo de interpretação: uma série de estatuetas que datam de c. I a.C., encontradas em regiões de ERY como a de Garton e Wetwang Slack, revelam figuras de homens armados, com cintos, tendo, em alguns casos, sua genitália destacada e uma das mãos curvadas sobre os ombros, nas costas, onde se encontra uma espada presa (cf. STEAD, 1988)⁸⁷. Nota-se, novamente, uma forte atribuição de gênero onde espadas aparecem associadas a um universo de masculinidade, visivelmente destacado em alguns casos pela presença da barba e de uma genitália ereta. De toda forma, parece correto inferir-se que o ato de carregar espadas nas costas correspondia, de fato, a uma prática comum ao longo da Idade do Ferro média e tardia, na região de Yorkshire. Logo, um terceiro elemento de inversão em contextos de enterramentos com carros (além dos escudos e da cota de malha) pode ser identificado: ambas as espadas de WS.1 e 3 encontravam-se sobre os corpos dos mortos ao longo de toda a parte frontal dos ombros, peito, barriga, pélvis e pernas. Justamente o lugar inverso de onde seriam carregadas em vida.

Gostaria de acrescentar que, em se tratando de rituais de “destruição” e “inversão”, em contextos fúnebres, é plausível imaginar que o processo de desmonte dos próprios carros encontrados na maioria dos enterramentos possa ser entendido como

⁸⁷ Green (2004: 70) tende a interpretar – a partir da estatueta Withernsea – a posição reversa do braço direito como um signo de “alteridade” que indicaria um chefe, rei ou líder religioso, isto é, um sujeito especial diferenciado dos demais. Uma alternativa mais atraente ainda parece apontar para o fato de que os gestos presentes nessas estatuetas representassem uma posição dual aberto-fechada, onde por um lado o braço esquerdo encontrava-se aberto sobre o peito – em um sinal próximo a um gesto de cumprimento –, ao passo que o direito apresentava-se com a espada em punhos, pronto para a defesa. Isso funcionaria, portanto, como uma forma metafórica de representar uma dupla habilidade por parte de um indivíduo: a de oferecer hospitalidade e ao mesmo tempo ser capaz de atacar de acordo com as necessidades do momento (GILES, 2007b: 236; 2008a: 62).

uma manifestação desse tipo de ritualização da morte. O carro desmontado representa, sob certo aspecto, o inverso do carro cotidiano, cujas peças encontram-se unidas e interconectadas, formando um todo maior. Ainda que suas partes não apresentem sinal de qualquer violência intencional como rodas quebradas, anéis partidos e embocaduras desmembradas a partir de golpes violentos, o próprio desmonte, por si só, das partes do veículo pode ser entendido como um mecanismo de destruição simbólica.

As espadas de WS. 1 e 3 aliadas à lata encontrada em WS.2 revelam ainda um nível de trabalho técnico-artístico refinado. Vale destacar que os recursos ornamentais empregados nas espadas são os mesmos daqueles utilizados na lata descoberta na tumba feminina e, curiosamente, em Kirkburn K.3, (STEAD, 1991: 66-77; 2006: 184-185), outra espada, praticamente idêntica (levando-se em consideração estilos e técnica), foi escavada de um enterramento, neste caso, sem carro. Quanto à estética, todos os objetos apresentam um complexo conjunto de motivos entrelaçados, que formam um emaranhado de curvas e formas, visivelmente concebidos como o que Giles (2007c; 2008a) a partir de Gell (1996: 80) define como “armadilha mental”, a fim de capturar a atenção e os olhares dos espectadores e destacar a importância do objeto. Além disso, todos os itens contavam com uma decoração colorida cuidadosamente elaborada a partir da utilização de botões de coral e de esmaltes de coloração avermelhada: recursos estilísticos que na Idade do Ferro são característicos de artefatos que exibem certa riqueza material. As três espadas encontradas – WS. 1 e 3 (enterramentos com carros) e K.3 (enterramento sem carro) – possuem a mesma cronologia, datadas em torno do séc. III a.C. e a partir de suas afinidades é possível inferir que tenham sido forjadas na mesma oficina em um intervalo de tempo de uma mesma geração (STEAD, 2006: 118). Pode-se notar ainda que as demais espadas achadas em ERY, como as de Bugthorpe, Grimthorpe, Thrope Hall e North Grimston atestam igualmente a presença constante de adornos (cf. GILES, 2008a: 64-65; STEAD, 2006) evidenciando o que Raftery (1999: 568) nomeou como uma “escola de alta metalurgia de Yorkshire”, devido aos cuidados e procedimentos técnicos empregados no trabalho com objetos de metais característicos de alguns achados desta região. Artefatos como as espadas mencionadas – seja pelos trabalhos e ornamentos encontrados ao longo da lâmina, na bainha ou até mesmo no cabo – evidenciam a existência histórica de hábeis artífices metalúrgicos regionais que, além de dominarem diferentes técnicas e materiais, trabalhando com ferro, bronze, pedras corais e a criação de esmaltes vítreos coloridos, eram capazes de manter certas

afiliações com o continente e regiões vizinhas como a Irlanda, manipulando tais técnicas e materiais, por sua vez, dentro de uma lógica, estética e forma local.

Se pensarmos dentro de um contexto maior de pesquisas, diversos estudos recentes vêm apontando para uma forte conectividade datada de um período muito anterior ao Ferro, isto é, já identificável ao longo de toda a Idade do Bronze (c. 2000-800 a.C.) e do Neolítico (c. 4000-2100 a.C.), entre o norte bretão, as regiões banhadas pelo mar irlandês e demais partes das Ilhas Britânicas (COONEY, 2000: 227; CUMMINGS, 2007; NOBLE, 2007; SHERIDAN, 2004) e dessas ilhas britânicas com o continente (ANTHOONS, 2011; CLARK, 2009; CUNLIFFE, 2008b; CUNLIFFE & KOCH, 2010; HARDING, 2000: 414-431; SAMSOM, 2006). Ao longo da Idade do Ferro, parte considerável desses contatos ancestrais parece ter passado por diferentes processos (às vezes amistosos, outras, pouco pacíficos) de intensificação e de constantes reafirmações. A partir da cultura material produzida por diferentes populações durante tal período, torna-se visível a formação de uma complexa rede social de conectividade e interrelacionamentos entre indivíduos e grupos. Tal rede de associações teve como resultado a criação de múltiplas conexões e circulações ideológicas e materiais (de pessoas e objetos) entre diferentes localidades da Europa, incluindo-se, aí, as Ilhas Britânicas. Imagina-se que o referido processo, por sua vez, só tenha sido possível graças à existência de alguns aspectos culturais compartilhados entre essas diferentes populações, consistindo, assim, em um complexo cenário composto por semelhanças culturais compartilhadas de um lado, e especificidades e variabilidades regionais de outro – fenômeno que corresponde ao que tão corriqueiramente passou a ser definido como “cultura/mundo celta” (cf. KARL, 2010). Em Yorkshire, essas associações parecem tão fortes a ponto de, historiograficamente, boa parte das interpretações e análises formuladas a respeito da “cultura de Arras” consistirem em hipóteses invasionistas, segundo as quais uma parcela das comunidades da região de Champagne-Marne teria, supostamente, imigrado para o território dos Wolds. As explicações baseadas em processos migratórios continuam a suscitar debates, mas não chegam a ser um consenso acadêmico. Mais seguro parece ser dizer que boa parte dos objetos aqui analisados encontrados em enterramentos com carros, bem como os demais artefatos encontrados em contextos mortuários na cultura de Arras, fornecem claros indícios de diálogos com sítios e regiões localizados para além da região de Yorkshire. Acredito que as espadas forneçam os melhores exemplos disso.

Além das armas encontradas em Bugthorpe e Grimthorpe, cujas lâminas seguem um modelo de decoração relativamente parecido com as de Wetwang Slack, apresentando entrelaçados e ondulados que lembram “aves” e “peixes” (STEAD, 2006: 185-187), o artefato encontrado em North Grimston, datado de um período em torno de 200–100 a.C., evoca, de modo semelhante, um padrão de representação próximo ao do continente durante a segunda Idade do Ferro, conhecida convencionalmente como período La Tène. Descoberta em 1902, a espada – que tinha a lâmina de ferro, o cabo de bronze e media um total de 509mm – é proveniente de um conjunto de achados de uma tumba na qual um homem foi enterrado junto a ossos de porcos, um escudo e uma segunda espada (MORTIMER, 1905: 354-7). O cabo da arma possui um formato antropomórfico terminando em uma cabeça “humana” seguida por um corpo estilizado, que corresponde ao próprio corpo do cabo da espada. O objeto apresenta uma visível semelhança aos achados provenientes de regiões da França como Chatenay-Mâcheron (Haute-Marne), Besançon (Doubs), St-Andre-de-Lidon (Charente-Maritime) e da Irlanda, como a espada encontrada em Ballyshannon (Donegal), apenas para citar alguns exemplos⁸⁸.

Já as espadas encontradas em ambos os enterramentos de carros em Wetwang Slack, datadas de c. 300 a.C., representam um importante achado não apenas pela riqueza dos materiais utilizados em suas feitura, mas especialmente porque permitem evidenciar uma conexão e intercessão entre estilos decorativos associados a uma determinada tipologia de lâminas de espadas – também presente na lata encontrada em WS.2 (DENT, 1985) – e que, conforme a cultura material parece evidenciar, não estava apenas limitada à região de Wetwang. Além da já mencionada proximidade técnica e estética entre os achados de WS 1 e 3 e K.3, fortes associações podem ser traçadas entre as espadas produzidas em Yorkshire e aquelas produzidas naquele mesmo momento na região norte da Irlanda, conhecida pela diversidade e riqueza de desenhos engastados em lâminas de espadas (RAFTERY, 1999: 568; 2000: 165). De fato, as duas regiões apresentam recursos de ornamentação e padrões estilísticos muito próximos, o que leva alguns pesquisadores como Stead (2006: 59-63) a acreditar que o “estilo de lâmina de Yorkshire” e o “estilo de lâmina irlandês” derivem de uma origem em comum. Ainda

⁸⁸ De fato, a partir do séc. II a.C., a presença de objetos – e, sobretudo, espadas – com figuras antropomórficas se torna cada vez mais recorrente em regiões que vão desde a Hungria até a Irlanda, fenômeno estilístico este quase sempre atribuído à intensificação de contatos com os romanos (HARDING, 2007: 222; MEGAW & MEGAW, 2001).

que este último argumento seja controverso, parece certo, entretanto, admitir que os artífices do norte bretão tivessem, de fato, conhecimento de técnicas e recursos estilísticos vindos de diferentes áreas, como a Irlanda, o sul bretão e o continente, e que os objetos por eles produzidos – as espadas mencionadas – eram tão valorizados a ponto de, em alguns casos, irem parar no interior de tumbas junto aos mortos como preciosos bens pessoais ou presentes votivos-fúnebres.

Se hoje estudos recentes parecem cada vez mais contestar velhos modelos explicativos que associavam de modo relativamente simplista a metalurgia ao simples controle por parte de um sistema de chefias hierarquizadas pré-estabelecido, ou seja, como um reflexo de tal conjuntura (cf. GILES, 2007c), acredito ser possível pensar que os objetos encontrados em Yorkshire fizessem parte de um sistema mais complexo de metáforas políticas, religiosas e sociais associadas a questões de autoridade e liderança. Isto implica dizer que, muito mais do que um simples reflexo passivo de uma dada realidade, tais artefatos, como no caso das espadas discutidas, representavam um meio para a manipulação das próprias relações sociais, onde estas poderiam ser construídas, contestadas e reafirmadas. Isto se torna ainda mais importante (e visível) se tivermos em mente um contexto de comunidades agrário-pastoris de pequena escala, como é o caso das populações do norte bretão da Idade do Ferro aqui discutidas. Nestas comunidades, figuras associadas à metalurgia e à chefia de grupos parecem estar inseridas em diversos níveis de associações (que envolvem trocas, alianças, rituais de hospitalidade, reciprocidades, rituais de passagem e até mesmo episódios de violência), dentro de um sistema de longa distância, permitindo um conjunto de inovações tecnológicas através de contatos estabelecidos (GILES, 2007c: 408). Nas espadas encontradas Wetwang Slack e Kirkburn, tanto a riqueza ornamental dos motivos gravados nas lâminas e nas bainhas (todos altamente decorados de modo semelhante a alguns objetos produzidos em regiões vizinhas como o sul bretão, o norte irlandês e o continente) como o uso de engastes de coral importado direta ou indiretamente de uma região distante como o Mediterrâneo, atestam a capacidade de atuação por parte de certos indivíduos que desejavam tornar visível e explícita esta capacidade de construir afiliações e associações variadas. Se pensarmos os achados em enterramentos com carros dentro de uma perspectiva historicizante – que busca destacar a historicidade da cultura material – poderemos, então, perceber que esses objetos foram capazes de, literalmente, *forjar* “novas conexões entre áreas do viver na Idade do Ferro, mudando, fundamentalmente, os meios através dos quais discursos de poder social e autoridade podem ter sido

articulados” nessas sociedades a partir das diversas formas de agenciamentos interpessoais existentes (GILES, 2007c: 409).

Provas da capacidade de se tecer vínculos, alianças e cooptar diferentes indivíduos dentro de uma rede de contatos e filiações, esses artefatos foram considerados importantes o suficiente, ao longo de toda a Idade do Ferro média em Yorkshire, a ponto de acompanharem os mortos em seus sepultamentos, estando ainda presentes nos distintos enterramentos com carros encontrados na região. Se a cultura material, de fato, fornece evidências de que indivíduos muitas vezes eram celebrados em vida e gozavam de prestígio e autoridade consideráveis, devido, em parte, a suas habilidades de estabelecerem diferentes contatos, logo tais atos de deposições rituais não parecem tão estranhos assim: além de atestarem a capacidade de familiares e aliados de ratificarem os laços outrora forjados, serviam também como um último apelo à capacidade de reunir e aglomerar, por parte do morto.

Quem sabe, não seja demais julgar que a “poesia” do processo consistisse justamente em um esforço, ele próprio, de estabelecimento de laços entre pessoas: primeiramente, dos vivos entre si (os que ficam) e, em última instância, destes para com a pessoa falecida (a que parte). Uma tentativa humana face à fragilidade da existência que anseia criar, durante um de seus momentos mais traumáticos, um vínculo idealmente mais forte e longo que a duração da própria vida dos homens neste mundo: um vínculo de ancestralidade.



Fig.4: Espadas das Ilhas Britânica durante a Idade do Ferro média: [1 e 2] Wetwang Slack, Yorkshire (Inglaterra), c. 300 a.C; [3-5] Lisnarcrogher, Antrim (Irlanda) séc. III-II a.C; [6 – 8] River Bann, Toome (Irlanda), séc. III-II a.C; [9] Wisbech, Cambridgeshire (Inglaterra), séc. III a.C; [10] Bugthorpe, Yorkshire (Inglaterra); [11] River Thames at Standlake, Oxfordshire (Inglaterra), séc IV-III a.C. . *Fontes:* DENT, 1990; RAFTERY, 2000: 164, fig. 103; LAING & LAING, 1995: 41 e 42; CUNLIFFE, 1997: 162 fig. 135

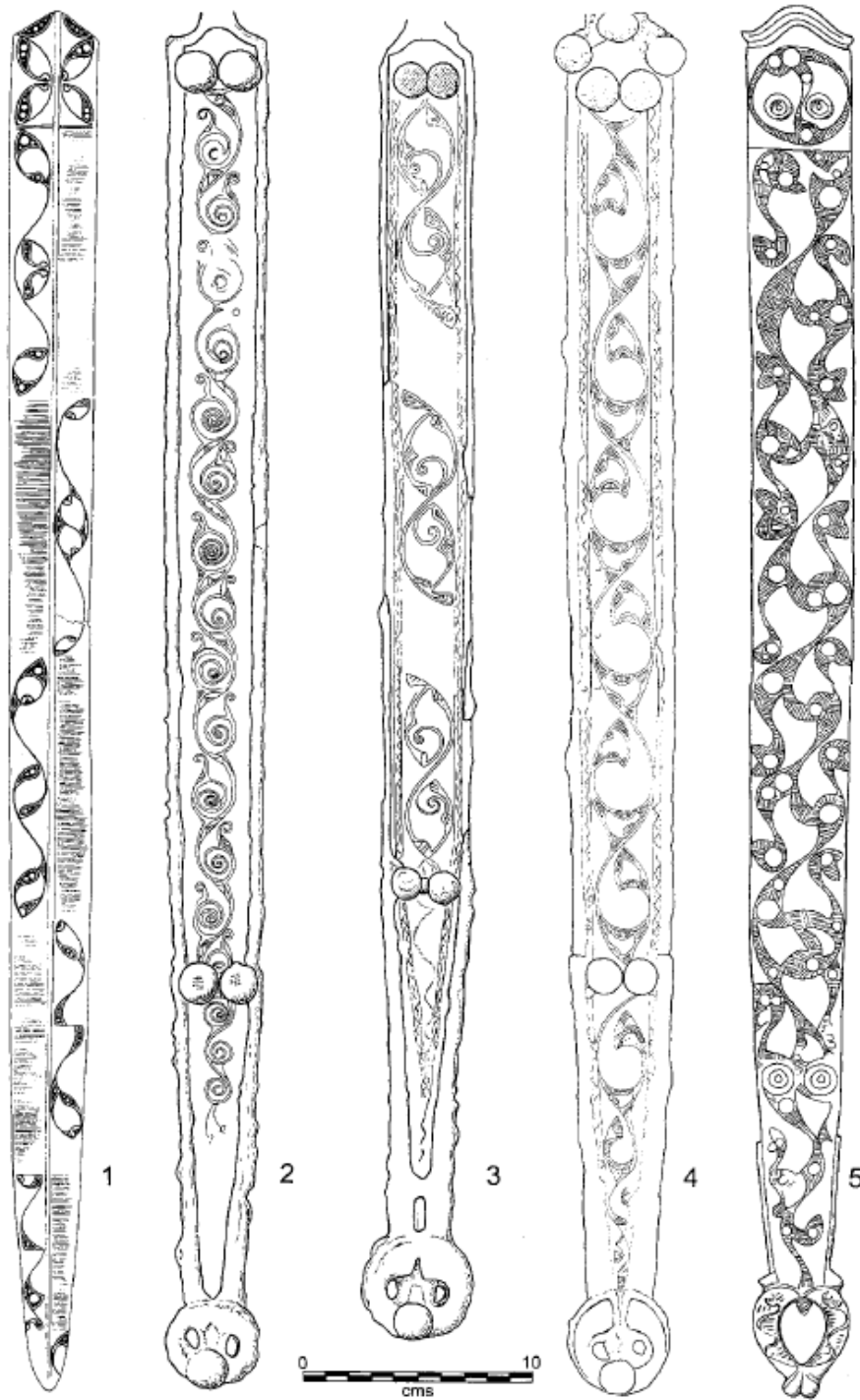


Fig.5: Espadas do leste inglês: [1] Sutton Reach, Lincolnshire; [2, 3] Wetwang Slack, Yorkshire; [4] Kirkburn, Yorkshire; [5] Bugthorpe, Yorkshire. *Fonte:* HARDING, 2007: 108, fig. 5.7

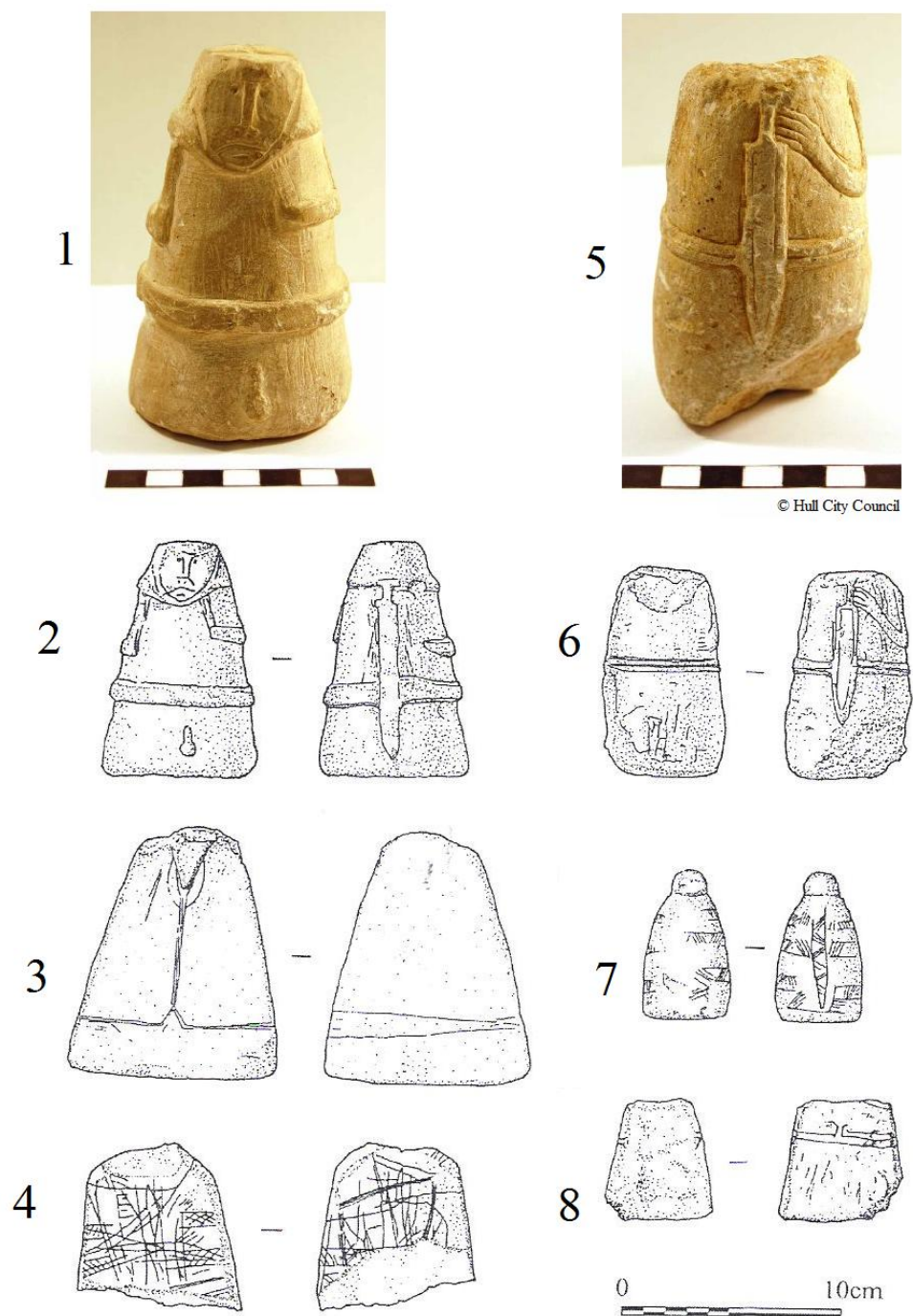


Fig.6: Estatuetas de calcário de Yorkshire Wolds: [1, 2] Withernsea; [3] Fimber; [4, 5, 6] Garton Slack; [7] Malton; [8] Warram Grande Crossroads. *Fontes:* Hull Museum's Collections (hullcc.gov.uk/museumcollections), número de registro: KINCM:1987.81 e KINCM:2006.11303.4576 ; GILES, 2007b: 235, fig.1

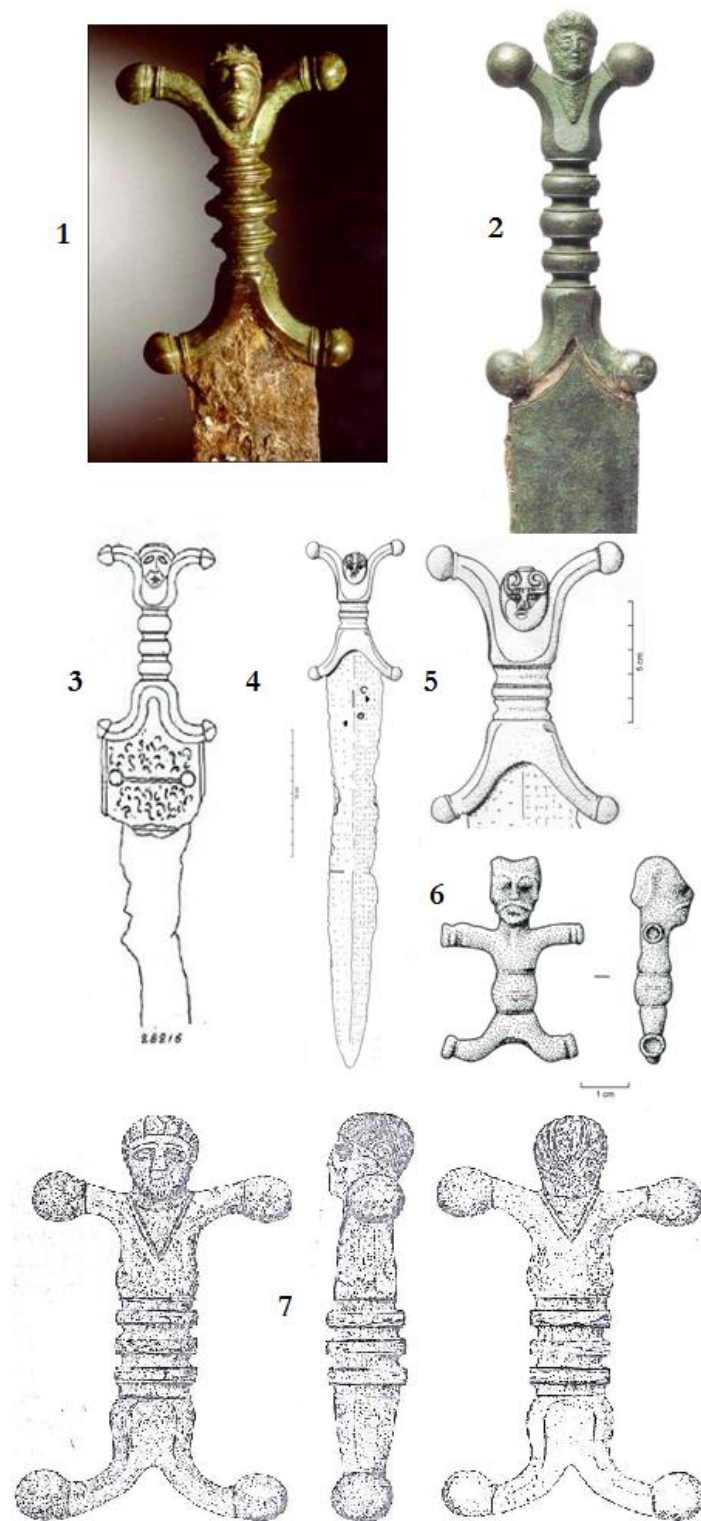


Fig.7: Espadas antropomórficas do séc. II-I a.C: [1] North Grimston, Yorkshire (Inglaterra); [2] Tesson, Charente-Maritime (França); [3] Chatenay-Mâcheron, Haute-Marne (França); [4 e 5] St-Andre-de-Lidon, Charente-Maritime (França); [6] Besançon, Doubs (França); [7] Ballyshannon, Donegal (Irlanda). Fontes: Hull Museum's Collections (hullcc.gov.uk/museumcollections), n.ºrg: KINCM:1942.3001; GREEN, 1996: 98 fig. 67; REINACH, 1917: 225, fig. 252; Duval 1986; FEUGÈRE, 1994 : 155, fig.7, n.º1 ; RAFTERY, 2000 : 143, fig. 83

Considerações Finais

“O que sempre me surpreende, uma vez que nos mostramos tão dispostos a ser sutis em outros temas, é a pobreza de nossas ideias a respeito da morte. Está bem ou está mal. Tenho-lhe medo ou a invoco (é o que se diz, em geral). Entretanto, isso prova também que tudo aquilo que é simples foge à nossa compreensão. O que é azul e que devemos pensar do azul? A mesma dificuldade existe quando se trata da morte. Não sabemos argumentar nem sobre a morte, nem sobre as cores. No entanto, o que realmente tem importância é este homem diante de mim pesado como a terra, que prefigura meu destino. Mas será que posso de verdade pensar nisso? Digo a mim mesmo: devo morrer. Mas essa reflexão nada significa, uma vez que não consigo acreditar nela e que não posso ter qualquer experiência senão a da morte dos outros.”

Albert CAMUS, O vento em Djelma. In: **Núpcias e O Verão**. São Paulo: Círculo do Livro, 1982, p. 19-20.

Apesar da ironia que possa residir nesta constatação, de certa forma, uma das partes mais importantes da vida de um indivíduo é a sua morte. A ritualização fúnebre não deixa de ser, nesse sentido, uma ação criativa que permite a construção de relacionamentos e biografias póstumas. Trata-se de histórias, ao mesmo tempo, singulares - na medida em que seu foco está direcionado para a vida de uma pessoa - e também coletivas - representativas de famílias, de grupos sociais e de comunidades.

Na Pré/Proto-história, muitas dessas histórias contadas e afiliações traçadas só nos são, hoje, visíveis através da própria materialidade e de seus resquícios contidos em algumas dessas antigas tumbas que, por vezes, são descobertas através de escavações arqueológicas. Já a memória direta e as histórias passadas oralmente, de geração a geração, foram para sempre perdidas. Há de se saber reconhecer os próprios limites contemporâneos nesses casos: parte dessas vidas passadas jamais nos serão acessíveis, pois afinal o tempo é um voraz devorador de coisas, como já nos alertava o poeta antigo (Ovídio, *Metamorfose*, XV. 234). Restam-nos, apenas, os cacos das coisas, os destroços

de vidas e os fragmentos de outros mundos. Felizmente para um historiador isso é o bastante.

O estudo dos resquícios materiais encontrados em contextos funerários nas Ilhas Britânicas atesta que, durante a chamada Idade do Ferro, uma diversidade de práticas mortuárias coexistiam em diferentes regiões e cronologias. Embora elas apresentassem certo grau de variabilidade considerável, podendo haver desde cremação, inumação e até mesmo escarnação dos mortos, há, do mesmo modo, um compartilhamento de alguns aspectos culturais e crenças entre as diferentes populações que habitavam o solo bretão.

Nos territórios ao norte, próximos à costa leste, atualmente correspondente ao condado de East Riding of Yorkshire e seus arredores, um conjunto de extensos e populosos cemitérios aponta para a existência de um tratamento fúnebre particular praticado nessa região. Os mortos eram, em sua grande maioria, inumados e enterrados flexionados em tumbas cercadas por valas quadrangulares que, por vezes, eram cobertas por montículos de proporções variadas; prática esta que veio a ser conhecida, posteriormente, pela academia, como a “cultura de Arras”. Boa parte dessas sepulturas era simples e não contava com mobiliário fúnebre elaborado, sendo comum encontrar-se apenas a ossada de ovelhas/carneiros em alguns casos.

É nesse cenário que os primeiros enterramentos com carros são descobertos. Boa parte deles fora escavada por antiquários como J. R. Mortimer e o *canon* W. Greenwell no séc. XIX e nas primeiras décadas do XX. Porém escavações futuras revelaram-nos um significativo novo número de achados, sendo uma das descobertas mais recentes feita no ano de 2001 em Wetwang Village. Todos esses enterramentos são particularmente intrigantes na medida em que se diferem uns dos outros sendo cada achado único, mas, ao mesmo tempo, por apresentarem certo grau de afinidades e proximidades (geográficas e ideológicas). Diferem-se, no entanto, das demais sepulturas encontradas na região em especial pela riqueza material exibida: além de possuírem configurações espaciais superiores em tamanho às da grande maioria, essas tumbas continham ainda itens preciosos como espadas, espelhos, ossadas de porcos, além de elaborados carros.

Esses veículos, por sua vez, concentravam em si um conjunto de pessoas, técnicas e recursos necessários a sua construção e manutenção. Nota-se que eram cuidadosamente trabalhados, nesse sentido: algumas de suas partes poderiam ser revestidas, banhadas em liga de cobre, adornadas com botões e motivos retilíneos. Em

alguns casos, preciosos e raros bens importados como pedras corais eram utilizados em seu embelezamento antes desses veículos serem depositados nas tumbas. São, portanto, carros que, além de suas funções práticas de locomoção e deslocamento, possuíam uma nítida função performática, tanto em vida como em morte, isto é, em contextos funerários.

É interessante observar que, do mesmo modo, os demais objetos encontrados no interior dessas tumbas consistiam em verdadeiros itens de ostentação, seja pela sua raridade (como a cota de malha encontrada em Kirkburn) ou pelo cuidadoso trabalho de adorno e embelezamento, através de desenhos e engastes trabalhados no metal, observados tanto em enterramentos masculinos (ex. espadas de WS. 1 e 3) como femininos (ex. caixa metálica de WS.2). Vistos em conjunto, esses adornos evidenciam uma mesma estética que, por sua vez, não era compartilhada apenas entre pessoas de gêneros distintos, mas também entre tipos diferentes de objetos. Isso é visível uma vez que diversos itens como espadas e espelhos continham arranjos ou decorações semelhantes às peças ou partes de um carro inclusive no que diz respeito à utilização de pedras de coral. Observa-se, portanto, uma série de afinidades e relacionamentos traçados entre objetos e, mais ainda, entre objetos e pessoas. Há, igualmente, uma tentativa de se estabelecer um vínculo diferenciado nesses casos; de se construir um enterramento que, ainda que compartilhe de alguns elementos com os demais (como, muitas vezes, a posição e o eixo de orientação do corpo, ou o formato da tumba), seja, ao mesmo tempo, capaz de se distinguir do restante. O que busquei demonstrar, nesse sentido, é que, por volta do séc. IV-III a.C. em Yorkshire, parte dessas distinções parecem ter sido construídas, sobretudo, em termos de ostentação e de riquezas materiais.

É preciso reconhecer que estudos sobre a Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas que sejam voltados para um debate de gênero ainda são raros. O mesmo pode ser dito, especificamente, para a região de Yorkshire. Embora os enterramentos com carros possam nos fornecer pistas sobre um processo dinâmico e complexo de construção de diferenças sociais, *status* e gênero, poucas análises nesse sentido vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos. O trabalho de Pope e Ralston (2011), por exemplo, é uma exceção nesse cenário, tendo, talvez, como um dos principais méritos o de chamarem a atenção de pesquisadores para como construções de gênero, sobretudo em contextos mortuários, poderiam ser algo relativamente fluido e flexível em Yorkshire ao longo da Idade do Ferro média (POPE & RALSTON, 2011: 408-9). Os autores, no

entanto, optam por interpretar a ocorrência de carros e ossadas de porcos, junto a dois outros casos onde uma hipotética associação entre mulheres e o universo das armas é traçada⁸⁹, como parte de uma ideologia marcial que poderia também envolver membros do sexo feminino (cf. POPE & RALSTON, 2011: 396-7, 404-5). Em uma tabela, Pope e Ralston listam elementos “marciais, veículos e porcos” como atributos de uma identidade masculina, “joalherias” como itens de identidade feminina, “espelhos” como masculinos ou femininos, assinalando e enumerando a ocorrência dos artefatos em relação ao sexo das pessoas com as quais foram descobertos (POPE & RALSTON, 2011: 396, tabela 17.1).

Embora o argumento defendido de que um indivíduo do sexo feminino também possa ter certos atributos e identidades masculinas (e vice-versa) esteja correto, não acredito que a esquematização elaborada pelos autores a respeito dos atributos identitários seja condizente com o cenário que a cultura material da região nos apresenta. Como vimos, até os dias atuais, todos os casos em que espelhos foram registrados na região de Yorkshire aparecem sempre conectados a mulheres. Os artefatos, por vezes, encontram-se ainda adornados por itens como contas de coloração azulada que remetem a uma estética local tipicamente feminina – como o espelho encontrado no enterramento com carro em Wetwang Village. Da mesma forma, joalherias não necessariamente indicam uma identidade feminina e, como posteriormente os próprios autores mencionam, a maior parte dos mortos encontrados em Yorkshire acompanhados por joias têm o seu sexo desconhecido e há um caso mais recente, em Garton Station 7, onde o sexo do esqueleto pôde ser identificado, que revelou um homem com um anel no dedo do pé (POPE & RALSTON, 2011: 398), sem que haja qualquer motivo para se julgar que se tratasse de um homem com uma identidade feminina ou afeminado.

Do mesmo modo, a associação normalmente elaborada entre carros e porcos com uma identidade marcial e masculina me parece muito simplista. Estou de acordo com a conclusão que Pope e Ralston (2011: 408-9) elaboram em sua investigação de que durante a Idade do Ferro inúmeras identidades femininas estavam em jogo. No entanto, aceitar que a presença de veículos e de porcos no interior de tumbas seja indício

⁸⁹ As associações dizem respeito a dois enterramentos encontrados em Rudston e Wetwang Slack. No cemitério de Rudston, um túmulo com espada e escudo (R 136) foi identificado como “possivelmente feminino” por Sheelagh Stead, responsável pela análise osteológica (cf. STEAD, 1991: 127), embora, devido à condição dos achados, o dado não possa ser comprovado. O caso observado em Wetwang, por sua vez, diz respeito ao enterramento de uma mulher que continha golpes de lança em seu corpo (POPE & RALSTON, 2011: 396).

de mulheres masculinizadas ou de mulheres que se incluíam em identidade masculinas para possuírem mais poder (POPE & RALSTON, 2011: 393, 409) é um equívoco. Carros não são objetos marciais por excelência, comportando um conjunto de diferentes funções e de referências sociais, como já foi discutido. Embora os veículos pudessem ser, por vezes, utilizados para razias e fins bélicos, boa parte do imagético associado à ideia de tribos guerreiras que fazem uso constante de veículos exclusivamente em tempos de guerra é uma construção advinda dos relatos gregos e latinos sobre as populações da Europa da Idade do Ferro.

Não há também por que julgar que carros estivessem associados a uma identidade de gênero masculina. Ao contrário, um olhar direcionado à cultura material nos permitiu observar que esses veículos mantinham um vínculo apenas com indivíduos que gozavam de certo prestígio e reconhecimento social: indivíduos que poderiam ser homens e mulheres e que, na morte, foram depositados junto a outros itens preciosos. Esses outros objetos, por sua vez, no caso das mulheres, remetiam a um universo de feminilidade, como espelhos e contas, indicando que a construção de identidades de gênero era algo complexo que comportava um conjunto de diferentes referências e de múltiplos materiais e objetos envolvidos ao longo do processo. Em outros casos, elementos decorativos faziam-se compartilhados entre indivíduos de ambos os sexos, como o conjunto de temas estilizados encontrados tanto nas espadas de WS (1 e 3) e na caixa de metal de WS (2). Muito mais do que se tratar de mulheres que buscavam, em parte, adotar uma “identidade masculina”, essa circulação de temas estilísticos em objetos de metais encontrados em tumbas masculinas e femininas indicam que esses temas faziam parte de um conjunto de referências comuns a uma elite que poderia comportar indivíduos de ambos os gêneros. Trata-se de um léxico particular, uma marca de exclusividade e prestígio que poderia circular e ser negociada entre indivíduos de ambos os gêneros sem haver uma perda de identidade nesse sentido.

A ideia de que porcos estejam associados a um universo masculino também apresenta alguns problemas. Em termos proporcionais, ambos os tipos de enterramentos, masculinos e femininos, em diferentes cemitérios de Yorkshire continham ossadas de porcos em um número relativamente simétrico (e em alguns casos, estando até em maior número em tumbas femininas). A maior diferença, portanto, observada no tocante à questão de ossadas, diz respeito àqueles que eram acompanhados por ossos de porcos (e na maior parte das vezes, por outros itens preciosos) dos demais membros da comunidade, que costumavam ser enterrados apenas

com ossos de ovelhas e poucos ou quase nenhum outro mobiliário fúnebre. Como busquei expor, acredito que a referência direta seja feita ao universo do banquete muito mais do que a uma ideologia marcial: no caso dos enterramentos com carros, os indícios apontam para um banquete fúnebre no qual uma parcela da população mais abastada e mais articulada se fazia valer da carne de um animal socialmente apreciada e valiosa em termos econômicos como um marco que era, ao mesmo tempo, um elemento de distinção. Consiste, portanto, em uma elite; um grupo seletivo de indivíduos que, na perda de um estimado membro, era capaz de reunir pessoas, saberes e recursos a fim de compor um enterramento memorável que funcionava como uma verdadeira plataforma de projeções sociais.

Logo, não há motivos (e tampouco evidências) para supormos que a existência de mulheres enterradas com carros e ossos de porcos deva ser explicada em termos de um processo identitário de masculinização. A documentação, ao contrário, nos fornece pistas a partir de análises osteológicas e do mobiliário fúnebre, de que essas mulheres foram enterradas como mulheres (e não como homens): a presença de espelhos, contos de coloração azulada que se referem a um universo adulto de feminilidade e o fato de que essas mulheres sobreviveram a trabalhos de parto e deram luz a crianças em vida, são todos elementos que apontam nessa direção. O que percebemos, portanto, é uma negociação de espaços de atuação de gênero, muito mais do que uma emulação de uma suposta identidade estática (masculina) que estaria associada a funções de poder. Os enterramentos com carros em Yorkshire nos permitem observar que elementos distintos de poder poderiam circular entre indivíduos de ambos os gêneros e que algumas funções e atributos poderiam ser desempenhados tanto por homens como por mulheres, havendo, portanto, um espaço negociado entre gêneros em termos de atuação política e de reconhecimento social nessas comunidades.

A cultura material servia, assim, como meio dinâmico para essas construções sociais e as práticas mortuárias, muito além de uma simples forma de deposição dos mortos, eram, nesse sentido, a própria plataforma e arena onde essas negociações e projeções se davam. Através de objetos como carros, espadas e espelhos, objetos preciosos não apenas do ponto de vista físico (dos materiais utilizados para sua confecção), mas valiosos por conterem um conjunto de referências cuidadosamente construídas, eram capazes de reelaborar um conjunto de vínculos entre pessoas, comunidades e regiões distintas. Conexões essas que poderiam ser expressas através de determinadas formas de manipulação, uso e depósito, ou ainda de recursos (como

adornos estilísticos) que sinalizassem essas diferentes associações e afiliações. Não deixa de ser uma tentativa de reordenamento do mundo: uma (re)construção de laços de afinidades entre pessoas (e de objetos); laços construídos entre a pessoa falecida e os vivos; dos que ficam entre si e, em última instância, entre dois mundos distintos (o mundo dos vivos e o dos mortos).

Se comparada à maior parte dos achados, é visível que apenas uma pequena parte da população recebeu, após a morte, esse tratamento diferenciado e que essa mesma parcela era também capaz de orquestrar e administrar, de maneiras distintas, um conjunto de contatos construídos em vida. Em certos aspectos, esses indivíduos se assemelhavam ao restante da população, sobretudo, se observadas suas proveniências e condições de acesso a vitaminas, proteínas e demais itens nutricionais. Em outros, diferiam-se devido a seu físico, por vezes, privilegiado e também pelo acesso a determinados bens valiosos como matérias primas, bens de troca, determinados tipos de recursos ou animais específicos, por exemplo.

O mais interessante, porém, é observar como as relações de gênero se dão, nesses contextos, de uma maneira ambígua e rica. Por um lado, a documentação nos atesta a construção de diferenças entre enterramentos masculinos e femininos em Yorkshire, seja em enterramentos com carro ou não. Vemos, nesse sentido, a construção de atributos de gêneros específicos e a recorrência de certos artefatos que possibilitavam essas construções na medida em que permitiam, metaforicamente, a seus agentes elaborarem um conjunto de valores e referências de gênero. A presença de espelhos e de contas de coloração azulada encontrada em cemitérios da região dos Wolds e em enterramentos com carros, sempre em sepulturas de mulheres adultas, talvez sejam dois dos melhores exemplos associados ao feminino, indicando que questões relativas a diferenças de gênero e diferenças etárias eram recorrentemente elaboradas (inclusive, em contextos fúnebres).

Por outro lado, acredito que haja um espaço de diálogo, fazendo com que, em certos casos, algumas dessas fronteiras fossem relativamente mais sutis. Nas tumbas com carros, esse é visivelmente o caso. Se as práticas mortuárias poderiam, nesse contexto, ser entendidas como uma espécie de ação comunicativa, sendo os enterramentos com carros o equivalente a um vocabulário de uma elite especial (cf. ARNOLD, 2001: 220), torna-se visível, então, o fato de que mulheres poderiam constituir uma parte ativa e importante desse “vocabulário de poder”. Enterradas com alguns dos mesmos tipos de objetos de prestígio que os homens, como os veículos de

duas rodas, essas mulheres, em vida, parecem ter sido capazes de se inserirem em redes que possibilitavam um acúmulo de *status* e reconhecimento social (e também, possivelmente, de atuação política), sem, no entanto, perder sua identidade de gênero ou sofrer qualquer processo de travestimento social. Suas sepulturas evocam um conjunto de histórias, materialidades e relacionamentos interpessoais que, embora fossem particulares sob determinados aspectos, se davam de forma semelhante à dos homens, havendo uma clara negociação entre gêneros a respeito de espaços de influência e atuação na sociedade.

É preciso ter em mente que as práticas mortuárias não fornecem apenas uma descrição social microcós mica ou um reflexo passivo de uma dada organização social (PARKER PEARSON, 1993: 227). Se, ao contrário, buscarmos encará-las como uma plataforma para a manipulação social dos próprios relacionamentos entre os vivos (e destes com os mortos), é possível constatar que fatores como gênero, diferenças e hierarquias sociais eram parte integrante e fundamental da vida social das populações bretãs da Idade do Ferro. E que, além disso, tanto alguns homens quanto mulheres parecem ter sido considerados, por seus respectivos grupos familiares e comunidade, membros importantes o suficiente a ponto de terem se tornado valiosos e memoráveis ancestrais, enterrados de um modo especial que demandava cuidados e recursos específicos, diferenciando-os das demais pessoas.

Diante desse curioso cenário, perguntas poderiam ser facilmente elaboradas. O que teria possibilitado esses acúmulos de poder e prestígio por parte de alguns indivíduos específicos? Mais ainda, como isso teria se dado em termos de gênero? Isto é, quais aspectos da vida social estariam envolvidos nesses jogos de negociações e trocas entre pessoas e gêneros? E de que modo algumas mulheres teriam sido capazes de se fazerem, em determinados contextos, tão ou mais importantes que os homens, sendo também reconhecidas de tal modo? Teria sido este um fenômeno exclusivo da região de Yorkshire durante a Idade do Ferro, ou indícios semelhantes poderiam ser observados em demais localidades das Ilhas Britânicas e da Europa durante o mesmo período? As possibilidades de questionamentos são inúmeras...

Alguns estudos vêm apontando para o fato de que a Idade do Ferro europeia, sobretudo o período dito de La Tène inicial, testemunhou um considerável aumento de riquezas em tumbas femininas (contendo não apenas ornamentos de ouro, mas também equipamentos de metal para bebida e outros produtos exóticos, por vezes, importados do Mediterrâneo) e, concomitantemente, algumas mulheres parecem ter sido também

capazes de ocupar algumas posições de prestígio e poder sob certas condições (ARNOLD, 1991; 1996: 44). Assim, um dos meus pontos de vista é o de que questões relativas a dinâmicas e relacionamentos entre gêneros deveriam possuir, tal como questões linguísticas, artísticas e sociais, certo grau de circularidade e de experiências compartilhadas, apresentando variações e especificidades regionais e, ao mesmo tempo, elementos comuns e compartilhados entre diferentes populações da Idade do Ferro na Europa, ditas “celtas”. As possibilidades de análise são muitas e inspiradoras, sobretudo, tendo-se em mente seus potenciais históricos. Resta torcer para que, no futuro, alguns desses caminhos possam ser trilhados em novas pesquisas.

Por hora, o presente estudo buscou fornecer uma pequena contribuição a esse campo de renovação de saberes históricos, arqueológicos e de gênero, a partir de um estudo de caso específico. Certo de que, em diferentes momentos, outros procedimentos, conceitos e abordagens podem se fazer igualmente possíveis, não almejei esgotar todas as alternativas, tampouco atingir a(A) (T)totalidade. Longe disso, reconheço que se trata de um esforço: o que busquei foi apenas propor um caminho, um olhar, uma perspectiva; algumas interpretações construídas a partir de certos indícios particulares que podem construir algumas imagens mentais tanto quanto, ao mesmo tempo, são construídos pelos olhares que a eles são direcionados. Um olhar sobre os outros – *passado* – que nem por isso deixa de ser um olhar sobre nós – *presente*.

Se por um lado não somos capazes de acreditar plenamente na morte, a experiência por que tantos outros passaram, contemporâneos ou antigos, serve-nos de alerta. Lembra-nos que essa conveniente cegueira é, para melhor ou pior, apenas temporária e ilusória. O que resulta, assim, de um intervalo entre uma vida e outra e após o fim das mesmas é também matéria prima do historiador. Cabe-lhe o elogio à potencialidade e à fragilidade humana; às ações, possíveis e impossíveis. Elogio que é ao mesmo tempo denúncia. Dos meios e condições materiais às representações mais abstratas e idealizadas, o mundo adquire, a cada olhar, a possibilidade de ser reinventado. Uma reinvenção consciente de si, cônica de seu ofício presente. E não há por que ser de outra forma já que, em sua infalível contemporaneidade, a História, até certo ponto, não deixa de ser um conjunto de travessuras que nós pregamos nos mortos como, talvez, diria Voltaire.

Referências Bibliográficas

1. Documentação arqueológica

- ANTHOONS, G. Catalogue: chariot burials of the third and second centuries BC. In: ANTHOONS, G. **Migration and elite networks as modes of cultural exchange in Iron Age Europe: a case study of contacts between the Continent and the Arras Culture**. Bangor: Bangor University, 2011, pp. 311-418.
- BREWSTER, T. C. M. The Garton Slack chariot burial, East Yorkshire. **Antiquity**, 45, 1971: 289-292.
- BREWSTER, T.C.M. Garton Slack. **Current Archaeology** 51, 1975: 104-16.
- DENT, J. S. A summary of the excavations carried out in Garton Slack and Wetwang Slack 1964-1980. **East Riding Archaeologist**, 7, 1983a: 1-14.
- DENT, J. S. Three cart burials from Wetwang, Yorkshire. **Antiquity**, 59 (226), 1985: 85-92.
- GREENWELL, W. **British Barrows: a record of the examination of sepulchral mounds in various parts of England**. Oxford: Clarendon Press, 1877.
- GREENWELL, W. Early Iron Age Burials in Yorkshire. **Archaeologia**, 60, Jan,1906: 251-324.
- GREENWELL, W. On the inhabitants of Yorkshire in Pre-Roman times. **Proceedings of the Geological and Polytechnic Society of the West Riding of Yorkshire**, 4, 1859-68: 512-545.
- HAYTON, R. **Iron Age chariot burials** (i, ii, iii, iv). 2006. Disponível em: http://ourpasthistory.com/yorkshirehistory/chariot_burials/index_a.htm (acessado pela última vez em 14 de Outubro de 2011).

- JAY, M.; HASELGROVE, C.; HAMILTON, D.; HILL, J.D.; DENT, J. Chariots and context: New radiocarbon dates from Wetwang and the chronology of Iron Age Burials and Brooches in East Yorkshire. **Oxford Journal of Archaeology**, 31(2), 2012: 161–189.
- JEWITT, L. F.; COX, J.C.; ALLEN, J. R. Discovery of Interments of the Early Iron Age at Danes' Graves, near Driffield, Yorkshire. **Reliquary and Illustrated Archaeologist**, 3, Oct, 1897: 224-30.
- KIRK, J. L. Opening of a Tumulus near Pickering. **Yorkshire Philosophical Society Report**, 1911: 62.
- MAULE COLE, E. Notes on Driffield and Market Weighton from Stanwick. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, xi, 1889:170-175.
- MAULE COLE, E. Notes on Tumuli on the Wolds, East Riding of Yorkshire. **Antiquary**, 39, Sept.,1903: 261-264.
- MORTIMER, J. A. A notice of opening of Calais Wold Barrow, on Bishop Wilton Wold, in the East Riding of Yorkshire. **Reliquary**, 6, April, 1866: 185-190.
- MORTIMER, J. A. A summary on what's known of the so-called "Dane's Graves" near Driffield. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, 13, 1897:286-298.
- MORTIMER, J. A. An account of the opening of a Celtic Tumulus near Fimber, Yorkshire. **Reliquary**, 9, Oct.,1868: 65-69.
- MORTIMER, J. A. **Forty Years' Researches in British and Saxon Burial Mounds of East Yorkshire**. London: A. Browns & Sons, 1905.
- MORTIMER, J. A. Pre-History of the village of Fimber: part II. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, 11, 1890:445-457.
- SHEPPARD, T. Notes on the Antiquities of Brough, East Yorkshire. **Antiquary**, 38, Apr.,1902: 103-107.

- STEAD, I. M. Appendix I: Cart-burials: Yorkshire. In: STEAD, I. M. **The La Tène Cultures of Eastern Yorkshire**. York: The Yorkshire Philosophical Society, 1965, pp. 89-96.
- STEAD, I. M. **Iron Age Cemeteries in East Yorkshire. Excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: English Heritage, 1991.
- STEAD, I. M. A chariot burial on Pexton Moor, North Riding. **Antiquity**, 33, 1959: 214-216.
- STEAD, I. M. Appendix: La Tène burials in Eastern Yorkshire. In: STEAD, I. M. **The Arras Culture**. York: The Yorkshire Philosophical Society, 1979, pp. 97-103.
- STILLINGFLEET, E. W. Account of opening of some barrows on the Wolds of Yorkshire. **Proceedings of the Archaeological Institute**, York, 1846: 26-32.
- THE BRITISH MUSEUM. **Wetwang Chariot Burial**. 2003. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/explore/online_tours/britain/the_wetwang_chariot_burial/the_wetwang_chariot_burial.aspx (Último acesso em 28/02/2012).

2. Documentação Textual

- ATHENAEUS. **The Learned Banqueters**. Trad: S. Douglas. London: The Loeb Classical Library, 2007.
- CAESAR. **The Gallic War**. Trad: H. J. Edwards. Cambridge: Harvard University Press/ Loeb Classical Library, 2004.
- DIODORUS SICULUS. **Library of History**. Trad: C. H. Oldfather. London: Harvard University Press, 2000.
- STRABO. **Geography** (Vol. II). Trad.: Horace Leonard Jones. London: Loeb Classical, 1917.
- TACITUS. **Agricola**. Trad: Anthony R. Birley. Oxford: Oxford University Press, 1999.

TACITUS. **The Annals**. Trad: Alfred John Church e William Jackson Brodribbb.
Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0078>
(Acessado pela última vez em 11 de maio de 2010).

3. Referências instrumentais e específicas

AKLESHIN, V. A. Burial Customs as an Archaeological Source. **Current Anthropology**, Vol.24, 1983:137-149.

ALDHOUSE-GREEN, M.J. **Boudicca Britannia**. Harlow: Pearson Education, 2006.

ALLEN, J. R. **Celtic Art in Pagan and Christian Times**. New York: Courier Dover Publications, 2001.

ANDERSON, M. (ed.). **The book of the mirror: an interdisciplinary collection of exploring cultural story of the mirror**. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2007.

ANTHOONS, G. **Migration and elite networks as modes of cultural exchange in Iron Age Europe: a case study of contacts between the Continent and the Arras Culture**. Bangor: Bangor University, 2011. (Tese de doutorado)

ARMADA, L.; MOORE, T. (eds.). **Atlantic Europe in the First Millennium BC: Crossing the Divide**. Oxford: OUP, 2011.

ARNOLD, B. Gender and archaeological mortuary analysis. In: NELSON, Sarah Milledge (ed.). **Handbook of gender in archaeology**. Oxford: Altamira Press, 2006. p.137-170.

ARNOLD, B. 'Honorary Males' or Women of Substance? Gender, Status, and Power in Iron-Age Europe. **Journal of European Archaeology**, 3 (2) 1995:153-168.

- ARNOLD, B. The Archaeology of Inter-Personal Violence. **Scottish Archaeological Review**, vol. 9-10, 1995: 71-79.
- ARNOLD, B. The limits of agency in the analysis of elite Iron Age Celtic burials. **Journal of Social Archaeology**, 1 (2), 2001: 210-224.
- ARNOLD, B. The material culture of social structure: rank and status in early Iron Age Europe. In: ARNOLD, B.; GIBSON, D. B. **Celtic chieftdom, Celtic State: the evolution of complex social systems in prehistoric Europe**. Cambridge: CUP, 1996.
- BARROS, J.D.A. História da Cultura Material: Notas sobre um campo histórico em suas relações intradisciplinares e interdisciplinares. **Patrimoniuss**, Maricá, 2009: 1-17.
- BARTEL, B. A historical Review of Ethnological and Archaeological Analyses of Mortuary Practice. **Journal of Anthropological Archaeology**, 1, 1982: 32-58.
- BELL, C. **Ritual theory, ritual practice**. New York/ Oxford: OUP, 1992.
- BENDANN, E. **Death customs: an analytical study of burials rites**. London: Dawsons, 1969.
- BEZERRA DE MENESES, U. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, 115 (Nova Série), 1983:103-117.
- BINFORD, L. R. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**, vol. 28, n. 2, 1962: 217-25.
- BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and potential. In: BROWN, J.A. (Ed). **Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices - Memoirs of the Society for American Archaeology, number 25**. Washington: Society for American Archaeology, 1971, PP. 58-67.
- BINFORD, S. R.; BINFORD, L. R. **New Perspectives in Archaeology**. Chicago: Aldine, 1968.

- BIRKHAN, H. Por que nos encantamos tanto com os celtas e a ‘elfização’ do mundo?.
- In: TACLA, A. B.; TÔRRES, M. R. (et alii). **Livro de Atas do III Simpósio Nacional e II Internacional de Estudos Celtas e Germânicos**. São João Del Rei: UFSJ, 2009, p.15-36.
- BONATO, V. V. B. **Hipoplasia Dental: Revisão de Literatura**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- BOYLE, A. Riding into history. **British Archaeology** 76, 2004: 22-7.
- BRADLEY, R. **The prehistory of Britain and Ireland**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BRADLEY, R. The destruction of wealth in later prehistory. **Man: New Series**, 17 (1), 1982: 108-122.
- Bradley, R. **The prehistory of Britain and Ireland**. Cambridge: CUP, 2007
- BRAILSFORD, J.W. **Later prehistoric antiquities of the British Isles**. London: The Trustees of the British Museum, 1953.
- BREWSTER, T. C. M. The Garton Slack chariot burial, East Yorkshire. **Antiquity**, 45, 1971: 289-292.
- BREWSTER, T.C.M. Garton Slack. **Current Archaeology** 51, 1975: 104-16.
- BRITISH MUSEUM. **Mirror from the chariot burial at Wetwang**. s.d. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_prb/m/mirror_from_wetwang.aspx. (Acessado pela última vez em 23/11/2012).
- BROWN, J.A. (Ed). **Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices - Memoirs of the Society for American Archaeology, number 25**. Washington: Society for American Archaeology, 1971.
- BURLEIGH, G; MEGAW, V.; ASHWORTH, H.; SPRATLING, M. The Iron Age Mirror Burial at Pegsdon, Shillington, Bedfordshire: An Interim Account. **The Antiquaries Journal**, 87, 2007: 109-140.

- CARDOSO, C. F. **Combatendo a arrogância epistemológica: alguns caminhos a percorrer.** (conferência). Apresentado no XVIII Ciclo de Debates em História Antiga, Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.
- CARTER, S; HUNTER, F. An Iron Age chariot burial from Scotland. **Antiquity**, 77, 2003: 531-5.
- CERTEAU, M. de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHADWICK, A. **Fields for Discourse. Landscape and Materialities of Being in South and West Yorkshire and Nottinghamshire during the Iron Age and Romano-British Periods (vol. I, II, III).** Newport: University of Wales, 2008. (Tese de Doutorado em Filosofia).
- CHADWICK, A. **The Iron Age and Romano-British Periods in West Yorkshire (An Archaeological Research Agenda for West Yorkshire).** WYVAS, 1, June 2009: 1-193. <http://www.archaeology.wyjs.org.uk/documents/archaeology/Final-Draft-Iron-Age-Roman-West-Yorkshire-Research-Agenda.pdf> (Acessado pela última vez em 15/05/2012)
- CHÁNETON, J. **Género, poder y discursos sociales.** Buenos Aires: Eudeba – Universidad de Buenos Aires, 2007.
- CHAPMAN, J. Tension at Funerals: Social Practices and the Subversion of Community Structure in Later Hungarian Prehistory. In: DOBRES, M. A.; ROBB, J. (eds). **Agency in Archeology.** London: Routledge, 2000, p.165-195.
- CHAPMAN, R. Death, society and archaeology: the social dimensions of mortuary practices. **Mortality**, vol.8, n.3, 2003: 305-312.
- CHILDE, V.G. **The Danube in Prehistory.** Oxford: Clarendon Press, 1929.
- CLARK, P. (ed). **Bronze Age Connections: Cultural Contact in Prehistoric Europe.** Oxford: Oxbow books, 2009.
- COLLIS, J. Celtic myths. **Antiquity**, 71, 1997: 195-201.

- COLLIS, J. The Celts as ‘Grand Narratives’. In: JONES, A (ed.). **Prehistoric Europe: theory and practice**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2008, p.35-53.
- COLLIS, J. **The Celts: Origins, Myths and Inventions**. Stroud: Tempus, 2006.
- CONKEY, M., GERO, J. M. Tensions, pluralities and engendering archaeology: an introduction to women and prehistory. In: GERO, J. M , CONKEY, M. (eds) **Engendering Archaeology: Women and Prehistory**. Oxford: Basil Blackwell, pp.3-30.
- CONKEY, Margareth W., SPECTOR, Janet D. Archaeology and the study of gender: an introduction. In: HAYS-GILPIN, Kelley, WHITLEY, David S. (eds.). **Reader in gender archaeology**. London: Routledge, 1998, pp.11-45.
- CONNERTON, P. **How societies remember**. Cambridge: CUP, 1989.
- CONNOLLY, P. **Greece and Rome at War**. London: Greenhill Books, 1998.
- COONEY, G. **Landscapes of Neolithic Ireland**. London: Routledge, 2000.
- CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J-J. (orgs.) **História do corpo**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2008
- CRESPO, Jorge. **A História do Corpo**. Lisboa - Portugal : DIFEL, 1990.
- CRUBÉZY, E. De l’anthropologie physique à la paléo-ethnologie funéraire et à la paléo-biologie. **Archéo-Nil: Bulletin de la Société pour l’Étude des Cultures Prépharaoniques de la Vallée du Nil**. Paris, 2, 1992 : 7-19.
- CUMMINGS, V. Megalithic journeys: moving around the monumental landscapes of Neolithic western Britain. In: CUMMINGS, V.; JOHNSTON, R. (eds). **Prehistoric Journeys**. Oxford: Oxbow Books, 2007.
- CUMMINGS, V.; JOHNSTON, R. (eds). **Prehistoric Journeys**. Oxford: Oxbow Books, 2007.
- CUNLIFFE, B. **Europe between the oceans: themes and variations : 9000 BC to AD 1000**. New Haven: Yale University Press, 2008.

- CUNLIFFE, B. **Iron age communities in Britain: an account of England Scotland and Wales from the seventh century BC until the Roman conquest.** London: Routledge, 2005.
- CUNLIFFE, B. **Britain Begins.** Oxford: OUP, 2012.
- CUNLIFFE, B. **Facing the Ocean: The Atlantic and Its Peoples 8000 BC-AD 1500.** Oxford: OUP, 2001.
- CUNLIFFE, B. **Iron age communities in Britain: an account of England Scotland and Wales from the seventh century BC until the Roman conquest.** London: Routledge, 2005.
- CUNLIFFE, B. **The Ancient Celts.** Oxford: Oxford University Press, 1997.
- CUNLIFFE, B. **The Celts: a very short introduction.** Oxford: OUP, 2003.
- CUNLIFFE, B.; KOCH, J. T. (eds.). **Celtic from the West: Alternative Perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature.** Oxford: Oxbow Books, 2010.
- D'AGOSTINO, B. I. Principi dell'Italia Centro-tirrenica in Epoca Orientalizante. In: RUBY, P. **Les Princes de la Protohistoire et l'Émergence de l'État.** Naples-Rome : Centre Jean Bérard-École Française de Rome, 1999.
- DAVID, N; KRAMER, C. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. **Horizontes antropológicos.** Porto Alegre, ano 8, n. 18, 2002: 13-60.
- DEL PRIORE, M. L. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. **Revista da USP,** nº 23, São Paulo, 1994: 49-55.
- DENT, J. S. **Wetwang Slack: an Iron Age cemetery on the Yorkshire Wolds.** Sheffield: University of Sheffield, 1984. (Dissertação de Mestrado)
- DENT, J. S. A summary of the excavations carried out in Garton Slack and Wetwang Slack 1964-1980. **East Riding Archaeologist,** 7, 1983a: 1-14.

- DENT, J. S. Three cart burials from Wetwang, Yorkshire. **Antiquity**, 59 (226), 1985: 85-92.
- DENT, J. S. Weapons, wounds and war in the Iron Age. **Archaeological Journal**, 140, 1983b: 120-8.
- DIETLER, M. Celticism, Celtitude, and Celticity: The Consumption of the Past in the Age of Globalization. In: RIECKHOFF, S. (ed.). **Celtes et Gaulois dans l'histoire, l'historiographie et l'idéologie moderne. Actes de la table ronde de Leipzig, 16-17 juin 2005**. Glux-en-Glenne: Bibracte, Centre Archéologique Européen, 2006, p.237-248.
- DOVE, S.; GOLDSTRAW, R. Lifting the Kirkburn mail tunic. In: PAYTON, R. **Retrieval of objects from archaeological sites**. Clwyd- Denbigh: Archetype Publications, 1992, pp.51-59.
- DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação – contribuição para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- DUX, G. Communicative Reason and Interest: On the Reconstruction of the Normative Order in Societies Structured by Egalitarianism or Domination. In: HONNETH, A.; JOAS, H. (eds). **Communicative Action: Essays on Jürgen Habermas' Theory of Communicative Action**. Oxford: Blackwell, 1991, pp.74-96.
- DYER, J. **Ancient Britain**. London & New York: Routledge, 2003.
- ENGELS, D. The Problem of Female Infanticide in the Greco-Roman World. **Classical Philology**, Vol. 75, No. 2, 1980: 112-120.
- ERAS. The Wetwang Chariot Burial. **ERAS News**, nº 51, 2002: 6-8.
- ESCÓRPIO, E., GASPAR, M. D. Indicadores de Diferenciação Social e de Gênero dos Pescadores-Coletores que ocuparam a Região dos Lagos – RJ. **Cadernos do LEPAARQ- Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**. Vol. II, nº3, RS, Editora da UFPEL, Jan/Jul, 2005: 47-65.

- FAERMAN, M.; BAR-GAL, G.K.; FILON, D.; GREENBLATT, C.L; STAGER, L.;
 OPPENHEIM, A.; SMITH, P. **Determining the Sex of Infanticide Victims from
 the Late Roman Era through Ancient DNA Analysis.** *Journal of
 Archaeological Science*, 25, 1998: 861–865.
- FEBVRE ; L. **Le problème de l'incroyance au XVIe siècle. La religion de Rabelais.**
 Paris : A Michel, 1942.
- FENTON-THOMAS, C. **Late prehistoric and early historic landscapes of the
 Yorkshire Chalk.** Oxford: British Archaeological Reports, 2003.
- FEUGÈRE, M. Les fouilles du Parking de la Mairie de Besançon (Doubs) (1989-
 1990). Petits objets des niveaux laténiens. In : JUD, Peter (dir.). **Die spätkeltische
 Zeit am südlichen Oberrhein / Le Rhin supérieur à la fin de l'époque
 celtique.** Basel: Archäologische Bodenforschung des Kantons Basel-Stadt, 1994,
 pp. 146-155.
- FINNEGAN, M. Non-Metric Variation of the Infracranial Skeleton. **Journal of
 Anatomy.** Ireland, 1, 1978: 23-37.
- FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA,
 H. B. (Org). **Modernismo e política.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991, 217-250.
- FLED BRICREND. Trad: HENDERSON, G. **Medieval Irish Series.** Cambridge,
 Ontario: In parentheses publications, 1999.
- FLEMING, A. Tombs for the Living. **Man, New series**, 8 (2), 1973:177-193.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2009.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOX, C. **Pattern and purpose: a survey of early Celtic art in Britain.** Cardiff:
 National Museum of Wales, 1958.
- FOX, C. **The personality of Britain: its influence on inhabitant and invader in
 prehistoric and early historic times.** New York: AMC Press, 1947.

- FOX, C. Two Celtic bronzes from Lough Gur, Limerick, Ireland. **Antiquarian Journal**, 30, 1950: 190-192.
- FUNARI, P.P. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, C.B. (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, pp.81-109.
- FUSTEL DE COULANGES, N. D. **La cité antique: Étude sur le culte, le droit, les institutions de la Grèce et de Rome**. Paris: L. Hachette et cie, 1870.
- GABRIEL, R. A. **Soldiers' lives through history**. Westport: Greenwood Publishing Group, 2007
- GILCHRIST, R . **Gender and archaeology: contesting the past**. London: Routledge, 1999.
- GILCHRIST, R. **Gender and Material Culture: the Archaeology of Religious Women**. London: Routledge, 1994.
- GILES, M. Refiguring rights in the Early Iron Age landscapes of East Yorkshire. In: HASELGROVE, C.; POPE, R. **The Earlier Iron Age in Britain and the near Continent**. Oxford: Oxbow Books, 2007a, pp. 103-18.
- GILES, M. Good fences make good neighbours? Exploring the ladder enclosures of Late Iron Age East Yorkshire. In: HASELGROVE, C.; MOORE, T. **The Later Iron Age in Britain and Beyond**. Oxford: Oxbow Books, 2007b, pp.235-49.
- GILES, M. Making Metal and Forging Relations: Ironworking in the British Iron Age. **Oxford Journal of Archaeology**, 26 (4), 2007c: 395-413.
- GILES, M. Seeing red: the aesthetics of martial objects in the British and Irish Iron Age. In: GARROW, D.; GOSDEN, C.; HILL, J. D. (eds). **Rethinking Celtic Art**. Oxford: Oxbow Books, 2008a, pp. 59-77.
- GILES, M. Identity, Community and the Person in Later Prehistory. In: POLLARD , J. (ed.). **Prehistoric Britain**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008b, pp. 330-50.

- GILES, M.; JOY, J. Mirrors in the British Iron Age: performance, revelation and power. In: ANDERSON, M. (ed.). **The Book of the Mirror: An Interdisciplinary Collection Exploring the Cultural Story of the Mirror**. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2006, pp. 16-31.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GLUCKMAN, M. Les Rites de Passage. In: GLUCKMAN, M. **Essays on the Ritual of Social Relations**. Manchester: MUP, 1962, pp. 1-52.
- GOLDENBERG, M. **O corpo como capital**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.
- GOLDSTEIN, L. One-dimensional Archeology and Multi-dimensional People: Spatial Organization and Mortuary Analysis. In: CHAPMAN, R.; KINNES, I; RANDBORG, K. (eds.) **The Archeology of Death**. Cambridge: CUP, 1981, pp.53-69.
- GONZÁLES Y GONZÁLES, Luis. **Pueblo en vilo. Microhistoria de San José de Gracia**. Ciudad de México: El Colegio de México, 1968.
- GRANT, Jim; GORIN, Sam; FLEMING, Neil. **The Archaeology Coursebook: An introduction to Themes, Sites, Methods and Skills**. London: Taylor & Francis, 2008.
- GREEN, M. **An Archaeology of Images**. London: Routledge, 2004.
- GREEN, M. **Animals in Celtic Life and Myth**. London: Routledge, 1992.
- GREEN, M. **Celtic Art: Reading the Messages**. London: Calmann & King, 1996.
- GREENWELL, W. **British Barrows: a record of the examination of sepulchral mounds in various parts of England**. Oxford: Clarendon Press, 1877.

- GREENWELL, W. Early Iron Age Burials in Yorkshire. **Archaeologia**, 60, Jan,1906: 251-324.
- GREENWELL, W. On the inhabitants of Yorkshire in Pre-Roman times.**Proceedings of the Geological and Polytechnic Society of the West Riding of Yorkshire**, 4, 1859-68: 512-545.
- GRINSELL, L. V. The Breaking of Objects as a Funerary Rite. **Folklore**, Vol. 72, No. 3, Sep., 1961: 475-491.
- GRUZINSKI, S. **A colonização do imaginário: Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol (sécs. XVI-XVIII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GUIMARÃES, J. O. N. **Vida e morte na escrita da história: entre gregos e modernos**.TEXTOS DE HISTÓRIA, vol. 15, nº 1/2, 2007: 63-80.
- HALKON, P. (ed.) **New Light on the Parisi: Recent Discoveries in Iron Age and Roman East Yorkshire**. Hull: East Riding Archaeological Society, 1989.
- HALKON, P. **Archaeology and Environment in a Changing East Yorkshire Landscape: the Foulness Valley c. 800 BC to c. AD 400**. Oxford: British Archaeological Reports, 2008.
- HALKON, P.; INNES, J. B. Settlement and Economy in a Changing Prehistoric Lowland Landscape: An East Yorkshire (UK) Case Study. **European Journal of Archaeology**, 8, 2005: 225-259.
- HARDING, A. F. **European societies in the Bronze Age**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- HARDING, D. W. **The archaeology of Celtic art**. London: Routledge, 2007.
- HARDING, D. W. **The Iron Age in Northern Britain: Celts and Romans, natives and invaders**. London & New York: Routledge, 2004.

- HARRISON, S. John Robert Mortimer: a founding father of modern British archaeology. **Antiquity**, vol. 84, 325, Setembro, 2010. Disponível em <http://www.antiquity.ac.uk/projgall/harrison325/> (Último acesso em 16/ 02/ 2012)
- HARRISON, S. The Mortimer Museum of archaeology and geology at Driffield (1878-1918), and its transfer to Hull. **East Riding Archaeologist**, 10, 2001: 47-61.
- HARTOG, F. Tempo e Patrimônio. **Varia Historia**. Belo Horizonte, v.22, n.36, p.261-273, Jul/Dez, 2006.
- HARTOG, F. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: UNB, 2003.
- HAWKES, C; HAWKES, J. **Prehistoric Britain**. Harmondsworth: Penguin, 1958.
- HAYS-GILPIN, Kelley Ann. Gender. In: BENTLEY, R. Alexander, MASCHNER, Herbert D.G., CHIPPINDALE, Christopher (eds.). **Handbook of archaeological theory**. Lanham: Altamira Press, 2008. pp.335-349.
- HAYTON, R. **Iron Age chariot burials** (i, ii, iii, iv). 2006. Disponível em: http://ourpasthistory.com/yorkshirehistory/chariot_burials/index_a.htm (acessado pela última vez em 14 de Outubro de 2011).
- HAYWOOD, J. **The Historical Atlas of the Celtic World**. London: Thames & Hudson, 2009.
- HENDERSON, J. C. **The Atlantic Iron Age: Settlement and Identity in the First Millennium BC**. New York & Oxford: Routledge, 2007
- HERTZ, R. **Death and the right hand**. Glencoe: The Free Press, 1960.
- HEY, D. **A History of Yorkshire**. Lancaster: Carnegie, 2011.
- HICKS, J.D. (ed.) **A Victorian boyhood on the Wolds: the recollections of J.R. Mortimer**. Beverley: East Yorkshire Local History Society, 1978.
- HILL, Erica. Gender-informed archaeology: the priority of definition, the use of analogy, and the multivariate approach. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.5, n.1, 1998: 99-128.

- HILL, J. D. Wetwang Chariot Burial. **Current Archaeology**, 178 (15), 2002: 410-2.
- HILL, J.D. The Pre-Roman Iron Age in Britain and Ireland (ca. 800 B.C to A.D 100): An overview. **Journal of World Prehistory**, 9 (1), 1995: 47-98.
- HODDER, I. Postprocessual Archaeology and the Current debate. In: PREUCCEL, R. W. (ed.). **Processual and Postprocessual archaeologies: multiple ways of knowing the past**. Carbondale: CAI, Southern Illinois University Press, 1991, pp. 30-41.
- HODDER, I. Postprocessual Archaeology. In: SCHIFFER, M. (ed.). **Advances in Archaeological Method and theory**. New York : Academic Press, 1985, pp. 1-26.
- HODDER, I. **Archaeological Theory Today**. Cambridge: Polity, 2012.
- HODDER, I. **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: CUP, 1982.
- HODDER, I. The contextual analysis of symbolic meanings. In: HODDER, I. (ed.) **The Archaeology of Contextual Meanings**. Cambridge: CUP, 1987, pp.1-10.
- HODDER, I; HUTSON, S. **Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology**. Cambridge: CUP, 2003.
- HUMPHREY, C. & LAIDLAW, J. **The archetypal actions of ritual: a theory of ritual illustrated by the Jain rite of worship**. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- HURST-THOMAS, D. **Archaeology**. Fort Worth: Holt, Rinehart and Winston, 1989.
- HUYS, M. The Spartan Practice of Selective Infanticide and its Parallels in Ancient Utopian Tradition. **Ancient Society**, 27, 1996: 47-74.
- JACKSON, C.; de la PRYME, A.. **The diary of Abraham De la Pryme, the Yorkshire antiquary**. Durham: Surtees Society/ Andrews & Co, 1870.
- JACOBSON, E. **The Art of the Scythians: The Interpenetration of Cultures at the Edge of the Hellenic World**. Leiden: Brill, 1995.

- JAMES, S. **Exploring the World of the Celts**. London: Thames & Hudson, 2005.
- JAY, M.; FULLER, B.T.; RICHARDS, M.P.; KNÜSEL, C.J.; KING, S.S. Iron Age breastfeeding practices in Britain: isotopic evidence from Wetwang Slack, East Yorkshire. **American Journal of Physical Anthropology** 136, 2008: 327-37.
- JAY, M.; RICHARDS, M. P. Diet in the Iron Age cemetery population at Wetwang Slack, East Yorkshire, UK: carbon and nitrogen stable isotope evidence. **Journal of Archaeological Science**, 33, 2006: 653-62.
- JEWITT, L. F.; COX, J.C.; ALLEN, J. R. Discovery of Interments of the Early Iron Age at Danes' Graves, near Driffield, Yorkshire. **Reliquary and Illustrated Archaeologist**, 3, Oct, 1897: 224-30.
- JOFFROY, R. **Les sépultures à char du premier âge du fer en France**. Paris : Picard, 1958.
- JOHNS, C. An Iron Age sword and mirror cist burial from Bryher, Isles of Scilly. **Cornish Archaeology** , 41–42, 2006: 1–79.
- JOY, J. Exploring status and identity in later Iron Age Britain: Reinterpreting Mirror Burials. In: ARMADA, X. L.; MOORE, T. (eds.). **Atlantic Europe in the first millennium BC: Crossing the divide**. Oxford: OUP, 2011, pp. 468-487.
- JOY, J. Reflections on Celtic Art: A Re-Examination of the Mirror Style. In: GARROW, D.; GOSDEN, C.; HILL, J. D. **Celtic art: new approaches**. Oxford: Oxbow Books, 2008, pp.77-98.
- KARL, R. The Celts from everywhere and nowhere: a re-evaluation of the origins of the Celts and the emergence of Celtic cultures. In: KOCH, J.; CUNLIFFE, B (eds.). **Celtic from the West: Alternative Perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature**. Oxford: Oxbow books, 2010, pp.39-64.
- KARL, R. The court of law in Iron Age Celtic societies. In: KARL, R; LESKOVAR, J. (eds.). **Interpretierte Eisenzeiten 3. Fallstudien, Methoden, Theorie. Tagungsbeiträge der 3. Linzer Gespräche zur interpretativen**

- Eisenzeitarchäologie.** Linz: Oberösterreichisches Landesmuseum, 2009, p. 135-60.
- KINSELLA, T. **The Táin: From the Irish epic Táin Bó Cuailnge.** Oxford: OUP, 2002.
- KIRK, J. L. Opening of a Tumulus near Pickering. **Yorkshire Philosophical Society Report**, 1911: 62.
- KNOLL, G. F. A representação dos gêneros na publicidade. **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero.** Florianópolis: UFSC, 2006, 1-4.
- KNÜSEL, C.J. More Circe than Cassandra: the Princess of Vix in ritualized social context. **European Journal of Archaeology**, 5 (3), 2002: 275-308.
- KOCH, J. **Celtic Culture: a historical encyclopedia.** California: ABC-CLIO, 2006.
- KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.
- KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, 134-146, 1992.
- KROMER, K. **Das Gräberfeld von Hallstatt.** Firenze: Assoc. Internat. d'Arch Class, 1959.
- LAING, L.; LAING, J. **Celtic Britain and Ireland – Art and Society.** London: The Herbert Press, 1995.
- LAQUER, T. **Inventando o Sexo. Corpo e Gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LARSON, L. H. Archaeological implications of social stratification at Etowah site, Georgia. In: BROWN, J.A. (Ed). **Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices - Memoirs of the Society for American Archaeology, number 25.** Washington: Society for American Archaeology, 1971, pp. 58-67.

- LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LE ROUX, F.; GUYNOVARC'H, C.J.. **A Civilização Celta**. Mem Martins: Publicações Europa América, 1999
- LEGGE, A. J. Animal bones. In: STEAD, I.M. **Iron Age Cemeteries in East Yorkshire. Excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: English Heritage, 1991, pp. 140-7.
- LESSA, F. S.. Corpo e Esporte em Atenas: análise de uma enócoa do Museu Nacional da UFRJ. **Phoinix** (UFRJ), v. 12, p. 105-119, 2006.
- LESSA, F. S.. Corpo e Sexualidade Feminina na Atenas Clássica. In: José Geraldo Costa Grillo; Renata Senna Garraffoni; Pedro Paulo A. Funari. (Org.). **Sexo e Violência: Realidades antigas e questões contemporâneas**. São Paulo: Annablume, 2011, v. , p. 103-118.
- LESSA, F. S.. Corpo, Esporte e Masculinidade em Atenas. **Phoinix** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 10, p. 111-132, 2004.
- LESSA, F. S.; FILHO, S. A. C. Masculinidade? Uma reflexão comparativa. In: LESSA, F. S. (Org.). **Poder e Trabalho: Experiências em História Comparada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008,11-34.
- LEVI, Giovanni. Sobre a microhistória. in: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 133-161.
- LIVERSAGE, D. Comments on 'Burial Customs as an Archaeological Source'. **Current Anthropology**, Vol.24, Abril, 1983, p.148.
- LOWERY, P. R.; SAVAGE, R. D. A.; WILKINS, R. L. A Technical Study of the Designs on the British Mirror Series. **Archaeologia**, 105, 1976: 99-126.
- LUBBOCK, J. **Prehistoric Times, as Illustrated by Ancient Remains and the Manners and Customs of Mordern Savages**. London: William and Norgate, 1865.

- LULL, V. Death and Society: a Marxist approach. **Antiquity**, 74, 2000: 576-580.
- MacKILLOP, J. **Dictionary of Celtic Mythology**. Oxford: OUP, 2004.
- MACKILLOP, J. **Myths and Legends of the Celts**. London: Penguin, 2006.
- MALINOWSKI, B. **A scientific theory of culture and other essays**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1944.
- MARKALE, Jean. **Women of the Celts**. Vermont: Inner Traditions, 1986.
- MARSHALL, F. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, 20, Porto Alegre, 2005: 13-23.
- MAULE COLE, E. British and Roman Roads in the East Riding of Yorkshire. **Antiquary**, 26, Nov., 1892: 206-209.
- MAULE COLE, E. Notes on Driffield and Market Weighton from Stanwick. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, xi, 1889:170-175.
- MAULE COLE, E. Notes on the Danes' Graves near Driffield. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, v. 13, January, 1897:299-301.
- MAULE COLE, E. Notes on Tumuli on the Wolds, East Riding of Yorkshire. **Antiquary**, 39, Sept., 1903: 261-264.
- MAYS, S. **The Archaeology of Human Bones**. New York: Routledge, 1998.
- MCNETT, C. W. The Cross-Cultural Method in Archaeology. **Advances in Archaeological Method and Theory**, Vol. 2, 1979: 39-76.
- MEDINA, M. C. Comentários críticos a algumas categorias históricas: sexo, género y clase. **Anales Nueva Epoca**, n.1, 1998: 11-36.
- MEGAW, V.; MEGAW, R.. Early Celtic Art at the Millennium. In: LODEWIJCKX, M. **Belgian archaeology in a European setting (Volume 2): Acta**

archaeologica Lovaniensia: Monographiae. Leuven: Leuven University Press, 2001, p.41-50.

MENIEL, P. Les Restes animaux des Necropoles du Mont Troté et des Rouliers. In : ROZEY, J.-G. (ed.). **Les Celtes en Champagne: Les Ardennes au second âge du fer: LeMont Troté, Les Rouliers, Mémoires de la Société Archéologique Champenoise.** Châlons-en-Champagne: Société archéologique Champenoise, 1987, pp. 357–361.

METCALF, P.; HUNTINGTON, R. **Celebrations of Death: The Anthropology of Mortuary Ritual.** Cambridge: CUP, 1991.

MIESOWICZ, M. Mr. William Morfitt. **Nature**, vol. 113, 1924: 57

MILLER, Daniel. Artefacts and the meaning of things. In: INGOLD, T. **Companion Encyclopedia of Anthropology.** London: Routledge, 1994, p. 397-419.

MORTIMER, J. A. A notice of opening of Calais Wold Barrow, on Bishop Wilton Wold, in the East Riding of Yorkshire. **Reliquary**, 6, April, 1866: 185-190.

MORTIMER, J. A. A summary on what's known of the so-called "Dane's Graves" near Driffield. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, 13, 1897:286-298.

MORTIMER, J. A. An account of the opening of a Celtic Tumulus near Fimber, Yorkshire. **Reliquary**, 9, Oct., 1868: 65-69.

MORTIMER, J. A. **Forty Years' Researches in British and Saxon Burial Mounds of East Yorkshire.** London: A. Browns & Sons, 1905.

MORTIMER, J. A. Pre-History of the village of Fimber: part II. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, 11, 1890:445-457.

MORTIMER, J. R. The Danes Graves. **Yorkshire Philosophical Society Report**, 1897:1-10.

- MUIR, R. **The Yorkshire Countryside: a Landscape History**. Edinburgh: Keele University Press, 1997.
- MUNIZ, P. H. O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais. **Revista Varia Scientia**, v. 06, n. 12, 2006: 159-169
- NEAL, C. **People and the environment: a geoarchaeological approach to the Yorkshire Wolds landscape (vol.1 e 2)**. York: University of York, 2009. (Tese de Doutorado em Arqueologia)
- NELSON, Sarah Milledge. Interpreting gender in the past: theories and strategies. In: NELSON, Sarah Milledge (ed.). **Gender in archaeology**. Walnut Creek: Altamira Press, 1997. p.49-64.
- NOBLE, G. Monumental journeys: Neolithic monument complexes and routeways across Scotland. In: CUMMINGS, V.; JOHNSTON, R. (eds). **Prehistoric Journeys**. Oxford: Oxbow Books, 2007, pp. 64-74.
- O'CONNOR, A. ; GRAVES, C. P. Canon Greenwell (1820-1918) and his contribution to archaeological research. **Bulletin of the History of Archaeology**, 13 (2), 2003: 28-30.
- PALGI, P.; ABRAMOVICHTH, H. Death: A Cross-Cultural Perspective. **Annual Review of Anthropology**, vol.13, 1984: 385-417.
- PARE, C. **Wagons and Wagon-Graves of the Early Iron Age in Central Europe**. Oxford: Oxford University Committee for Archaeology, 1992.
- PARKER PEARSON, M. **The Archaeology of Death and Burial**. Stroud: Sutton Publishing, 2003.
- PARKER-PEARSON, M. Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study. In: HODDER, I. **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: CUP, 1982, p.99-113.
- PARKER-PEARSON, M. The Powerful Dead: Archaeological Relationships between the Living and the Dead. **Cambridge Archaeological Journal**, 3, 1993: 203-229.

- PARKER-PEARSON, M. Food, Sex and Death: Cosmologies in the British Iron Age with Particular Reference to East Yorkshire. **Cambridge Archaeological Journal**, 9, 1, 1999: 43-69.
- PEARCE, S. M.; BOUNIA, A. **The collector's voice: critical readings in the practice of collecting**. Aldershot: Ashgate, 2000.
- PECK, J. J. **The Biological Impact of Culture Contact: A Bioarchaeological Study of Roman Colonialism in Britain**. Ohio: Ohio State University, 2009. (Tese de Doutorado em Arqueologia)
- PEEBLES, C. S. Moundville and Surrounding Sites: Some Structural Considerations of Mortuary Practices. In: BROWN, J.A. (Ed). **Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices - Memoirs of the Society for American Archaeology, number 25**. Washington: Society for American Archaeology, 1971, pp. 68-91.
- PIGGOT, S. Early Iron Age 'horn-caps' and yokes. **Antiquarian Journal**, 49, 1969: 378-381.
- PIGGOT, S. **Wagon, Chariot and Carriage: Symbol and Status in the History of Transport**. New York: Thames & Hudson, 1992.
- POMEROY, S. B. Infanticide in Hellenistic Greece. In: CAMERON, A.; KUHRT, A. (eds.). **Images of Women in Antiquity**. London: Routledge, 1983, pp.207-22.
- POMEROY, S. **Spartan Women**. Oxford: OUP, 2002.
- POPE, R. E.; RALSTON, I. B. M. Approaching sex and status in Iron Age Britain with reference to the nearer continent. In: ARMADA, L.; MOORE, T. (eds.). **Atlantic Europe in the First Millennium BC: Crossing the Divide**. Oxford: OUP, 2011, p. 375-414.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, pp.291-326.

- PREUCCEL, R. W.; HODDER, I. (Org.). **Contemporary Archaeology in theory: a reader**. Cambridge, Oxford: Blackwell, 1996.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. **The Andaman islanders: a study in social anthropology**. Cambridge: CUP, 1922.
- RAFTERY, B. **Pagan Celtic Ireland – The Enigma of the Irish Iron Age**. London: Thames & Hudson, 2000.
- RAFTERY, B. The Island Celts. In: MOSCATI, S (coord) et alii. **The Celts**. New York: Rizzoli, 1999, 557-578.
- RAMM, H. **The Parisi. Peoples of Roman Britain**. London: Duckworth, 1978.
- REINACH, Salomon. **Catalogue illustré du Musée des Antiquités Nationales, au Château de Saint-Germain-en-Laye**. Paris : Ernest Leroux, 1917.
- REIS, J. J. **A morte e uma festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991
- RENFREW, C. Towards a cognitive archaeology. In: RENFREW, C.; ZUBROW, E. B. W. (Org.) **The ancient mind: elements of cognitive archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- REVEL, Jacques. L'histoire au ras du sol. In : LEVI, Giovanni. **Le pouvoir au village**. Paris: Gallimard, 1989, pp. I-XXXIII.
- RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.
- RICE, T. T. **The Scythians**. New York: F.A. Praeger, 1957.
- RØBERG, Frank. Arqueologia Escandinava: da Pré-História aos Vikings. **Brathair**, 7 (1), 2007: 104-106. (Entrevista concedida a J. Langer)

- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. **REVISTA USP**, São Paulo, n.44, p. 10-31, dezembro/fevereiro 1999-2000: 9-31.
- RODRIGUES, J. C. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 1999.
- RUTTER, J. G.; DUKE, G. **Excavations at Crossgate near Scarborough, 1947-1956**. Scarborough: Scarborough and District Archaeological Society, 1958
- SAMSON, A.V.M. Offshore finds from the Bronze Age in north-west Europe: The shipwreck scenario revisited. **Oxford Journal of Archaeology**, 25 (4), 2006: 371-388.
- SAXE, A. Social Dimensions of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan. In: BROWN, J.A. (Ed). **Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices - Memoirs of the Society for American Archaeology, number 25**. Washington: Society for American Archaeology, 1971, pp. 39-57.
- SCHÖNFELDER, M. **Das Spätkeltische Wagengrab Von Boé (Dép. Lot-et-Garonne): Studien zu Wagen und Wagenräubern der Jüngerer Latènezeit**. Marburg: Philipps-Universität Marburg, 2000. (Tese de Doutorado).
- SCOTT, J. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988.
- SCOTT, J. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, 91 (5), 1986:1053-1075.
- SCOTT, J. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.3,1994, p.11-27.
- SHANKS, M.; TILLEY, C. Archaeology into the 1990s. **Norwegian archaeological Review**, vol. 22, 1989: 1-12.
- SHANKS, M.; TILLEY, C. **Social Theory and Archaeology**. Cambridge: Polity Press, 1987.

- SHEPPARD, T. Note on a British chariot burial at Hunmanby in East Yorkshire. **Archaeological Journal**, 19, 1907: 483-497.
- SHEPPARD, T. Notes on the Antiquities of Brough, East Yorkshire. **Antiquary**, 38, Apr.,1902: 103-107.
- SHERIDAN, A. Neolithic connections along and across the Irish Sea. In: CUMMINGS, V.; FOWLER, C.(eds). **The Neolithic of the Irish Sea: materiality and traditions of practice**. Oxford: Oxbow, 2004, pp.9-21.
- SILVA, A. C. L. F. Reflexões sobre o paradigma pós-moderno e os estudos históricos de gênero. **Brathair** 8 (2), 2008: 75-84.
- SILVA, S. F. S. M. **Arqueologia das Práticas Mortuárias em sítios Pré-Históricos do litoral do Estado de São Paulo**. São Paulo: USP/ MAE, 2005. (Tese de Doutorado em Arqueologia).
- SILVA, S. F. S. M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 16, 2006, p.113-138.
- SILVERBLATT, I. Lessons of Gender and Ethnohistory in Mesoamerica. **Ethnohistory**, 42, 4, 1995: 639-650.
- SMITH, A. H. **The Place-names of East Riding of Yorkshire and York (vol. xiv)**. Cambridge: English Place-Name Society, 1937.
- SOARES, C. L (Org.) **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- SOARES, M. A. P. **Representações da Morte: Fotografia e Memória**. Porto Alegre: PUC-RS, 2007. (Dissertação de Mestrado)
- SØRENSEN, M. L. Gender archaeology and Scandinavian Bronze Age studies. **Norwegian Archaeological Review**, 25 (1), 1992: 31-49.

- SØRENSEN, M. L. Gender, things and material culture. In: NELSON, Sarah Milledge (ed.). **Handbook of gender in archaeology**. Oxford: Altamira Press, 2006, pp.105-136.
- SØRENSEN, M. L. The construction of gender through appearance. In: WALDE, Dale, WILLOWS, Noreen D. (eds.). **The archaeology of gender: proceedings of the twenty-second annual conference of the Archaeological Association of the University of Calgary**. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 1991. p.121-129
- SØRENSEN, M. L. The engendered of space. In: SØRENSEN, M. L. **Gender archaeology**. Cambridge: Polity Press, 2000. p.144-167.
- SPRAGUE, R. A. Suggested terminology and classification for burial description. **American Antiquity**, 33(4), 1968: 479-485.
- SPRIGGS, M. **Marxist Perspectives in Archaeology**. Cambridge: CUP, 1984.
- STACEY, R. Evidence for the use of birch-bark tar from Iron Age Britain. **Past, The Newsletter of the Prehistoric Society**, 47, 2004: 1-2.
- STEAD, I. Cart-burials in Britain. In: GUŠTIN, M.; PAULI, L.. (eds.) **Keltiski Voz**. Brežice: Posavski muzej, 1984, p.31-41.
- STEAD, I. M. **British Iron Age Swords and Scabbards**. London: British Museum Press, 2006.
- STEAD, I. M. **Iron Age Cemeteries in East Yorkshire. Excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: English Heritage, 1991.
- STEAD, I. M. A chariot burial on Pexton Moor, North Riding. **Antiquity**, 33, 1959: 214-216.
- STEAD, I. M. A Distinctive Form of La Tène Barrow in Eastern Yorkshire and on the Continent. **The Antiquaries Journal**, 41, 1961: 44-62.

- STEAD, I. M. Chalk Figurines of the Parisi. **The Antiquaries Journal**, 68 , 1988: 9-29.
- STEAD, I. M. **The Arras Culture**. York: The Yorkshire Philosophical Society, 1979.
- STEAD, I. M. **The La Tène Cultures of Eastern Yorkshire**. York: The Yorkshire Philosophical Society, 1965.
- STILLINGFLEET, E. W. Account of opening of some barrows on the Wolds of Yorkshire. **Proceedings of the Archaeological Institute**, York, 1846: 26-32.
- STOERTZ, C. **Ancient landscapes of the Yorkshire Wolds. Aerial photographic transcription and analysis**. Swindon: Royal Commission on the Historical Monuments of England, 1997.
- TACLA, A. B. ‘Prestation Economy’: a model for Late Bronze Age and Early Iron Age burial deposition in Central-Western Europe. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 18, 2008, p.133-153.
- TAINTER, J. A. Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems. **Advances in Archaeological Method and Theory**, 1, 1978: 105-141.
- THE STORY OF MAC DA THÓ’S PIG’. In: CHADWICK, N.K.(trad). **An Early Irish Reader**. Cambridge: CUP, 1927.
- THELM, N.; BUSTAMANTE, R. M.; LESSA, F.S. **Olhares do Corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- TORELLI, M. **Storia degli Etruschi**. Roma-Bari : Laterza, 1999.
- TYLOR, E. B. **Primitive Culture**. London: John Murray, 1871.
- TYLOR, E. B. The religion of the savages. **Fortnightly Review**, 6, 1866: 71-86.
- UBELAKER, D. **Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation**. Washington: Taraxacum, 1989.
- UCKO, P. J. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. **World Archaeology**, 1 (2): 262-280.

- VAILATI, L. L. Os funerais de "anjinho" na literatura de viagem. **Revista Brasileira de História**, vol.22, nº 44, 2002: 365-392.
- VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VOUGA, Paul. **La Tène**. Leipzig : Karl & Weissman, 1923.
- WAIT G. Burial and the Otherworld. In: GREEN, M (ed). **The Celtic World**. London and New York: Routledge, 1996, p. 489- 511.
- WASON, P. **The archeology of Rank**. Cambridge: CUP, 2004.
- WATTS, D. **Boudicca's Heirs: Women in Early Britain**. London: Routledge, 2005.
- WEBSTER, J. Ethnographic barbarity: colonial discourse and "Celtic warrior societies". In: WEBSTER, J. & COOPER, N.J. (eds). **Roman Imperialism: Post Colonial Perspectives**. Leicester: Leicester University Press, 1996, 111-123.
- WEEDMAN, K. Gender and ethnoarchaeology. In: NELSON, Sarah Milledge (ed.). **Handbook of gender in archaeology**. Oxford: Altamira Press, 2006. pp.247-294.
- WHIMSTER, R. **Burial Practices in Iron Age Britain: A Discussion and Gazetteer of the Evidence c.700 B.C – A.D. 43 (Vol. i – ii)**. Oxford: BAR series, 1981.
- WILLEY, G. R.; SABLOFF, J. A. **A History of American Archaeology**. New York: W.H. Freeman and C., 1993.
- WILSON, D. R. **Air Photo Interpretation for Archaeologists**. Stroud: Tempus, 2000.
- WRATHMELL, S. The Documentary Evidence. In: TREEN, C.; ATKIN, M.(eds). **Water Resources and their Management: Wharram Research Report**. York: University of York Press, 1–8.
- WRIGHT, T. On the remains of a primitive people in the South-East corner of Yorkshire. **Archaeologia Cambrensis**, iii, 10, April, 1857: 232-237.

WRIGHT, W. Skulls from the Danes' Graves, Driffield. **The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, Vol. 33, Jan. - Jun., 1903: 66-73.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Catálogo

Catálogo de enterramentos com carros em Yorkshire durante a Idade do Ferro

Arras

1 King's Barrow

2 Charioteer's Barrow

3 Lady's Barrow

4 Beverley

5 Cawthorn Camps

6 Danes Graves

7 Hornsea

8 Huggate

9 Hunmanby

10 Middleton

11 Pexton Moor

12 Seamer

13 Garton Slack

Wetwang Slack

14 WS1

15 WS2

16 WS3

17 Garton Station

18 Kirkburn

19 Wetwang Village

ARRAS "The King's Barrow" n°1

Id	Condado	Localidade
A1	East Riding of Yorkshire	Arras, Market Weighton
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1815-1817	Rev. E. W. Stillingfleet	Masculino

Datação	c. séc. III a.C
---------	-----------------

Descrição

O enterramento consistia em uma cova com laterais arredondadas, levemente circular, de aproximadamente \varnothing 3,5m e 45cm de profundidade, cavada em solo de calcário e coberta por um montículo de aproximadamente \varnothing 8m. A descrição do esqueleto é escassa, mas estima-se que tenha sido enterrado de maneira flexionada e é sabido que o corpo estava orientado no sentido norte-sul, com a cabeça ao norte. Mais ainda, duas ossadas de porcos foram encontradas ao norte, próximo ao crânio do falecido. Foram igualmente descobertos dois esqueletos de cavalos, depositados em ambos os lados da tumba, e por cima do morto, as rodas do veículo desmontado. Os aros de ferro da roda mediam c. \varnothing 870mm; já os anéis de roda, feitos de ferro e liga de cobre, tinham c. de \varnothing 125-130mm. Por fim, a oeste do esqueleto, foram achados os seguintes itens:

- dois pinos de rodas, com base composta de ferro e seus terminais de liga de cobre, de medida incerta uma vez que seus corpos apresentam-se quebrados;
- as embocaduras, compostas por links de liga de cobre e argolas de ferro banhadas por liga de cobre, medindo um total de 272mm;

	<ul style="list-style-type: none"> - os cinco anéis de rédea, em formato de D, de tamanhos variados, entre 60mm a 67mm, feitos de ferro e liga de cobre adornados com pequeninos discos duplos (semelhantes a lábios) que variavam de número em cada anel; - um par de pequeninos anéis que compunham o arreio, medindo 22 e 23mm.
Observações	<p>Nem todos os itens que compunham o carro chegaram até nós. Além de fragmentos de um dos aros e de um par de anéis de rodas, encontram-se preservados os seguintes itens: um dos dois pinos de rodas encontrados; dois anéis de rédea; uma das duas embocaduras e os dois anéis de arreio.</p> <p>Ainda que boa parte da ossada dos animais tenha se perdido desde sua descoberta em 1816 até os dias atuais, este enterramento – junto aos achados de Hunmanby (STEAD, 1979: 23) – é um dos poucos enterramentos em que há evidências da deposição de cavalos na tumba, junto ao morto (ANTHOONS, 2011: 54; LEGGE, 1984). Por fim, é válido destacar que a embocadura encontrada no King’s Barrow não apresentava qualquer sinal de uso ou desgaste, e de fato alguns autores como Stead (1979: 49) defendem que a disposição e o molde do objeto parecem apresentar certos “erros” de confecção que tornariam seu uso desconfortável ao animal e inadequado para o uso prático de condução dos animais, o que talvez possa indicar que a embocadura tivesse sido produzida exclusivamente para o funeral (cf. ANTHOONS, 2011: 50).</p>
Referências bibliográficas	<p>ANTHOONS, 2011; CUNLIFFE, 2005: 501; GREENWELL, 1906; HAYTON, 2006: i; LEGGE, 1984; STEAD, 1965, 1979; STILLINGFLEET, 1848: 26-32</p>

Museu

The Yorkshire Museum

ARRAS "The Charioteer's Barrow" nº2

Id.	Condado	Localidade
A2	East Riding of Yorkshire	Arras, Market Weighton
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1815-1817	Rev. E. W. Stillingfleet	n/d

Datação	c. séc. III a.C
---------	-----------------

Descrição Com proporções relativamente pequenas, um montículo de \varnothing 2,5m e elevado a não mais que 60cm do nível do solo, este enterramento foi pouco documentado na época de sua descoberta, sendo difícil inferir muitas informações sobre o esqueleto e a cova. Estima-se, entretanto, que a orientação do corpo fosse norte-sul e tanto à esquerda quanto à direita do morto foram encontradas cada uma das rodas do veículo apoiadas sobre seu corpo e preservadas através dos aros de ferro, que mediam c. \varnothing 790mm e anéis de roda de c. \varnothing 127mm. Em cada um dos lados da cova, constavam ainda ambas as embocaduras, de ferro, que possuíam argolas de \varnothing 70mm e \varnothing 30mm conectadas por um “link” de 85mm. Abaixo do crânio foi encontrada uma placa de liga de cobre (com um prego em seu centro, de ferro) em formato circular e convexo com \varnothing 113mm. Mais ainda, descobriram-se sobre o morto dois chifres da galhada de um cervídeo, cuidadosamente polidos e trabalhados, possivelmente utilizados como pinos de rodas e cujas medidas eram de 124mm em formato cônico, com um terminal em formato de disco de c. \varnothing 11mm. Foi, igualmente, encontrado um “estojo” de liga de cobre em formato tubular-córneo com 140mm, uma perfuração ao

	<p>longo do corpo tubular de 16mm por 9mm seguida por um prego de ferro e um terminal aberto no formato de boca de sino, medindo cerca de \varnothing 53mm. Outros itens descobertos incluem: um pequenino disco feito de ferro e liga de cobre, medindo cerca de \varnothing 35mm, em cujo centro havia um corte ornamental em formato tripartido; um anel de ferro achatado, de \varnothing 45mm e uma tira de ferro de 72mm de comprimento com um prego em sua extremidade.</p>
<p>Observações</p>	<p>Dos poucos bens deste enterramento que resistiram ao tempo constam: pouco mais da metade do aro que revestia uma das rodas do veículo; fragmentos de um anel de roda; fragmentos de uma embocadura; o “estojo” de bronze; os diversos discos e apenas um dos dois pinos de roda feitos de partes da galhada de um cervo.</p> <p>Vale mencionar que os três últimos (o pedaço de galhada trabalhado, os discos e o “estojo” de bronze em formato córneo) despertaram debates e o surgimento de diferentes pontos de vista quanto a suas possíveis significações.</p> <p>De todos, apenas o pedaço de chifre – inicialmente, no século XIX, interpretado como presas de javali (STILLINGFLEET, 1846) – parece ter seu uso eficientemente identificado. Com efeito, nem sempre pinos de rodas são compostos de metal e em diversos outros enterramentos de carros em East Yorkshire, como aqueles de Beverley, Pexton Moor, Cawthorn Camps e os de Garton Slack, nenhum objeto metálico deste tipo foi descoberto. Em casos especialmente como os que se observa em Pexton Moor e Cawthorn Camps, onde as rodas e o eixo foram enterrados juntos, isto é, sem serem desmontadas mas nem por isso foram encontrados pinos de roda, Brewster (1971: 291) sugere que é possível que outros tipos de matérias-primas, mais perecíveis à ação do</p>

tempo do que o metal, como, por exemplo, um tipo de madeira qualquer mais resistente, pudessem ter sido empregadas no lugar do ferro ou do bronze. A mesma situação parece ter sido comum no Continente, onde, especialmente na região do médio Reno, descobertas de pinos de roda em enterramentos com carros são relativamente raras, evidenciando, igualmente, a utilização de outros tipos de materiais em sua elaboração (cf. HAFFNER, 1976: 30; STEAD, 1979: 47). No caso do Charioteer's Barrow (A2), tanto o formato do objeto, a perfuração, o botão da base e a decoração na parte superior, acompanhada, sobretudo de algumas marcas particulares de desgaste, fornecem indícios suficientes para o argumento de que este pedaço de corno fora polido e utilizado como pino de roda.

Já os dois outros itens permanecem relativamente "misteriosos". O disco grande de bronze, em alguns casos, é interpretado como uma parte convexa a ser acoplada a uma superfície qualquer a fim de se compor um escudo (GREENWELL, 1906: 282; STILLINGFLEET, 1846: 30); em outros, como uma 'phalera', isto é, uma peça do equipamento que poderia fazer parte do conjunto que compõe os arreios (STEAD, 1979: 53). É curioso, sobretudo, notar que no Continente ao longo da Idade do Ferro, tanto no período Hallstatt (cf. KROMER, 1959: 25, pl.7, n.11, pl.79, n. 3-6) como em La Tène (cf. VOUGA, 1923: pl. 37, n.3) discos semelhantes de bronze e ferro foram encontrados em diversos contextos. Contudo, tal como destacado por Stead (1979:53), o disco encontrado no "Charioteer's Barrow" (A.2) diferencia-se dos modelos continentais por possuir uma liga de bronze ao redor de seu contorno e por ser côncavo em seu centro. Já o pequenino disco de \varnothing 35mm, em cujo centro havia um

	<p>corte ornamental em formato tripartitdo parece indicar que funcionava como parte de um sistema para prender peças, onde tiras de couro eram colocadas.</p> <p>Quanto ao objeto tubular de bronze tradicionalmente chamado de “estojo” pelos que fizeram a descoberta na época, as interpretações são as mais variadas: desde que serviria como “estojo para as presas de javali encontradas” (STILLINGFLEET, 1846), ou como pino de trave que prenderia o corpo do carro à parelha (FOX, 1949), ou, até mesmo, como um elemento da parelha, aliado a um suposto outro objeto idêntico (que não foi encontrado em Arras), formando o que ficou conhecido como “chifres de carros” comuns na Europa Centro-Occidental da Idade do Ferro e em alguns casos na Irlanda, sendo comparado a descobertas feitas em Lough Gur, Limerick (cf. FOX, 1950; MARIËN, 1961: 176; PIGGOT, 1969). Seja como for, apesar das diversas tentativas interpretativas, ambos os objetos – tanto o disco de bronze, quanto o objeto tubular de bronze – permanecem ainda um mistério no que concerne a sua possível identificação e utilidade.</p>
Referências bibliográficas	ANTHOONS, 2011; GREENWELL, 1877: 454-7; 1906; HAYTON, 2006; STEAD, 1965,1979; STILLINGFLEET, 1846.
Museu	The Yorkshire Museum

ARRAS "The Lady's Barrow" nº3

Id.	Condado	Localidade
A28	East Riding of Yorkshire	Arras, Market Weighton
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1877	<i>canon W. Greenwell</i>	feminino

Datação c. séc. III a.C

Descrição

O enterramento cavado em solo de calcário consistia em uma cova no formato circular de \varnothing 3,6m e 1m de profundidade, coberta por um montículo de \varnothing 4,3m e 45cm de altura. O esqueleto, por sua vez, era o de uma mulher, de aproximadamente 1,52m, enterrada sobre o lado esquerdo do seu corpo, com as mãos na altura do rosto. Rolleston, ao analisar a ossada, estimou que a mulher tenha falecido com a idade entre 35-40 anos (cf. relatório de Rolleston em GREENWELL, 1877: 457). Próximas ao corpo, foram achadas as duas rodas do carro, que se mantiveram até os dias atuais a partir de fragmentos dos aros, medindo aproximadamente \varnothing 850mm e 38mm de largura. Dentro da circunferência dos aros das rodas foram encontrados seus quatro anéis circulares (\varnothing 124mm–130mm), compostos de ferro e revestidos por uma camada de liga de cobre e dois rebites de liga de cobre (27mm de altura e 5mm de cabeça), com o topo ornamentado. Apenas um anel de rédea foi descoberto e ele possui um formato em D, e mede c. de 58mm com o corpo adornado por dez discos bipartidos (semelhantes a lábios) feito de ferro e liga de cobre. Próximas à cabeça do esqueleto foram

	<p>encontradas duas embocaduras (c. 240mm) com anéis de ferro revestidos por liga de cobre e embaixo do crânio um espelho de ferro (ø 170mm) com corpo feito de bronze (157mm) terminando em um pequenino anel de ø 25mm. No mesmo local, próximo ao crânio, constavam ainda as ossadas de dois porcos, ali depositadas.</p>
<p>Observações</p>	<p>Um pequenino objeto de liga de cobre foi descoberto na época da escavação, mas logo depois foi perdido. Greenwell (1906: 284-5) chegou a descrevê-lo como tendo aproximadamente 2,54cm de largura e profundidade. Stead (1965: 91; 1979: 22) a partir da descrição de Greenwell (1906) e da comparação com outros achados muito semelhantes encontrados em enterramentos com carros no continente, como o de Condé-sur-Marne na França, sugere que o objeto talvez pudesse fazer parte de um chicote, compondo, assim, a parte inferior do chicote, conectado à base do cabo.</p> <p>A posição do corpo da mulher é controversa. Greenwell (1877: 454; 1906: 284) destaca que os trabalhadores que escavaram o túmulo estavam todos de acordo que o corpo da mulher encontrava-se de modo inteiramente estendido sobre o lado esquerdo. Ao tratar de sua orientação, contudo, entrou em contradição: inicialmente, destaca que a cabeça estaria orientada para oeste (GREENWELL, 1877: 454), mas posteriormente afirma que seria a norte (GREENWELL, 1906: 284). É curioso, sobretudo, notar que o próprio Greenwell, apesar de qualificar os trabalhadores que escavaram o túmulo como “inteligentes e observadores”, parece desconfiar, à primeira vista, das informações relativas à posição do corpo: “os trabalhadores compartilhavam decididamente da opinião de que o corpo fora colocado inteiramente em decúbito (<i>full length</i>), ainda que certamente</p>

	<p>a posição contraída fosse aquela usualmente adotada na época para esses tipos de enterramentos” (GREENWELL, 1877: 454). Greenwell, por fim, parece ter se convencido de que o corpo encontrava-se de fato na posição estendida, a partir de outros enterramentos descobertos em Arras e registrados por Stillingfleet, nos quais alguns corpos se encontravam nesta posição (GREENWELL, 1877: 454) e a partir de alguns enterramentos femininos com carros, semelhantes no continente, como o de Ciry-Salsogne (Aisne), que foram por ele comentados em nota de rodapé (GREENWELL, 1906: 284).</p>
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>ANTHOONS, 2011; GREENWELL, 1877:454-7; 1906; HAYTON, 2006: i; STEAD, 1965,1979.</p>
<p>Museu</p>	<p>The British Museum</p>

BEVERLEY nº4

Id.	Condado	Localidade
BEV.	East Riding of Yorkshire	Beverley Westwood
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1875	<i>canon W. Greenwell</i>	n/d

Datação	c. séc. III a.C
---------	-----------------

Descrição	O enterramento, orientado no sentido norte-sul, correspondia a uma cova de aproximadamente 1,9m por 1,4m e 84cm de profundidade que se situava abaixo de um montículo de 60cm de altura e \varnothing 6,5m. Foram encontrados apenas os seguintes objetos, em condições ruins de preservação: no canto oeste da cova, duas embocaduras corroídas de ferro medindo c. de 250mm e com anéis de 85mm a 90mm; no canto leste, lado a lado, os dois aros de ferro das rodas (c. \varnothing 750mm) e quatro anéis de roda (c. \varnothing 130mm).
Observações	Nenhuma parte da ossada do morto resistiu até o momento da descoberta devido às condições naturais em que o solo se encontrava, impossibilitando a identificação de seu sexo e demais dados biológicos. Os objetos escavados encontram-se, igualmente, visivelmente danificados pela ação do solo e do tempo. Por fim, Greenwell (1906: 278) diz ter encontrado alguns “resquícios de anéis” que, apesar de tudo, não chegaram até nós e, talvez, se tratassem dos anéis de rédea. É possível que demais bens não-metálicos como porcos, tenham sido depositados junto ao morto, mas nenhum desses dados são acessíveis por causa das técnicas

	empregadas na época da escavação e o nível de desgaste causado pelo solo junto à ação do tempo.
Referências bibliográficas	ALLEN, 2001: 63-66; GREENWELL, 1877; 1906; HAYTON, 2006; STEAD, 1965,1979
Museu	The British Museum

CAWTHORN CAMPS n°5

Id.	Condado	Localidade
CC	North Yorkshire	Cawthorn Camps
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1849	Thomas Kendall	n/d

Datação	c. séc. III a.C
---------	-----------------

Descrição	<p>Foi descoberto na ocasião um enterramento sobre um montículo de areia que media cerca de 1m de altura. Debaixo deste, foram achadas partes de um carro de duas rodas. Kendall e seu braço direito, Thomas Dowson (MORTIMER, 1905: 361), afirmam ter encontrado uma das rodas inclinadas, quase caída no chão, mas a outra ainda estava ereta, tocando quase o topo do montículo por dentro. Partes dos raios das rodas ainda eram visíveis no momento da escavação. Mais ainda, foram descobertos traços da presença do cabo longitudinal, que media c. 2,13m de comprimento e prendia o corpo do carro à parelha. Próximo à região onde deveria ser encontrada a parelha foram achados anéis de metais, feitos de ferro e liga de cobre. Chegaram até nós os seguintes itens: os aros das rodas, ainda que bastante corroídos, medindo em torno de \varnothing 730mm; fragmentos de um anel de roda, feito de ferro e liga de cobre medindo cerca de 70mm e diversos fragmentos metálicos correspondentes ao conjunto de equipamento de rédea e arreio, todos de ferro e liga de cobre. Nenhuma</p>
-----------	--

	ossada, humana ou animal chegou a ser descoberta.
Observações	<p>Kendall infelizmente nunca chegou a fazer uma planta da escavação ou catalogação sistemática dos materiais por ele descoberto em Cawthorn Camps. A maior parte das informações foi registrada por J. R. Mortimer (1905), que obteve os dados diretamente com Kendall e Dowson, seu colega-assistente. Segundo consta, a tumba não contava com uma cova: o carro encontrava-se ao nível do antigo solo e fora coberto pelo montículo. Mortimer (1905: 361) chega a levantar a possibilidade de que o morto tivesse sido, primeiramente, enterrado em uma tumba que, por sua vez, em seguida, teria sido coberta com terra e com o carro depositado em cima e, finalmente, mais uma vez coberta pelo montículo. Como o local nunca mais foi re-escavado e nenhuma cova foi descoberta, qualquer afirmação do tipo não passa de mera especulação. Mais ainda, todas as evidências parecem indicar que o achado em Cawthorn Camps consistia em um enterramento no qual o carro não fora desmontado. A partir da descrição dos achados e sua posição na tumba – uma das rodas eretas e a outra levemente inclinada (possivelmente pela ação do tempo ou pela ação dos escavadores, ou ambas as possibilidades), indícios no solo da presença do cabo, situado logo a seguir, conectando o corpo à parelha, e na extremidade desta, fragmentos de anéis e partes do arreo – parece plausível afirmar que o carro tenha sido depositado de modo inteiro, sem sofrer o tradicional processo de desmonte. A localização geográfica parece coincidir e reforçar esta hipótese uma vez que em Pexton Moor (North Riding), a aproximadamente 8km de distância, outro enterramento com carro (inteiro) fora achado em estado mais bem documentado. Não obstante, outros enterramentos semelhantes, em que os</p>

	carros foram enterrados sem sofrerem desmontes, foram descobertos recentemente no norte bretão fora da área dos Wolds, a saber: em Ferry Fryston (2003 – West Riding of Yorkshire) e Newbridge (2001 – Escócia).
Referências bibliográficas	ALLEN, 2001: 63-66; MORTIMER, 1905; STEAD, 1965,1979
Museu	The Yorkshire Museum

DANES GRAVES nº6

Id.	Condado	Localidade
DGr43	East Riding of Yorkshire	Em Drifffield entre Kilham e Nafferton
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1897	J. R. Mortimer	Masculino (2x)

Datação	c. séc. III a.C
---------	-----------------

Descrição Abaixo do montículo elevado em solo de calcário, que media \varnothing 8,2m e 1m de altura, foi descoberta uma cova retangular de lados arredondados que media aproximadamente 2,5m por 2,3m e 75cm de profundidade, orientada no sentido norte-sul. No canto leste da cova, foram encontradas dois esqueletos masculinos contraídos: o que se encontrava na extremidade norte estava flexionado sobre o lado direito do corpo, direcionado no eixo sudoeste-nordeste; o que se localizava ao sul, encontrava-se flexionado sobre o lado esquerdo do corpo e orientado no eixo norte-sul. Junto ao corpo situado na extremidade norte da tumba havia a ossada de um porco e um broche feito de ferro e liga de cobre. Greenwell (1906: 277) menciona que a peça possuía um botão de coral incrustado. No canto oeste da cova estavam as diversas partes que compunham um carro:

- dois aros de rodas feitos de ferro, um completo e outro em fragmentos, que mediam \varnothing 760mm e 36mm de espessura;
- quatro anéis de rodas, estando um deles completo e os três demais distorcidos e/ou fragmentados, medindo todos em torno de \varnothing 150mm e 17mm de espessura;

	<ul style="list-style-type: none"> - dois pinos de rodas em formato de J feitos de ferro, que mediam c. de 130mm de altura. Cada pino tinha uma extremidade superior quadrada de 28mm e uma base que terminava em um botão de ferro de cerca de \varnothing 14cm; - duas embocaduras feitas de ferro e liga de cobre, com argolas de \varnothing 80mm e 73mm. Apenas uma delas se manteve, em fragmentos; - alguns anéis e discos: um anel de c. \varnothing 50mm, encontrado próximo ao crânio; duas placas em formato de botões, feitas de liga de cobre, medindo c. de 20mm por 25mm.
Observações	<p>Mortimer (1897: 4) destaca que no momento da escavação era visível ainda uma distinta cavidade no solo que indicava a presença de partes do carro que foram decompostas com o tempo. Chegou a fazer referência também a pequeninas plaquetas de bronze fino, ligeiramente convexas em um dos lados, possuindo uma c. de \varnothing 2cm e a outra 2,5cm; esta última apresentaria ainda certo desenho circular gravado na parte convexa, mas nenhum dos objetos chegou até nós. É possível ainda que as rodas encontradas em Danes Graves não fizessem um par perfeito, tendo uma delas sido substituída ou reparada (cf. STEAD, 1979: 40).</p>
Referências bibliográficas	<p>ALLEN, 2001: 63-66; ANTHOONS, 2011; GREENWELL, 1906; MORTIMER, 1897, 1898: 121-4; STEAD, 1965, 1979.</p>
Museu	Hull and East Riding Museum

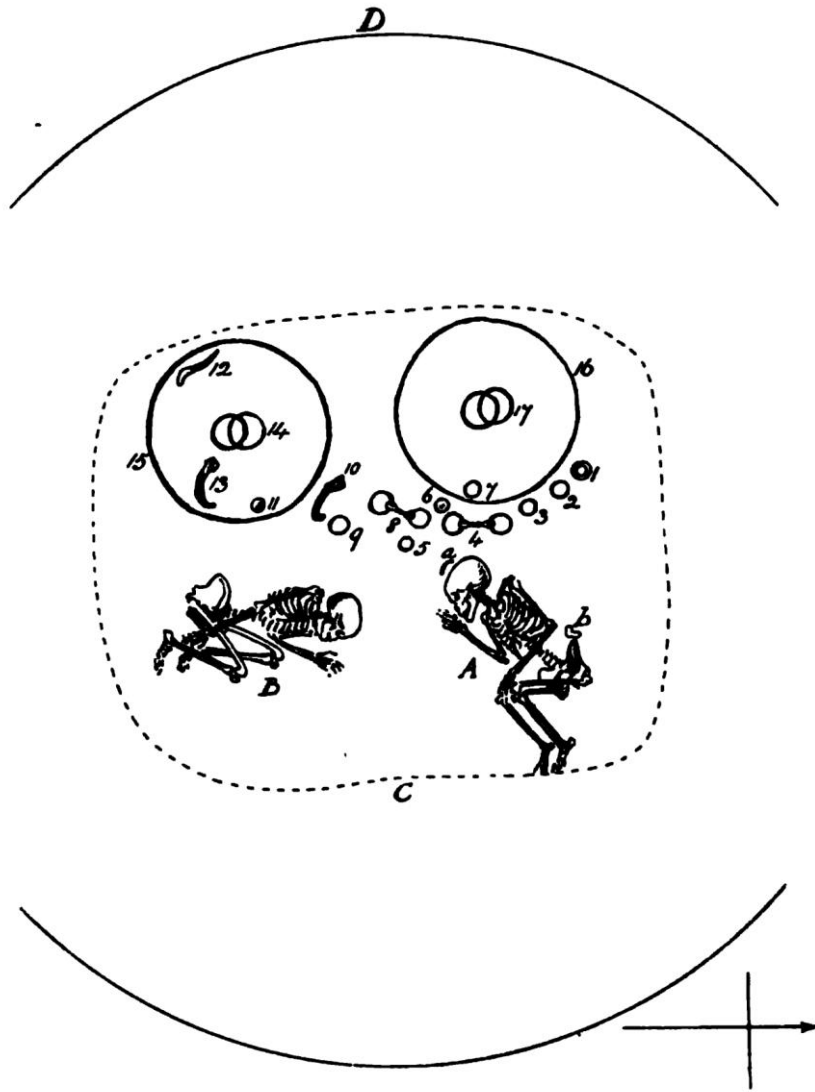


Fig.8: Dane's Grave

(MORTIMER,1897: pl.ii; 1905: 359)

HORNSEA nº7

Id.	Condado	Localidade
HOR	East Riding of Yorkshire	Hornsea
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1904	William Morfitt	n/d
	Datação	n/d

Descrição	<p>W. Morfitt relata em uma nota não publicada, disponível no Yorkshire Museum, que em 4 de Janeiro de 1904 chegou a descobrir, enquanto escavava na colina Gravel Bed, em Hornsea, um enterramento em que constavam pontas de lanças feitas de ferro, uma lança cujo cabo da ponta era feito de ferro e a ponta em si de bronze e, por fim, os aros que envolviam as rodas de um carro, acompanhados pelas partes do aparelho de arreo muito corroídas. Nada mais foi encontrado e nenhum desses achados chegou até os dias atuais.</p>
Observações	<p>A descoberta em Hornsea é bastante imprecisa. O fato de nenhum dos achados ter sido preservado, mesmo que em partes ou em pobre estado de conservação, não nos permite desenvolver qualquer consideração mais profunda em relação ao material descoberto, cuja validade como evidência permanece bastante dúbia. Morfitt na época parece ter chegado à conclusão de que se tratava de um enterramento anglo-saxão. Contudo, como Stead (1965: 94) destaca, se assumirmos que esteja correta a identificação de parte dos achados como correspondendo a de aros que compunham as rodas de um carro, é bem mais provável que o enterramento</p>

	<p>datasse da Idade do Ferro e não do período anglo-saxão. Há alguns anos, a presença de pontas de lança (mais especificamente, de uma lança cuja ponta era feita de bronze) em um enterramento com carro parecia relativamente fora do contexto tanto em se tratando do período anglo-saxão como da Idade do Ferro em Yorkshire (STEAD, 1965: 94); contudo, os achados mais recentes como os de Wetwang Slack (WS.1 e WS.3) já comprovam a presença bem documentada de armamentos, incluindo-se lanças, presentes em tumbas com carros na região dos Wolds.</p>
Referências bibliográficas	STEAD, 1965:93-94
Museu	n/d

HUGGATE nº8

Id.	Condado	Localidade
HUG.	East Riding of Yorkshire	Haywold (Huggate)
Ano de escavação	Responsável	Sexo
18--	R. Holtby	n/d

Datação	n/d
---------	-----

Descrição	No começo do século XIX, R. Holtby e um de seus trabalhadores, John Gilbank, trabalhando e escavando alguns montículos na região de Haywold, próximo a Huggate, nos Wolds, encontraram sob um desses montículos um enterramento que correspondia a um ritual de inumação do qual foi possível a identificação de dois aros de rodas e “muitos ossos”.
Observações	Poucas informações deste enterramento em Huggate são possíveis de serem obtidas. As ossadas descobertas jamais chegaram a ser analisadas ou cuidadosamente estudadas e foram, na época, carregadas e transportadas junto com o restante da terra, devido aos trabalhos do solo. Presume-se que os dois aros de rodas tenham sido igualmente descartados. O melhor testemunho sobre esta descoberta encontra-se em Mortimer (1905: 359), que teve acesso ao relato diretamente com J. Gilbank. Este último, durante certo período de sua vida, chegou a trabalhar para Mortimer em suas escavações e comentou com o patrão sobre o achado em Huggate. O Yorkshire Museum e o Yorkshire Antiquarian Club chegaram igualmente a mencionar, ainda

	<p>que de maneira pouco precisa, a presença de montículos e enterramentos com carros na região, escavados outrora por Lord Burlington (cf. STEAD, 1965: 94; 1979: 24).</p> <p>No mais, ainda que as evidências sejam relativamente problemáticas, tudo parece indicar que o achado em Huggate correspondesse a um enterramento com carros, à moda dos demais casos documentados na região dos Wolds.</p>
Referências bibliográficas	MORTIMER, 1905: 359; STEAD, 1965, 1979.
Museu	n/d

HUNMANBY n°9

Id.	Condado	Localidade
HUN.	North Yorkshire	Hunmanby
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1907	T. Sheppard	n/d

Datação	n/d
---------	-----

Descrição	<p>O enterramento encontrava-se debaixo de um montículo cujas medidas não foram anotadas e consistia em uma cova de formato oval ou arredondado de aproximadamente \varnothing 3,5m e 1,2m de profundidade, cavada no solo e no cascalho. Mais ainda, havia um pequeno declive dentro da cova fazendo com que uma extremidade estivesse 15cm mais baixa do que a outra. Foram encontrados os seguintes materiais:</p> <ul style="list-style-type: none">- os aros das rodas, através de fragmentos de ferro, indicando que mediam c. de \varnothing 915mm e 2,5cm de espessura. Um dos aros foi encontrado visivelmente na posição vertical; do outro só encontraram fragmentos destruídos pela escavação da pedreira. A partir da posição dos achados, assume-se que as rodas tenham sido deixadas em pé, isto é, na vertical. Os seguintes itens foram escavados:- os anéis de rodas, que eram feitos de ferro e mediam c. de \varnothing 150-178 mm, mas que não resistiram até os dias atuais;- um anel que compunha o arreio, medindo c. de \varnothing 22mm;- fragmentos de um osso (humano ou animal?) e partes de dois dentes que pertenciam a um cavalo, todos em avançado
-----------	--

estágio de decomposição e localizados imediatamente próximos ao aro da roda que se encontrava em melhor estado;

- uma embocadura feita de liga de cobre, com argolas que mediam \varnothing 72 e 75 cm e um “link” central de 61mm;

- um anel de rédea, feito de liga de cobre, em formato D, medindo c. de 77mm, tornando-se um pouco mais espesso em seu terminal, onde se prendia a uma barra de ferro;

- um conjunto de objetos de liga de cobre que incluíam: uma pequenina placa, medindo \varnothing 32mm e 10mm de espessura, com perfurações circulares e traços de ornamentos gravados em uma das pontas; grupos de rebites de c. 10mm de comprimento; um longo objeto achatado, que media c. de 1,83m; pedaços fragmentados de liga de cobre;

- dois pedaços curvados de ferro, provavelmente, pinos de rodas que não chegaram até nós.

Observações

Cerca de cinquenta por cento deste enterramento sofreu um grande nível de perturbação, em parte, pelo modo como se deu a descoberta: a tumba foi achada devido a um desmoronamento causado pelas escavações em busca de minério em uma pedreira na região, perto da estação de trem de Hunmanby. Sheppard (1907: 483-4) chegou a identificar alguns dos objetos de liga de cobre como peças correspondentes a partes de um armamento: um possível escudo de 60cm, feito de madeira com partes decoradas de metal e uma grande espada ou lança. Curiosamente, enterramentos mais recentes como os de Wetwang Slack 1 e 3, atestaram a presença de um escudo, lança e espadas acompanhando os mortos.

Em relação ao sexo da pessoa enterrada, qualquer afirmação a respeito deste dado não passa de mera especulação, já que nenhuma parte do esqueleto foi estudada ou preservada até

os dias atuais. É necessário igualmente destacar que mesmo que esteja correta a descrição e identificação realizada por Shepard (1907), que aponta para a existência de um espelho no interior da tumba a partir de alguns fragmentos de liga de cobre – que parece relativamente fora de contexto –, nenhuma hipótese efetiva pode ser traçada quanto à identificação do sexo do indivíduo. Proceder de tal maneira e identificar este enterramento como feminino corresponderia a um proceder metodologicamente incorreto, associando uma natureza ou essência fixa/estática de gênero a certos objetos a partir de imediatismos e generalizações.

É preciso notar que todas as evidências parecem apontar para o fato de que as rodas do carro foram deliberadamente colocadas na posição vertical. Isto levou ao consenso de que o carro, provavelmente, deva ter sido enterrado inteiro, sem sofrer desmontes (GREENWELL, 1906: 312; SHEPPARD, 1907). Entretanto, rodas nesta posição nem sempre indicam um enterramento sem desmonte: em outras tumbas da Idade do Ferro, como, por exemplo, a de Garton Station (East Riding of Yorkshire) e Vix (Côte-d’Or, Borgonha), o veículo encontrado foi totalmente desmontado e todas as rodas foram deixadas na vertical, encostadas em um dos cantos da tumba (JOFFROY, 1958: 106 e cf. prancha IV; KNÜSEL, 2002: 281-282; STEAD, 1979: 24). Porém, enterramentos em Yorkshire (e seus arredores) como os de Cawthorn Camps, Pexton Moor, Ferry Fryston e Newbdrige atestam, igualmente, a possibilidade de se enterrar o carro intacto. Em Hunmanby a postura mais adequada a adotar é de se pensar que ambas as hipóteses sejam válidas, já que nenhuma delas pôde ser, efetivamente, até o presente momento, descartada.

Referências bibliográficas	GREENWELL, 1906 <i>post scriptum</i> ; PEARCE, BOUNIA, 2000; SHEPARD, 1907; STEAD, 1965,1979
Museu	Hull and East Riding Museum

MIDDLETON ON THE WOLDS n°10

Id.	Condado	Localidade
MID	East Riding of Yorkshire	Middleton on the Wolds
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1888	n/d	n/d

Datação	c. séc. III a.C
---------	-----------------

Descrição Durante a construção da linha ferroviária entre Enthorpe e Middleton, os trabalhadores, ao cortarem parte do solo de calcário, descobriram uma “quantidade de ossos e metais enferrujados” (MORTIMER, 1905: 360). Pouca atenção foi dada às descobertas, devido ao contexto em que foram encontradas, e praticamente todos os achados foram descartados ou perdidos, considerados pelos funcionários como de pouca importância. Mortimer (1905: 359-360), a partir da descrição e do relato de um dos trabalhadores envolvidos, chegou à conclusão de que poderia se tratar de um enterramento com carro. Ele conta que o operário na ocasião da descoberta chegou a colocar três objetos em seus bolsos e, pelo interesse que Mortimer demonstrava em relação aos achados, o homem chegou a lhe presentear com um pino de roda. Os outros dois itens se perderam (cf. MORTIMER, 1905: 360). O pino que, de fato, pertence à Idade do Ferro apresenta um corpo de ferro e terminais de liga de cobre, medindo um total de 135mm. Em seu terminal superior encontra-se um anel cujas bordas são ornamentadas com um padrão em zigue-zague, marcado por uma sequência de segmentos lineares alternados.

Observações	<p>Em mais de uma ocasião entre Middleton e Enthorpe foram descobertas ossadas, uma série de buracos e trincheiras de aproximadamente 1,52m de profundidade, bem como os restos de ossos de animais (cf. MAULE COLE, 1889: 171-2). Maule Caule (1889: 172) chega a fazer menção à presença de alguns túmulos descobertos na região e parece plausível o comentário feito por Stead (1965: 95) de que talvez os escavadores tenham se deparado, na ocasião, com partes de um assentamento e/ou de um cemitério. A referência a um enterramento com carro em Middleton é problemática, pois nenhum cuidado foi tomado na época em relação ao tratamento deste (possível) achado e, de fato, as circunstâncias em que ele se deu são bastante obscuras. Não dispomos de quaisquer referências sobre a medida e orientação da tumba, dados sobre o morto e as ossadas descobertas ou sequer uma identificação e enumeração dos objetos que foram encontrados. Contudo, a presença do pino de rodas, mantido até os dias atuais, representa um elemento que parece conferir certa credibilidade ao relato documentado por Mortimer (1905), indicando a presença de um enterramento com carro.</p>
Referências bibliográficas	MORTIMER, 1905; STEAD, 1965,1979
Museu	Hull and East Riding Museum

PEXTON MOOR nº11

Id.	Condado	Localidade
PEX	North Yorkshire	North Riding Forest Park
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1911 e 1935	Dr. Kirk Miss. Welsford	n/d

Datação	c. séc. III a.C
---------	-----------------

Descrição

Este enterramento foi escavado em dois momentos distintos: primeiramente em 1911, por J. L. Kirk (cf. KIRK, 1911) e, em seguida, em 1935, por A. E. Welsford. Ele consistia em um montículo feito basicamente de areia, que media aproximadamente 1,5m de altura, acompanhado por uma vala quadrada de 5,2m na transversal. Nenhuma cova foi encontrada e o enterramento se localizava em uma colina de pedra calcária. No primeiro momento de escavação descobriu-se apenas um dos aros de roda em uma “posição mais ou menos vertical” (KIRK, 1911: 62). Posteriormente, foram descobertos os seguintes itens: o outro aro de roda, igualmente na vertical, medindo cerca de \varnothing 840mm e 40mm de espessura; dois anéis de rodas feitos de ferro, c. de \varnothing 120mm e 130mm e 23mm de espessura; uma embocadura, bastante corroída pela ação do tempo, com anéis nas extremidades feitos de ferro e revestidos por liga de cobre, medindo \varnothing 62 a 70mm e \varnothing 62 a 67mm.

Nenhuma parte da ossada e de outros materiais orgânicos resistiram. Os aros de rodas foram descobertos dentro de dois pequeninos buracos intencionalmente cavados na antiga superfície do solo, localizados na extremidade norte,

	<p>medindo cerca de 25cm de profundidade, a fim de comportar a parte inferior das rodas e mantê-las na posição idealizada. A embocadura, por sua vez, foi achada mais ao sul, a uma distância de 1,5m de onde se encontravam as rodas.</p>
Observações	<p>Tanto a posição das rodas, depositadas cuidadosamente dentro de buracos previamente cavados no solo, como também a localização em que a embocadura se encontrava em relação aos aros de rodas, chamam atenção para o fato de que os achados em Pexton Moor correspondessem a um enterramento de carro intacto, isto é, sem ser desmontado. Diversos enterramentos com carros da Idade do Ferro na região de Champagne, norte da França, apresentam uma estrutura semelhante, como é o caso dos enterros encontrados em Beine, “Le Montéquex”; Berru, “Le Terrage”; Châlons-sur-Marne; Somme-Tourbe, “La Gorge-Meillet” dentre outros (cf. STEAD, 1965: 10-13). Em Pexton Moor, entretanto, há a particularidade de que nenhuma cova fora cavada: o enterro foi realizado no nível do antigo solo, demarcado pela vala quadrada e, então, coberto com um montículo de terra e areia.</p>
Referências bibliográficas	KIRK, 1911; STEAD, 1959, 1965, 1979
Museu	York Castle Museum

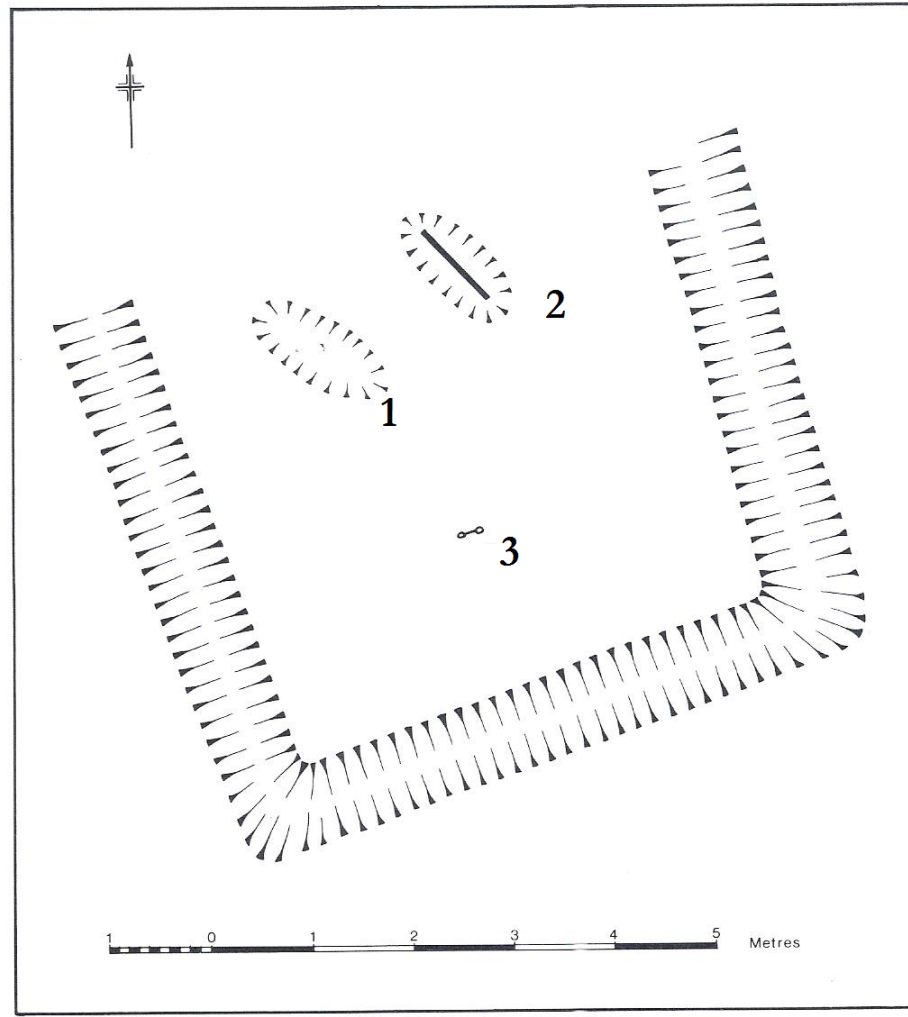


Fig. 9: Pexon Moor

(STEAD, 1979: 23 fig.6)

SEAMER n°12

Id.	Condado	Localidade
SEA	North Yorkshire	Seamer, Scarborough
Ano de escavação	Responsável	Sexo
c.1862	n/d	n/d

Datação	n/d
---------	-----

Descrição	<p>Este enterramento foi encontrado por operários que trabalhavam na via ferroviária da estação de Seamer, em torno de 1862, quando descobriram um tumba contendo ossos, pedaços de ferro e o que seriam os resquícios de um cavalo e um carro. Os aros e anéis de rodas estavam parcialmente quebrados e muito corroídos e todo sinal de madeira havia desaparecido. A tumba media c. de 1,40-1,50m de profundidade. Nenhum material pôde ser devidamente analisado, catalogado ou estudado e um dos trabalhadores recolheu por conta própria os objetos encontrados e os vendeu, logo depois (cf. MORTIMER, 1905: 358).</p>
Observações	<p>Como boa parte dos enterramentos encontrados em situações semelhantes, os achados em Seamer se perderam e não permitem qualquer análise ou considerações mais cuidadosas a respeito de sua natureza. Rutter e Duke (1958: 62) levantaram a hipótese de que, talvez, se tratasse de um enterramento do período romano-bretão e não da Idade do Ferro, já que a Scarborough Archaeological Society durante os anos de 1947-56 chegou a descobrir um assentamento nativo e romano-bretão nesta região. Entretanto, se o relato da escavação de fato corresponde ao que foi na época</p>

	<p>descoberto, tudo parece indicar que se tratava de um enterramento local com características da I. do Ferro em vez de um enterramento romano e, efetivamente, a ideia defendida por Stead (1965: 96) – de que este enterramento estivesse relacionado com o assentamento posteriormente descoberto nas proximidades, correspondendo a um primeiro momento de ocupação da região – parece a mais plausível para o caso de Seamer.</p>
Referências bibliográficas	MORTIMER, 1905; STEAD, 1965,1979
Museu	n/d

GARTON SLACK nº13

Id.	Condado	Localidade
GSL11	East Riding of Yorkshire	Garton on the Wolds
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1971	Thomas Cape Mason Brewster	Masculino

Datação	360–120 a.C
---------	-------------

Descrição

Localizada no centro de um montículo de formato quadrangular cuja área media 10,4m² e que se elevava a 0,27m do solo, foi encontrada uma cova de formato retangular-trapezoidal de c. 3,6m de comprimento (norte-sul) e 1,8m na base norte e 3,2m na base sul, com eixo de orientação norte-sul ligeiramente inclinado para o leste. Os seguintes itens foram escavados:

- as duas rodas que mediam \varnothing 860mm e 44mm de espessura e foram desmontadas do carro e colocadas deitadas no chão. Ambos os aros das duas rodas, feitos de ferro, encontravam-se preservados; igualmente, foi possível identificar os raios graças aos traços da madeira no solo. A roda situada a oeste exibia apenas 8 raios preservados, mas a que se encontrava no lado leste da tumba encontrava-se inteira apresentando todos os 12 raios que a integravam;
- quatro anéis de roda, sendo três deles feitos de liga de cobre medindo entre \varnothing 125-130mm e 19mm de espessura. O quarto anel era feita de ferro e encontrava-se, relativamente, distorcido medindo c. \varnothing 125-138mm;
- o esqueleto do morto, que foi colocado sobre as rodas, ao centro, em um espaço entre uma roda e outra, estando flexionado sobre o lado esquerdo do seu corpo com a cabeça orientada no sentido norte-este. O esqueleto

corresponde ao de um adulto do sexo masculino, enterrado com aproximadamente 30 anos e que media 1,75m de altura;

- próximos à barriga e ao peito do morto, alguns ossos e porções da cabeça de um porco, dividida em duas;

- um par de embocaduras inteiramente feitas de ferro, cujas argolas laterais mediam $\varnothing 70\text{mm}$, acompanhados pelos “links” laterais, 52-58mm de comprimento, e um “link” central de c. 52mm de comprimento;

- cinco anéis de rédea em formato de D, sendo quatro deles relativamente uniformes em tamanho e um deles, central, relativamente maior que os demais, medindo entre 40-60 mm. Os anéis possuem a barra da base feita de ferro e a curvatura de liga de cobre, tendo sido ornamentados com botões de coral em seu topo. Na base de todos os anéis foram encontrados indícios da presença de antigas tiras de couro;

- duas fivelas do arreio, feitas de liga de cobre e compostas por dois círculos conectados em formato de “ ∞ ” e duas barras em cada extremidade, medindo um total de c. 41mm x 38mm. Cada um dos anéis das fivelas contava ainda com uma decoração de três botões de esmalte vidrado, formando um total de seis botões em cada peça. Os botões de uma das fivelas apresentava uma coloração azul, ao passo que a outra fora decorada com botões avermelhados;

- sobre a roda esquerda, pedaços de uma base de liga de cobre com rebites afixados a restos de madeira e na mesma direção, a oeste, sobre a pélvis e o calcanhar do morto, duas virolas/ ponteiros (tiras) de liga de bronze;

- dois grandes pedaços de madeira; um deles situado no centro da tumba, orientado no sentido norte-sul, medindo 1,09m e o outro na base sul da tumba, orientado no sentido leste-oeste, medindo 2,03m. Ambos foram evidenciados a

	<p>partir dos traços deixados no solo, sendo que na ponta do maior deles, ao sul da tumba no canto leste, encontrava-se uma caixa de ferro com duas pequeninas perfurações cobrindo o terminal de madeira.</p>
<p>Observações</p>	<p>A utilização de técnicas mais modernas teve um visível reflexo nos resultados obtidos em Garton Slack, sobretudo, levando-se em consideração a quantidade e a qualidade de conservação dos materiais encontrados. Exemplo disto é a possibilidade de estudos acerca das ossadas encontradas e a visibilidade, através de marcas no solo, de traços de madeira, sendo possível até mesmo a identificação de partes da roda (como seus raios), coisa que até então raramente era possível nos demais enterramentos descobertos nos séc. XIX e XX. Alguns pontos são dignos de comentários.</p> <p>A análise de Brewster (1980), que coloca os dois cabos de madeira encontrados no interior da tumba como partes pertencentes ao cabo do carro que teria sofrido um ritual de destruição, sendo, então, partido ao meio tanto por uma função simbólica quanto prática (depositar esta parte do carro dentro das dimensões da tumba), parece não se sustentar. Primeiro, porque a tumba possui mais de 3,12m de extensão no sentido norte-sul; segundo, porque é desproporcional e incorreto imaginar um carro cujo cabo medisse 3,12m. De fato, levando-se em consideração outros achados, como o de Wetwang Village (2001), a partir das dimensões e posições encontradas em GS, é mais provável que os dois pedaços de madeira correspondam, respectivamente, ao cabo do carro (norte) e, ao sul, ao eixo (STEAD, 1984: 35). A existência da caixa de ferro, cujas duas perfurações parecem comportar perfeitamente um pino de roda, situado em uma das pontas do eixo parece levar ainda a duas conclusões: (1) que ambas as pontas do eixo</p>

contavam com o mesmo recurso, tendo um deles sido quebrado, perdido ou se tornado inútil, e jamais chegado a ser substituído por um novo; (2) ou que o objeto encontrado poderia representar uma espécie de reparo ou emenda em um dos lados do carro para manter seu bom funcionamento (cf. HAYTON, 2006: ii; STEAD, 1984: 35).

Já outros itens, notadamente aqueles de liga de cobre, encontrados no sul da tumba (a base presa a resquícios de madeira e as fibras encontradas perto da pélvis do morto) permitiram a identificação de que se trataria de um chicote: hipótese que representa certo consenso entre especialistas (cf. BREWSTER: 1975: 104-116; 1980: 379-418; CUNLIFFE, 2005: 548; DYER, 2002: 152; STEAD, 1979: 20). Talvez esta não seja a primeira referência a este tipo de objeto em um enterramento em Yorkshire, já que o Lady's Barrow em Arras (A.28) parece igualmente sugerir a presença de um chicote no interior da tumba.

Em Garton Slack, entretanto, curiosamente não foram encontrados pinos de rodas, o que leva a pensar que muito provavelmente eles tenham sido feitos de um material não metálico. Tampouco foi encontrada a parêntese, mas nesse caso foram achados os cinco anéis de rédeas que a compunham, cuidadosamente adornados por botões de coral ou de material visualmente semelhante (cf. ANTHOONS, 2011: 333), tendo sido depositados no canto oeste da tumba, ao lado do morto. A partir de algumas evidências biológicas, estima-se que a *causa mortis* do homem enterrado em Garton Slack possa estar associada tanto a um abscesso como a tumor cerebral (HAYTON, 2006: ii).

Referências
bibliográficas

ANTHOONS, 2011; BREWSTER: 1975; 1980: 379-418; CUNLIFFE, 2005: 548; DYER, 2002: 152; HAYTON, 2006: ii; JAY *et alii*, 2012; STEAD, 1979, 1984

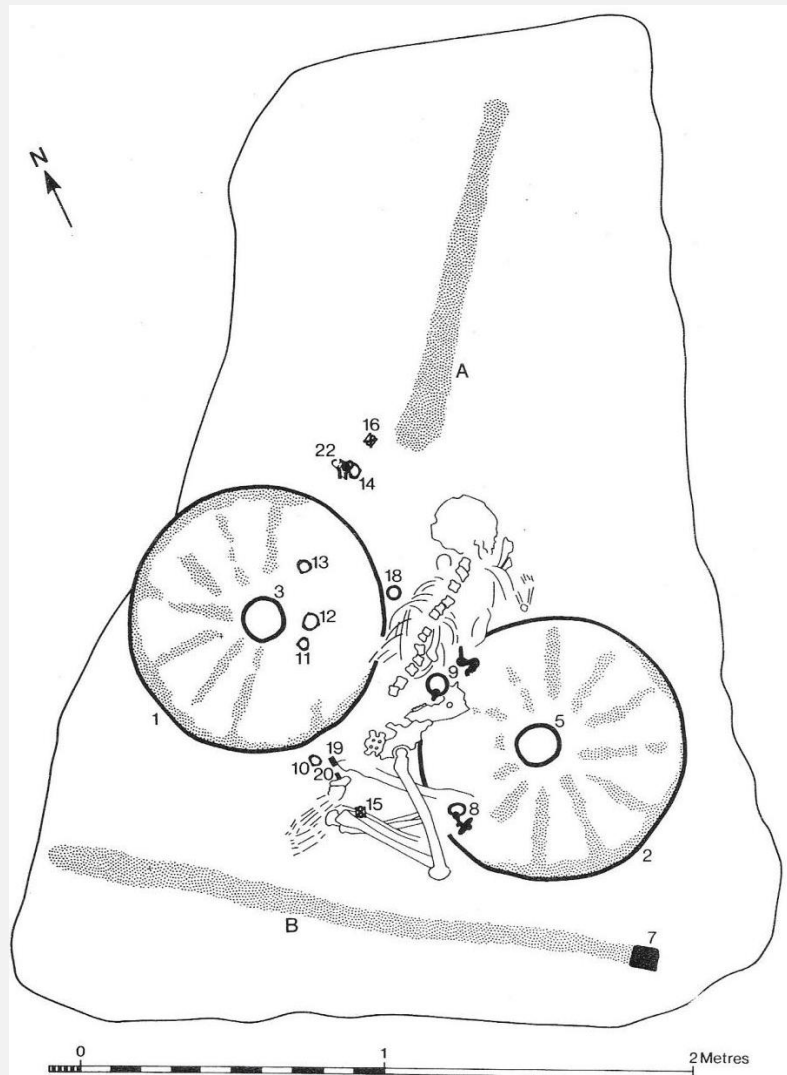


Fig. 10 Garton Slack

(STEAD, 1984: 33, fig.1)

WETWANG SLACK (1) nº14

Id.	Condado	Localidade
WS1	East Riding of Yorkshire	Wetwang Slack, sítio XV
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1984	John Dent	Masculino

Datação	360–100 a.C
---------	-------------

Descrição Dentro de uma trincheira de c. 45m² coberta por um montículo quadrangular de c. 7m diagonais, encontrava-se uma cova que media c. de 2,6m (norte-sul) por 2,83m (leste-oeste) tendo uma profundidade de 0,85m. A parte leste-superior da tumba foi altamente danificada devido à ação de uma escavadeira, que chegou a destruir uma pequenina parcela do crânio e uma parte do aro da roda que se localizava nesse canto. Na cova foram encontradas as duas rodas do carro com seus respectivos aros, medindo c. de \varnothing 840mm e 21mm de espessura, e traços no solo indicando a presença de 12 raios de roda. Ao centro, sobre cada uma das rodas, o esqueleto correspondia ao de um jovem adulto do sexo masculino, deitado de modo flexionado sobre o lado direito do seu corpo orientado no sentido norte-sul com a cabeça a norte. Sobre o corpo do morto, entre a cabeça e os joelhos, constavam diversos ossos correspondentes à parte dianteira de um porco. Foram descobertos quatro anéis de rodas de ferro medindo cerca de \varnothing 140mm e três grampos de ferro: dois sobre a roda que se encontrava a leste e o terceiro, na altura do aro da roda que se encontrava no canto oeste. Duas embocaduras, de c. 236mm estavam sobre a roda, no canto leste. Dois pinos de rodas foram achados,

cada um próximo a cada uma das rodas do veículo e ambos eram feitos de galhadas de cervídeos, cuidadosamente trabalhadas. No canto oeste sobre a roda e ao lado do esqueleto foram encontrados os cinco anéis de rédea, todos de liga de cobre, que compunham a parelha; quatro destes medindo aproximadamente \varnothing 53mm e um central um pouco maior medindo c. \varnothing 68mm. Pelo posicionamento dos anéis estima-se, ainda, que a parelha medisse em torno de 1,04m de comprimento. Traços no solo permitiram a identificação de uma caixa de madeira (medindo c. de 1,51m por 0,94m) que cobria o morto como um caixão. Logo abaixo da caixa, vestígios indicavam a presença de um eixo de madeira (que deveria medir 1,81m).

Sobre o corpo do homem enterrado encontrava-se uma espada de ferro, com c. 660mm, dentro de uma bainha que possuía uma placa frontal de liga de cobre e uma ponteira (terminal inferior da bainha) de ferro. O objeto mostrou-se adornado tanto por pequeninos discos de liga de cobre estilizados (que compunham o cinto da espada) como por temas estilísticos entrelaçados que adornavam a lâmina. A oeste da espada, paralelos a ela, constavam ainda dois semi-cilindros de ferro alinhados, com c. de 12 e 17 mm de comprimento, sendo que aquele que se encontrava ao norte estava quebrado em dois. Ao redor da tumba e sobre o esqueleto foram encontradas sete pontas de lança, todas feitas de ferro e medindo entre 107-198mm.

Observações

Este enterramento encontrava-se a pouco mais de 1km de distância do enterramento com carro descoberto dez anos antes em Garton Slack por Brewster. Sendo a primeira de três tumbas com carros escavadas naquele momento na região, o achado distinguiu-se, sobretudo, pela forte

	<p>presença de armamentos no interior da tumba. Além da indiscutível presença da espada e pontas de lanças, Dent (1985: 88) identifica os objetos cilíndricos de metais localizados próximos à espada, por suas características materiais e alguns traços de madeira presentes, como possíveis partes que compunham um escudo de madeira. Seja como for, tanto as pontas (pela sua quantidade) como a espada (por seu elevado grau de decoração) parecem evidenciar certo prestígio ou riqueza material.</p> <p>Curiosamente, em WS1, o cabo do carro não foi encontrado e a explicação mais plausível para o fato é de que essa parte do carro – visível apenas a partir de traços deixados pela madeira no solo – tenha sido destruída pelo uso da escavadeira na região que danificou parte da tumba. Parece igualmente razoável sustentar a hipótese de que a caixa encontrada sobre o morto fosse a caixa do carro, que uma vez desmontada, passou a funcionar como espécie de caixão fúnebre.</p>
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>ANTHOONS, 2011; DENT, 1985; HAYTON, 2006: ii; JAY <i>et alii</i>, 2012; STEAD, 1991: 33</p>
<p>Museu</p>	<p>Hull and East Riding Museum</p>

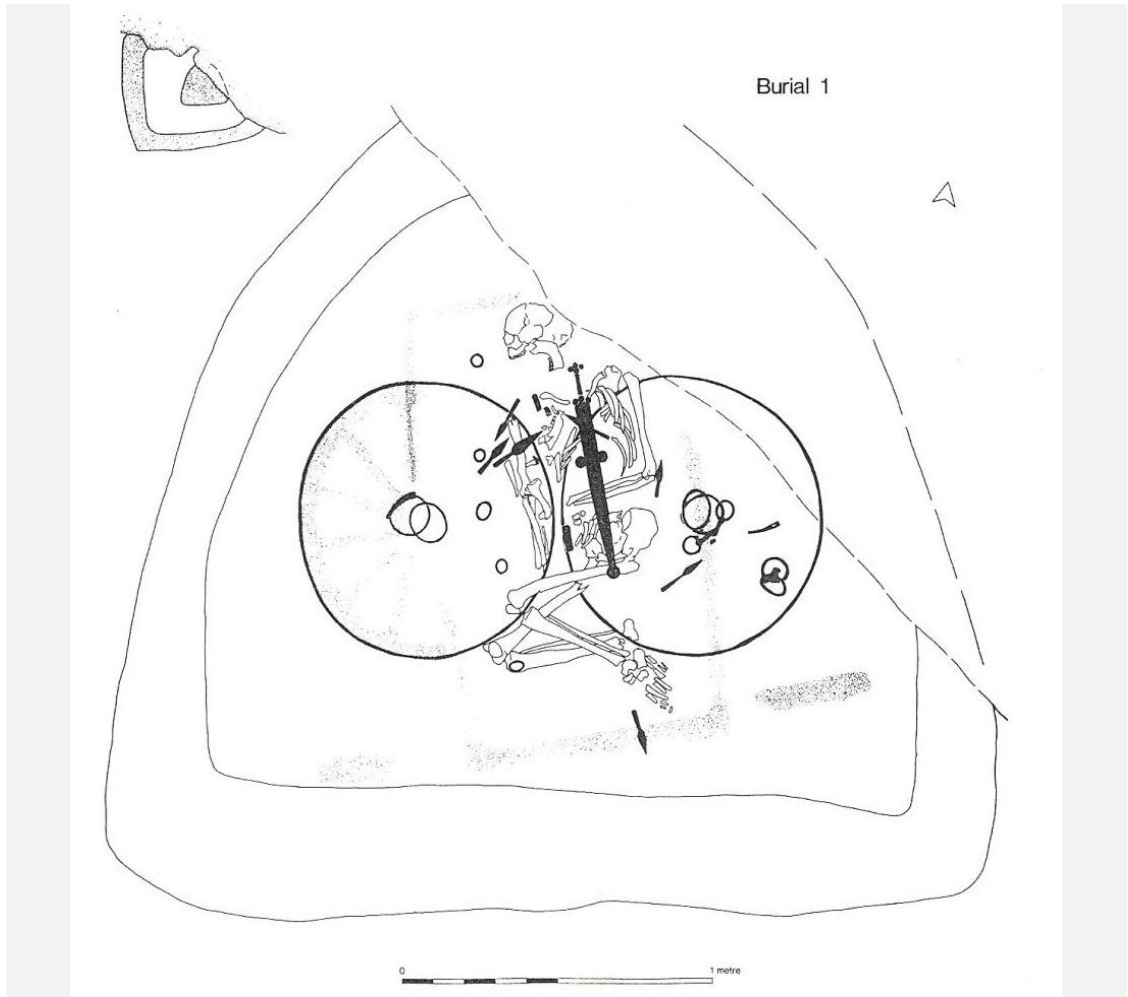


Fig. 11: Wetwang Slack 1

(DENT, 1985: 87, fig.2)

WETWANG SLACK (2) nº15

Id.	Condado	Localidade
WS2	East Riding of Yorkshire	Wetwang Slack, sítio XV
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1984	John Dent	Feminino

Datação	390–200 a.C
---------	-------------

Descrição O enterramento consistia em uma tumba delimitada por uma trincheira quadrangular cuja diagonal media 9,6m. A cova de formato sub-retangular cavada a 0,73m abaixo do solo se localizava exatamente no centro do montículo. Suas medidas eram c. 1,05m (norte), e 2,57m em sua maior extensão (norte-sul) fazendo com que medisse aproximadamente 3,62m em sua extensão total. No centro da cova, entre uma roda e outra do veículo, o esqueleto correspondia ao de uma mulher, enterrada no eixo norte-sul com a cabeça ao norte, flexionada sobre a parte esquerda do seu corpo. Os braços da mulher estavam relativamente esticados e entre eles, na altura do peitoral até a cintura, encontravam-se ossos da dianteira de um porco. Foram encontrados os seguintes itens:

- as duas rodas do carro, desmontadas e deitadas no chão, cujos traços de madeira deixados no solo evidenciaram que cada uma continha um total de 12 raios. Foram encontrados, igualmente, os dois aros, feitos de ferro, que mediam c. de \varnothing 920mm;
- quatro anéis de roda, todas feitas de liga de cobre sendo a medida de três deles respectivamente 140mm, 143mm e 146mm e o quarto medindo 154mm, tendo sido

visivelmente remendado além de apresentar uma parte dos terminais sobrepostos;

- dois pinos de rodas, encontrados na roda localizada no canto oeste da tumba. Os objetos, feitos de ferro e liga de cobre, medem aproximadamente 133mm e 140mm e apresentam um corpo curvado em formato de “J” com ambas as extremidades adornadas;

- cinco anéis de rédea que compunham a parelha (esta medindo c. de 0,95m), enfileirados no canto oeste da tumba. Quatro dos anéis apresentam tamanhos semelhantes em torno de 50-60mm sendo um deles maior, medindo 65mm. Cada um dos anéis era feito de ferro, banhado por liga de cobre, e apresentava pequenos desenhos retilíneos gravados em torno dos locais onde se projetavam três ou sete botões de coral;

- duas embocaduras feitas de ferro revestido por liga de cobre medindo 140mm e 145mm. Os objetos encontrados no canto oeste da tumba apresentam pequenos motivos decorados e dois botões de adorno em cada uma das argolas;

- um anel de ferro de c. de 90mm, no canto oeste; um grampo de ferro de 98mm, que prendia as partes de madeira da roda localizada no canto leste; dois fragmentos de um pino de ferro, medindo 41mm e 17mm perto de onde as embocaduras foram achadas; um pequenino objeto de ferro e um prego de ferro de 31mm e 28mm e dois pedaços cilíndricos de liga de cobre, de c. de 30mm e 21mm, com traços de madeira em seus terminais;

- traços de madeira deixados no solo, evidenciando o eixo do carro, que media 1,95m, e uma caixa de madeira de 1,32m por 1,8m e 50cm de altura dentro da qual se encontrava a morta;

- um espelho de ferro no canto oeste superior da tumba,

próximo ao crânio e às embocaduras, medindo 320mm e com um punho composto por dois anéis, um em cada extremidade;

- a cabeça (37mm) de um pino de ferro de formato em S. O objeto demonstra resquícios de um botão de coral e sobre este uma tira de liga de cobre recoberta de ouro, apresentando ainda uma decoração com linhas gravadas e dois círculos concêntricos em seu topo;

- uma caixa cilíndrica de liga de cobre medindo aproximadamente \varnothing 85mm. Ambos os terminais do objeto apresentam um destaque decorativo circular pintado com esmalte vermelho e acompanhada por diversos temas e motivos curvilíneos decorados ao longo do corpo do objeto. A caixa apresenta ainda um sistema de argolas (uma delas intacta e a outra arrebitada, mas inteira) acompanhadas por uma correntinha que permitia que o objeto fosse facilmente pendurado ou carregado.

Observações

Localizado ao lado da tumba de WS1 este enterramento parece igualmente apresentar certo grau de riqueza material e decoração artística. Tal como nos demais casos, a caixa de madeira localizada sobre o esqueleto parece ser compatível com a caixa do carro que, uma vez desmontada, foi colocada na referida posição. Quanto aos pedaços cilíndricos de liga de cobre com traços de madeira em seus terminais, uma interpretação possível seria a de que eles talvez fizessem parte do cabo de um chicote. Entretanto, ainda que alguns itens permaneçam relativamente misteriosos quanto a sua possível utilidade – como é o caso da caixa de bronze, apelidada de “lata de feijão” (*bean tin*) por seu aspecto semelhante às latas de feijão em conserva (DENT, 1985: 90) – todas as evidências, de qualquer forma, indicam um trabalho cuidadoso e de sofisticação em boa parte dos itens

	encontrados: seja através das técnicas e recursos estilísticos empregados, como desenhos curvilíneos engastados acompanhados por esmaltes ou devido até mesmo à própria matéria-prima utilizada como no caso de pedras de coral e ouro.
Referências bibliográficas	ANTHOONS, 2011; DENT, 1985; HAYTON, 2006: ii; JAY <i>et alii</i> , 2012
Museu	Hull and East Riding Museum

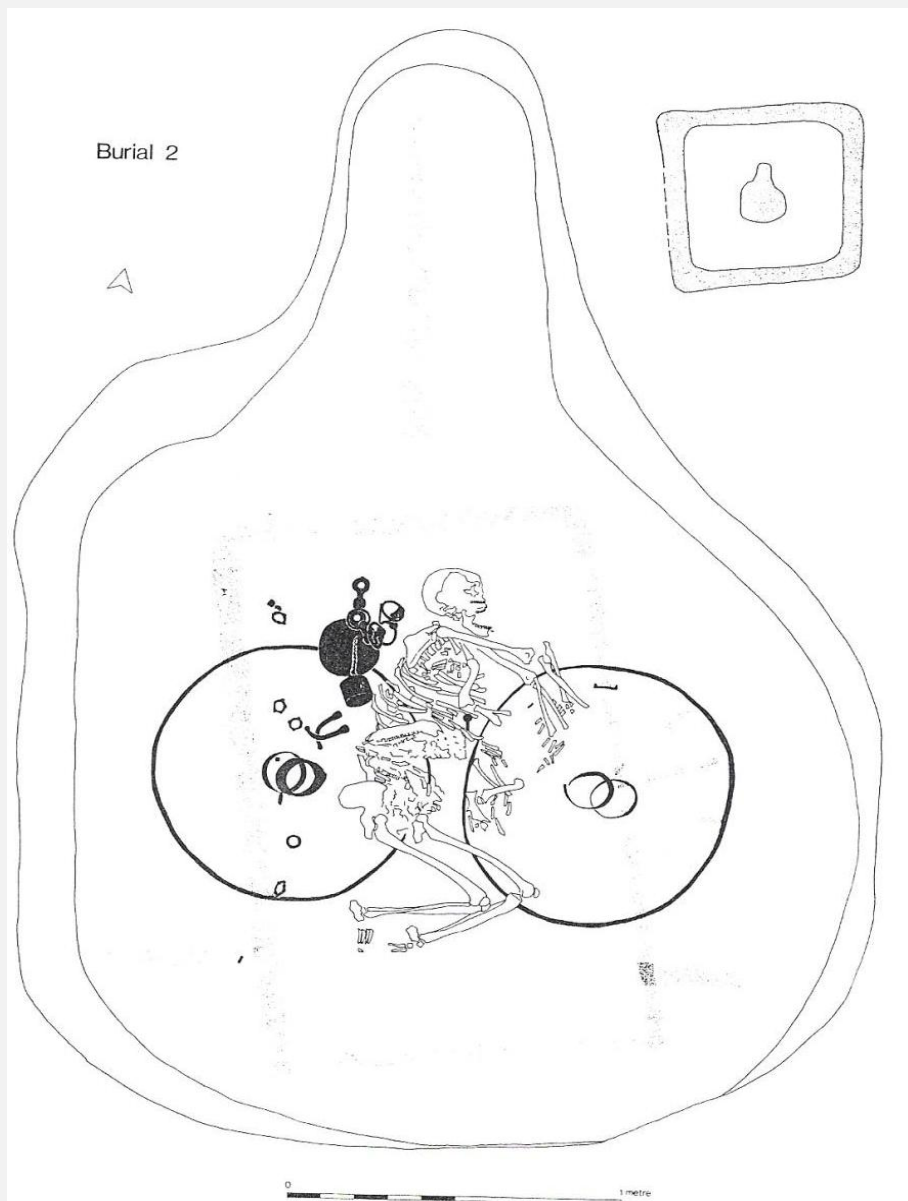


Fig. 12 Wetwang Slack 2

(DENT, 1985: 89, fig.3)

WETWANG SLACK (3) nº16

Id.	Condado	Localidade
WS3	East Riding of Yorkshire	Wetwang Slack, sítio XV
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1984	John Dent	Masculino

Datação	390–190 a.C
---------	-------------

Descrição

Parte significativa da tumba foi destruída pela escavadeira no contexto de sua descoberta, mas há como saber que dentro de uma trincheira quadrangular cuja área equivalia a 36m², a cova media aproximadamente 2,35m em sua base sul e um total de 4,7m² tendo sido cavada a 0,7m de profundidade no solo. Dentro dela, havia o corpo de um adulto flexionado sobre o lado esquerdo de seu corpo orientado no eixo norte-sul, com a cabeça ao norte. Encontraram-se os seguintes itens:

- as duas rodas do carro, que permaneceram através de traços da madeira deixados no solo, evidenciando que ambas continham 12 raios. Os dois aros de ferro mediam c. ø 820mm;
- quatro anéis de roda, todos de ferro, medindo ø140-148mm;
- quatro anéis de rédeas, localizados a oeste, ao lado do morto, feitos de ferro revestido de liga de cobre com adornos no formato de pequenas estrias/nervuras retilíneas gravadas ao longo do corpo. Os objetos mediam em torno de 48-50mm sendo o anel central um pouco maior medindo c. de 54mm. O quinto objeto, situado ao norte, foi destruído;
- alinhada aos anéis de rédea mais ao norte, uma tira de

bronze levemente curvada a fim de se encaixar nas costas dos cavalos e que compunha a parelha como reforço e/ou decoração, medindo aproximadamente 265mm (um pedaço de 205mm mais um fragmento de 60mm);

- a leste, duas embocaduras de ferro, medindo c. 155mm e um pequenino grampo de ferro de 53mm, utilizado na roda do veículo;
- a partir de traços deixados no solo, uma caixa de madeira que cobria o morto, medindo aproximadamente 1m (leste-oeste) por 1,5m (norte-sul) e o eixo do carro, que media 1,83m e tinha 15cm de espessura;
- um pino de ferro, encontrado na posição vertical, de forma que estava encostado do lado de fora da caixa do veículo, medindo 135mm;
- dentro de uma bainha de ferro, uma espada de ferro colocada sobre o morto desde o seu ombro até a altura do joelho direito, em uma posição levemente inclinada. A espada media aproximadamente 700mm e junto a ela foram encontrados um par de anéis de liga de cobre de \varnothing 33mm, cada qual com uma tira central curvilínea em formato de S, que continha um botão de coral localizado exatamente em seu centro;
- sobre as pernas do morto, dois fragmentos de ferro, com indícios de estarem conectados à madeira, de 120mm e 70mm, tendo o menor deles um formato de Y.

Observações

Tanto uma parcela do crânio, da roda leste e de toda a parte norte da tumba foram destruídos pelo uso de escavadeira no local, o que impossibilitou qualquer descoberta de outros bens que se encontravam naquela parte da cova. Como nos casos anteriores, o caixão parece corresponder à caixa do carro que, uma vez desmontada, foi colocada sobre o morto. Dent (1985: 91-2) interpretou os objetos de ferro com traços de madeira encontrados abaixo da espada e sobre as pernas

do morto como correspondentes às partes de um escudo e esta hipótese parece relativamente bem aceita (cf. CUNLIFFE, 2005: 534; DYER, 2003: 152). Interessante, sobretudo, é observar novamente a presença de anéis decorados com botões de coral: neste caso os anéis tinham uma função de servirem como partes de um sistema de suporte ou “cinto” para a bainha da espada.

Referências bibliográficas

ANTHOONS, 2011; DENT, 1985; HAYTON, 2006: ii; JAY *et alii*, 2012

Museu

Hull and East Riding Museum

Burial 3

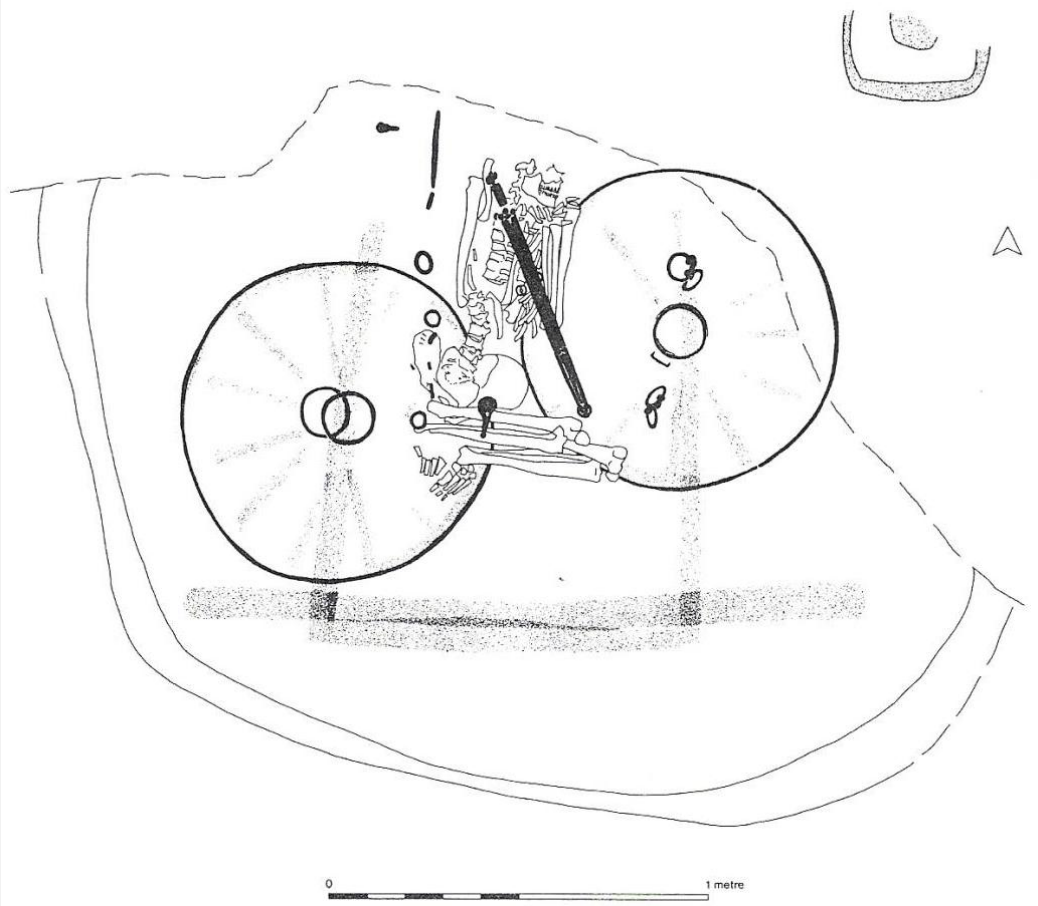


Fig. 13 Wetwang Slack 3

(DENT, 1985: 91, fig.4)

GARTON STATION n°17

Id.	Condado	Localidade
GST	East Riding of Yorkshire	Garton Station, Burial GS6
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1985	Ian Stead	Masculino

Datação	360–170 a.C
---------	-------------

Descrição Abaixo de um montículo quadrangular de 11,2m por 12m elevado a 0,70m do nível do solo e delimitado por uma trincheira de 0,7m de profundidade), encontrava-se uma cova retangular-trapezoidal (orientação norte-sul) cavada a 1,35m de profundidade no solo, medindo 4m (norte-sul) por 2,4m (norte) e 2,7m (base sul). Nela encontrava-se o esqueleto de um homem de aproximadamente 35-45 anos, flexionado sobre o lado esquerdo do corpo, orientado no eixo norte-sul com a cabeça a norte e acompanhado pelos ossos de um porco. O crânio do porco encontrava-se partido em duas metades. Abaixo e acima do homem sepultado, encontravam-se, respectivamente, o eixo e o cabo do carro, afastados um do outro a uma distância de aproximadamente 3m, medindo-se da ponta extrema do cabo até o corpo do eixo – cuja disposição dentro da cova correspondia a um “T” de cabeça para baixo. O cabo aparentava medir 1,3m e o eixo foi preservado através de dois fragmentos que mediam 0,7m e 0,3m, estando seus terminais a uma distância de 2,2m entre si. As rodas do carro se encontravam no canto oeste ao norte da tumba apoiadas na parede em uma posição vertical. Ambas possuíam visivelmente 12 raios e seus aros, feitos de ferro, mediam \varnothing

900mm. Todos os quatro anéis de roda encontrados eram de ferro e mediam c. \varnothing 123mm. Foram encontrados também ambos os pinos de roda, feitos de ferro e com corpos curvados que apresentavam um topo em formato de anel (c. 140mm e 145mm). Ao lado oeste do morto estavam os cinco anéis de rédea: quatro deles de liga de cobre levemente decorados na parte externa de suas curvaturas, aproximadamente possuindo o mesmo tamanho (c. 60mm); um quinto anel central maior do que os demais (c.92mm) feito de ferro e liga de cobre, altamente adornado, possuindo quatro relevos ornamentais com temas curvilíneos e três discos (dois laterais e um central no topo do anel) feitos a partir de ossos cuidadosamente polidos e trabalhados, servindo como adornos. Em todos os anéis, na parte inferior presa à parelha, foram encontrados resquícios de couro. Um pouco abaixo, ainda no canto oeste, foram descobertas as duas embocaduras feitas de ferro que mediam respectivamente 280mm e 290mm.

Observações

A tumba de Garton Station recebeu este nome devido ao local onde o sítio se encontrava e que coincidia com os arredores da ferrovia que servia a Garton. A escavação contou com o auxílio de especialistas que dominavam, na época, novas tecnologias. Um deles, A. L. Pacitto, chegou a fazer uma varredura magnética na região usando um magnetômetro e acabou levando, na ocasião, a descoberta para além do cemitério da Idade do Ferro, a alguns 500 metros a leste de um sítio anglo-saxão (HAYTON, 2006: ii; STEAD, 1991: 29). A investigação arqueológica deparou-se em alguns momentos com certos desafios por se tratar de uma área banhada pelos conhecidos “gypseys”: cursos d’água intermitentes e irregulares comuns à geografia local. No caso em questão, a tumba encontrava-se próxima a Gyspey Race: o maior desses afluentes, que banha a região dos Wolds. Mais

ainda, é válido destacar que, tendo-se em vista o contexto geral dos achados de carros de duas rodas na região, o enterramento em GSt mostrou-se singular devido a dois aspectos: primeiramente pelas dimensões que a cova apresentava, sendo certamente a maior deste tipo já escavada até então; em segundo pela posição na qual ambas as rodas do veículo se encontravam. É curioso notar que, ainda que em Yorkshire este seja o único caso bem documentado de um carro que sofreu desmonte e cujas rodas foram cuidadosamente colocadas recostadas na parede no interior da cova, paralelos muito próximos podem ser traçados em relação a alguns enterramentos do continente como aquele de Vix (Côte-d'Or, Borgonha), no qual, após o desmonte do carro, todas as rodas (quatro neste caso) foram deixadas na vertical, encostadas em um dos cantos da tumba (JOFFROY, 1958: 106 e cf. prancha IV; KNÜSEL, 2002: 281-282). Outro ponto interessante é que Stead (1991: 30, cf. Fig 26A,B,C,D,E) aponta, a partir de padrões e manchas deixadas no solo, para a presença de uma caixa de madeira retangular acima do corpo do morto. Se isto estiver correto, tudo parece levar a crer, como nos demais casos, que se tratava da caixa do carro adaptada como caixão para o morto. A partir da posição dos demais achados e partes do veículo na tumba, estima-se que em GSt o morto tenha sido colocado no chão da tumba primeiro e em seguida foram colocadas as demais partes do carro (STEAD, 1991: 29), o que se apresenta também como uma particularidade em relação aos demais casos em que, na maioria das vezes, o morto era depositado no meio, entre uma roda e outra, já previamente colocadas e deitadas no chão.

Referências
bibliográficas

ATHOONS, 2011; STEAD, 1991; HAYTON, 2006: ii; JAY
et alii, 2012

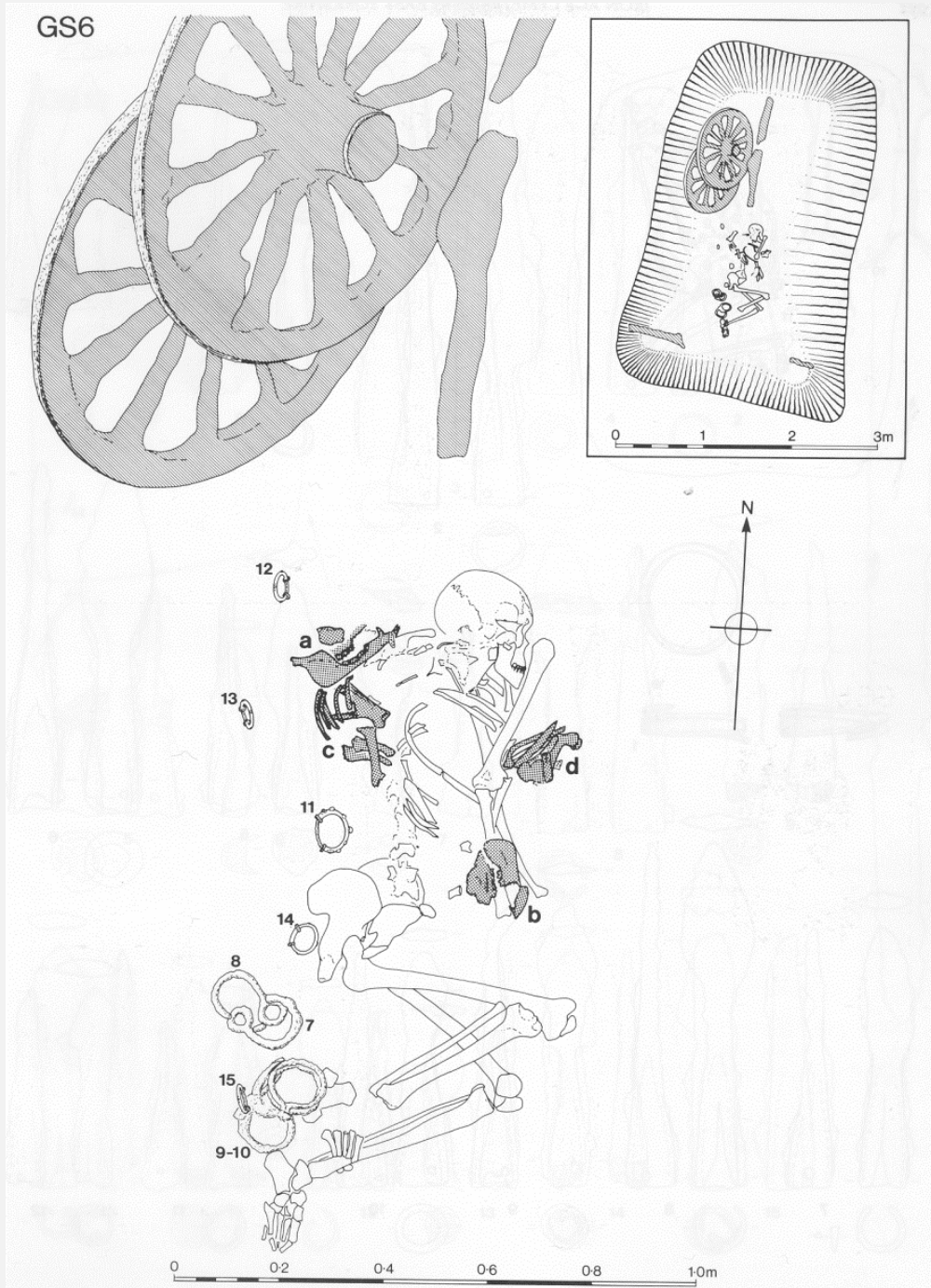


Fig. 14 Garton Station

(STEAD, 1991: 221, fig.122)

KIRKBURN n°18

Id.	Condado	Localidade
KIR	East Riding of Yorkshire	Kirkburn, K5
Ano de escavação	Responsável	Sexo
1987	Ian Stead	Masculino

Datação	360–190 a.C
---------	-------------

Descrição Localizada sobre um montículo de aproximadamente 1,20m de altura, em uma área quadrangular delimitada por trincheiras cavadas a 0,90m de profundidade e com uma área total de 150m², a cova em formato retangular media c. de 5,2m (norte-sul) por 3,6m (leste-oeste) tendo 1,25m de profundidade. Em seu interior, flexionado sobre o lado esquerdo do corpo, tendo o braço direito estendido e o esquerdo cruzado sobre o peitoral, havia o esqueleto de um homem de 25-35 anos, alinhado no sentido norte-sul, com a cabeça a norte. Dentro da tumba os seguintes itens foram encontrados:

- as duas rodas do veículo, deitadas lado a lado no centro da cova. O morto, por sua vez, encontrava-se deitado por cima, entre ambas as rodas, relativamente com uma parcela maior de seu corpo sobre a roda que se encontrava a leste. Ambos os aros de rodas eram feitos de ferro e mediam, respectivamente, \varnothing 890mm e \varnothing 900mm;
- todos os quatro anéis de rodas feitos de liga de cobre medindo c. de \varnothing 130mm;
- no canto oeste, sobre a roda, cinco anéis de rédea que compunham a parelha. Todos os anéis, feitos de liga de cobre, tinham sua curvatura adornada por um conjunto de

oito a onze discos duplos (semelhantes a lábios), sendo que quatro deles mediam em torno de 57-63mm e o anel central, relativamente maior, media 75mm;

- dois pinos de rodas encontrados em cada uma das rodas, medindo c. 119mm, ambos com o corpo feito de ferro e com os terminais feitos de liga de cobre, ricamente adornados com motivos estilizados e uma *triskele* (motivo espiralado com três ramificações);

- duas embocaduras, localizadas ao centro-norte, próximas ao crânio do esqueleto. Ambas as embocaduras eram feitas de ferro e liga de cobre e possuíam argolas que mediam \varnothing 65mm e um comprimento total de 217mm;

- uma fivela de arreio composta de dois anéis em formato de “ ∞ ” acompanhados por um par de barras. O objeto, feito à base de liga de cobre, media 54mm e estava localizado no canto oeste entre as embocaduras e os anéis de rédeas;

- uma cota de malha de c. 0,92m por 0,48m, que em vez de estar sendo usada pelo morto fora colocada sobre seu corpo no sentido contrário: isto é, tendo a parte inferior/bainha localizada à altura dos ombros do esqueleto e a entrada superior dos ombros voltada para o sul, sobre as pernas do esqueleto. Toda a peça, ou seja, tanto as pequeninas argolas (c. de \varnothing 8,2 –9,2mm) como os fios de c. 1,5–1,9mm de espessura foram feitas inteiramente de ferro com nenhum traço de material orgânico como o couro. O objeto apresentava ainda três pequeninos botões (\varnothing 24mm) nas abas dos ombros (dois em um lado e apenas um no lado oposto) e um prendedor central de ferro no formato de um “S” sobre o peito, que media 197mm e servia para atrelar a peça. Abaixo da túnica de cota de malha, nenhum outro objeto foi encontrado a não ser um pequenino botão de bronze de 32mm e traços mineralizados de um material têxtil, possivelmente uma túnica;

- um conjunto de ossos de porco, colocados em dois grupos próximos ao esqueleto: uma parte na altura da cota de malha, ao centro-sul e a outra ao norte-oeste, ao lado do crânio do morto;

- traços de uma pequenina caixa de madeira com tampa, que tinha um formato de D e era decorada com adornos metálicos feitos de liga de cobre, incluindo-se, aí, anéis, botões e argolas que ficaram preservados.

Traços de madeira no solo indicavam a presença de uma caixa retangular que media 1,2m por 1,9m, e tinha 50cm de altura, com seu terminal sul alinhado ao eixo do veículo. Este, por sua vez, media aproximadamente 1,8m de comprimento.

Observações

O enterramento em Kirkburn destaca-se, sobretudo, por suas medidas: trata-se do maior enterramento de carros já registrado nas Ilhas Britânicas, tanto pelo tamanho da cova como pela área cavada ao seu redor. A presença de uma cota de malha no interior da tumba parece reforçar o aspecto de singularidade do complexo funerário. Pouquíssimos achados deste tipo foram encontrados na Idade do Ferro, não só nas Ilhas Britânicas como em toda a Europa, e existe um grande debate historiográfico sobre a criação e origens deste tipo de indumentária, tradicionalmente atribuída aos celtas em torno de 300 a.C. (cf. CONNOLLY, 1998: 124; GABRIEL, 2007: 79; STEAD, 1991: 54-56). Apesar de uma cuidadosa varredura ter sido feita e das dificuldades apresentadas pela presença e pelo manuseio da cota de malha (cf. DOVE & GOLDSTRAW, 1992), nenhum outro item relacionado ao universo das armas (espadas, pontas de lanças) foi encontrado, nem mesmo abaixo da túnica nem no restante da cova.

Nos demais aspectos, pela composição, orientação e disposição dos bens no interior da tumba, Kirkburn se

assemelha aos demais enterramentos com carros achados em Yorkshire. A afinidade entre os anéis de rédeas encontrados nesse enterramento com os de Arras “The King’s Barrow” (A1) pode ser facilmente identificada, inclusive em termos dos adornos adotados. Por fim, pode-se dizer que embora o significado da pequenina caixa de madeira permaneça desconhecido, talvez o objeto pudesse apresentar alguma simbologia ou utilidade semelhante ao achado de WS.2, onde uma pequenina caixa também fora depositada em contexto semelhante.

Referências bibliográficas ATHOONS, 2011; STEAD, 1991; HAYTON, 2006: ii; JAY *et alii*, 2012

Museu

The British Museum

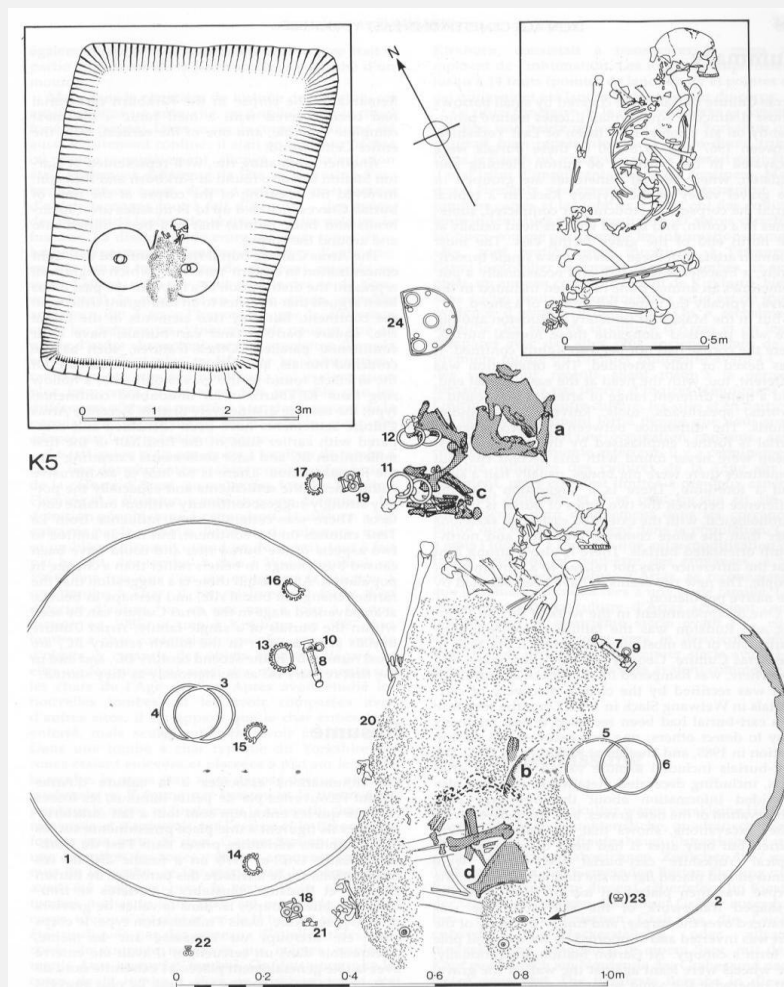


Fig. 15 Kirkburn
(STEAD, 1991: 227, fig.127)

WETWANG VILLAGE n°19

Id.	Condado	Localidade
WV	East Riding of Yorkshire	Wetwang Village
Ano de escavação	Responsável	Sexo
2001	J.D. Hill e Adrian Havercroft	Feminino

Datação	350–115 a.C
---------	-------------

Descrição O enterramento consistia em uma cova de formato retangular-trapezoidal com 3,3m de comprimento (norte-sul); 2,5m (leste-oeste) na sua base sul e 1,7m (leste-oeste) ao norte; eixo de orientação norte-sul ligeiramente inclinado para o oeste. Nela foram encontradas as ossadas que correspondiam a uma mulher de aproximadamente 35-45 anos e 1,72m de altura. O esqueleto estava flexionado sobre o lado esquerdo do seu corpo e orientado no sentido norte-sul com a cabeça ao sul. Próximos à parte superior do corpo da mulher, foram encontrados diversos ossos de porcos, incluindo crânios quebrados. Sobre a pélvis e as pernas da mulher repousava um espelho de ferro, no qual foram encontrados pequeninos botões (+100) de esmalte vidrado de cor azulada. Mais abaixo, ao sul, localizava-se o eixo do carro que media aproximadamente 2,04m. Junto ao eixo, foram encontrados os dois pinos de rodas em formato de “J”, feitos de ferro e banhados em liga de cobre, medindo c. de 300mm. Cada pino possuía em sua extremidade, ao topo, um anel com acabamento brilhante. Na metade norte da cova foram encontradas as duas rodas do carro, cujos aros de ferro mediam \varnothing 900mm. Os quatro anéis de roda eram feitos de ferro revestido de liga de cobre e mediam c. \varnothing

140mm. Na extremidade norte da tumba descobriram-se os seguintes itens:

- um par de embocaduras feitas de ferro e liga de cobre, cada qual com um botão cuidadosamente adornado com esmalte vermelho e por um desenho estilístico de quatro pernas, no formato de uma suástica;

- cinco anéis de rédea, feitos de ferro e liga de cobre, ornamentados com botões de coral. Um dos itens apresenta evidências de reparo: no lugar de um dos botões de coral, o objeto havia sido reparado com esmalte vermelho, criando um efeito visual semelhante;

- um conjunto de equipamentos de arreio: três fivelas feitas de liga de cobre com anéis adornados por uma tira central em formato de “S” e um botão de coral em ambos os lados. Uma das fivelas se encontrava na altura dos joelhos do esqueleto, ao passo que as outras duas estavam localizadas em cada uma das extremidades de onde a parrelha fora depositada.

Por fim, traços da madeira deixados no solo em torno do corpo da mulher permitiram a identificação de uma caixa que media em torno de 1,3m por 0,95m.

Observações

O enterramento encontrado em Wetwang Village se destaca, sobretudo, pelo cuidado e atenção dada aos diversos objetos no momento de sua confecção, permitindo que eles apresentassem ricos ornamentos. Exemplo disso são as embocaduras com adornos inclusive na parte que deveria ficar dentro da boca dos cavalos. É visível também a presença de objetos com botões de coral que eram cuidadosamente colados no corpo de metal trabalhado. Também os esmaltes parecem privilegiar, no geral, a tonalidade avermelhada como se pôde observar nas embocaduras e em um dos anéis de rédea reparados. Entretanto, adornos de cores azuladas fazem-se igualmente presentes, como é o caso dos

pequenos botões encontrados no espelho de ferro.

Tendo como base os achados em Wetwang Village, estudos mais recentes, que partem da cromatografia gasosa acoplada à espectrometria de massa (CG/EM), parecem indicar que quase sempre os botões de corais presos nos objetos com pequenos pinos de ferro contavam ainda com um picho/cola de casca de bétula de propriedades adesivas, fortalecendo o arranjo (STACEY, 2004).

Uma análise mais cuidadosa do esqueleto da mulher, por sua vez, revelou que ela apresentava sinais de deslocamento em um dos ombros e que este havia sido satisfatoriamente cuidado e tratado, evidenciando, contudo, indícios de osteoartrite avançada. Mais ainda, a análise permitiu encontrarem-se alguns pedaços quebrados de três dentes molares e observar-se que a mulher havia dado à luz durante algum momento de sua vida. Existe, ainda, um debate osteoarqueológico que discute a possibilidade de a mulher ter apresentado um hemangioma – certo acúmulo de tecidos dos vasos sanguíneos que, quase sempre, acaba por deixar uma mancha avermelhada sobre a pele – em uma das partes do rosto ou não, mas esta conclusão permanece ainda altamente controversa (GILES, 2008a: 74; 2011: 7).

O enterramento em WV diferencia-se, em parte, da maioria dos demais achados pela posição dos bens na tumba e pela posição da morta, orientada ao sul e não ao norte. Por fim, resquícios deixados no solo parecem sugerir que a mulher fora deitada sobre uma espécie de pano/tapete. Ela apresentava, também, os pulsos quebrados no *post-mortem* e a partir de pequenos traços descobertos em seus tornozelos e pulsos, bem como pela posição na qual se encontrava, é provável que tenha tido seus pulsos e pés amarrados com uma tira de couro a fim de que permanecesse na posição desejada durante o ritual e durante sua deposição no interior

	da cova (GILES, 2011: 4).
Referências bibliográficas	ANTHOONS, 2011; BRITISH MUSEUM, 2003; GILES, 2008a ; 2011; HAYTON, 2006: iii; JAY <i>et alii</i> , 2012
Museu	The British Museum

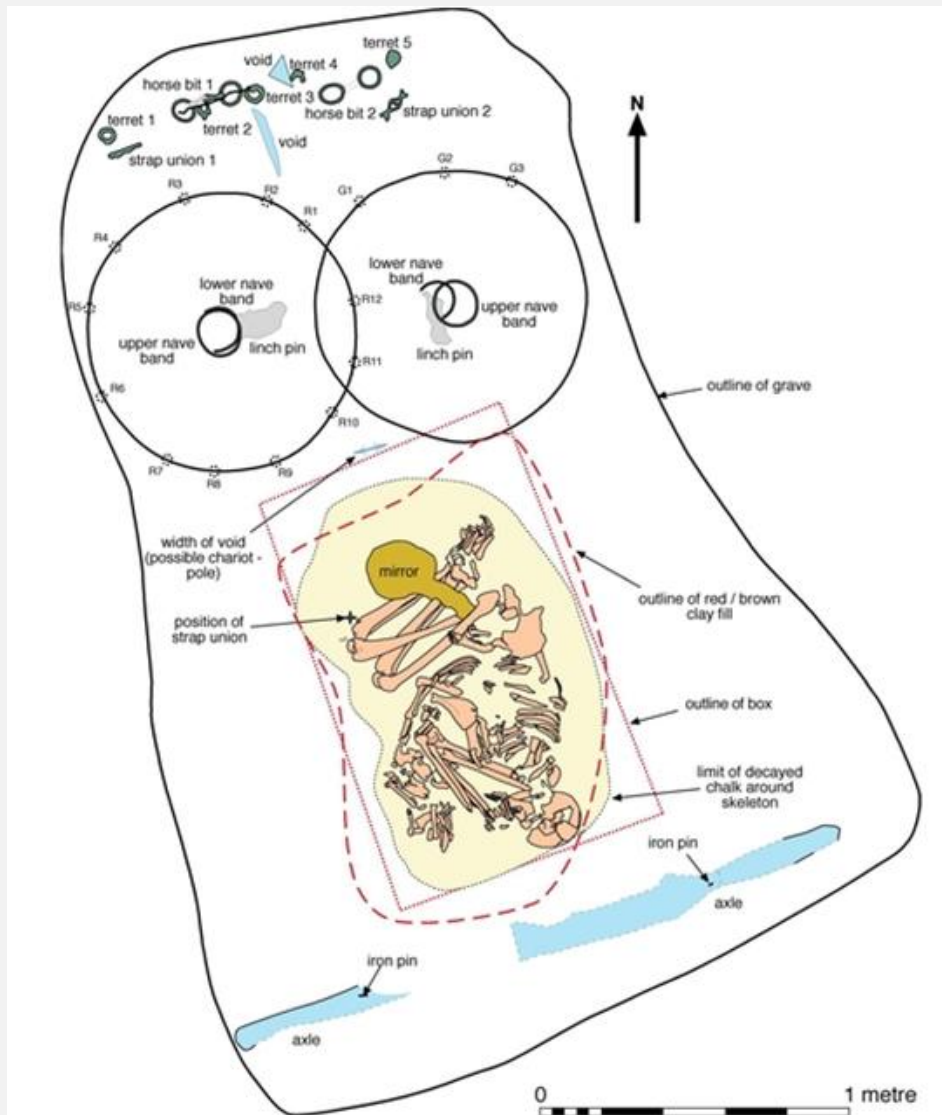


Fig. 16 Wetwang Village

© The Trustees of the British Museum